VLADEMIR ANDRÉ DE OLIVEIRA

A FORMAÇÃO INICIAL DOS PROFESSORES DE HISTÓRIA VISTA AO ESPELHO

Orientador: Prof. Doutor José Gregório Viegas Brás

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Instituto de Educação

Lisboa

2016

VLADEMIR ANDRÉ DE OLIVEIRA

A FORMAÇÃO INICIAL DOS PROFESSORES DE HISTÓRIA VISTA AO ESPELHO

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 1 de março de 2016, perante o júri, nomeado pelo Despacho de Nomeação nº 94/2016, de 26 de fevereiro de 2016, com a seguinte composição:

Presidente:
Prof. Doutor António Teodoro
Arguente:
Prof.ª Doutora Maria Neves Gonçalves
Vogal:
Prof.ª Doutora Ana Carita
Orientador:
Prof. Doutor José Viegas Brás

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração

Instituto de Educação

Lisboa

2016

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino.

Paulo Freire

Dedico este trabalho aos meus pais, familiares, amigos e professores,
os quais me acompanharam nesse percurso, e agora compartilham
comigo essa conquista.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Professor Doutor José Gregório Viegas Brás, meu orientador, por toda atenção, dedicação e orientação no trajeto que conduziu a produção dessa pesquisa.

À Professora Doutora Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida, pelo profissionalismo, afeto, disponibilidade e generosidade em compartilhar materiais e saberes. Um exemplo e uma fonte de inspiração para mim.

Aos meus Pais, José André de Oliveira Filho e Maria José de Oliveira, por toda dedicação que me proporcionaram.

À minha esposa, Professora Áurea Cecília Santos de Lima, por todo o seu apoio.

Ao Professor Cícero de Albuquerque Souza, pelo incentivo ao longo do curso.

À Professora Mestra Sandra Maria Veríssimo, pelas colaborações ao longo do curso.

Aos gestores e professores, pela imprescindível colaboração, em suas instituições de ensino, para a realização dessa pesquisa.

Aos colegas de curso, pela maravilhosa companhia.

A todo o corpo docente desse curso de mestrado, da Universidade Lusófona, por compartilhar seus saberes e contribuírem para a ampliação de nossos conhecimentos.

A todos, o meu mais profundo agradecimento.

RESUMO

Oliveira. V. A. de (2016). A formação inicial dos professores de história vista ao espelho. Lisboa, 232 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação). ULHT, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Uma das imposições do mundo globalizado e competitivo é a necessidade de cidadãos inovadores e conscientes de seu papel na sociedade. A educação formal deve garantir tais qualidades e para que isso seja atingido, a formação inicial de professores, deve prover esse perfil de escolarização, e especificamente, no que tange a identidade nacional e o desenvolvimento de um senso crítico em relação ao social, essa responsabilidade recai sobre os que têm licenciatura em História. O presente estudo busca analisar, qual a conceção do professor de História acerca da sua formação inicial, frente às competências/saberes exigidas no cotidiano profissional. Os professores que compõem o universo dessa pesquisa, estão lotados em escolas públicas das redes municipais e estadual da região metropolitana do Recife, em Pernambuco. Destacam-se, no referencial teórico, autores como: Ferreira (2004), Bittencourt (2009), Abud (2010), Pacievitch (2012), Ramalho, Nuñes & Gauthier (2000), Perrenoud (2001), Resende (2008), Silveira (2008), Bezerra & Farias (2009), Giroux (1997), Nóvoa (1999), Feldmann (2009), Boschi (2007), Beserra (2011) Ataíde de Almeida (2001). Os participantes da pesquisa foram 15 (quinze) professores do ensino médio, fundamental 2 e projetos de correção de escolaridade no ensino médio e uma formadora de professores de uma Universidade Federal do Brasil. A metodologia usada foi a qualitativa. Os dados foram coletados através de entrevista semiestruturada e analisados na linha teórica da análise do discurso (AD). A análise do discurso dos professores revelou que os docentes de História consideram que sua formação inicial foi precária, não trazendo as competências necessárias às demandas do cotidiano de sala de aula. O que indica a necessidade de transformações no currículo da formação inicial que aponte para um processo formativo que atenda às exigências do trabalho docente no ensino de história.

Palavras-chave: Formação inicial de professores; Ensino de História; Competências/Saberes.

ABSTRACT

Oliveira. V. A. (2016). The initial training of history teachers view the mirror. Lisbon, 232 p. Thesis (MA in Education). ULHT, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

One of the constraints of the globalized and competitive world is the need for innovative and citizens aware of their role in society. Formal education should ensure such qualities and for this to be achieved, the initial teacher training, should provide this education profile, and specifically, with respect to national identity and developing a critical sense in relation to social, this responsibility lies with those who have a degree in history. This study seeks to analyze what the conception of history teacher about his initial training, compared to skills / knowledge required in daily work. Teachers who make up the universe of this research, are crowded in public schools municipal and state networks in the metropolitan area of Recife, Pernambuco. Stand out in the theoretical framework, authors such as: Ferreira (2004), Bittencourt (2009), Abud (2010), Pacievitch (2012), Ramalho, Nuñez & Gauthier (2000), Perrenoud (2001), Resende (2008) Silveira (2008), & Farias Bezerra (2009), Giroux (1997), Nóvoa (1999), Feldmann (2009), Boschi (2007), Beserra (2011) Ataíde Almeida (2001). The participants were fifteen (15) high school teachers, elementary school and 2 correction projects in high school and a trainer of teachers of the Federal University of Brazil. The methodology was qualitative. Data were collected through semi-structured interviews and analyzed in the theoretical line of discourse analysis (AD). The analysis of teachers' discourse revealed that history teachers feel that their initial training was poor, not bringing the necessary skills to the demands of the classroom everyday. This indicates the need for changes in the curriculum of initial training point to a training process that meets the requirements of teaching in teaching history.

Keywords: Initial teacher education; History teaching; Skills / Knowledge.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise do Discurso
FD	Formação Discursiva
NTIC's	Novas Tecnologias de Informação e Comunicação
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
DIP	Departamento de Imprensa e Propaganda
PPR	Professor Pesquisador Reflexivo
DOPS	Departamento de Ordem Política e Social
ED	Excertos de depoimentos

ÍNDICE GERAL

Introdução 14
Parte I 18
Capítulo I. Problema e percursos metodológicos da pesquisa 19
1.1. Problema 20
1.2. Objetivos 21
1.3. Natureza e tipo da pesquisa 22
1.4. *Locus* da pesquisa 26
1.5. Sujeitos da pesquisa 28
1.6. Instrumentos de coleta de dados 29
1.7. Procedimentos de análise de dados 33
Percursos teóricos da pesquisa 38
Capítulo II. Formação de professores 39
2.1. Formação de professores em história 40
2.2. Formação de professores em História, prática, política e ensino 45
2.3. O papel da pesquisa na formação do professor de História 53
Capítulo III. Os saberes da docência 56
3.1. Competências/saberes/currículo 57
3.2. Competências e saberes no ensino e aprendizagem 65
3.3. Competências e saberes do professor pesquisador 67
3.4. Competências e saberes, entre teoria e prática e o perfil do professor 72
Capítulo IV. A prática do ensino de história 76
4.1. Ensino de história 77
4.2. Plano de ensino de História, entre constrangimentos institucionais e o material didático . 78
4.3. O ensino de História, entre utopias político educacionais e a memória e identidade 85
Parte II 90
Capítulo V. Análise dos dados e discussão dos resultados 91
5.1. Apresentação e discussão dos resultados obtidos através do instrumento qualitativo 92
Considerações Finais 119
Referências Bibliográficas 123
Apêndices I
Apêndice I. Guião de entrevista II
Apêndice II. Carta-convite para os professores de história IV

Apêndice III. Resposta da Entrevista V
Entrevista P1 V
Entrevista P2 X
Entrevista P3 XVI
Entrevista P4 XVIII
Entrevista P5 XXII
Entrevista P6 XXVI
Entrevista P7 XXXI
Entrevista P8 LII
Entrevista P9 LVII
Entrevista P10 LXVI
Entrevista P11 LXXII
Entrevista P12 LXXVIII
Entrevista P13 LXXXVIII
Entrevista P14 XCI
Entrevista P15 XCIV
Apêndice IV. Resposta da Entrevista XCVII
Entrevista F XCVII
Anexos C
Anexo I. Ofício de encaminhamento CI

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1. Indicadores de área, população, IDH e taxa de analfabetismo em menores de 10 anos28
Quadro 2. Descrição das categorias da entrevista aplicada aos professores de História 32
Quadro 3. Tabulação dos dados da identificação dos professores de História entrevistados na pesquisa 93
Quadro 4. Apresentação de ED dos professores, agrupados na FD "Condição social"..... 98
Quadro 5. Apresentação de ED dos professores, agrupados na FD "Formação de Professores em História" 102
Quadro 6. Apresentação de ED dos professores, agrupados na FD "Competências/Saberes" ... 105
Quadro 7. Apresentação de ED dos professores, agrupados na FD "Currículo" 108
Quadro 8. Apresentação de ED dos professores, agrupados na FD "Ensino de História"..... 110
Quadro 9. Apresentação de ED dos professores, agrupados na FD "A profissão de professor" 116

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Divisão dos professores entrevistados por género 94
Gráfico 2. Divisão dos professores entrevistados por naturalidade..... 94
Gráfico 3. Divisão dos professores entrevistados por década de nascimento 95
Gráfico 4. Divisão dos professores entrevistados por tipo de formação 96
Gráfico 5. Divisão dos professores entrevistados por década de início da graduação 96
Gráfico 6. Divisão dos professores entrevistados por ciclo de vida profissional 97
Gráfico 7. Divisão dos professores entrevistados por níveis ou modalidades de ensino, na qual se atuou por mais tempo. 97

ÍNDICE DE MAPAS

Mapa 1. Localização do Brasil no Mundo 26
Mapa 2. Região Nordeste do Brasil 26
Mapa 3. Estado de Pernambuco 27
Mapa 4. Divisão político-administrativa da região metropolitana do Recife 28
Mapa 5. Percurso da expedição de 1817 a 1820, na qual Von Martius participou 48

ÍNDICE DE FOTOGRAFIA/IMAGEM

Imagem 1. Cartaz do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), no início da Era Vargas . 49

Imagem 2. Desfile escolar comemorativo do Dia da Pátria, na Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro, 1943 50

INTRODUÇÃO

Em várias esferas da sociedade brasileira, se tem discutido sobre a necessidade de se ofertar uma formação aos professores que os dotem das condições minimamente necessárias, tanto no âmbito pedagógico, quanto no didático, para que os mesmos possam ser os facilitadores do aprendizado das novas gerações, cujas expectativas, pautadas nas transformações sociais, econômicas e tecnológicas, forçam o professor a ser mais dinâmico do que já o fora no passado. Nos Parâmetros Curriculares da Educação Brasileira (1999), estão enfatizados os conceitos pelos quais o professor deve se pautar, ou seja, pela ética e autonomia do seu fazer docente, bem como, buscar a qualidade e o aprimoramento da aprendizagem dos alunos, garantindo sempre a igualdade aos mesmos, em tal processo.

Ao iniciar esta pesquisa sobre a formação inicial do professor de História, sabíamos que trataríamos de um tema muito abrangente, mesmo limitado pelo recorte do estudo. O ponto principal, destacado nesse trabalho, foi a formação inicial do educador, pois a mesma exige, como em qualquer outra profissão, um grau de qualidade muito elevado e, somando-se a isso, o fato de ser uma atividade profissional que diz respeito ao futuro social, político, econômico e da atividade laboral do educando, isso a reveste de um valor ímpar.

Vale também destacar que a formação inicial do professor não se limita apenas ao conhecimento teórico e metodológico adquirido na graduação, vai além deste, através das condições ideológicas vigentes no período de elaboração do currículo acadêmico, e de como o mesmo enquanto agente transformador irá reelaborá-lo para atender às demandas sociais, Apple (2012) e Forquin (1993), tendo em vista, que em nossa pesquisa pudemos constatar um elevado grau de comprometimento com as utopias sociais da parte dos docentes de História.

Outro aspeto relevante, levantado na pesquisa, diz respeito às competências e saberes que o professor possui como conhecimento, tanto anterior, quanto posterior à sua formação inicial, mais que de maneira imprescindível, lhe facilita o processo de mediação da construção do saber junto aos alunos. Tanto maior seja a amplitude e profundidade do mesmo, tanto melhor serão os resultados que ele pode obter no seu cotidiano profissional.

Enquanto professor de História, desde 1997, portanto há mais de 18 anos, sempre me causou incômodo a distância entre a formação inicial e as necessidades da sala de aula, pois são cobrados conhecimentos, os quais não foram contemplados na graduação.

Assim sendo, temos enquanto problema dessa pesquisa, saber: qual a conceção do professor de história acerca da sua formação inicial, frente às competências/saberes exigidas no cotidiano profissional?

A pesquisa abordou a formação inicial do professor de História, sua delimitação se deu em, como o mesmo se vê ante os desafios do atual universo educacional. Portanto, saber em que termos a graduação é suficiente para o ensino de História na atualidade.

Levando em consideração que a educação vem sendo constantemente desafiada pela necessidade de transformação, suscitada pelas diversas tecnologias, e que, a História não pode ficar estagnada, seu aprendizado sempre buscará acompanhar a demanda sócio cultural, requisitando assim, modelos de formação educacionais mais abrangentes e mais próximos da realidade de um universo globalizado. Diante do exposto, o profissional de educação deverá estar em constante processo de apropriação do conhecimento de sua área, bem como, incorporando novos saberes e competências.

Dessa forma, para dar aporte teórico a essa pesquisa foram eleitas as seguintes categorias: formação de professores em História, competências/saberes/currículo e ensino de História. Nesse contexto, nos sentimos estimulados a realizar essa pesquisa, a qual teve por objetivo analisar qual a conceção do professor de História acerca da sua formação inicial, frente às competências/saberes exigidas no cotidiano profissional.

Para podermos atingir tal objetivo, foi necessário mapear e verificar as perceções que os professores de História têm acerca do currículo na sua formação inicial; evidenciar e correlacionar as dificuldades percebidas pelos docentes em sua atividade com a formação recebida no processo de graduação e a realidade do cotidiano profissional; perquirir como os professores realizam a sua prática docente quanto ao ensino de História.

Adotamos como procedimento investigativo o método qualitativo, através de entrevistas semiestruturadas. Escolhemos o mesmo por estarmos pesquisando uma categoria profissional, a qual foi convidada a refletir sobre sua formação e suas condições de trabalho e por estarmos no campo das ciências sociais, onde se tem uma pluralidade e ao mesmo tempo uma especificidade de informações.

Esta dissertação, quanto aos capítulos que a compõem, tem a seguinte divisão: o primeiro capítulo mostra o problema e o caminho metodológico que utilizamos para a realização desse estudo, no segundo capítulo abordamos a formação de professores em História, onde procuramos destacar, entre outros aspetos, a exigência sobre a formação do professor, que ele seja capaz de ministrar uma educação crítica, que garanta o desenvolvimento das potencialidades do

aluno, e que a mesma seja fruto de um processo de produção de saberes que seja obtido de forma compartilhada, tanto para o professor, quanto para o educando. Freire (1996) coloca em evidencia que: "...nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo." (Freire, 1996, p. 26)

No terceiro capítulo tratamos das competências/saberes/currículo, onde destacamos o processo de desenvolvimento do saber que é fruto do conhecimento adquirido com a experiência do cotidiano de sala de aula. Para Perrenoud (1999) é relevante que o professor seja capaz de mobilizar competências, que ao longo da vida adquiriu e, que continuará a acrescentar pelo resto de sua existência, em favor de seu trabalho como facilitador da produção de conhecimento por parte de seus alunos.

No segundo e terceiro capítulos acima citados, também destacamos a importância da política em seu percurso pela educação, ora como projeto de poder, ora como espaço de disputas entre visões de mundo. Dessa forma, nas ideias de Freire (1996) e Perrenoud (1999), expostas acima, espera-se que o profissional da educação tenha uma formação inicial e continuada que o mantenha capaz, inovador e imprescindível ao processo de ensino e aprendizagem, ao mesmo tempo incorporando utopias político-pedagógicas em seu fazer docente. Sobre isso afirma Giroux (1997): "Tornar o político mais pedagógico significa utilizar formas de pedagogia que incorporem interesses políticos que tenham natureza emancipadora; isto é, utilizar formas de pedagogia que tratem os estudantes como agentes críticos..." (Giroux, 1997, p. 163)

No quarto capítulo o nosso enfoque foi no ensino de História, onde destacamos, entre outros pontos, a importância do mesmo na construção da memória e da identidade nacional. A esse respeito destaca Boschi (2007): "Uma das funções básicas da História é permitir a compreensão da vida em sociedade e dos homens que a integram e a transformam ao longo do tempo." (Boschi, 2007, p. 10). Dessa forma o professor de História, através da disciplina que leciona, tem uma importância fundamental na construção de uma identidade nacional, bem como, enquanto facilitador da compreensão do percurso do ser humano na face da terra, de antes de sua própria existência até os nossos dias.

No quinto capítulo discutimos os resultados da pesquisa, onde realizamos a análise dos dados coletados nas entrevistas, bem como, confrontamos os mesmos com os estudos realizados pelos teóricos que abordaram as temáticas expostas nos capítulos anteriores. Podemos afirmar a coerência contida entre os discursos dos pesquisadores e a prática vivenciada pelos professores, em especial, os de História.

Portanto, esta pesquisa buscou contribuir com a compreensão do conjunto de fatores que envolvem a formação inicial do professor e o seu cotidiano profissional.

PARTE I

CAPÍTULO I.
PROBLEMA E PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

1.1. PROBLEMA

Este estudo tem enquanto problema, saber: Qual a conceção do professor de História acerca da sua formação inicial, frente às competências/saberes exigidas no cotidiano profissional?

A pesquisa abordará a formação inicial do professor de História, sua delimitação se dá em, como o mesmo se vê ante os desafios do atual universo educacional, dessa forma, como explicitamos acima, temos como problema, saber em que termos, a formação inicial é suficiente para o ensino de História na atualidade?

A formação inicial do professor está lastreada no currículo, no qual, o grupo que esteja no controle, em cada momento histórico, exercerá sua influência, impondo os valores que juga pertinentes à manutenção do seu projeto de poder em relação ao conjunto da sociedade, como visto nos estudo de Apple (2012), tanto no âmbito acadêmico, quanto nas políticas públicas da educação básica, no entanto, o professor de História não aceita passivamente tais imposições, como pode ser visto em Pereira (2012), que trabalha as redes de significação discursivas, onde o ponto central é negociar a participação de outros atores, que foram tornados invisíveis historicamente, na construção do conhecimento. Reforçando esses conceitos, vamos ter as considerações de Lima (2012), que em seus estudos sobre a efetivação do currículo em sala de aula, afirma que o mesmo é modificado para poder acolher outras interpretações do mundo.

Da mesma forma, em sua formação inicial, os formadores de professores têm um papel definidor, em relação ao sucesso do futuro docente, na medida em que privilegiem uma formação mais voltada para a pesquisa acadêmica ou para a docência, como visto nos estudos de Oliveira & Freitas (2013).

Não menos importante é o uso pedagógico das novas tecnologias de informação e comunicação na formação inicial do futuro educador. Como as instituições têm preparado seus alunos para esse desafio? Esta indagação está presente no trabalho de Ferreira (2004).

Continuando nossa explanação sobre a formação inicial do professor, vamos ter outro aspeto que é colocado quando se pensa no currículo, no tocante a como o docente deve ensinar. O que deve ser ensinado? E para que finalidade? Ao se pensar uma formação voltada, não apenas para a cidadania, mas principalmente para o mercado de trabalho, colocada em questão pelos ventos da globalização. Lopes (2012), nos coloca a seguinte ponderação sobre uma formação docente voltada aos interesses, meramente, econômicos: "Na forma orientada para o mercado, as virtudes profissionais – responsabilidade, autonomia, *expertise*, são substituídas pelas virtudes do empreendedorismo – responsividade, flexibilidade e efetividade." (Lopes, 2012, p. 17, grifos da autora).

Tomando como base, todo o exposto acima, podemos perceber como é desafiadora a formação inicial do professor, posto que pesam sobre ela limitações postas por interesses econômicos, políticos e acadêmicos que dificultam que se atinja o que é proposto para a mesma.

Ao pedir ao professor que reflita sobre a sua formação inicial, isso pode levá-lo a reconhecer algo extremamente difícil para qualquer profissional, ou seja, que sua formação inicial foi inadequada e distante de suas necessidades cotidianas como educador.

Mas através de atos de rebeldia, quando da tomada da consciência de tal realidade, o mesmo pode buscar dotar-se de práticas que conciliem a formação inicial e as necessidades do seu fazer docente.

Para além dos pontos elencados acima, deve-se levar em consideração que a Educação vem sendo constantemente desafiada pela necessidade de transformação, suscitada pelas diversas tecnologias, e que, a História não pode ficar estagnada, seu aprendizado sempre buscará acompanhar a demanda sócio cultural, requisitando assim, modelos de formação educacionais mais abrangentes e mais próximos da realidade de um universo globalizado. Diante do exposto, o profissional de Educação deverá estar em constante processo de apropriação do conhecimento de sua área, bem como, incorporando novos saberes e competências.

1.2. OBJETIVOS

1.2.1. Objetivo Geral

- Verificar qual a conceção do professor de História acerca da sua formação inicial, frente às competências/saberes exigidas no cotidiano profissional.

1.2.2. Objetivos Específicos

- Mapear e verificar as perceções que os professores de História têm acerca do currículo na sua formação inicial;
- Evidenciar e correlacionar as dificuldades percebidas pelos docentes em sua atividade com a formação recebida no processo de graduação e a realidade do cotidiano profissional;
- Perquirir como os professores realizam a sua prática docente quanto ao ensino de História.

1.3. NATUREZA E TIPO DA PESQUISA

Esta pesquisa tem um caráter social, porque é baseada no estudo de uma categoria profissional, os professores de história, e que aborda qual a perceção que este grupo tem acerca de sua formação, frente às demandas do seu cotidiano docente. Tendo em vista esta realidade, adotamos a forma de abordagem mais adequada ao objetivo desse trabalho, quanto a isso nos esclarece Bell (2008), quando diz:

> "Classificar uma abordagem como etnográfica, qualitativa, experimental, ou seja, o que for não significa que, uma vez selecionada uma abordagem, o pesquisador não possa se afastar dos métodos normalmente associados ao estilo. Mas entender as principais vantagens e desvantagens de cada abordagem pode ajudá-lo a escolher a metodologia mais apropriada para a tarefa que tem pela frente." (Bell, 2008, p. 28)

Neste sentido, a abordagem que melhor se adequou a nossa procura, por uma perceção de si mesma, enquanto categoria de trabalhadores, recaiu sobre o método qualitativo, uma vez que as compreensões de mundo e as relações com o outro, que perpassam o cotidiano destes indivíduos, no âmbito profissional, foi o que delineou os interesses de nossa busca, a esse respeito Bell (2008), acrescenta: "A abordagem adotada e os métodos de coleta de dados selecionados vão depender da natureza da investigação e do tipo de informação necessária." (Bell, 2008, p. 15)

No universo das ciências sociais, a difícil tarefa de lidar com visões de mundo e sentimentos das categorias profissionais é mais bem captada por uma abordagem qualitativa, dada a especificidade de tais informações, sobre isso nos diz Minayo (2013): "A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares." (Minayo, 2013, p. 21)

O que ora é o objeto de estudo, por se tratar de uma interação social, para Minayo (2013), deve ser compreendido por aquilo que o determina, mais também, pelas transformações que lhes são causadas pelos sujeitos, dentro de uma relação íntima de oposição e complementação entre o que é posto naturalmente e o construído em sociedade, defende ser imprescindível o lidar com os aspetos complexos, específicos e próprios de tais questões.

Utilizando uma entrevista semiestruturada, obtivemos do professor de História a perceção do mesmo a respeito de sua formação, e como esta, no seu cotidiano, dá-lhe suporte para desempenhar as suas atribuições de docente. Contudo tanto para o pesquisador quanto para o pesquisado é percetível que outros fatores também fazem parte desse processo, como bem referem Laville & Dionne (1999):

> "Com efeito, antes de influenciar a sociedade com suas pesquisas, o pesquisador é ele mesmo por elas influenciado. Vive cercado pelos interesses, pontos de vista, ideologias que animam a sociedade. Tem seus próprios interesses, pontos de vista e ideologias, como todo mundo, preocupações com emprego e carreira; espera o reconhecimento social e do meio científico; também possui necessidades particulares, financiamentos para suas pesquisas, por exemplo." (Laville & Dionne, p. 60)

A citação acima nos lembra, que certos fatores podem exercer uma influência negativa durante o processo da pesquisa, aprofundando esta questão gostaríamos de tocar no aspeto do viés, ou seja, mesmo sem percebermos, seguimos uma tendência que nos leva a uma desvirtuação durante a realização da entrevista, mas não só durante a mesma, na escolha das fontes, na interpretação dos resultados das pesquisas, entre outros, para contornar o viés é imprescindível ouvir o orientador, que percebe e corrige tais inclinações. Bell (2008) exemplifica:

> "O viés pode ocorrer de várias maneiras: deliberadamente ou inadvertidamente. É muito fácil cair na armadilha do viés – por exemplo, na revisão teórica, selecionar apenas aqueles itens que corroboram seu ponto de vista; usar uma linguagem inadequada, que pode indicar força de sentimento em uma direção, e permitir que julgamentos de valor influenciem a maneira como são interpretados os resultados da pesquisa." (Bell, 2008, p. 143)

Ainda, dentro da abordagem, sobre o tipo de pesquisa, Richardson (1999) lembra que as características do método científico como meta, modelo, dados, avaliação e revisão são aplicáveis a todas as ciências, pois estão ligadas ao processo de construção do conhecimento, mudando apenas as regras e instrumentos usados pelo investigador na aferição dos fenômenos sociais, ele exemplifica:

> "Por exemplo, fenômenos qualitativos não podem ser analisados com instrumentos quantitativos. Em outras palavras, opiniões, crenças, atitudes, valores etc. são processos mentais não aparentes. Portanto, para coletar informações, devem-se utilizar instrumentos qualitativos (entrevista semi ou não estruturada)." (Richardson, 1999, p. 30)

Contudo, não só a opção pelo método mais adequado é fundamental para o sucesso da pesquisa, soma-se a isso, a atenção necessária para não cair nas armadilhas do viés, como já tratamos acima, tendência do pesquisador para uma determinada orientação durante o estudo, que pode ocorrer em suas várias fases, bem como, os pressupostos filosóficos que tem fortes implicações no desenrolar de todo o processo de investigação. Richardson (1999) enfatiza: "Um aspeto fundamental, muitas vezes esquecido, que afeta todo o trabalho de pesquisa são os pressupostos filosóficos do pesquisador." (Richardson, 1999, p. 31)

As dissertações e teses, a seguir apresentadas, foram selecionadas para dar apoio ao nosso estudo, dentro da perspetiva do trabalho com as categorias que balizaram nossa pesquisa:

Martins (2000, UNICAMP) "A história prescrita e disciplinada nos currículos escolares: quem legitima esses saberes?", o trabalho aborda a construção do currículo da disciplina de história, para o ensino fundamental, no período de 1964 a 1985, coloca em foco a disputa entre o Conselho Federal de Educação (CFE) que defendia as normas pedagógicas e as teorias educacionais e a Associação Nacional de História (ANPUH) que propunha um currículo com foco nas pesquisas históricas universitárias, tendo prevalecido a proposta do primeiro grupo; Ricci (2003, USP). "A formação do professor e o ensino de história espaços e dimensões de práticas educativas" (Belo Horizonte, 1980/2003), a pesquisa trabalha os diversos espaços e momentos formativos do professor, que se inicia no curso de graduação, tanto no momento de entrada, quanto no de saída, e passa pelas pós-graduações indo até as capacitações e formações oferecidas pelas redes de ensino.

Silveira (2008, PUC Campinas). "A política de formação de professores de história no regime civil-militar: a criação da licenciatura curta em estudos sociais", esta tese trata da formação de professores de história durante o regime civil-militar, 1964 a 1985, porém vai buscar no período nacional desenvolvimentista, 1945 a 1964 o ponto de partida temporal para o estudo, bem como, na primeira LDB, Lei 4.024/61, e na reforma universitária, Lei 5.540/68, como também, na reforma do ensino de 1º e 2º graus, Lei 5.692/71; Basso (1994, UNICAMP). "As condições subjetivas e objetivas do trabalho docente: um estudo a partir do ensino de história", neste trabalho se discute em que medida as condições econômicas, sociais, culturais e de formação teórica do professor podem interferir no seu cotidiano profissional, no sentido de haver uma rutura entre o significado do trabalho docente e a razão pela qual o mesmo o realiza; Barbosa (2011, UFRGS). "Avaliação da aprendizagem na formação de professores: teoria e prática em questão", este trabalho tem como foco a preocupação com a formação do professor na sua preparação para o ato de avaliar, tanto na parte teórica, quanto em sua parte prática, inclusive na sua vivência em quanto avaliado durante a graduação, e os exemplos dos seus professores, além de evidenciar o pouco espaço dado a preparação para avaliar.

Silva (2005, UNICAMP). "Professor reflexivo e uma nova (?) cultura da docência: uma análise a partir dos anos 90", aqui, a preocupação central da pesquisa, é a figura do professor pesquisador reflexivo, tendo sido escolhida a década de 90 do século passado, como marco de propagação da ideia do professor reflexivo no Brasil, momento em que a globalização e o neoliberalismo estimulavam as transformações sociais, e os professores buscavam adaptar-se a essas transformações; Pacievitch (2012, UNICAMP). "Responsabilidade pelo mundo: utopias político-educacionais na formação de professores de história de São Paulo e Barcelona", nesta

pesquisa analisa-se o sentimento de responsabilidade, quase utópico, com a construção de um mundo melhor para todos, que o professor de história traz consigo e busca de forma crítica estimular nos seus alunos.

Rodrigues (2003, UNICAMP). "A formação política do professor de educação infantil: entre a construção coletiva histórica e a regulamentação das competências do modelo neoliberal", a pesquisa trabalhou o conceito de intelectual orgânico, cuja formação recebida pelo professor, deve gerar um profissional que seja fruto de uma qualificação emancipatória para si e para seus educandos; Resende (2008 USP). "A aula narrada: a manifestação da consciência histórica na elaboração dos planos de ensino pelos licenciados em história da Universidade de São Paulo", o objeto de estudo foi buscar compreender o perfil dos planos de ensino no que diz respeito a serem tradicionais, críticos ou genéticos, assim como, a sua relação com o paradigma da aprendizagem; Basso (2009 UNICAMP). "Formação continuada de professores: competências e uso da linguagem digital", o foco do estudo está na análise da formação continuada do professor, e o quanto esta, efetivamente, o dota de competências para o emprego da linguagem digital em sala de aula, e o que precisa ser feito para que a mesma atinja o objetivo.

Silva (2010 USP). "Imagens televisas e ensino de história: representações sociais e conhecimento histórico", o objetivo deste trabalho foi analisar as contribuições que podem advir do uso de filmes e programas de televisão, para a didática do ensino de história, bem como, as suas interferências no conjunto das representações sociais; Ferreira (2004, UAB). "A formação e a prática dos professores de história: enfoque inovador, mudança de atitude e incorporação de novas tecnologias nas escolas públicas e privadas do estado da Bahia, Brasil", esta pesquisa teve por objetivo conhecer como o professor de história desenvolve sua prática avaliativa, a metodologia e a didática utilizada, bem como, o uso das novas tecnologias de informação e comunicação no processo de ensino-aprendizagem.

Azevedo (2003, UFF). "Ensino de história e memória social: a construção da história-ensinada em uma sala de aula dialógica", este estudo tratou do ensino de História e da construção da memória social, através do diálogo em movimento dinâmico como principal procedimento pedagógico; Beserra (2011, UFRJ). "O tema no ensino de história: desafios docentes no desenvolvimento curricular", a pesquisa buscou entender quais os desafios enfrentados por um grupo de professores na construção de uma proposta temática de ensino, onde de um lado estava o paradigma da racionalidade técnica e de outro o saber escolar.

Portanto, acreditamos que a partir da contribuição dos teóricos acima selecionados teremos o embasamento necessário para o desenvolvimento da nossa pesquisa e assim podermos

ter uma visão sobre a perceção que o professor tem de sua formação inicial, frente às exigências de seu cotidiano profissional.

1.4. *LOCUS* DA PESQUISA

O Brasil está situado na América do Sul, é a maior economia da região e uma das maiores do mundo, tem uma população de 200 milhões de habitantes, uma ampla diversidade climática e cultural. É composto por 27 (vinte e sete) Estados e está dividido em 5 (cinco) regiões geográficas, dentre elas, a região Nordeste.

Mapa 1. Localização do Brasil no Mundo

Fonte: http://www.baixarmapas.com.br/mapa/mapa-mundi/

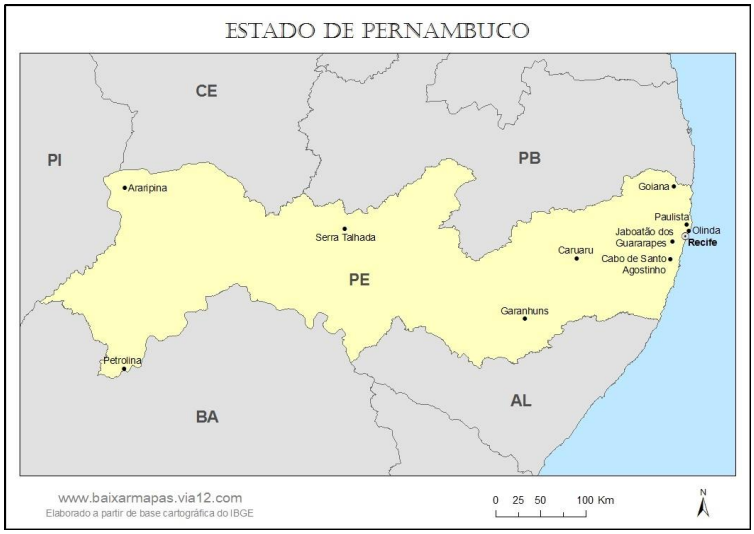
A região nordeste do Brasil, foi onde se deu o início da colonização portuguesa. Possui clima tropical no litoral e semiárido no sertão, grande diversidade cultural e econômica, é composta por 9 (nove) Estados, dentre eles Pernambuco.

Mapa 2. Região Nordeste do Brasil

Fonte: http://www.baixarmapas.com.br/mapa-da-regiao-nordeste/

Pernambuco foi a capitania mais bem sucedida no período colonial. com a atividade de produção de açúcar. Celebre por sua rebeldia, tanto com a coroa portuguesa, quanto com o invasor holandês. Possui inúmeras belezas naturais e construídas, encantando a todos que nos visitam.

Mapa 3. Estado de Pernambuco



Fonte: http://www.baixarmapas.com.br/mapa-de-pernambuco/

Os locais de pesquisa foram escolas da região metropolitana do Recife, Pernambuco, região nordeste do Brasil, pertencentes às redes públicas dos municípios e do estado, onde os professores entrevistados atuam. A pesquisa foi realizada através de entrevistas semiestruturadas.

A Região Metropolitana do Recife segundo a Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco é composta por 14 Municípios: Abreu e Lima, Araçoiaba, Cabo de Santo Agostinho, Camaragibe, Igarassu, Ipojuca, Itamaracá, Itapissuma, Jaboatão dos Guararapes, Moreno, Olinda, Paulista, Recife (cidade sede, capital do Estado de Pernambuco) e São Lourenço da Mata.

Escolhemos as escolas situadas nessa região, em virtude da importância econômica e cultural da mesma no Brasil, no Nordeste e no estado de Pernambuco, bem como, pelos aspetos sociais e econômicos vivenciados por sua população, a área territorial dessa região é de 2.790,772 (Km²), com uma população total de 3.693.177 habitantes, tendo atingido 0,737 como índice de desenvolvimento humano municipal e tendo uma taxa de analfabetismo de 8,47 %, entre os indivíduos com 10 anos ou mais de idade, informações coletadas no ano de 2010 pela agencia estadual de planejamento e pesquisas de Pernambuco. Na economia atividades agropecuárias com forte presença da agroindústria canavieira, na indústria o polo de SUAPE, na área e no entorno do porto, em outro setor da economia, intensa atividade comercial e de serviços e na área cultural o frevo e o maracatu são os destaques dessa região.

Quadro 1. Indicadores de área, população, IDH e taxa de analfabetismo em menores de 10 anos

INDICADOR	ANO	VALOR
Área em (Km²)	2010	2.790,772
População total	2010	3.693.177
Índice de desenvolvimento humano municipal	2010	0,737
Taxa de analfabetismo (população de 10 anos ou mais de idade) (%)	2010	8,47 %

Fonte: Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco.

Mapa 4. Divisão político-administrativa da região metropolitana do Recife

Fonte: http://www.baixarmapas.com.br/mapa/regiao-metropolitana/

1.5. SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos de nossa pesquisa foram 15 Professores de História, número esse que compõe o universo deste estudo, licenciados em História, lotados nas escolas da rede pública, estadual e municipal da região metropolitana do Recife, que aceitaram participar da pesquisa e que atuam tanto no ensino fundamental quanto no médio e uma formadora de professores que realizou os comentários sobre os resultados da pesquisa.

É oportuno destacar que os educadores passam por estágios diferentes ao longo de suas carreiras, é o chamado ciclo de vida profissional do professor. Para Huberman (1995), os mesmos passam por fases que se caracterizam pela entrada, estabilização, diversificação, questionamento, serenidade, lamentações e desinvestimento, ele salienta a importância de se compreender esse processo quando diz:

> "Trata-se, com efeito, de estudar o percurso de uma pessoa numa organização (ou numa série de organizações) e bem assim de compreender como as características dessa pessoa exercem influência sobre a organização e são, ao mesmo tempo, influenciadas por ela." (Huberman, 1995, p. 38)

Segundo Huberman (1995), as pesquisas sobre a carreira de professor vão remontar a Peterson (1964), cujo estudo é considerado fundamental. Becker (1970) que realizou trabalhos

sobre os professores de Chicago, quando pela primeira vez se tentou aplicar a tradição psicossociológica, para se conhecer os professores, passando por tantos outros pesquisadores nos anos seguintes, e vindo até as produções de Huberman (1971 e 1974). Posteriormente, não só a fase de início da carreira, mais também as outras fases da docência foram abordadas por Huberman & Schapira (1979).

Aprofundando os conceitos sobre as fases da vida profissional do professor, Huberman (1995), define que o ciclo se inicia com a fase de entrada ou tateamento, que vai do 1º ao 3º ano da carreira e se caracteriza por um período de análise em que se busca descobrir se aquela profissão preenche satisfatoriamente as expectativas do docente, se o mesmo encontrar a satisfação esperada passará para a fase seguinte, a de estabilização entre o 4º e o 6º, na qual assumirá compromissos e responsabilidades de forma mais convicta. Na fase do 7º ao 25º ano poderá viver dois momentos distintos, um deles, a diversificação e ativismo, onde o mesmo torna-se mais ousado e inovador na sua prática pedagógica, e o outro é o questionamento, onde se sente preso a uma rotina que o deixa infeliz, ou em outros casos, pondera se a carreira abraçada foi sua melhor escolha ou poderia ter tido um trabalho diferente. A fase do 25º ao 35º ano tem um ciclo com outras duas possibilidades, uma delas é a serenidade e o distanciamento afetivo, onde o ponto forte é a segurança profissional e emocional, e a outra é o conservantismo, onde a insatisfação com o mundo em volta é o comportamento mais comum. Por fim, entre o 35º e o 40º ano, o desinvestimento, que poderá ter dois percursos, um sereno, em que se vai abrindo mão de interesses pessoais e profissionais acalentados ao longo da vida, e o outro amargo, em virtude da infelicidade por não ter atingido as metas almejadas ao longo da carreira.

Nesta pesquisa entrevistamos professores que estão vivenciando as fases iniciais, intermediárias e finais de suas carreiras profissionais.

1.6. INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Há vários instrumentos de coleta de dados, para as várias áreas do conhecimento humano, no caso dos fatos que dizem respeito à sociedade, a informação pode ser obtida através de documentos, estudo do mesmo ou interrogando-se as pessoas, Laville & Dionne (1999), acrescentam: “Para ter informação sobre um acidente, pode-se ler o que o jornal refere ou interrogar as testemunhas, a menos que uma dessas testemunhas seja o próprio observador, tendo assim a informação "de primeira mão".” (Laville & Dionne, 1999, p. 176)

De forma sistemática se objetiva descrever e explicar os fatos sociais, para tanto, se torna imprescindível, a delimitação do problema, sobre o qual se realizam as observações, que por seu

turno devem ser alvo de interpretações, as quais serão iluminadas, quando for pertinente, pelas luzes das teorias que abarcam o estudo em foco, a este respeito acrescenta Richardson (1999):

> "Assim, o trabalho de pesquisa deve ser planejado e executado de acordo com normas requeridas por cada método de investigação. Adotando uma classificação bastante ampla, podemos dizer que há dois grandes métodos: o quantitativo e o qualitativo. Esses métodos se diferenciam não só pela sistemática pertinente a cada um deles, mas sobre tudo pela forma de abordagem do problema. Com isso, faz-se necessário enfatizar que o método precisa estar apropriado ao tipo de estudo que se deseja realizar, mas é a natureza do problema ou o seu nível de aprofundamento que, de fato, determina a escolha do método." (Richardson, 1999, p. 70)

Para Bell (2008) a respeito da coleta de dados, a primeira preocupação não é o método a ser escolhido, mas qual informação eu necessito e a sua importância? Tendo essa resposta eu devo procurar o método, para em seguida me dar outro questionamento, uma vez de posse da informação, que uso lhe darei? O método é um veículo para se chegar a uma dada finalidade.

Além das fontes documentais, a entrevista nos trouxe o sentimento dos profissionais acerca da realidade estudada, suas expectativas, sonhos e as dificuldades enfrentadas pelos mesmos no dia-a-dia do seu fazer pedagógico, tendo sido a mesma, imprescindível, para se colher deles tais informações, que não nos chegaram livres de emoção, até por ser um tema muito caro para quem escolheu ser professor de História, sobre isso Bell (2008), traz a seguinte contribuição: "A maneira como uma resposta é dada (o tom de voz, a expressão facial, a hesitação, etc.) pode proporcionar informações que uma resposta escrita talvez dissimulasse." (Bell, 2008, p. 136)

1.6.1. Entrevista

Adotamos a entrevista semiestruturada junto aos 15 professores, as quais, após serem tratadas e elaboradas as formações discursivas, foram comentadas por uma formadora de professores. Tal modelo de entrevista tem como ponto positivo o fato de ser muito flexível, dando ao entrevistador condições de reformular questões, ampliá-las e aprofundá-las de acordo com os horizontes que foram sendo abertos nos desdobramentos dos questionamentos, por outro lado, também permitiu ao entrevistador, poder aproveitar bem os conhecimentos de quem concede a entrevista, sobre esse aspeto nos falam Laville & Dionne (1999): "Entrevista semiestruturada série de perguntas abertas, feitas verbalmente em uma ordem prevista, mas na qual o entrevistador pode acrescentar perguntas de esclarecimento." (Laville & Dionne, 1999, p. 188)

Outra contribuição, para entender os aspetos positivos de se utilizar um modelo de entrevista semiestruturada, reside no fato de a mesma possibilitar uma maior facilidade, quanto ao registro das informações, seu resumo e posterior análise, o que, caso se seguisse um formato não

estruturado, tornaria o trabalho com as informações, mais difícil, sobre isso, Bell (2008), comenta:

> "Se você está usando um formato estruturado ou semiestruturado, que lhe permite marcar ou fazer um círculo em torno das respostas, em uma planilha previamente preparada, deve conseguir terminar a entrevista com um conjunto de respostas que possam ser muito facilmente registradas, resumidas e analisadas." (Bell, 2008, p. 137)

Somamos mais uma perceção, sobre o modelo de entrevista que foi utilizado, quando Richardson (1999), destaca que: "Os estudos de natureza descritiva propõem-se investigar o "que é", ou seja, a descobrir as características de um fenômeno como tal. Nesse sentido, são considerados como objeto de estudo uma situação específica, um grupo ou um indivíduo." (p. 71)

Em se tratando de um trabalho científico, se poderia pensar que, desenvolver uma relação de envolvimento com as pessoas que se vai entrevistar, poderia comprometer o resultado do mesmo, no entanto Minayo (2013), nos argumenta o contrário. Para ela, esse gesto abre espaço no qual se garante mais objetividade e aprofundamento do estudo, uma vez que o entrevistado se coloca em condição de maior disponibilidade, abertura e flexibilidade para expor suas ideias, sobre isso ela argumenta:

> "Em geral, os melhores trabalhadores de campo são os mais simpáticos e que melhor se relacionam com os entrevistados. A inter-relação, que contempla o afetivo, o existencial, o contexto do dia-a-dia, as experiências e a linguagem do senso comum no ato da entrevista é condição *sine qua non* do êxito da pesquisa qualitativa." (Minayo, 2013, p. 68, grifos da autora)

Reforçando a importância da relação entre o entrevistador e entrevistado, já vista em Minayo (2013). Richardson (1999) vai nos colocar que a entrevista deve ser levada a termo impedindo que haja uma unilateralidade na comunicação, posto que a mesma seja um momento ímpar de comunicação bilateral, que deve ser vivenciado em plenitude pelas partes.

A presente investigação, através da entrevista semiestruturada, enquanto recurso metodológico procurou fazer uma identificação quanto à perceção do professor de História sobre a sua formação inicial, frente às competências exigidas no cotidiano profissional.

Através das questões pensadas para essa etapa da nossa pesquisa, foi possível da parte de nossos entrevistados, exporem suas visões de mundo, através de seus discursos, o que nos propiciou conhecer o pensamento de uma categoria profissional. As questões que compõem a entrevista semiestruturada, tratam da identificação do entrevistado; a sua condição social; formação de professores em história; competências/saberes/currículo; ensino de História; a profissão de professor. A partir da elaboração de um guião da entrevista, utilizamos o mesmo, para a coleta do discurso (Apêndice I).

Quadro 2. Descrição das categorias da entrevista aplicada aos professores de História

Q1	Identificação do entrevistado – objetivo: caracterizar o entrevistado.
Q2	Condição social – objetivo: elaborar a caracterização socioeconômica do professor.
Q3	Formação de professores em História – objetivo: caracterizar a formação inicial do professor.
Q4	Competências/saberes – objetivo: evidenciar o conjunto de habilidades que não fazem parte do conhecimento profissional específico do professor.
Q5	Currículo – objetivo: destacar a base de conhecimentos inerentes a sua formação profissional inicial específica.
Q6	Ensino de História – objetivo: identificar a prática docente quanto ao ensino de História.
Q7	A profissão de professor – objetivo: identificar como o professor avalia sua profissão na atualidade.

Fonte: Entrevista realizada (2014).

Antes de iniciar a entrevista propriamente dita, deu-se a apresentação tanto pessoal, quanto profissional do entrevistador e do entrevistado, buscando-se criar um ambiente de respeito e simpatia mútua, da parte do entrevistador foram feitas as garantias de anonimato tanto para entrevistado, quanto para instituição na qual o mesmo está lotado, segundo sugere Richardson (1999), quando diz: "Toda entrevista precisa de uma introdução, que consiste, essencialmente, nas devidas explicações e solicitações exigidas por qualquer diálogo respeitoso." (Richardson, 1999, p. 216). Em seguida se explicou os objetivos da pesquisa e a importância da contribuição do entrevistado para a mesma, como argumenta Minayo (2013), ao dizer:

> "Menção do interesse da pesquisa: o investigador deve discorrer resumidamente sobre o trabalho para seu entrevistado e, também, dizer-lhe em que seu depoimento pode contribuir direta ou indiretamente para a pesquisa como um todo, para a comunidade e para o próprio entrevistado." (Minayo, 2013, p. 66)

Ao longo da entrevista optamos por uma participação menos intervencionista, dando espaço para que o entrevistado se sentisse seguro para proferir o seu discurso, mais ao mesmo tempo demonstrando interesse e participação através do olhar, dos gestos assertivos e de vocalizações que exprimiam a atenção às respostas do mesmo, entretanto, participando de forma mais incisiva, quando era necessário esclarecer melhor uma resposta ou quando se percebia que os rumos das respostas estavam se distanciando dos objetivos dos questionamentos.

Finalizadas as 15 (quinze) entrevistas com os professores e posteriormente, uma entrevistada com uma formadora, iniciamos o processo de transcrição das mesmas. Como garantia do anonimato, os entrevistados não foram identificados por seus nomes. Por se tratar de professores, optamos por identifica-los pela letra inicial de sua profissão em maiúscula, "P", acrescida de um numeral arábico indicando a sua posição na ordem em que foram realizadas as entrevistas, para tanto, utilizamos os seguintes números 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14 e 15, dessa forma, os professores passaram a ser identificados como: P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8, P9, P10, P11, P12, P13, P14 e P15, o mesmo procedimento foi aplicado à formadora identificada pela letra "F".

Na realização das transcrições e edições das entrevistas, buscamos deixar o texto, o mais legível possível, através da amenização das frases confusas, cacoetes, expressões repetitivas e manias de linguagem, contudo, não efetuamos retirada ou troca de palavra ou termo que o entrevistado proferiu em seu discurso, da mesma forma, seguimos rigorosamente a ordem em que as questões foram formuladas.

1.6.2. Procedimentos da pesquisa

Como procedimento inicial, realizou-se contato através de visita, onde nos apresentamos aos gestores e docentes, lotados em escolas das redes públicas municipais e estadual da Região Metropolitana do Recife, explicando a pesquisa, seus objetivos e relevância, bem como, entregando a documentação pertinente a tal processo (Apêndice I e II e Anexo I), e solicitando a autorização dos mesmos para realização do estudo.

Após obter autorização dos gestores das escolas e de posse da relação de professores que compõem o corpo docente de cada instituição, os mesmos foram contatados via ofício contendo uma carta-convite na qual foram explicados os objetivos da pesquisa, a relevância social deste trabalho e a solicitação de marcação de data e horário para realizar-se a entrevista (Apêndice I). Os discursos colhidos nas entrevistas foram registrados em gravação digital, sendo posteriormente transcritos e analisados.

1.7. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

Para a apreensão dos discursos colhidos nas entrevistas, utilizamos a metodologia da Análise do Discurso (AD), dessa forma possibilitando perceber as visões ideológicas contidas nas respostas dos professores das redes municipais e estadual da região metropolitana do Recife, lotados nas escolas que participaram deste estudo. A opção pela análise do discurso advém do fato de que, em nenhum discurso há neutralidade, mesmo que, o que seja dito, pareça lugar-comum, o mesmo está repleto de sentidos e ideologias, dessa forma, tal técnica se torna imprescindível para compreender os significados contidos nas respostas dos entrevistados aos questionamentos que lhes foram formulados, Orlandi (2000), argumenta: “Saber que não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos.” (Orlandi, 2000, p. 9)

Para compreendermos melhor o caminho proposto, gostaríamos de diferenciar os conceitos de linguagem e discurso, para Maingueneau (1997) a linguagem é o ato de proferir a palavra, mais que, para que a mesma tenha sentido é necessário haver entendimento entre quem a profere e quem a ouve. Maingueneau (1997), diz que: “O coenunciador não pode interpretá-la a

não ser que conheça o caráter INTENCIONAL do cato do enunciador." (Maingueneau, 1997, p. 12, grifos do autor). Para Orlandi (2000), dentre as muitas formas de se entender a linguagem estão, à linguística, com os sistemas de símbolos e de regras, e a gramática normativa, com o padrão culto da língua, mas para quem estuda a linguagem a partir da análise do discurso, Orlandi (2000), diz que: "A Análise do Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social." (Orlandi, 2000, p. 15). Já Brandão (2004), considera a linguagem como algo concreto do ponto de vista da realização do ideológico. Brandão (2004), argumenta que: "O percurso que o indivíduo faz da elaboração mental do conteúdo, a ser expresso à objetivação externa – a enunciação – desse conteúdo, é orientado socialmente, buscando adaptar-se ao contexto imediato do ato da fala e, sobretudo, a interlocutores concretos." (Brandão, 2004, p. 8)

Com relação à conceituação do que vem a ser a Análise do Discurso, Brandão (2004) expõe duas perspetivas; uma que defende ser a mesma um desdobramento da própria linguística, mais aceita nos Estados Unidos, e outra mais aceita na Europa, que argumenta haver uma separação dentro da linguística com uma diferenciação no campo da semântica, voltada para o sentido ideológico, com base nos trabalhos de Harris (1952), corrente americana e de Jakobson (1963) e Benveniste (1974), corrente europeia. Brandão (2004), afirma: "Esses trabalhos já apontam para a diferença de perspetiva que vai marcar uma postura teórica de uma análise do discurso de linha mais americana, de outra mais europeia." (Brandão, 2004, p. 14). Para Orlandi (2000), a análise do discurso investiga os contatos linguísticos, que são em sua essência, contatos entre indivíduos, sendo os mesmos repletos de símbolos e causando resultados diversos e amplos. Orlandi (2000), enfatiza: "Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores." (Orlandi, 2000, p. 21). No entanto para Maingueneau (1997), o foco da investigação é o espaço social em que se dá o discurso, e o tipo de discurso que ali se profere, exemplo: em uma igreja, no lar, grêmio, etc., ele afirma:

> "Julgamos preferível especificar a *análise do discurso* como a disciplina que em vez de proceder a uma análise linguística do texto em si mesmo ou a uma análise sociológica ou psicológica do seu "contexto", visa *articular* a sua enunciação com um determinado Lugar social. Deste modo, a *análise do discurso* tem de se ajustar aos Gêneros de Discurso na obra, nos setores do espaço social (um café, uma escola, uma loja...), ou nos campos discursivos (político, científico...). [Contrato, Gênero de discurso, Tipologia dos discurso.]." (Maingueneau, 1997, p. 13, grifos do autor)

Tanto a linguagem, quanto o discurso, só é possível graças ao sujeito, que no entendimento de Maingueneau (1997), é o enunciador que direciona e reformula o seu discurso de acordo com o retorno recebido do seu coenunciador, relação essa entre sujeitos, na qual ambos

se alternam no processo de comunicar e dar retorno quanto ao que se entendeu do que foi comunicado. Sobre isso Maingueneau (1997), salienta: "Além disso, qualquer enunciador é também o seu próprio coenunciador, quem controla e, eventualmente, corrige o que diz [Metadiscurso, Reformulação]." (Maingueneau, 1997, p. 18, grifos do autor)

Outras abordagens, sobre a condição do sujeito, em relação à forma como o discurso lhe atinge, vêm de Orlandi (2000), onde a ideia principal é a do discurso enquanto uma construção cultural que atravessa gerações, e vai sendo estabelecida nas mentes até mesmo em situações lúdicas, mas que visam garantir a manutenção da aceitação de uma visão de mundo que interessa aos grupos de poder no conjunto da sociedade, Orlandi (2000), argumenta que: "O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele." (Orlandi, 2000, p. 32)

Outras considerações, que colocam o sujeito como um ser histórico e ideológico, vêm de Brandão (2004), pois em sua conceção, o mesmo vive em um tempo e espaço, onde valores estão firmemente presentes, e no qual, o seu discurso para ter sentido para o outro, precisa seguir os padrões da época e local em que se vive. Em outras palavras, o discurso proferido por um, faz sentido para o outro, pois este já estava em sua mente, enquanto conjunto de sentidos e significações. Brandão (2004), diz sobre o sujeito: "Sua fala é um recorte das representações de um tempo histórico e de um espaço social." (Brandão, 2004, p. 59)

Como em nossa pesquisa interessa saber como o professor de História, percebe sua formação inicial ante as demandas do seu cotidiano profissional, torna-se imperioso descortinar, através do discurso, que este venha a adotar, qual o caminho que o momento social impõe em sua fala. Orlandi (2000), explica: "A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio histórica dada – determina o que pode e deve ser dito." (Orlandi, 2000, p. 43). Brandão (2004), dirá que não se trata de um corpo discursivo homogêneo e fechado em si mesmo, mas sim, vários corpos diferenciados entre si, que formam o todo do discurso, sobre isso Brandão (2004), diz: "Assim, uma FD não deve ser entendida como um bloco compacto e coeso que se opõe a outras FDs." (Brandão, 2004, p. 88). Maingueneau (1997), defende que em uma formação discursiva, só uma parte do que pode ser dito fica disponível, pois há um engessamento pelas regras que delimita esse dizer social e histórico em um dado grupo, exemplo: religioso. Assim, ele defende que para análise de um dado momento histórico, deve-se recorrer ao conjunto das formações discursivas disponíveis.

Também foi levado em consideração na nossa pesquisa o dito pelo corpo, gestos e entonações dos nossos entrevistados, segundo Maingueneau (1997) o metadiscurso é parte importante do próprio discurso, posto que seja um recurso utilizado pelo enunciador para obter êxito, tanto na transmissão da sua comunicação, quanto na relação com o coenunciador. Maingueneau (1997), esclarece: "Com efeito, o enunciador tem, muitas vezes, interesse em apresentar de forma espetacular o *ethos* de um homem que se debate com a sua língua, com seu próprio discurso ou com o de outros." (Maingueneau, 1997, p. 70, grifos do autor)

Assim como a forma de se expressar fisicamente, não passou despercebida em nossa pesquisa, também o que foi silenciado, o qual Orlandi (2000), chama de o dito e o não dito. O mesmo foi levado em consideração quando da análise das entrevistas, para ela, o não dito só pode ser percebido através do que foi dito em um dado discurso, e aprofunda ao trabalhar o conceito de silêncio fundador, que segundo suas ponderações é o que indica, que o sentido do discurso, pode ser diferente do que foi expressado, ela traz também o silêncio político, que se divide em constitutivo onde o sentido deve ser buscado no antônimo da palavra usada, e o local onde impera a proibição de se abordar determinadas ideias. Orlandi (2000), destaca: "As relações de poder em uma sociedade como a nossa produzem sempre censura, de tal modo que há sempre silêncio acompanhando as palavras." (Orlandi, 2000, p. 83)

Gostaríamos de enfatizar os aspetos chave da análise do discurso que foram mais utilizados em nossa pesquisa: os coenunciadores, as condições em que se dá a produção do discurso, o corpo do discurso, o interdiscurso, o intradiscurso, o metadiscurso, as formações discursivas, o dito e o não dito e o silenciado.

Em nosso trabalho, os sujeitos que produziram os discursos analisados, foram 15 (quinze) professores de História dos ensinos fundamental e médio, das escolas das redes municipais e do Estado de Pernambuco na Região Metropolitana do Recife, onde se constituiu o nosso campo de pesquisa, e uma formadora de uma Universidade Federal do Brasil, que comentou os resultados deste estudo. A coleta dos discursos se deu através de entrevista semiestruturada, realizadas na sala dos professores das escolas onde os mesmos estão lotados, em dia e horário previamente agendado com os docentes.

A apresentação dos resultados da análise do discurso se deu através do estudo das formações discursivas, contidas nas entrevistas dos professores de História que colaboraram em nossa pesquisa, mediante leituras e releituras das mesmas, visando identificar os conceitos significantes contidos nos discursos dos docentes.

Sobre a atuação do pesquisador no processo, Bell (2008), salienta que: "É tudo uma questão de trabalhar dentro do próprio nível de experiência, escolhendo métodos de pesquisa que sejam adequados para a tarefa e que possam ser prontamente analisados, interpretados e apresentados." (Bell, 2008, p. 171)

A partir do material bruto, que pouca informação revela, se deve realizar uma análise profunda de seu conteúdo, procurando o sentido das ideias ali presentes, e nesse processo realizar comparações, avaliações e exclusões para poder reter o essencial, e destacar as conceções principais ali contidas, trazendo à tona os resultados da pesquisa, que validarão as hipóteses que motivaram a investigação. Contribuem com a compreensão desses conceitos, Laville & Dionne (1999), quando dizem:

> "As unidades de análise serão ainda palavras, expressões, frases ou enunciados que se referem a temas, mas esses elementos, em vez de serem enumerados ou medidos, serão vistos em função de sua situação no conteúdo, em função do conjunto dos outros elementos aos quais veem se ligados e que lhes fixam o sentido e o valor." (Laville & Dionne, 1999, p. 217)

Outro enfoque sobre o discurso dos entrevistados, se deu a partir da perceção do momento histórico no qual se está inserido e sua consequente influência sobre os mesmos, sobre esse ponto podemos destacar as ponderações de Rocha & Deusdará (2005), quando enfatizam:

> "Para a Análise do Discurso, a linguagem não é o reflexo de algo que lhe é exterior. Toda produção de linguagem, portanto, não possui uma motivação outra, constituindo-se, de fato, como produto do encontro entre um eu e um outro, segundo formas de interação situadas historicamente." (Rocha & Deusdará, 2005, p. 317)

Finalizando, trazer à luz os resultados da investigação sobre o tema trabalhado, é a nosso ver, a consequência principal da análise dos dados. O material resultante da coleta de informações sofreu um processo de organização, que facilitou tanto a sua consulta, quanto a compreensão do resultado da pesquisa. Dessa forma, o método qualitativo se fez necessário segundo Michel (2009), para: "Proceder à investigação de indivíduos, classes, fenômenos ou fatos com vistas a ressaltar as diferenças e similaridades entre elas." (Michel, 2009, p. 57). Consequentemente, a atividade de construção do conhecimento desta pesquisa foi permeada pelo processo cognitivo, fundamental para a realização da mesma.

PERCURSOS TEÓRICOS DA PESQUISA

CAPÍTULO II.
FORMAÇÃO DE PROFESSORES

2.1. FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM HISTÓRIA

A História sempre teve muita importância para os grupos de poder dentro das sociedades, pois era usada, ora para exaltar as informações que tais grupos queriam evidenciar, ora para esconder o que não lhes interessava que tivesse divulgação, isto nos motiva a buscar entender, em que medida, na formação dos professores do curso de História: os grupos de poder podem exercer influência? Os setores populares podem fazer-se ouvir? O governo tem atuado de forma imparcial? Essas perguntas podem nos levar a compreender que tendência tem a formação que o professor recebe. Isto posto, analisando a instrumentação ideológica dada à educação pelo Estado Novo, no Brasil, de 1937 a 1945, Ataíde de Almeida (2001), nos dirá que:

> "Nela residia a possibilidade e o controle da elite dominante e da massa dominada, grupos apontados como os responsáveis pela paz e coesão social. Na construção do "saber" dessa elite, a segurança do regime arbitrado; no controle do "saber" destinado às massas, a certeza de que este "saber" tinha em seus cânones a obediência e a fidelidade ao Estado." (Ataíde de Almeida, 2001, p. 38)

Com base nas considerações de Ataíde de Almeida (2001), não seria ingenuidade imaginar, que em cada projeto político, de forma mais enfática ou dissimulada, não esteja presente o interesse doutrinário via educação e em especial pelas disciplinas da área social, visando atender e consolidar interesses dos grupos de poder, em cada momento histórico. Visando ampliar o entendimento sobre as bases em que se dá essa formação, é pertinente ver o professor como parte de uma coletividade, dessa forma, outra consideração inicial a ser feita diz respeito a compreender os professores como um grupo profissional, dentro do qual os seus membros possuem uma cultura e valores que são compartilhados no ato de seu trabalho, e que, são assumidos por novos membros no processo de preparação para o exercício do magistério, e principalmente, após o efetivo início deste, Lüdke (2001), põe essa ponderação em evidência ao dizer: "É o processo de socialização profissional que dá conta da integração ao grupo ocupacional." (Lüdke, 2001, p. 78)

Pensamos que já há algum tempo se impõe a necessidade de uma formação de professores de História, que possa atender o conjunto de demandas da sociedade, da contemporaneidade e do próprio futuro da educação, as quais tendem a se colocar de forma cada vez mais forte, este conjunto de desafios passa pela formação inicial do professor através dos formadores de professores e do currículo da formação inicial, continua com a globalização e a educação enquanto filão de mercado a ser explorado e se expande no confronto com o uso pedagógico das novas tecnologias e a necessidade de constante aperfeiçoamento profissional.

A formação do futuro professor de História passa de forma definidora pelos seus formadores, os quais lhe servirão de referência de uma forma muito ampla, assim sendo, a competência com a qual, não só os conhecimentos específicos da disciplina História forem compartilhados, mas o seu enlace com os conhecimentos pedagógicos for eficiente, possibilitará um desenvolvimento da parte do futuro educador, indispensável ao seu cotidiano profissional.

Os estudos sobre a importância e o papel definidor dos formadores de professores são colocados em debate por Oliveira & Freitas (2013), para eles essa questão que resulta em um desafio para as instituições de ensino superior, começou a surgir na segunda metade da década de 1980, até esse período, os professores que ministravam aulas nos cursos de História traziam consigo a experiência do trabalho no ensino básico, isso foi gradualmente mudando ao se exigir o doutorado para o professor universitário, como consequência temos a chegada de um profissional mais jovem, com foco em suas pesquisas acadêmicas, alheios aos desafios que serão enfrentados por seus atuais alunos, em suas futuras carreiras na docência, sobre esse perfil de formador, Oliveira & Freitas (2013), dizem:

> "Se ele tem 'vocação' ou se emprega o 'modelo do último professor' – para utilizar as expressões já criticadas pela pesquisa na área –, os alunos até podem ser beneficiados. Mas se assume que 'não tem vocação para dar aulas' ou que as suas qualificações estão relacionadas à investigação na sua área de doutoramento, o desastre está anunciado." (Oliveira & Freitas, 2013, p. 137)

Para os formadores, compreender as formas de se comunicar e buscar informação que são vivenciadas pelos alunos, as quais estão intimamente ligadas aos recursos tecnológicos disponíveis, às trocas de mensagens rápidas e uma inserção destes nas redes sociais, assim, tal perfil de discente ainda não foi bem assimilado, tanto pelos mesmos, quanto pelas instituições, gerando dificuldades de comunicação que levam a um processo de formação com fragilidades, Oliveira & Freitas (2013), acrescentam:

> "Não desconhecemos a necessidade de discussão de temas como direito autoral e o crescimento de práticas de intolerância na internet, mas vivemos um momento de rutura com as formas clássicas de apropriação da leitura e formulação de ideias, e isso precisa ser enfrentado pelas universidades." (Oliveira & Freitas, 2013, p. 138)

Alargando o debate sobre as novas tecnologias de informação e comunicação, NTIC's, é mais do que urgente refletir e ao mesmo tempo agir, no que diz respeito ao uso eficiente e objetivo dos recursos tecnológicos, tanto na formação dos futuros professores, quanto no cotidiano profissional destes, a evolução das novas tecnologias é constante e o seu uso será cada vez mais intenso, desta forma, a graduação deve ser também um momento de investigar e explorar as NTIC's, quanto ao seu uso na formação inicial dos docentes, Ferreira (2004), diz que:

"É importante que as mídias sejam incorporadas de forma crítica e consequente num curto espaço de tempo para que a formação do professor não fique em descompasso com as transformações da sociedade." (Ferreira, 2004, p. 135, grifos do autor)

No ambiente digital, o ensino de História caminha na direção de um professor mediador entre os alunos e as informações vindas da busca na grande rede e nas redes sociais, onde se impõe um processo colaborativo, não só de consumo da informação, mais de construção da mesma, e ai entram outros recursos como as máquinas e os programas, com os quais se pode efetivar e partilhar um saber coletivamente produzido, originado de um processo desencadeado por um professor, que desafia os discentes no ambiente que os mesmos se sentem mais confortáveis, a esse respeito, Ferreira (2004), discorre:

> "A integração entre o computador (como ferramenta), o aluno (enquanto sujeito de seu processo), o professor (na função de mediador) e metodologias que possibilitam um novo momento da relação ensino-aprendizagem, como a pedagogia de projetos. Esta relação pressupõe o desenvolvimento de capacidades onde o aluno pode adquirir conhecimentos." (Ferreira, 2004, p. 157, grifos do autor)

Por outro lado, mesmo com todos os recursos disponíveis, a forma como a aula é ministrada, carrega em si muito de formalidade, expositiva ou magistral, e dificulta a abertura de espaço para o emprego de novas formas de construção do saber, nomeadamente, nos aspetos tecnológicos e de elaboração coletiva do conhecimento, mesmo os formadores que dizem ser cientificamente inovadores, trilham o percurso mais clássico para a apresentação do conhecimento, Oliveira & Freitas (2013), destacam: "Dizendo de outro modo, a maioria das atividades da maioria dos professores formadores no Brasil, nos cursos de graduação, pauta-se pela expressão oral, somente." (Oliveira & Freitas, 2013, p. 138). Em sequência, à forma de apresentar os conteúdos, temos a avaliação dos mesmos, também nesse aspeto não há inovação, segue-se certo tradicionalismo, e não raro, um uso que atende outras finalidades, que não a do momento de formação do futuro educador, como a de selecionar os aptos a continuidade de estudos acadêmicos, como um mestrado. Oliveira & Freitas (2013), pontuam:

> "Aliado à exposição magistral – e como desdobramento desta – temos o problema da avaliação a serviço da seleção de alunos. São comuns as provas ditas 'tradicionais' – no estilo perguntas e respostas – com dia e hora rigidamente marcados e objetivos pouco claros, resultando em uma verdadeira operação divinatória por parte dos alunos, sobre o que o professor deles exigirá." (Oliveira & Freitas, 2013, p. 139)

Da mesma forma que a formação inicial deve contemplar o saber tecnológico, é fundamental que durante a mesma, o espaço de construção das competências e saberes do futuro docente sejam efetivamente vivenciados no que diz respeito à pesquisa, atuação na área das

políticas públicas para a educação, e o foco na compreensão das especificidades do aluno, com o qual efetivamente, o professor a ser formado, irá trabalhar. Oliveira & Freitas (2013), afirmam:

> "É necessário conhecer o ambiente escolar, vivenciá-lo junto aos alunos de graduação, discutir, propor e participar da execução de políticas públicas que se relacionem com as atividades e ambientes nos quais as reflexões sobre a leitura e os usos do passado no trabalho de formação de pessoas estão em curso." (Oliveira & Freitas, 2013, p. 142)

Ponderando sobre o currículo na formação inicial, é possível perceber sem grandes dificuldades, que não se trata apenas de uma organização da estrutura de uma área do conhecimento, a ser vivenciada durante o curso, mas sim, de forma tão importante quanto, trata-se também, de um espaço de disputa pelo poder entre os vários atores sociais, que se debatem buscando garantir a construção e permanência de um saber histórico, que atenda às necessidades dos valores e da identidade de cada grupo, isto posto, o educador em sua prática educativa deve estar atento para essa realidade, visando garantir uma educação crítica e libertária. Ciampi (2013), enfatiza: "Enfim, o currículo deve ser entendido não apenas como expressão, representação ou reflexo dos interesses sociais determinados, mas também como produtor de identidades e subjetividades sociais determinadas." (Ciampi, 2013, p. 116)

A formação inicial, também deve levar em consideração os dilemas impostos pela globalização, na qual há um duplo percurso, onde de um lado se coloca a inovação e a qualificação humana e profissional do cidadão, que cada vez mais desempenha um protagonismo global, e consequentemente, também é afetado pelo mesmo, e de outro um roteiro perseguido por grupos com interesses econômicos e empresariais com foco na exploração de profissionais qualificados, produtivos e ordeiros, associados a outros segmentos, com interesses na exploração dos sistemas de educação, enquanto oportunidade de negócios. .

Refletindo sobre o papel do Estado na educação e os discursos surgidos na área, provocados pela globalização, Ciampi (2013), fala que:

> "Entre eles, destaco: o solapamento do discurso e das políticas de distribuição da riqueza, que sustentam os sistemas públicos de educação, pois as políticas neoliberais deslocaram a política educacional de uma incumbência do Estado para o âmbito das decisões privadas." (Ciampi, 2013, p. 111)

Como forma de justificar a entrada de grupos privados nos sistemas de educação do Brasil, que prometem colocar em prática uma política mais eficaz de obtenção de resultados, tendo em vista o seu "qualificado" saber fazer, e sua agilidade, por estar livre dos condicionantes dos agentes públicos, por ser iniciativa privada, usam-se os resultados negativos ou poucos expressivos das avaliações de desempenho na educação, tanto internos, quanto externos, nos

quais os alunos brasileiros participam. Nega-se dessa forma a possibilidade de mobilização dos próprios recursos, como os professores e os técnicos que vivenciam cotidianamente os dilemas da educação, e que por fim, são obrigados a seguir os direcionamentos elaborados, física e pedagogicamente, a uma distância considerável da realidade escolar. Em virtude do grau de influência, os desafios para o professor se tornam mais robustos, pois no entendimento de Ciampi (2013): "Os reformadores empresariais possuem representantes em equipas governamentais interferindo diretamente nas políticas públicas de educação." (Ciampi, 2013, p. 111)

A cada dia, segundo as reflexões de Lopes (2012), sobre as instituições de formação de professores, as mesmas vão perdendo autonomia em função do centralismo da legislação, ela destaca o chamado processo de Bolonha como um ponto nocivo dessa centralização em Portugal, e de como tem sido difícil para outras nações da Europa, encontrar o ponto de equilíbrio entre teoria e prática na formação dos professores, dos quais, se cobra cada vez mais, um perfil voltado para atingir indicadores de uma formação discente que atenda o mercado globalizado, Lopes (2012), afirma: "Na forma orientada para o mercado, as virtudes profissionais – responsabilidade, autonomia, *expertise*, são substituídas pelas virtudes do empreendedorismo – responsividade, flexibilidade e efetividade." (Lopes, 2012, p. 17, grifos da autora)

Apesar de a legislação defender uma formação inicial que dote o professor de competência, capacidade crítica e autonomia, na prática, o docente é induzido a seguir modelos educacionais e perseguir metas de qualidade com foco na formação para o trabalho, desenvolvendo nos alunos a preocupação principal com o emprego e a sobrevivência, Silva (2012), vai destacar:

> "Longe de se orientar para um processo de formação humana de sujeitos autônomos, tais políticas se apresentam como pseudoformadoras e alienadoras por colocarem os docentes na condição de consumidores de conhecimento e o próprio conhecimento na condição de mercadoria que pode ser facilmente adquirida no mercado, conforme as leis da oferta e da procura." (Silva, 2012, p. 42)

O conjunto de fatores que fazem parte da formação inicial dos professores de História, mostra o quanto é complexo o percurso da graduação e o cotidiano do educador depois de formado e tendo iniciado a sua atuação profissional, isto impõe ao mesmo uma luta constante para manter a competência como docente, e a colaboração na construção de uma sociedade mais justa.

2.2. FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM HISTÓRIA, PRÁTICA, POLÍTICA E ENSINO

A prática do professor de História está intimamente ligada à sua formação. Ferreira (2004), trata da prática crítica, do aporte teórico e do suporte metodológico e didático, com o qual o Professor poderá ser um facilitador, junto aos seus alunos, para que estes compreendam a importância da disciplina História em sua formação educacional. A este respeito Ferreira (2004), diz:

> "Devemos, pois, entender que a sociedade atualmente exige docentes que possam dominar um conjunto significativo de conteúdos históricos, em termos empíricos, teóricos e metodológicos, que permitam questionar a produção da história tradicional, compreender a historicidade da própria história, problematizar os objetos históricos e construir a consciência crítica acerca do mundo social, passado e presente." (Ferreira, 2004, p. 130)

Como, do ponto de vista da sua formação, esse professor que venha atender as demandas da sociedade, deve ser formado? Pensar um novo modelo de currículo onde o conhecimento historiográfico e o pedagógico não podem estar em desacordo, pois se assim o for, o professor não terá uma preparação que esteja à altura dos compromissos com o seu fazer profissional, este parece ser o melhor caminho a seguir, ou seja, a busca pelo equilíbrio de uma boa preparação formativa que contemple os percursos historiográficos e pedagógicos, complementando essa discussão Ferreira (2004), destaca:

> "Assim, os novos currículos em discussão sobre os cursos de graduação em História têm apontado para o repensar da formação do professor de História visando a superação da prática dicotômica, procurando estabelecer um elo comum entre o conteúdo historiográfico – portanto, as construções e elaborações teóricas – e os conteúdos de formação pedagógica, tanto no aspeto teórico quanto no aspeto prático. Este elo comum visa alcançar um único corpo, ou seja, um curso em que os conteúdos históricos e pedagógicos interajam entre si, evitando-se a separação hoje existente e que pouco contribui para a boa formação do professor de História." (Ferreira, 2004, p. 130)

Aliada a uma boa formação inicial onde os conhecimentos específicos e os pedagógicos se encontram em harmonia, se segue um fazer da prática que se sustenta, segundo Feldmann (2009), em três pilares: a) reconhecer o valor da vivência do docente enquanto forma de conhecimento; b) o entrelaçamento entre os saberes do docente e a fundamentação teórica pertinente; c) a investigação e apropriação das NTIC's como ferramentas que possibilitam lançar pontes para o conhecimento. Para Feldmann (2009), o educador se torna: "O profissional professor, nesse contexto, passa a ser solicitado a assumir um novo perfil, respondendo às novas dimensões diante dos desafios da sociedade contemporânea." (Feldmann, 2009, p. 74)

Nestes teóricos, é clara a ideia de que o Professor é aquele que coloca a sua experiência e a gama de conteúdos de sua disciplina, ao serviço da construção de uma educação que forme cidadãos críticos e atuantes, para tanto, este profissional necessita estar sempre em busca da excelência em sua profissão.

A construção de um modelo de ensino de História no Brasil, vai ter suas origens em duas instituições, são elas, o Colégio Pedro II, fundado em 2 de dezembro de 1837[1] e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), criado em 21 de outubro de 1838[2]. No IHGB se desenvolvia pesquisa histórica sobre o Brasil e se elaborava a normatização de como ensiná-la, no Pedro II, onde muitos dos docentes eram pesquisadores do IHGB, se introduzia no currículo os resultados das produções científicas realizadas Instituto. Por outro lado, para o ensino de História Geral, a inspiração advinha da metodologia e dos livros franceses, que também influenciavam os pesquisadores brasileiros em suas produções sobre a História nacional, sobre o tipo de educação que se oferecia, Silveira (2008), diz: "No entanto, a educação pretendida parecia ser bastante conservadora e reprodutivista, normalmente calcada em modelos já consagrados." (Silveira, 2008, p. 13)

A História disciplina e a História acadêmica nascem juntas no Pedro II e no IHGB, a essas duas instituições cabia dar o sentido de origem e desenvolvimento histórico do Brasil e uma preparação dos filhos daqueles que exerciam o poder, para que houvesse continuidade em uma base sólida de sentido de pertencimento e coesão nacional, para Abud (1997), fica claro que:

> "Nesse momento, em que o Brasil se estruturava como nação, após a independência de 1822, a História acadêmica e a História disciplina escolar se confundiam em seus objetivos, pois a nacionalidade era a grande questão posta à sociedade brasileira. As classes dirigentes se atribuíam o direito de escolha do passado, visto como um caminho percorrido pela humanidade em direção ao progresso, iluminado pelo conceito de nação." (Abud, 1997, p. 30)

Dessa forma, com o objetivo de aprimorar o modelo de História do Brasil que deveria ser escrito, por tanto, mais estudado e ensinado, o IHGB resolve questionar aos seus membros em 1843, "Como se deve escrever a História do Brasil?." Carl Friedrich Philipp von Martius[3], decidiu responder esse questionamento com uma dissertação que é considerada um clássico da

[1]Colégio Pedro II. www.cp2.g12br (Acedida em 15 de Fevereiro de 2015)

[2]Instituto Histórico e geográfico brasileiro (IHGB). http://www.ihgb.org.br/ (Acedida em 15 de Fevereiro de 2015)

[3]Von Martius viveu de 1794 a 1868, era um estudioso e viajante alemão que vindo com a comitiva da Grã-duquesa austríaca Leopoldina, que vinha ao Brasil para casar-se com Dom Pedro I, o mesmo pôde percorrer o território brasileiro de 1817 a 1820 e acumulou muito conhecimento nas áreas de botânica e antropologia, além de acompanhar com interesse os debates que se realizava na Europa sobre os estudos na área de História, http://pt.wikipedia.org/wiki/Carl_Friedrich_Philipp_von_Martius (acedida em 15 de Fevereiro de 2015)

Ver mapa da viagem de Von Martius no final do tópico.

historiografia brasileira, e que também foi a única proposta, já que nenhum dos membros ofereceu contribuição, o mesmo construiu a proposta que atendia às expectativas do Instituto, de uma História que fosse ao mesmo tempo, tanto conhecimento quanto disciplina, em cujo duplo percurso atendia a visão de uma História linear com seus fatos geradores e consequentes resultados, e por outro, uma História estabelecida em fatos relatados com isenção.

Nas considerações feitas por Abud (1997), ela destaca como pontos principais da proposta de Martius (1845), o fato de ele ter enxergado a importância das três etnias na composição da população do Brasil, o destaque dado ao elemento português no episódio do descobrimento e posterior colonização do Brasil, e de como isto estava interligado às conquistas no mar, no comercio e nas guerras empreendidas pelos mesmos, salientou também o percurso nas esferas civil e legislativa, bem como, no âmbito do comércio internacional.

Referenciou a instituição do modelo de administração municipal português, aqui no Brasil, em sua importância e resultados. Colocou em relevo o papel da Igreja Católica, em especial o dos padres da Companhia de Jesus, pelo trabalho de catequese e apoio a colonização, e em um sentido mais amplo, a relação entre a Igreja Católica e a Monarquia. Também estava contemplada a preocupação em se estudar os caminhos percorridos pelas ciências e as artes, bem como, as características da vida cotidiana dos colonos. Para evitar isolamentos regionalistas, propôs juntar as regiões onde as características fossem próximas e nas quais houvesse um entrelaçamento de suas Histórias.

A proposta de Martius (1845), segundo Abud (1997), foi tão bem aceita, que motivou os professores do Pedro II a adotá-la como a base do programa de História do Brasil, a partir daí, foram elaborados trabalhos que passaram a ser usados como manuais didáticos, a exemplo dos de Abreu e Lima (1843) e (1845)[4] e Bellegarde (1831)[5]. Martius (1845), construiu um modelo onde os fatos eram postos em uma hierarquia, a partir da qual se podia referenciar e explicar um conjunto de acontecimentos. Tal proposta se tornou tão hegemônica que chegou até o momento atual, com pequenas, e talvez quase impercetíveis alterações.

A educação de uma forma geral, até 1930, era voltada para as elites econômicas e políticas, sendo as grandes massas populacionais excluídas, tendo em vista o modelo econômico

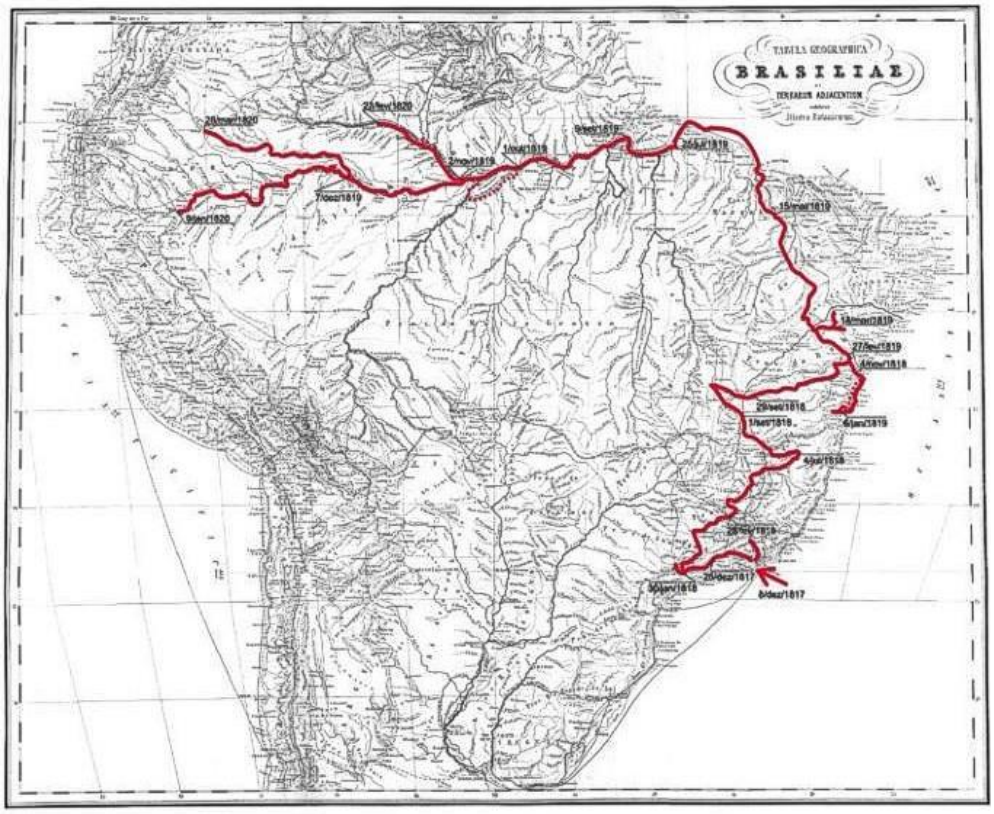
[4]José Inácio de Abreu e Lima, nasceu em Recife, Pernambuco, em 6 de abril de 1794, faleceu no Recife, em 8 de março de 1869. Foi general nas guerras de libertação da América hispânica e era membro do IHGB. (Acedida em 15 de fevereiro de 2015). Disponível em: http://www.institutoabreuelima.com.br/

[5]Pedro de Alcântara Bellegarde, nasceu na nau Príncipe Real, em 13 de dezembro de 1807 e faleceu no Rio de Janeiro, em 12 de fevereiro de 1864) foi um militar, educador, astrônomo, engenheiro brasileiro e membro fundador do IHGB. (Acedida em 15 de fevereiro de 2015). Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Pedro_de_Alc%C3%A2ntara_Bellegarde

de base agrária onde o trabalhador, para aqueles que estavam no poder, não necessitava de instrução. Mas com o desejo político, após 1930, de desenvolvimento industrial e controle social da massa populacional brasileira, se percebeu a necessidade de educar os trabalhadores nos mais variados segmentos econômicos, a esse respeito Cury (1945), nos diz:

> "Até 1930 as necessidades do país ainda comportavam, com a oligarquia no poder, um tipo de educação voltada para a satisfação dos interesses oligárquicos: ornamento cultural, preenchimento dos quadros da burocracia do Estado e das profissões liberais. Neste sentido, amplas camadas da população eram marginalizadas do processo educativo escolar. A educação atende exclusivamente as "elites." " (Cury, 1945, p. 18)

Mapa 5. Percurso da expedição de 1817 a 1820, na qual Von Martius participou



Fonte: http://www.fapesp.br/publicacoes/flora/ (Acedida em 15 de fevereiro de 2015)

Após 1930 o país passaria por um novo momento de autoafirmação enquanto nação, através da busca de uma identidade, Silveira (2008, p.18), destaca que Getúlio Dornelles Vargas havia tomado o poder após a Revolução de 30 e se tornado Presidente do Brasil, iniciava-se aí a chamada Era Vargas, que durou de 1930 a 1945. Cria o Ministério da Educação e Saúde que fica a cargo do ministro Francisco Campos, o qual já vinha se envolvendo em lutas, em prol de reformas na educação brasileira, antes de fazer parte do governo, o mesmo, através dos Decretos-Lei 19.851 e 19.852, de 11 de abril de 1931, implantou uma organização técnica e administrativa no ensino superior, já com o Decreto-Lei 19.890 de 18 de abril de 1931, redefine o ensino secundário, dividindo-o em duas partes, uma composta pelo ensino fundamental feito em 5 anos e

outra pela especialização profissional a ser feito em 2 anos, a instituição utilizada como modelo nessas mudanças, continuou sendo o Colégio Pedro II.

Fazendo algumas considerações sobre o pensamento político, no campo da educação, em especial no ensino de História, durante a Era Vargas, vamos ter o seu uso para negar conflitos, como afirma Capelato (2009): "Na construção de uma moral nacional associada a uma memória histórica, eram negados, enfaticamente, o regionalismo, o ateísmo, os conflitos sociais e outras ideias consideradas prejudiciais." (Capelato, 2009, p. 233). Colocando de forma mais enfática outra finalidade, Gustavo Capanema, Ministro da Educação e Saúde do Presidente Getúlio Vargas, defendia que a educação estava de forma decisiva ao serviço do interesse nacional, nunca em condição de neutralidade, sobre isso destaca Horta (2000): "Para o ministro, a educação não podia ser neutra no mundo moderno. Logo, também no Brasil, já ameaçado "pelas tempestades do tempo presente", a educação não podia ser neutra, mas teria de "se colocar decisivamente ao serviço da nação." " (Horta, 2000, p. 148)

Imagem 1. Cartaz do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), no início da Era Vargas

O "culto da pátria" era uma das tônicas do discurso da primeira fase da chamada Era Vargas.

Fonte: Neto, L. (2013). Getúlio: Do governo provisório à ditadura do Estado Novo (1930-1945). (1ª ed.). São Paulo: Companhia das Letras.

Imagem 2. Desfile escolar comemorativo do Dia da Pátria, na Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro, 1943

Fonte: http://novahistorianet.blogspot.com.br/2009/01/era-vargas.html, via acervo do Arquivo Nacional.

Sobre a postura das elites na Era Vargas, como em quase todos os momentos da História brasileira, foi a de permitir mudanças para evitar revoluções, como nos diz Conniff (2006): "Em toda a sua História, a elite brasileira foi visceralmente conservadora (isto é, avessa a mudanças sérias), mas se mostrou disposta a fazer reformas para impedir ruturas mais radicais." (Conniff, 2006, p. 114)

Neste contexto de busca por transformações na educação, em atendimento a um projeto de país que estava sendo desenvolvido no Governo Vargas, vamos ter em dezembro de 1931 a Conferencia Nacional de Educação, que tinha como principal objetivo, mostrar caminhos para criação de um projeto de educação nacional, como não se conseguiu um consenso entre as principais correntes de pensamento que faziam parte da conferencia, se optou por incumbir, Fernando de Azevedo, professor e participante do movimento de renovadores da educação, de redigir um texto, que publicado em 1932, ficou conhecido como "Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova", no qual o objetivo principal era propor um "sistema nacional de educação." Cury, (1945), analisa: "A proposta dos Pioneiros de alguma forma abria às camadas médias e às classes populares maiores oportunidades de acesso à escola." (Cury, 1945, p. 25)

Os educadores que apoiavam o manifesto, viam no mesmo, a possibilidade de, a partir de uma reestruturação da educação brasileira, se poder conseguir que os educandos pudessem atingir o melhor de suas potencialidades, o que atendia aos anseios, tanto de uma classe média, que aspirava maior projeção, quanto de grupos hegemônicos, que através da educação, queriam realizar um eficaz controlo social, além de poder imprimir um dinamismo produtivo nas atividades industriais, a partir de uma força operária mais capacitada.

Para além dos interesses em jogo, o Movimento da Escola Nova defendia na sua essência a formação de cidadãos críticos, que não aceitassem ser guiados por outrem e que pudessem contribuir com o desenvolvimento nacional, Schwartzman, Bomeny & Costa (1984), vão acrescentar:

> "Este ensino seria, naturalmente, leigo. Sua grande função era, em última análise, formar o cidadão livre e consciente que pudesse incorpora-se, sem a tutela de corporações de ofícios ou organizações sectárias de qualquer tipo, ao grande Estado Nacional em que o Brasil estava se formando." (Schwartzman, Bomeny & Costa, 1984, p. 53)

Em 1942 vamos ter a reforma idealizada e executada por Gustavo Capanema ministro da Educação e Saúde do Governo Vargas, onde as disciplinas de História e Geografia vão passar a ter maior destaque, pois atendiam ao ideal dos mandatários da nação, no intuito de criar nas massas, um sentido de brasilidade e uma identidade nacional imprescindível ao projeto de nacional desenvolvimentismo e antiliberalismo. Para tanto, na escola secundária, a escolha dos conteúdos, sua divisão pelas séries e orientação pedagógica, foram elaborados visando garantir a conquista desses objetivos, sobre isso, Abud (1997), destaca:

> "Mais do que isso, eram um instrumento ideológico para a valorização de um *corpus* de ideias, crenças e valores centrados na unidade de um Brasil, num processo de uniformização, no qual o sentimento de identidade nacional permitisse o ocultamento da divisão social e a direção das massas pelas elites." (Abud, 1997, p. 34, grifo da autora)

Como atuação política de um movimento que não era das elites, nós vamos ter entre 1962 e 1964, através do movimento de educação popular, que estava ligado ao movimento de educação básica, no qual se contou com a colaboração do educador Paulo Freire, e que tinha por objetivo alfabetizar os excluídos, sobre isso, Akkari (2001), nos dirá: "O debate deslocou-se, na época, do campo escolar para o da alfabetização de adultos e da educação popular num contexto político marcado por múltiplas lutas sociais." (Akkari, 2001, p. 165)

Com o advento da tomada do poder pelo regime civil-militar de 1964 no Brasil, vamos ter um novo momento de uso político da disciplina História, o mesmo se dará, entre outras ações, com a formação de professores de licenciatura curta, que tinha o objetivo de formar um docente menos crítico e mais conteudista, o que atendia aos interesses dos grupos que dominavam o poder político naquele cenário, e que não viam com bons olhos as contestações à ideologia vigente, e sim, desejavam impor modelos ao conjunto da sociedade que justificassem as suas ações e permanência no poder, emerge de tudo isso um conceito de História como disciplina que se deve

apenas memorizar, é o que ficou conhecido como "decoreba", e infelizmente essa noção, continua presente no imaginário popular. Silveira (2008), pontua:

> "No dia-a-dia escolar, os professores formados a partir da licenciatura curta "cumpriram bem o seu papel." Na maioria das vezes, quando não estavam imbuídos do ideal de resistência, acabavam por praticar um ensino arquitetado pelos livros didáticos, com conteúdos extremamente positivistas, eurocêntricos e estigmatizados por valores da guerra fria, portanto, pró-EUA. Além disso, os alunos acabavam, principalmente nos anos 70, obrigados a decorar datas e nomes de heróis construídos ao longo da história pelo pensamento dominante, ou seja, pela elite. Foi sendo massificada a ideia de que as disciplinas de humanas e, em especial, a disciplina de História eram apenas uma eterna rotina de decoração (no popular: "decoreba"), que até os dias atuais ainda aparece em muitas aulas e no discurso popular. Portanto, serviram aos interesses do regime que ora se articulava." (Silveira, 2008, p.83)

Nas últimas décadas, através de sua legislação educacional, o Brasil vem buscando, desde o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso[6], passando pelos governos do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e continuando no governo da presidente Dilma Rousseff, a partir de um currículo nacional, por tanto com um viés de centralização, atingir o objetivo de uma educação de qualidade, tal objetivo se apoia por um lado, na pedagogia das competências e por outro, na avaliação por resultados. Therrien & Loiola (2001), fazem as seguintes considerações a esse modelo:

> "É impossível não ver aqui a manifestação de uma racionalidade técnica e administrativa própria de um funcionalismo que reduz o debate sobre as finalidades educativas à uma questão de indicadores e que reduz também o desenvolvimento cultural a resultados medidos em função de normas e de comparações internacionais." (Therrien & Loiola, 2001, p. 145)

Pensando a realidade da educação em um mundo cada vez mais globalizado e competitivo, os governos passam a destacar a educação de seus cidadãos, como forma de garantir condições favoráveis do ponto de vista da influência política e cultural e das trocas econômicas com as demais nações, Therrien & Loiola (2001), falam sobre a importância do papel do professor nesse processo: "Cabe a este último uma importante contribuição para a preparação básica de cidadãos aptos para conviverem e trabalharem na complexidade da vida cotidiana." (Therrien & Loiola, 2001, p. 144)

Ao percorremos o caminho da política e do ensino de História pudemos destacar o seu uso no Império, procurando garantir a unidade nacional, na Era Vargas, como auxílio ao projeto

[6]Fernando Henrique Cardoso: 1º.01.1995 a 1º.01.1999 e 1º.01.1999 a 1º.01.2003. Luiz Inácio Lula da Silva: 1º.01.2003 a 1º.01.2007 e 1º.01.2007 a 1º.01.2011. Dilma Rousseff: 1º.01.2011 a 1º.01.2015 e 1º.01.2015 a 1º.01.2019. Todos eleitos para 2 mandatos. (Acedida em 15 de fevereiro de 2015). Disponível em: http://www2.planalto.gov.br/acervo/galeria-de-presidentes

nacional desenvolvimentista, em um breve momento entre 1962 e 1964, com o movimento de educação popular, auxiliando na compreensão dos dramas sociais, no golpe civil-militar de 1964 a 1985, como um modelo de História reprodutivista e após 1985, na caminhada da redemocratização, vindo até os nossos dias, onde o modelo que se busca, pelo menos em teoria, é o de uma História crítica e alicerçada em valores de nossa identidade nacional e do nosso pertencimento ao mundo em suas trocas econômicas e culturais.

2.3. O PAPEL DA PESQUISA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE HISTÓRIA

Em um curso de graduação, a pesquisa tem papel fundamental na formação de qualquer profissional, mas em especial, na formação do professor de História, Bezerra & Farias (2009), buscam compreender os desafios e a importância da pesquisa para a formação do professor de História e sua reflexão no dia-a-dia da profissão. Elas ponderam que:

> "A discussão sobre a formação do professor de História está inserida no movimento que emergiu a partir do final da década de 1970 do século passado que buscava novos parâmetros para nortear a formação docente, em contraposição ao modelo tecnicista que estava posto. Concomitante a esse processo, fortalecia-se um movimento que buscava inserir no dia-a-dia da sala de aula o ensino de uma História nova, numa perspetiva crítica que propunha o repensar do papel História na consolidação de uma democracia que começava a renascer. Portanto, para compreendermos melhor esse processo faz-se necessário conhecermos um pouco mais sobre a história do ensino de História." (Bezerra & Farias, 2009, p. 4568)

O ensino de História no Brasil, logo no seu início, esteve intimamente ligado à religião, uma vez que eram os jesuítas que a ministravam, aliado a isso, a visão de mundo era a do europeu, e a mesma não era para as massas, posto que fosse direcionada às classes dominantes locais, Bezerra & Farias (2009), argumentam:

> "A educação brasileira e o papel desempenhado pelo ensino de história no país estão profundamente marcados pelo viés religioso, eurocêntrico e elitista que predominou até a segunda metade do século XIX. Entre os séculos XVI e XVIII os jesuítas dominaram o cenário educacional brasileiro, com a criação de escolas que tinham por objetivo a formação moral, religiosa e humanística da elite local." (Bezerra & Farias, 2009, p. 4568)

Na primeira metade do século XX, os educadores brasileiros do Movimento Escola Nova, ainda lutavam para reafirmar a condição de Estado laico, no que diz respeito a um sistema nacional de educação. Pois não só, mas, através da educação, a Igreja Católica buscava recuperar a sua influência sobre o Estado Brasileiro. Schwartzman, Bomeny & Costa (1984), vão acrescentar, que o movimento defendia em seu esboço de projeto, entre outros temas, que:

"Caberia ao setor público, e não a grupos particulares, realizar esta tarefa; pela sua complexidade e tamanho, como também pelo fato de que não seria o caso de entregá-la ao facciosismo de setores privados. Este ensino seria, naturalmente, leigo." (Schwartzman, Bomeny & Costa, 1984, p. 52)

E mesmo nos dias atuais as pressões para que os professores assumam valores religiosos e ideológicos, continua a se fazer presente, o que mostra uma certa continuidade da presença destes setores de forma a influenciar, ainda que de maneira sutil, os caminhos do ensino, Nóvoa (1999), afirma: "Os professores nunca procederam à codificação formal das regras deontológicas, o que se explica pelo facto de lhes terem sido impostas do exterior, primeiro pela Igreja e depois pelo Estado, instituições *mediadoras* das relações internas e externas da profissão docente." (Nóvoa, 1999, p. 16, grifos do autor)

A História enquanto disciplina escolar, só começará a ser pensada como tal, na primeira metade do século XIX, após a independência do Brasil, momento em que se discutiu os projetos educacionais e a linha que a mesma deveria seguir no currículo, Bezerra & Farias (2009), reforçam:

> "A constituição da História como disciplina escolar no Brasil, só aconteceu após a independência do Brasil. Entre as décadas de 1820 e 1830 do século XIX ocorreram debates em torno da definição de projetos educacionais que abordavam no currículo o ensino de História, incluindo a História Sagrada, História Universal e História da Pátria." (Bezerra & Farias, 2009, p. 4568)

Na atualidade, a produção do conhecimento histórico, ensinado na formação inicial do futuro docente, com foco na sua utilização pela disciplina História, se rege por análise e escolha do método mais adequado a investigação que se deseja fazer, para atender as necessidades da prática escolar, como afirma Rodrigues (2009):

> "No caso da área educacional, os futuros professores precisam passar por momentos de reflexão e escolha de um determinado método de pesquisa – entre tantos – para procurar a melhor solução metodológica de problemas explicitados pela realidade educacional ou para compreender as bases da teoria que apoia muitas das práticas escolares." (Rodrigues, 2009, p. 82)

Ainda ponderando sobre a pesquisa e a atualidade, o docente se depara com novas fontes, com as quais os seus alunos convivem, como os meios de comunicação, a internet e as redes sociais, são estoques de informação para os quais o professor não deve virar as costas. Esteve (1999), afirma: "O professor enfrenta a necessidade de integrar no seu trabalho o potencial informativo destas novas fontes, modificando o seu papel tradicional." (Esteve, 1999, p. 101)

Desta forma, pensamos que uma História nova, que rompa, não só, com os modelos tecnicista e mercadológicos, mas que reforce os valores democráticos e desenvolva a criticidade, deve ser construída através de um esforço de pesquisa que cabe mais a um professor reflexivo do que aos antigos pesquisadores que nos ofereceram uma visão mais conservadora da Disciplina, cabendo ao docente, trabalhar na perspetiva de uma História, socialmente, mais inclusiva.

CAPÍTULO III.
OS SABERES DA DOCÊNCIA

3.1. COMPETÊNCIAS/SABERES/CURRÍCULO

O conjunto de habilidades, que o professor possui, para além do conhecimento específico que o mesmo domina, tem forte influência no sucesso de seu trabalho, quanto maior for a qualidade desse domínio, mais eficiente será o resultado obtido, isto nos leva a indagar, sobre o papel do professor como ator político? Como indivíduo motivador? Como aquele que busca inovar? Dentre outras indagações, essas podem nos ajudar a compreender o que são competência e saberes, e qual sua importância no processo de ensino e aprendizagem.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Contempla as competências e saberes do professor, desde sua formação inicial, quando define:

> "Parágrafo único. A formação dos profissionais da educação, de modo a atender às especificidades do exercício de suas atividades, bem como aos objetivos das diferentes etapas e modalidades da educação básica, terá como fundamentos: (Incluído pela Lei nº 12.014, de 2009)
> I – a presença de sólida formação básica, que propicie o conhecimento dos fundamentos científicos e sociais de suas competências de trabalho; (Incluído pela Lei nº 12.014, de 2009)
> II – a associação entre teorias e práticas, mediante estágios supervisionados e capacitação em serviço; (Incluído pela Lei nº 12.014, de 2009)
> III – o aproveitamento da formação e experiências anteriores, em instituições de ensino e em outras atividades. (Incluído pela Lei nº 12.014, de 2009)." (Lei 9.394/96, Artigo 61º)

Da mesma forma os Parâmetros Curriculares Nacionais, oferecem uma proposta, onde as competências e os saberes do professor, estão a serviço da formação do aluno, em sentido amplo e igualitário. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1999), está proposto:

> "O Professor como profissional construirá sua identidade com ética e autonomia se, inspirado na estética da sensibilidade, buscar a qualidade e o aprimoramento da aprendizagem dos alunos, e, inspirado na política da igualdade, desenvolver um esforço continuado para garantir a todos oportunidades iguais de aprendizagem e tratamento adequado às suas características pessoais." (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1999, p. 84)

Ser competente implica, segundo a visão de Perrenoud (1999), em um processo de mobilização de recursos e conhecimentos, que se dá através de esquemas, que se exprime no entendimento sobre o que é o que eu tenho para resolver, como devo fazê-lo e de que forma executarei tal solução, com vistas a se atingir um dado objetivo, o mesmo nos diz:

> "Um esquema é uma totalidade constituída, que sustenta uma ação ou operação única, enquanto uma competência com uma certa complexidade envolve diversos esquemas de perceção, pensamento, avaliação e ação, que suportam inferências, antecipações, transposições analógicas, generalizações, apreciação de probabilidades, estabelecimento de um diagnóstico a partir de um conjunto de índices, busca de informações pertinentes, formação de uma decisão, etc." (Perrenoud, 1999, p. 24)

O conceito de esquema, pensado por Perrenoud (1999), define o mesmo como um hábito constituído de simplicidade e rigidez, mas ele discorda que todo esquema seja um hábito, considera que sua estrutura voltada para a operação ou a ação, não está condenada a se repetir de forma inalterada diante de todas as situações nas quais se aplique. Então a competência que é a mobilização de esquemas, pode oferecer soluções mais rápidas e eficazes, quando a questão a se resolver não é muito distinta de outra já anteriormente solucionada, no entanto, mesmo questões muito díspares, vão encontrar a sua solução a partir de esquemas preexistentes que farão a aproximação inicial, permitindo a busca de uma resolução original com base em elementos já conhecidos, assim gera-se uma situação de domínio de habilidades tal, que leva a um agir pronto e eficaz para as situações do cotidiano profissional.

Uma competência, no entendimento de Perrenoud (1999), é um conhecimento mais complexo, tornando-se também sinérgica ao mobilizar recursos, os quais são competências em diferenciação hierárquica, da mesma forma que o saber fazer, é compreendido como procedimento prático. A construção das competências normalmente se dá em um processo lento, rotineiro e contínuo de sedimentação de esquemas, mas que pode em razão de uma necessidade, como ocorre no campo profissional, requerer inovação, com base nos esquemas já sedimentados, podemos elaborar esquemas originais, que tragam respostas inovadoras.

Outro enfoque sobre as competências no processo de ensino, e como estas mobilizam os saberes do docente, é apresentada por Therrien & Loiola (2001), para os mesmos o estudo se dá através da ergonomia do trabalho do professor, onde se destacam: a) indivíduos, que são o professor e os alunos; b) atividade, o tipo específico de trabalho; c) contexto, a interação com os vários aspetos que interferem no processo, como o cultural, o político, o institucional, etc., por tanto, a compreensão dos saberes dos docentes, é fruto do conhecimento sobre o contexto no qual as competências e os saberes do professor se desenvolvem, eles destacam:

> "Adota-se como postulado de base que a cognição ou a ação são incompreensíveis fora de um contexto e que, portanto, devem ser estudadas *in situ* e teorizadas em relação à situação. Insiste-se na dimensão operativa da cognição que é um pensamento em ato. Pretende-se, a partir de um enfoque ergonômico que considera a dinâmica sujeito/tarefa (ação) /contexto, validar um quadro heurístico de análise do trabalho docente, das ações dos professores ditos experientes e dos eventos em classe. Nesta perspetiva, as investigações colocam em evidência o papel das dimensões cultural, histórica e contextual na aquisição de saberes, mecanismos e processos que caracterizam o trabalho docente no contexto real da prática." (Therrien e Loiola, 2001, p. 151, grifos dos autores)

Da mesma forma que a competência, os saberes do professor implicam, segundo Nunes (2001), na prática pedagógica e na relação entre quem ensina e quem aprende, ou seja, o tipo de relação que se constrói com o aluno, e a forma como são usados os conhecimentos didáticos e pedagógicos em um repensar cotidiano do fazer do educador, frente ao conhecimento que será transmitido junto a um alunado que vive uma dada realidade social, política e econômica, são fatores que devem ser levados fortemente em conta na realização da prática profissional, ela diz sobre o saber:

> "Assim, o saber é considerado como resultado de uma produção social, sujeito a revisões e reavaliações, fruto de uma interação entre sujeitos, fruto de uma interação linguística inserida num contexto e que terá valor na medida em que permite manter aberto o processo de questionamento." (Nunes, 2001, p. 34)

O conjunto de circunstâncias fundamentais que estão na base da prática docente é destacado por Nunes (2001), ao lembrar que a construção e aplicação do saber do professor, são resultantes de processos históricos e sociais, mediante os quais se dá a sua prática, além de um percurso de vida que lhe traz outros elementos que influenciam o seu trabalho, como seus pontos de vista e a sua cultura.

Em uma pedagogia na qual os conteúdos são muito valorizados, o docente sofre para elaborar e pôr em prática saberes que se confrontam com modelos impostos no projeto educacional vigente, a culpabilização ora do professor, ora do aluno, pelos insucessos da política governamental, mascaram tanto as deficiências da formação inicial do mesmo, quanto a ausência do estado na resolução dos dramas sociais, essa problemática vem desde os anos 1970, quando se começa a dar mais impulso à escola que acolha a totalidade da população, e por persistirem tais circunstâncias, o debate ainda não foi concluído nos dias atuais, a esse respeito acrescenta Lelis (2001): "Sob diferentes ângulos, é analisada a situação do magistério na tentativa de encontrar explicações para as precárias condições de funcionamento dos sistemas públicos de ensino, expressas em altas taxas de exclusão escolar, principalmente entre segmentos das camadas populares." (Lelis, 2001, p. 45)

Fora do Brasil, segundo Nunes (2001), o debate sobre os saberes docentes vão se iniciar na década de 1980, em virtude da busca da legitimação e profissionalização da atividade docente, chegando ao Brasil no início na década de 1990, onde o motor é a valorização do professor, através de estudos sobre a complexidade da atividade pedagógica e dos saberes docentes, sua importância em um modelo de formação, que para além do conhecimento recebido na academia, levasse em consideração as dimensões do pessoal, do profissional e de âmbito organizacional envolvido na atividade docente. Os primeiros pensadores que contribuíram com os estudos no nosso país, o fizeram a partir de outros países, posto não haver a participação de pensadores brasileiros que apresentassem contribuições, nesse momento inicial das pesquisas.

As novas pesquisas passam a dar as condições, em sua metodologia, de o professor ser ouvido, tornando-o objeto de estudo, Nunes (2001), ao discorrer sobre o pensamento de Nóvoa (1995), enfatiza, que tanto a sua formação, quanto o próprio professor, não podem ser vistos apenas pelo viés do conhecimento técnico, a identidade do docente é formada a um só tempo por um eu profissional e um eu pessoal, onde a maneira de viver do mesmo é importante delineador de sua conduta no exercício da docência. Através do trabalho de Fiorentini & Souza e Melo (1998), Nunes (2001), nos mostra como os estudos sobre os saberes docentes foram avançando ao longo do tempo, começando na década de 1960, com a primazia dos saberes específicos, na década de 1970, a valorização da didática e da metodologia aplicadas às tecnologias de ensino, a quais estavam aliadas ao domínio do conteúdo, na década de 1980, a prática pedagógica passa a ser fortemente influenciada pelos aspetos sociais, políticos e ideológicos, ao passarmos à década de 1990, vamos ter uma mudança de perceção em relação aos saberes pedagógicos, onde de vistos negativamente na década anterior, passam a ser estudados como aspetos fundamentais no processo de ensino e aprendizagem.

Os saberes docentes vão evoluindo com o professor, ao longo de sua vida profissional, e se reelaborando conforme a vivência prática do seu cotidiano.

É na escola que os saberes de fato, tornam-se concretos, pois só lá, mediante a prática cotidiana, é possível mediar junto ao alunado os conhecimentos específicos da disciplina, o que acontece, frente à realidade histórica dos mesmos, da qual também o professor faz parte, a esse respeito Lelis (2001), pontua: "Ou seja, trabalhar com a prática, social e profissional, como espaço de constituição dos saberes do professor, implica não perder de vista o universo cultural dos diferentes agentes sociais que fazem histórica e culturalmente a escola." (Lelis, 2001, p. 54)

É oportuno salientar, que os estudos sobre os saberes dos professores já eram objeto de pesquisa em outras temáticas, pois ao se pesquisar a prática docente, como se dá o processo de

ensino e aprendizagem, a aplicabilidade do conhecimento teórico ao cotidiano da atividade docente, entre outras, os mesmos eram abordados, isso nos mostra que há uma preocupação, que não é recente, com a busca de um melhor entendimento sobre como o professor vai, através da sua prática, adquirindo, gerando e mobilizando conhecimentos, em resposta aos desafios do seu fazer docente.

O professor possui um saber da experiência, que se traduz como sendo fruto de um conjunto maior de conhecimentos, mais que tendo sido confrontado com a prática, é continuamente aperfeiçoado. Nunes (2001), vai evidenciar a categorização feita por Gauthier *et al.* (1998), sobre o ofício de professor, na primeira categoria definida como ofícios sem saberes, há o entendimento de uma prática do docente em que não há sistematização do seu conhecimento, nem o uso do bom senso, nem recorre às suas experiências profissionais, entre outras. Os saberes sem ofício é a segunda categoria, onde os saberes estão alheios à realidade uma vez que o ensino se dá de maneira formal, onde a complexidade do processo de ensino e aprendizagem, e a reflexão sobre o mesmo, acabam sendo minimizados em sua importância. Já na terceira categoria, um ofício feito de saberes, está compreendido um conjunto de saberes que são utilizados pelo professor no seu cotidiano docente, estando divididos em: a) Disciplinar, que é o conhecimento do conteúdo que será ensinado; b) Curricular, que é a elaboração do programa de ensino através dos conteúdos da disciplina; c) Ciências da Educação, o saber profissional específico, mas que não está ligado ao agir pedagógico; d) Tradição Pedagógica, o saber de como dar aulas, que é constantemente alterado pela experiência, e que pode estar de acordo, ou não, com a ação pedagógica; e) Experiência, os julgamentos privados do como agir diante das mais diversas situações do exercício da docência; f) Ação Pedagógica, o saber testado e conhecido, fruto da experiência.

Outra contribuição sobre os saberes dos professores, tanto na sua formação inicial, quanto ao longo de sua vida profissional, é posta em relevância por Nunes (2001), ao abordar as pesquisas feitas por Pimenta (1999), a mesma identifica três tipos de saberes, os quais estão ligados à docência, são eles: a) Experiência, sua assimilação se dá, já na graduação, no contato com professores relevantes, nas trocas com os colegas de turma durante as atividades de estudo, entre outras; b) Conhecimento, adequação da escola à contemporaneidade e c) Saberes Pedagógicos, é formado pelo conhecimento em associação com o saber experiencial e os conteúdos específicos, cuja construção se dá em atendimento às necessidades pedagógicas reais. Os saberes acima mencionados, não devem ser pensados de forma fragmentada, mas compreendidos em seu conjunto, aos serem percebidos dessa forma, encontram eco nas reflexões

de Freire (1996), que defendia uma prática educativa e social, oriunda da apreensão da realidade, sobre isso, ele diz: "A capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a, fala de nossa educabilidade a um nível distinto do nível do adestramento dos outros animais ou do cultivo das plantas." (Freire, 1996, p. 68)

O interacionismo-subjetivista, que Borges (2001), vai buscar nos estudos de Gauthier, *et al.* (1998), aborda os saberes do professor através de versões, que pode ser fenomenológica, onde o foco está na compreensão das experiências do indivíduo e o conhecimento por ele adquirido em função das mesmas; etnometodológica, aqui o objetivo é compreender como o significado de mundo é dado pelo indivíduo, e como este realiza as suas tarefas diárias; etnográfica, o foco é a compreensão da dinâmica da sala de aula, e as interações entre o professor e os alunos na mesma; ecológica, busca construir um modelo da sala de aula, onde se busca explicar de forma coerente o seu funcionamento, e a partir daí, entender como se dá a eficiência do professor e seus saberes; Borges acrescenta a visão da sociolinguística, que trata de como os professores falam de seus saberes: "Os autores analisam as investigações centradas na natureza dos saberes subjacentes ao ato de ensinar, mais precisamente, os estudos sobre o ensino que buscam identificar e/ou definir um repertório de conhecimentos dos docentes." (Borges, 2001, p. 69)

Muitas vezes se faz uma transposição de experiências educacionais que são em essência boas, e na prática foram exitosas em seus países de origem, mais ou não funcionam na realidade brasileira ou os resultados ficam muito abaixo do minimamente aceitável, pensamos que seja muito importante conhecer, participar e contribuir com os debates internacionais sobre os temas da educação, porém ainda mais fundamental é desenvolver pesquisas para conhecer profundamente a nossa realidade, e assim poder desenvolver soluções efetivas aos nossos desafios escolares, Borges (2001), afirma:

> "Por exemplo, importam-se problemas, questões, metodologias que, em alguns casos, muito pouco têm a ver com as questões e dilemas educacionais presentes em nossa sociedade e que, além disso, consistem em temas marcados pelas disputas política e científica que permeiam a sociedade americana e o contexto das grandes reformas educativas lá desenvolvidas." (Borges, 2001, p. 74)

Problematizando a relação entre teoria e prática no que diz respeito à compreensão de como o professor, através do seu fazer pedagógico, fruto da investigação e da reflexão, produz e se apropria de saberes, Nunes (2001), enfoca as pesquisas de Fiorentine & Souza e Melo (1998), que observa na realidade brasileira três tipos de interesses como constituintes de saberes, o primeiro é o Interesse Técnico Instrumental, em que as explicações são dadas em função da

objetividade científica, apoiada na racionalidade técnica; o segundo é o Interesse Prático, no qual se dá efetividade de significado aos juízos que são produto da prática; e o terceiro é o Interesse Emancipatório, no qual se busca superar explicações simplistas sobre os sentidos da subjetividade, o que possibilita a produção de um conhecimento libertário com o qual se podem compreender as condições e determinações sociais, culturais e políticas que geram processos de comunicação e ação na sociedade. A vivência desse duplo percurso do professor entre a teoria e a prática, leva-o a um fazer pedagógico reflexivo e investigativo, essencial à superação dos dilemas sociais e docentes na sua atuação profissional.

Não se pode esquecer que a grande ponte entre teoria e prática está posta entre os graduandos e os seus professores, os quais devem realizar os primeiros esforços para que o conhecimento teórico já processado possa transformar-se em conhecimento prático e útil na vida dos futuros docentes.

Por outro lado, o currículo do professor é parte essencial de seu processo de formação profissional, dessa forma um currículo que consiga dotar o mesmo, dos conhecimentos essenciais à sua futura vida de educador, nos motiva a investigar qual a sua essência? Como são selecionados os conteúdos? Como lida com as inovações? Que orientações políticas segue, enfim, com que objetivo ele é organizado?

Iniciando as nossas reflexões sobre o currículo, vamos ter nos estudos de Nóvoa (1999), a preocupação com a multipolarização do mesmo no processo de formação inicial do professor. Ele analisa:

> "A análise da evolução dos currículos da formação de professores revela-nos uma oscilação entre três polos: *metodológico*, com uma atenção privilegiada às técnicas e aos instrumentos de ação; *disciplinar*, centrado no conhecimento de uma dada área do saber; *científico*, tendo como referência as ciências da educação, numa perspetiva autônoma ou enquadradas por outras ciências sociais e humanas (especialmente a psicologia). Estes polos tendem a reproduzir dicotomias várias, nas quais, aliás, a epistemologia das ciências da educação tem estado encerrada: conhecimento fundamental/técnica, saberes/métodos, etc." (Nóvoa, 1999, p. 28, grifos do autor)

Nos fica dessa análise, a perceção da necessidade de harmonizar o caminho metodológico com a base do conhecimento específico da disciplina, bem como, destes, com a produção científica, mas as especificidades de cada um tendem a tornar o processo difícil. O futuro professor, se depara com um currículo, que traz em cada um dos polos citados, divergências, para as quais as próprias ciências da educação buscam epistemologicamente uma melhor compreensão.

Os debates sobre o currículo se ampliam com os estudos que abordam a sua efetivação na escola. Ao se questionar, como melhorar a educação? Apple (2012), vê um espaço de disputa entre grupos de poder e os contra hegemônicos, para definir o que deve ser ensinado, pois dessa definição, resulta ganhos para uns em detrimento de outros. Ele convida a refletir: "Nesse sentido, algumas das questões chaves são: Qual é a capacidade de resposta e a que se dirige? Busca-se eficiência em que? As vozes de quem serão ouvidas ao se formular e responder essas questões? " (Apple, 2012, p. 17). Para os grupos hegemônicos, pensar o currículo como algo homogêneo satisfaz o ideário de uma cultura dominante, porém Pereira (2012), entende o currículo como redes de significação discursiva, onde os grupos minoritários se articulam para serem incluídos socialmente. Ela pontua: "A interpretação que damos ao currículo de redes de significação discursiva nos possibilita tecer negociações entre as diferentes culturas e as novas posições dos sujeitos nas sociedades atuais." (Pereira, 2012, p. 60)

Da mesma forma, pensar o currículo como algo a ser executado sem questionamentos no espaço da escola, é algo ilusório, nas pesquisas de Lima (2012), fica claro que sua efetivação não se dá dessa forma, ao contrário, ele sofre modificações para acolher outras visões de mundo. Ela enfatiza: "Nessa dimensão, os textos das políticas também são recriados e reinterpretados. Ou seja, nas escolas há sempre processos de recontextualização, fazendo com que as políticas curriculares sejam interpretadas para além do que está prescrito." (Lima, 2012, p. 155)

Diante de uma sociedade que se transforma de maneira cada vez mais veloz, que não aceita mais desigualdades e preconceitos, tem desejos e sonhos mais ousados, incentivados pelo mercado e pelos meios de comunicação, o professor se vê perdido entre modelos do passado e projetos pedagógicos criados, muitas vezes às pressas, para fazer frente a tais demandadas sociais, desse modo, torna-se extremamente necessária, a construção de uma nova cultura profissional por parte do educador, com valores e normas que devem ser norteadas pela ética e pela qualidade. Nóvoa (1999), aprofunda a questão quando diz:

> "A produção de uma cultura profissional dos professores é um trabalho longo, realizado no interior e no exterior da profissão, que obriga a intensas interações e partilhas. O novo profissionalismo docente tem de basear-se em regras éticas, nomeadamente no diz respeito à relação com os restantes atores educativos, e na prestação de serviços de qualidade. A deontologia docente tem mesmo de integrar uma componente pedagógica, na medida em que não é eticamente aceitável a adoção de estratégias de discriminação ou de teorias de consagração das desigualdades sociais." (Nóvoa, 1999, p. 29)

Os currículos são espaços de poder, e começam a ser também de negociações e de acolhimento de culturas e valores na construção de uma sociedade mais ética, para atores que

passam a ter visibilidade no conjunto da coletividade, ainda que tendo contrariando interesses outros.

3.2. COMPETÊNCIAS E SABERES NO ENSINO E APRENDIZAGEM

Já abordamos o uso das novas tecnologias de comunicação e informação no capítulo anterior, mas ao falar de ensino e aprendizagem, retomaremos um pouco esse tema. É interessante ressaltar, que mesmo com bastante aparato tecnológico disponível, isso ainda não fez com que a educação se transformasse radicalmente, pois o professor tem dificuldade em construir competência nessa área, fruto amargo da formação ou da própria condição social de suas origens, fato é, que a relação entre docência e tecnologia é sofrível. Perrenoud (2000), evidencia sua ausência na formação inicial e continuada do professor, mas ao mesmo tempo defende que a mesma não é a principal ferramenta no desenvolvimento da profissão docente, ele amplia o debate ao dizer:

> "Nada a dizer a respeito das novas tecnologias em um referencial de formação contínua ou inicial seria indefensável. Colocá-las no centro da evolução do ofício de professor, particularmente na escola de ensino fundamental, seria desproporcional em relação aos outros aspetos em jogo." (Perrenoud, 2000, p. 126)

Em uma sociedade, em que tanto o processo de evolução tecnológica progride a passos largos, da mesma forma que o acesso ao conhecimento é cada vez mais fácil, os professores sentem na sua atuação profissional a imposição dos mesmos, de forma cada vez intensa. Ramalho, Nuñes & Clemont (2000), dizem que: "Podemos compreender, por exemplo, as pressões que são exercidas sobre os sistemas de educação para que ele responda às exigências cada vez maiores em matéria de tecnologia e conhecimento." (Ramalho, Nuñes & Clemont, 2000, p. 3)

Não basta dominar tecnologias, é necessário saber usá-las de maneira eficaz na educação. Assim, uma disciplina fundamental na formação dos professores de História, assim como a quaisquer docentes de outras áreas, é a didática, o como ensinar os conteúdos. Em volta da mesma orbitam os saberes e competências que o futuro educador já possui e os que ainda, ao longo de sua vida, venha a adquirir, porém é importante frisar que a mesma também exige um repensar contínuo do profissional em sua prática cotidiana. Ramalho et. al. (2000), contribuem com essa reflexão ao dizerem:

> "*A Didática*, como disciplina que nucleia diferentes saberes dos professores pode contribuir ao desenvolvimento de competências para o ensino. Na presente pesquisa não assumimos o trabalho nesta disciplina numa posição normativa-prescritiva, própria do racionalismo- instrumental. Fizemos opção por entendê-la, potencialmente, como importante espaço que favorece a reflexão consciente sob a base de novas construções teóricas e experienciais refletidas nas ações dos professores no trabalho na disciplina." (Ramalho et. al., 2000, p. 3, grifos do autor)

Ao mesmo tempo em que o professor é instado a se aprimorar, a educação deve ser assumida como um valor real pelos educandos e suas famílias, não apenas enquanto discurso, posto que outro fator, para o sucesso do processo de ensino e aprendizagem, está no desejo de aprender, por parte do aluno, sem o qual, a melhor instituição, os melhores educadores e as melhores condições físicas e materiais, de nada adiantarão, os mesmos devem ver, um bem fundamental naquilo que irão aprender, como forma de lhes garantir o sucesso na solução de suas necessidades. Silva (2005), destaca:

> "Sabemos, como professores, que um dos pontos centrais da educação é a "vontade de aprender" do estudante. Se ele não presta atenção, não se concentra, não se interessa, não está motivado, não estuda, enfim, se ele não manifesta a "vontade de aprender", a educação fracassa." (Silva, 2005, p. 11)

Somando-se ao fato de que para acontecer, o processo de ensino aprendizagem passa pelo desejo de saber do educando, a própria educação em seu contexto pedagógico parece sofrer de uma falta de identidade, ou a tem de forma múltipla, atendendo, muitas vezes, um discurso utilitarista, que se traduz nas demandas e necessidades do mercado, do capitalismo e da globalização, em detrimento de uma formação para a cidadania. Ciampi (2013), expõe essa realidade ao dizer:

> "Consequentemente, ocorre a desvalorização do sistema educativo como um fator de integração e inclusão social em favor do incremento da iniciativa privada, da ideologia que busca uma maior junção do sistema escolar ao mundo do trabalho e às necessidades da produtividade econômica, acentuando as desigualdades sociais." (Ciampi, 2013 p. 111)

Contudo, em outros momentos vamos ter o oposto, algo como uma utopia da liberdade e da consciência, vista na construção de uma sociedade mais justa através de cidadãos conscientes e pró-ativos, parecendo em alguns momentos, como um discurso religioso, tanto para o professor quanto para o aluno, a esse respeito. Silva (2005), faz a seguinte reflexão:

> "Os textos educacionais se caracterizam por uma profunda dualidade. De um lado, afirmam a determinação sobre a educação do capitalismo, do sistema, da globalização, enfim, das determinações da economia e do poder. Por outro, afirmam a possibilidade da esperança baseada na liberdade da consciência, do compromisso, do engajamento e encaminham-se pelas vias do profetismo ou messianismo, pelo anúncio dos novos tempos, do novo milênio das complexidades, embasadas em classificações insustentáveis ou na ampliação do termo educação ou pedagogia, de forma que se tornam indeterminados." (Silva, 2005, p. 12)

Esta situação redunda em uma crise da educação, não só em relação à sua identidade, como também em relação aos seus objetivos. Giroux (1997), argumenta que a solução desta crise virá da construção e manutenção de um discurso crítico que exponha a realidade, tanto da educação, quanto principalmente, dos interesses em jogo no mundo atual. Ele explicita:

> "Devo argumentar que, para vencer este desafio, os educadores críticos precisam desenvolver um discurso que, por um lado, possa ser usado para questionar as escolas enquanto corporificações ideológicas e materiais de uma complexa teia de relações de cultura e poder, e, por outro, enquanto locais socialmente construídos de contestação ativamente envolvidos na produção de experiências vividas." (Giroux, 1997, p. 124)

Uma outra proposta de enfrentamento das questões postas à educação no tempo presente, vem das conclusões de Nadal (2009). Ela defende que a escola deve preparar os alunos para entenderem o espaço local como um ambiente ecológico, e como tal, nele se dará a sua sobrevivência física e emocional, bem como, suas inter-relações com as outras pessoas e espaços, mas que um acurado senso crítico deve ser a forma de se inserir, articular e sobreviver nesses universos. Para que o educando tenha tal preparação, ela destaca:

> "Entendemos que o movimento de superação da crise pressupõe uma recomposição em termos do papel que a escola pretende assumir na sociedade e da forma de fazê-lo: uma reconfiguração em seu projeto pedagógico no que diz respeito a metas e objetivos, conteúdos, métodos, recursos e processos de gestão e participação." (Nadal, 2009, p. 29)

Este é o universo posto no cotidiano docente, e que exige continua reflexão e criatividade para superar os desafios que se multiplicam e diversificam.

3.3. COMPETÊNCIAS E SABERES DO PROFESSOR PESQUISADOR

Para a superação dos desafios da educação, se tem no professor pesquisador reflexivo, muitas expectativas, na medida em que o mesmo assume a mediação da preparação do educando para a sua vivência plena no meio social. Porém, esse professor, enquanto profissional, faz escolhas baseadas em sua visão de mundo e vivências do cotidiano de sua profissão, portanto para se tornar um PPR, é necessário que ele queira ter tal postura, e a tenha, efetivamente, no dia-a-dia

de seu fazer docente, e que constantemente esteja a refletir sobre o seu modo de atuar. Nas últimas duas décadas do século 20, segundo Zeichner & Diniz-Pereira (2005), muito se discutiu em vários lugares do mundo, sobre reformas na educação e como um professor que fosse reflexivo, tivesse uma prática reflexiva ou realiza-se pesquisa ação, poderia produzir conhecimento para resolver problemas práticos do cotidiano. Eles também alertam que o conhecimento acadêmico e o produzido empiricamente não devem ser vistos como excludentes, e sim, como complementares, apoiando o desenvolvimento educacional e profissional. Em seus estudos, eles afirmam que os professores que realizam pesquisa ação, aumentam e solidificam seu conhecimento específico, compreendem melhor os seus educandos e conseguem ministrar aulas mais eficazes.

Neste horizonte, a sociedade também é chamada a participar, tanto apoiando quanto fiscalizando as instituições de ensino, a presença da família e de outros seguimentos da sociedade é sempre bem-vinda, apesar dos possíveis conflitos que tal presença possa trazer. Tal aproximação entre as famílias e o corpo docente, pode contribuir para desfazer a desvalorização existente no meio da categoria de professores, o que redundaria em benefícios para os alunos, mediante um trabalho de melhor qualidade de um profissional que se sente apoiado, por tanto, mais motivado a pesquisar e refletir. Do contrário, coloca no percurso profissional outro complicador, que desmotiva, posto que passa tanto pelo reconhecimento social quanto pelo salarial, o que a nosso ver torna difícil a escolha pela profissão e a permanência na mesma, apesar da propagando veiculada nos meios de comunicação por parte dos governos. Sobre esta realidade, Duarte e Oliveira (2014), ressaltam:

> "As instituições representativas do professorado no Brasil, dentre outras organizações da sociedade civil, ressaltam que a baixa atratividade da profissão docente, conforme evidenciada nas pesquisas acadêmicas no país, imprensa e organismos internacionais, provém de uma profissão que passa por uma extrema desvalorização social." (Duarte & Oliveira, 2014, p. 232)

Superando as dificuldades enfrentadas em seu cotidiano, para Lüdke (2001), que aborda o pensamento de Stenhouse (1975), o docente deveria atuar ora como um artista que busca com criatividade ser inventivo em seu trabalho, ora como um cientista que de forma metódica procure a solução de um problema.

A pesquisa ação, realizada pelo próprio professor no seu cotidiano profissional, segundo Zeichner & Diniz-Pereira (2005), seria outra forma de mediação do processo educativo, uma vez que permite ao educador refletir sobre o seu fazer pedagógico, tendo como resultado, o

aprimoramento do seu trabalho, da dinâmica da instituição escolar, da produção de conhecimento e melhoria do nível de qualidade da educação, disponibilizada ao conjunto da sociedade.

Apesar da desvalorização profissional e do aumento das expectativas sociais, para aqueles que optam ou optarem por ser professor, é fundamental ter claro, que sobre este professor reflexivo, recai a exigência de uma sólida formação inicial que não se esgota na mesma, toda via, enquanto busca constante por aprimoramento, vai acompanhá-lo por toda vida profissional, sem esquecer as capacitações, que devem assumir um aspeto de busca de conhecimento mais pontual, pois é importante destacar que por falta de formação na graduação ou em serviço, para dar um exemplo, há muitos professores que não sabem como usar as ferramentas digitais, dando aulas para alunos que, em alguma medida, dominam tal conhecimento, dessa forma, expondo uma falha de sua qualificação para o exercício da docência no trato com o universo digital. É preciso acrescentar que, tempo e recursos materiais, serão imprescindíveis para que o docente se mantenha atualizado. Sobre isso Silva (2005), diz:

> "Domina, no mundo, a crença de que diante da dinâmica acelerada de produção de conhecimento, de novas tecnologias e de novos problemas, os profissionais, de modo geral, devem passar por processos cada vez mais longos de educação e por processos curtos, não raro intensos, de capacitação, formação permanente ou atualização. A crença dominante penaliza os profissionais, caso não invistam em atualização, com a ameaça de ficarmos ao largo da mudança e, mais ainda, de nos tornarmos profissionais de segunda categoria." (Silva, 2005, p. 32)

Os modelos e projetos políticos de educação, que em cada época, são impostos aos professores, sem que sejam convidados a participar de sua elaboração ou discussão, tirando dos mesmos a autonomia do fazer pedagógico, privilegia aqueles que aceitem e executem sem questionar, como forma de conseguir a maior adesão possível a execução de tais práticas. Uma excelente forma de mudar essa realidade, seria efetivar parcerias entre Universidades e Secretarias de Educação de Estados e Municípios, para que o professor pudesse desenvolver pesquisas e conhecimento, dessa forma contribuindo com as políticas públicas na área educacional e com a academia na produção do saber, mas segundo Zeichner & Diniz-Pereira (2005), a realidade as inviabilizam:

> "No Brasil, apesar de haver iniciativas de parcerias entre universidades e Secretarias de Educação para o desenvolvimento de programas de formação continuada que incluam a realização de pesquisas por parte dos professores, as condições de trabalho da maioria dos educadores são tão precárias que às vezes pode parecer piada de mau gosto falar em pesquisa desenvolvida por professores na escola." (Zeichner & Diniz-Pereira, 2005, p. 71)

No entanto, ser esse professor que pesquisa e reflete não é uma tarefa fácil, ao longo do século 20, muitos teóricos se debruçaram sobre a forma de atuar que seria mais relevante para o

conjunto da sociedade. Segundo Silva (2005), nos anos 40, teóricos como Lewin (1946), viam a pesquisa como a alavanca que modificaria o social, dando um salto para a década de 70, Stenhouse & Elliott (1991), viam a pesquisa como geradora de reflexão e modificadora da prática, e na década seguinte, anos 80, Schön (2000), propõe que o professor reflexivo deve se opor a racionalidade técnica, por fim, já na década de 90, vamos ter Liston & Zeichner (1991), defendendo a intervenção docente com base na reflexão e na pesquisa.

Para além das questões metodológicas, existem outras não menos importantes, que dizem respeito ao fato de como a própria academia, valora as pesquisas feitas por professores que não estão ligados a mesma, e como, os próprios professores de outros níveis de ensino, rejeitam as produções acadêmicas.

A academia é o lugar por excelência para a produção do conhecimento, dessa forma, o que não é produzido dentro de sua esfera de atuação, não receberá sua chancela, Silva (2005), defende essa visão, ao argumentar que na mesma se faz inovação sobre o saber, se segue uma metodologia rigorosa e os resultados das pesquisas são disponibilizados para o conjunto da sociedade, ela acrescenta, que para o professor de outros níveis, a forma e o foco das pesquisas acadêmicas, não dão respostas para as necessidades imediatas e cotidianas nas quais os mesmos estão imersos. Sobre a rejeição dos trabalhos acadêmicos por parte dos professores, Silva (2005), concordando com o pensamento de André (2005) diz: "De outro lado, há também resistência por parte dos professores em aceitar a pesquisa acadêmica como importante para a melhoria de sua intervenção, pois como afirma André (2005 op. cit.), os professores consideram-na irrelevantes para suas práticas." (Silva, 2005, p. 123)

A atuação do professor pesquisador, segundo Lüdke (2001), pode ser sentida como uma ameaça para instituições e indivíduos que lidam com pesquisa, a razão para isso, além da visão dos espaços definidos como de produção de conhecimento e de ensino sobre o saber humano, está na consciência de que a pesquisa do professor se dá em local privilegiado, uma vez que é feita em seu cotidiano de atividades, isso pode sugerir o educador e a escola como agente e centro produtor do conhecimento. Lüdke (2001), citando a experiência educacional dos Estados Unidos, expõe:

> "Pela sua posição, que permite ver de dentro os problemas da prática, e com o domínio dos recursos disponíveis para a pesquisa, a investigação do professor-pesquisador pode representar uma ameaça ao *status-quo* da pesquisa educacional, envolvendo assim questões de poder, além das questões metodológicas enfrentadas pelos defensores das abordagens qualitativas, hoje já correntemente aceitas pela comunidade educacional. É interessante observar a trajetória vivida pela pesquisa qualitativa em educação, para extrair lições do que pode vir a ocorrer com a pesquisa do professor." (Lüdke, 2001, p. 83, grifos da autora)

Como forma de eliminar as barreiras entre conhecimento acadêmico e empírico, Zeichner & Diniz-Pereira (2005), propõem que se promovam estudos nas escolas sobre o sentido e a importância dos estudos acadêmicos, se realizem projetos de pesquisa em parceria entre professores e instituições acadêmicas, e por fim, apoio por parte da academia, aos professores que estão a realizar pesquisas, juntamente com o reconhecimento e a valorização de suas produções. Este conjunto de ações garante melhoria profissional e reconhecimento social, o que se traduz em um serviço que agrega cada vez mais qualidade para o desenvolvimento do conjunto da sociedade, que é o objetivo principal de todo o trabalho educacional.

Buscando saber como o professor da educação básica realiza sua prática de pesquisa Lüdke (2001), abordou estudo realizado por Lüdke (2000), no qual ela relata, que inicialmente selecionou quatro instituições públicas, que em tese, reunissem as condições mínimas para que o professor pudesse desenvolver pesquisa, ou seja, condições de funcionamento, físicas e organizacionais, o passo seguinte foi o contato com os gestores, coordenadores e professores pesquisadores indicados pelas coordenações, este contato rendeu uma documentação colhida nas instituições e setenta entrevistas. O estudo lançou luz sobre como os professores enxergam a sua pesquisa, se foram preparados ou não para fazê-la, as condições oferecidas pela escola, a existência ou não de estímulos, condições possíveis de aprimoramento profissional com foco em pesquisa, relação com a academia e outras instituições, qual a importância de seus estudos para si, para a escola e para a produção de conhecimento.

O que pôde ser constatado por Lüdke (2001), sobre o estudo realizado por (Lüdke, 2000), a respeito das condições de estrutura, mesmo em escolas onde se supunha possuírem situação mais satisfatória, se constatou a existência de diversos tipos de constrangimentos institucionais, no tocante à formação para a pesquisa, poucos entrevistados se referiram a sua formação inicial, formação continuada, grupos de pesquisadores, eventos científicos ou associação de especialistas. A maioria considera os cursos de mestrado e doutorado como os locais mais apropriados para esse tipo de formação.

No que diz respeito ao produto das pesquisas realizadas pelos professores, Lüdke (2001), relata sobre as descobertas do estudo. Há dificuldade em conseguir documentos que comprovem, dentro dos critérios de uma investigação científica, quais os objetivos do docente em um dado estudo, método utilizado, amostragem, análise e resultados obtidos. Paralelo a esse fato, está também a dificuldade de ter claro, o que é um projeto, e o que é uma pesquisa, bem como, estabelecer um conceito para o que é pesquisa, da mesma forma é apontada uma dualidade de

entendimento, com relação ao foco e objetivo da pesquisa feita na academia e a feita na escola. A esse respeito, ela esclarece:

> "Essa dualidade de perspetiva revela, ao mesmo tempo, no professor a perceção de que a pesquisa acadêmica não consegui atingir os problemas e os temas mais importantes e próximos do seu trabalho na escola, mas que ela provavelmente domina os métodos e os recursos necessários para investigar devidamente aqueles assuntos fundamentais." (Lüdke, 2001, p. 89)

Como proposta de um caminho de conciliação entre o professor pesquisador e o pesquisador acadêmico, Lüdke (2001), se referindo aos estudos de Anderson & Herr (1999), que abordam esse tema na perspetiva de algo que se impõe e contesta paradigmas, destaca a importância em se estabelecer uma colaboração entre a escola e a academia, onde cada uma traria a sua contribuição, naquilo que é a sua área de excelência, para solução de problemas na área educacional, resultando para o professor, o aperfeiçoamento e a valorização de sua pesquisa, e para a academia, a ampliação do espaço de sua proposta investigativa, focada na solução de problemas educacionais.

Dentro desse contexto amplo e complexo, se dá não só a formação inicial do professor mais, o desenrolar do seu cotidiano profissional, onde novos desafios precisam ser equacionados em busca de uma atuação profissional que dê respostas às necessidades do conjunto da sociedade.

3.4. COMPETÊNCIAS E SABERES, ENTRE TEORIA E PRÁTICA E O PERFIL DO PROFESSOR

Existe uma separação entre teoria e prática, que faz com que na maioria das vezes, quem teoriza sobre educação não pratica e quem exerce a prática educativa não teoriza. Giroux (1997), convida os professores a uma atuação mediante a teoria crítica da educação, pois ele percebe que:

> "Num sentido mais amplo, os professores como intelectuais devem ser vistos em termos dos interesses políticos e ideológicos que estruturam a natureza do discurso, relações sociais em sala de aula e valores que eles legitimam em sua atividade de ensino. Com esta perspetiva em mente, gostaria de concluir que os professores deveriam se tornar intelectuais transformadores se quiserem educar os estudantes para serem cidadãos ativos e críticos." (Giroux, 1997, p.162)

Dessa forma, na visão de Giroux (1997), o professor não está isolado em sala de aula, muito pelo contrário, sobre ele atuam os interesses de grupos de poder, que desejam que o educador advogue e faça proselitismo para os projetos dos mesmos, cabe ao docente, para romper com esse estado de coisas, ter uma atuação crítica e fomentar a autonomia dos educandos.

É difícil negar que a formação inicial e em serviço do professor, tem sofrido com a imposição de uma visão política sobre a educação, que não valoriza as formas de educar, e a escolha de conteúdos relevantes em futuras situações didáticas, pois o viés político, as formas de ensinar e as necessidades de conhecimento por parte da sociedade, parecem não encontrar harmonia no modelo proposto, que cria uma politização da educação deslocada da prática educativa. Silva (2005), destaca: "Desvincular o como do que, e enfatizar o discurso político como deslocado da realidade imediatamente sensível é, portanto, o que denominamos de "politização retórica na educação." " (Silva, 2005, p. 36)

Outra dificuldade a ser superada na formação inicial do professor está na realidade brasileira frente às teorias educacionais e modelos metodológicos, muitas vezes eles são importados e impostos ao cotidiano educacional brasileiro, que por si só já representa um desafio, em virtude das dimensões continentais e diferenças regionais de nosso país, eficazes em outra realidade cultural, não produzem os mesmos resultados, ora por ser mal feita a adaptação, ora por ser completamente inadequado à nossa realidade, gerando inclusive a falsa noção de incompatibilidade entre teoria e prática na educação.

Nega-se, muitas vezes, a competência do autor nacional na construção das matrizes teóricas e metodológicas, válidas para a nossa realidade, em proveito de autores que trabalharam em outras realidades culturais, sociais e econômicas. Não se faz um exame acurado da aplicabilidade de tal modelo às nossas especificidades, através de uma analogia simplista, se poderia pensar, são pessoas em situação de ensino e aprendizagem, logo se funcionou com uma dada sociedade humana, funcionará com qualquer outra.

O que resulta em prejuízo para as camadas mais pobres da população, a mais fragilizada no processo. Dessa forma, uma pedagogia da política e uma política da pedagogia, são coisas fundamentais em uma sociedade que quer romper com as mazelas sociais impostas por grupos, que uma vez no poder, demonstram uma preocupação que não leva em conta as necessidades do proletariado e de seus filhos, os quais formam as atuais e futuras gerações, que estão nas escolas públicas pelo país afora, cabe ao professor transformador, mediar para esses educandos a luta por poder e a necessidade de se garantir direitos e humanizar as relações. Giroux (1997), saliente a atuação do professor nesse aspeto ao dizer:

> "Essencial para a categoria de intelectual transformado é a necessidade de tornar o pedagógico mais político e o político mais pedagógico. Tornar o pedagógico mais político significa inserir a escolarização diretamente na esfera política, argumentando-se que as escolas representam tanto um esforço para definir-se o significado quanto uma luta em torno das relações de poder. Dentro desta perspetiva, a reflexão e a ação críticas tornam-se parte do projeto social fundamental de ajudar os estudantes a desenvolverem uma fé profunda e duradoura na luta para superar injustiças econômicas, políticas e sociais, e humanizarem-se ainda mais como parte desta luta. Neste caso, o conhecimento e o poder estão inextricavelmente ligados à pressuposição de que optar pela vida, reconhecer a necessidade de aperfeiçoar seu caráter democrático e qualitativo para todas as pessoas, significa compreender as precondições necessárias para lutar-se por ela." (Giroux, 1997, p.163)

A superação do difícil percurso entre teoria e prática, está posto no cotidiano do professor que deve buscar harmonizá-lo, porém a remoção de tais entraves poderia ser menos traumática, na medida em que as políticas públicas levassem em conta as experiências dos professores, e a academia acolhesse a investigação feita pelo professor do ensino básico, como fonte importante de conhecimento.

A contemporaneidade vem trazendo mudanças e fazendo exigências aos profissionais da educação, Feldmann (2009), destaca aspetos que devem ser levados em conta no perfil exigido para os educadores, são eles, formação inicial, conhecimento específico, trabalho em equipa, mediador de aprendizagem, entre outros. Ela salienta que:

> "A sociedade contemporânea, denominada por alguns como sociedade da informação e por outros como sociedade do conhecimento, se apresenta tendo como uma de suas características a acelerada transformação pela qual passa o mundo, provocada pelos avanços tecnológicos, que incidem na constituição de uma nova cultura do trabalho, afetando diretamente o universo escolar. Diante dessa situação, o professor, como também outros profissionais da escola, vê-se impelido a rever sua atuação, suas responsabilidades e seus processos de formação e de ação." (Feldmann, 2009, p. 75)

Para além dos modelos de conduta já mencionados, existem muitos outros, para Esteve (1999), um destaque, é a capacidade de administrar situações de conflito, que deveriam ser resolvidas pela família ou por outros segmentos do poder público, mas que acabam sendo colocados como responsabilidade da escola e do Professor. Ele diz:

> "Para além de saber a matéria que leciona, pede-se ao professor que seja facilitador da aprendizagem, pedagogo eficaz, organizador do trabalho de grupo, e que, para além do ensino, cuide do equilíbrio psicológico e afetivo dos alunos, da integração social e da educação sexual, etc.; a tudo isso pode somar-se a atenção aos alunos especiais integrados na turma." (Esteve, 1999, p. 100)

Podemos acrescentar, aos já mencionados, o raciocínio rápido e eficaz na resolução das diversas situações do cotidiano escolar, as quais o docente é submetido, sob risco de ser ridicularizado, caso não saiba como safar-se. Perrenoud (1999), diz que: "Um "simples erudito",

incapaz de mobilizar com discernimento seus conhecimentos diante de uma situação complexa, que exija uma ação rápida, não será mais útil do que um ignorante." (Perrenoud, 1999, p. 53). Isso nos remete a um ponto importante no fazer docente, a sua autoridade, não de forma arrogante, mas a que se fundamenta nas competências, no conhecimento específico e no compromisso profissional com o aluno. Freire (2009), enfatiza: "A segurança com que a autoridade docente se move implica uma outra, a que se funda na sua competência profissional." (Freire, 1996, p. 91).

Mas nesse conjunto de mudanças que são exigidos, nesse novo perfil do professor, o que seria o ponto mais importante? O que poderíamos denominar de essencial? Sem sombra de dúvidas que é o humano na formação do docente, esse é o aspeto mais preponderante, a ser levado em conta, na hora de se pensar qual é a maior qualidade que se espera do educador Feldmann (2009), evidencia:

> "Nessa perspetiva, uma questão matricial nos tem orientado: quais são as novas exigências da sociedade contemporânea para o professor da escola brasileira e como pensar sua formação? Pensar a formação de professores é sempre pensar a formação do humano e, nessa perspetiva, se vislumbra a construção de mudanças em qualquer que seja o seu espaço de ação. Mudança entendida como aprimoramento da condição humana, como liberdade de expressão e comunicação e como desenho de possibilidades de um mundo melhor, de uma melhor convivência entre as pessoas." (Feldmann, 2009, p. 75)

Em sintonia com o pensamento de Feldmann (2009), os profissionais de educação, como quaisquer outros, e em especial pela especificidade de sua área de atuação, são conscientes de que devem buscar atualização de forma ampla, visando um exercício satisfatório de suas atribuições, mas não podem perder de vista o ser humano em formação e a dinâmica de um mercado que procura por trabalhadores, com uma formação humana e técnica, que possam dar uma contribuição efetiva para a sociedade e para o mundo do trabalho.

CAPÍTULO IV.
A PRÁTICA DO ENSINO DE HISTÓRIA

4.1. ENSINO DE HISTÓRIA

O sentido de pertencimento, dentro de um processo histórico, tanto a humanidade quanto a uma nacionalidade, de forma institucional, advém do ensino de História, isso nos leva a indagar como tal disciplina é ensinada? Quais os critérios para a seleção dos conteúdos? Há uma utilização adequada dos recursos tecnológicos? Essas perguntas podem nos levar a perceber se a tendência do ensino é tida como tradicional ou diferenciada.

Acreditamos que a História, enquanto disciplina, tem muito a nos ensinar, olhamos o passado buscando entendê-lo em si, bem como, em relação aos nossos erros e acertos enquanto sujeitos de tal processo, vemos na mesma a ferramenta para o entendimento do nosso presente e mais que isso, não só visualizar, mais construir futuros possíveis. Gumbrecht (2011), enfatiza: "Baseando-se nas experiências do passado e adaptando-as às experiências do presente, podemos imaginar poder escolher sobre essa base entre as possibilidades de futuro. É essa a forma historicista de aprender com a história." (Gumbrecht, 2011, p. 37)

Um outro aprender da História surge como fruto, de ser hoje possível, dar respostas às interrogações sociais que buscam conhecer o que foi negado e invisibilizado com relação a povos e indivíduos, postos a margem de processos culturais e políticos dominantes em dados espaços e momentos. Guimarães (2001), ressalta: "O passado tem sido interrogado também a partir de novas exigências decorrentes de profundas transformações sociais, como o fim de regimes ditatoriais e do *apartheid* da África do Sul, para só ficarmos com alguns desses exemplos." (Guimarães, 2001, p. 43, grifos do autor)

O ensino de História também trata, mesmo que às vezes não de forma explícita, da questão dos padrões de conduta de povos e indivíduos. Há uma inegável preocupação moral e de valores contida no saber histórico, que se torna mais evidente nos momentos de crise que afetam a humanidade, fazendo-a refletir sobre suas ações e buscar correções para os desequilíbrios de seus atos. Mata (2011), argumenta:

> "Da redemocratização da América Latina à queda do "socialismo real", do advento das novas formas de fundamentalismo religioso à crise do sistema financeiro, tem-se mostrado recorrente o desejo de estabelecer padrões éticos e valorativos comuns, dotados de um mínimo de estabilidade." (Mata, 2011, p. 59, grifos do autor)

Da mesma forma, o saber entender e explicar os fatos. Quais foram as causas e consequências de tais atos? Ações semelhantes podem decorrer de quais fatores? Como consequência, podem gerar episódios parecidos? Tais conhecimentos advêm dos estudos históricos, que podem colaborar para gerir a nós mesmos e a outros, de forma equilibrada, com

capacidade de argumentação, que elimine argumentos enganosos. Teixeira (2011), sentencia: "São essas as únicas ferramentas conhecidas, disponíveis: as ferramentas ético-retóricas, capazes de manter acesas, ainda que com brilho fraco, as chamas dos lugares certos." (Teixeira, 2011, p. 204)

Dessa forma a História tem sob diversos aspetos, muito o que ensinar, quer seja em questões que iluminam o nosso passado, que tornem visível o que se tentou esconder, que estabeleçam valores éticos ou que desacreditem falsos discursos.

4.2. PLANO DE ENSINO DE HISTÓRIA, ENTRE CONSTRANGIMENTOS INSTITUCIONAIS E O MATERIAL DIDÁTICO

Um aspeto do processo de ensino de História que causa inquietação aos professores é optar pelo conteúdo mais relevante em face da proposta de trabalho que contemple as especificidades do alunado, sobre esse tema, Bittencourt (2009), observa:

> "Atualmente, uma das maiores dificuldades dos professores de História é selecionar os conteúdos históricos apropriados para as diferentes situações escolares. A autonomia do trabalho docente inclui, entre outros aspetos, a escolha dos conteúdos históricos para as diferentes salas de aula. Trata-se de optar por manter os denominados conteúdos tradicionais ou selecionar conteúdos significativos para um público escolar proveniente de diferentes condições sociais e culturais e de adequá-los a situações de trabalho com métodos e recursos didáticos diversos." (Bittencourt, 2009, p. 137)

Dessa forma, um aspeto que pode ser tido como uma das primeiras preocupações com a competência do Professor, se verifica na elaboração do seu plano de ensino, onde a busca por se fazer pertinente, tanto aos objetivos, quanto a capacidade do educando em depreender o conteúdo trabalhado, será fator decisivo para tal. Sobre isso, afirma Resende (2008):

> "Os objetivos que devem ser alcançados no processo de ensino-aprendizagem balizam os conteúdos a serem expostos, as atividades propostas e a avaliação (que servirá como indicador se e como foram alcançados). No limite, ao elaborar os objetivos do seu plano de ensino, o docente deve ter em mente seu posicionamento sobre *para que ensinar e aprender* determinado conteúdo." (Resende, 2008, p. 79, grifos do autor)

É fato que a decisão sobre o conteúdo curricular, fica quase sempre distante das contribuições do professor, no entanto, no momento de sua execução, através do seu plano de ensino, o docente tem a última palavra sobre ser oportuno o ensino de determinado conhecimento, posto que o mesmo leva em conta, com quais recursos pode contar, as condições sociais do educando, qual saber fará diferença significativa na formação do aluno, entre outros tantos fatores. Sobre a definição do currículo e o plano de ensino do professor, Forquin (1993), diz:

> "É a tarefa dos que decidem, dos responsáveis pelas políticas educativas, dos elaboradores de programas escolares, mas também, no nível cotidiano, dos professores em suas salas de aula, dos professores que sabem que de qualquer maneira não "fecharão" o programa e que devem, eles também, fazer escolhas, cálculos de otimização, em áreas que têm seus limites." (Forquin, 1993, p. 144, grifos do autor)

Ao mesmo tempo que pode, não é fácil exercer tal escolha, pois além do sistema educativo propriamente dito, ao qual o educador está ligado, sobre ele também incidem as práticas concorrentes, forçando o professor a consumir produtos educacionais. Sacristán (1999), questiona: "Quem introduz ideias, hipóteses e valores na prática? Todos aqueles que, através de práticas escolares, institucionais e políticas, relacionadas com atividades dentro do que chamamos práticas concorrentes, configuram o mundo educativo." (Sacristán, 1999, p. 76)

Flexibilidade é outra característica importante a se levar em conta ao refletirmos sobre plano de ensino, muita coisa pode não acontecer como o previsto, um conhecimento fundante pode requerer mais tempo para ser adequadamente assimilado pelo aluno, e isso força o docente a adaptações durante a execução do mesmo. Sobre a qualidade e flexibilidade em contraposição à quantidade e engessamento de conhecimentos com os quais se trava contato, Perrenoud (1999), diz: "O ideal seria dedicar mais tempo a um pequeno número de situações complexas do que abordar um grande número de assuntos que devem ser percorridos rapidamente, para virar a última página do manual, no último dia do ano letivo." (Perrenoud, 1999, p. 64)

Uma vez elaborado e posto em prática o plano de ensino, é imprescindível se realizar uma profunda reflexão sobre o mesmo, no que diz respeito aos seus acertos e erros, processo esse que, pode garantir que se possa adequá-lo, ao objetivo inicialmente proposto, pois se poderá, efetivamente, corrigir incoerências, aperfeiçoar e encetar novas metas em um constante processo de melhoramento para o ano seguinte. Complementando, Resende (2008), faz a seguinte afirmação:

> "Refletir sobre os planos é algo de extremo valor. Através de uma prática esquematizada é possível analisar quais objetivos podem ter tido sucesso e quais poderiam ser revistos. Ao refletir sobre esses incidentes, o docente tem a oportunidade de rever sua prática e procurar novos meios (se necessário) de trabalhar determinados temas. Caso não tenha uma atitude reflexiva sobre sua prática, é bem provável a que venha desempenhando sem a sensibilidade das ocorrências da sala de aula, incluindo os resultados que ele possa ter obtido." (Resende, 2008, p. 80)

Pensando a realidade da sala de aula, para a efetivação do plano de ensino, temos que levar em conta um outro fator preponderante, pois se trata do pequeno reconhecimento social da profissão de docente, sua baixa remuneração, dos constrangimentos institucionais, das novas demandas do conjunto da sociedade e dos conflitos cotidianos com um alunado que enfrenta

graves problemas sociais. O professor com sólida formação acadêmica, mas não preparado para o enfrentamento das dificuldades citadas, passará a vivenciar o que Esteve (1999), define:

> "A chave do mal-estar docente está na desvalorização do trabalho do professor, evidente no nosso contexto social, e nas deficientes condições de trabalho do professor na sala de aula, que o obrigam a uma atuação medíocre, pela qual acaba sempre por ser considerado responsável." (Esteve, 1999, p. 120)

Para Perrenoud (2001) e Resende (2008), organizar e estimular situações de aprendizagem, está diretamente ligado à construção do plano de ensino.

Aprofundando a questão sobre a escolha dos conteúdos a serem trabalhados, é importante ressaltar que os mesmos fazem parte de uma tendência historiográfica, que passa por um viés político e cultural, e visa dar respostas aos anseios sociais de um dado momento histórico, logo é importante que o professor esteja atento aos caminhos que a produção do conhecimento histórico vai trilhando, e dessa forma poder fazer uma opção, com base em critérios, que assegurem a efetividade e a coerência do processo de ensino e aprendizagem. Bittencourt (2009), esclarece:

> "Conhecer e acompanhar as principais tendências da produção historiográfica não é apenas uma questão de caráter teórico, mas trata-se também de uma necessidade prática, porque é com base em uma conceção de *história* que podemos assegurar um critério para uma aprendizagem efetiva e coerente." (Bittencourt, 2009, p. 140, grifo da autora)

Também é oportuno destacar, que a elaboração do plano de ensino é influenciada pelas disciplinas pedagógicas com as quais o professor entrou em contato durante sua formação inicial, se o mesmo pode vivenciar estudos sobre as formas de abordagem de algumas, isso contribuirá fortemente a favor de sua prática. Sobre esse tema, Mizukami (1986), diz: "Um curso de formação de professores deveria possibilitar confronto entre abordagens, quaisquer que fossem elas, entre seus pressupostos e implicações, limites, pontos de contraste e convergência." (Mizukami, 1986, p. 109)

Quando em sua prática, ao pensar o plano de ensino, o professor não utilizar abordagens diferenciadas para o conteúdo a ser ensinado, tenderá a dar uma aula basicamente expositiva. Comentando essa postura, Ferreira (2004), é contundente:

> "E esta forma de ensinar a História se revela devastadora, principalmente se percebermos que o seu uso contribui mais ainda para que o aluno mantenha-se distante e desinteressado por uma disciplina que deveria estar propiciando uma visão reflexiva, discutida, participativa, analítica, questionadora, oportunizando o enfoque das diferentes visões e correntes historiográficas." (Ferreira, 2004, p. 125)

O professor, em razão do exposto acima, deve escolher com critério, refletir e suplantar dificuldades, quando da elaboração do seu plano de ensino, mas acima de tudo perceber o seu educando e a realidade a modificar, bem como, as condições efetivas de que dispõe para realizar o seu trabalho.

Ao abordarmos o plano de ensino, também devemos falar da questão dos constrangimentos institucionais, assim, podemos dizer que os mesmos começam com a formação inicial do professor no curso de História, no que diz respeito ao efetivo aprendizado e uso das novas tecnologias de informação e comunicação no cotidiano escolar, posto que, quando os recursos estão disponíveis, o saber docente, para este conhecimento, na maioria dos casos não foi desenvolvido. Apesar do universo digital permear a educação, Ferreira (2004), diz que: "...existe uma dificuldade, por que não dizer até mesmo preconceito, nos cursos de história em trabalhar com os recursos tecnológicos." (Ferreira, 2004, p. 149)

Por outro lado, não é só a escolha dos conteúdos, em si, que como vimos anteriormente, não é uma tarefa das mais fáceis, mas uma vez que se faça a opção, as condições para a efetiva execução dos mesmos podem ser impedidas pela falta de recursos na escola, apesar dos atores, envolvidos no processo, saberem de tais necessidades quando da escolha, por exemplo, do livro didático. Discutindo esse tema, Bessera (2011), pontua:

> "Ao planejarem suas aulas, orientados pelas sugestões contidas na coleção adotada, os professores se ressentem da falta de recursos variados como: arquivos de imagens (fotos, filmes) e de espaços na escola em que possam utilizá-los; de arquivos de som e recursos para utilizá-los; de uma xerox para a reprodução de textos." (Beserra, 2011, p. 114)

Assim, quando o professor em seu cotidiano enfrenta falta de recursos didáticos, edifícios mal conservados ou improvisados como unidade escolar e outras tantas deficiências, isto o impede de ser inovador, e inovação, entre outras tantas definições, é poder atuar em atendimento aos anseios da sociedade atual, que deseja que os educandos tenham uma formação que os preparem para o exercício da cidadania e para o mercado de trabalho. Sobre isso Esteve (1999), diz: "As condições de trabalho dos professores, nomeadamente os constrangimentos institucionais, também constituem entraves às práticas inovadoras." (Esteve, 1999, p. 107)

Dessa forma, o ensino de História, o qual tem grande contribuição na formação cidadã dos alunos, também sofre com as condições das escolas no que diz respeito ao projeto arquitetónico, as condições do prédio, mas não se resume a isso, vai além com a falta de materiais e equipamentos necessários ao processo de ensino e aprendizagem, sem se mencionar os projetos pedagógicos que poderiam diminuir as distâncias entre as áreas do conhecimento, aproximando

tanto professores, quanto alunos, no percurso da construção do saber em coletividade. Comentando a influência dos constrangimentos institucionais no trabalho docente, Bessera (2011), salienta:

> "Se o professor tenta superar o isolamento em que se encontra no exercício da prática de ensino (a própria constituição arquitetónica do prédio escolar, centrada numa segmentação em classes, que funcionam como células que devem atuar de forma isolada do contato com as demais não é um fator que contribui para esse isolamento?) e apostar em projetos comuns com colegas de outras disciplinas, faz-se necessária a mobilização de músicas, filmes, textos literários, textos jornalísticos, etc., os quais não constituem prioridade para os gestores escolares." (Beserra, 2011, p. 114)

Como se pode constatar nas palavras de Beserra (2011), o ato de trabalhar um projeto coletivo, mesmo em um espaço restrito como o de uma escola, apesar de se querer que a mesma seja democrática, encontra dificuldades, que a própria gestão, quando não as cria, não as soluciona, o que torna o trabalho de interdisciplinaridade algo difícil de ser conseguido, porém, o professor tem a sua frente a necessidade de superar mais estas dificuldades, em busca de uma educação com mais qualidade para todos.

Em suas reflexões sobre o ensino de História, Bittencourt (2009) trabalha sobre questões como a disciplina História e o currículo escolar, ensino e aprendizagem de História e por fim, os materiais didáticos como facilitadores do ensino e da aprendizagem da História, nesse sentido, ela indaga:

> "Qual tem sido o papel dos materiais didáticos no ensino e na aprendizagem de História? Qual a relação entre o tipo de material didático e a formação do professor? Como os materiais didáticos interferem na formação dos alunos? Para responder a tais indagações, torna-se necessário abordar três aspetos essenciais: conceção de material didático, relação entre produção didática e indústria cultural e os usos de materiais didáticos." (Bittencourt, 2009, p. 295)

Refletindo sobre a produção didática e a própria indústria cultural no que diz respeito ao ensino de História, podemos vê-las como práticas concorrentes, posto atuarem fortemente sobre a atividade do professor em sala de aula, na medida em que produzem livros e manuais educacionais que atendam as perspetivas de quem controla a política em dado momento, ou daquilo, que para a indústria cultural seja mais vantajoso economicamente. Ficando o docente com a aparência de mero consumidor. Sobre essa relação de poder entre editoras e professores, Sacristán (1999), afirma: "Ao nível da realidade das salas de aula, as editoras de manuais escolares e outros produtores de materiais didáticos têm mais influência do que os próprios professores." (Sacristán, 1999, p. 74)

Ainda vendo a questão dos materiais didáticos, é possível afirmar que a função dos mesmos no processo educativo é ser a ponte entre o professor e o aluno, no que diz respeito à

aquisição do conhecimento e compreensão do conteúdo da disciplina, sem a utilização de tais recursos o ato de ensinar seria prejudicado, principalmente para o aluno na sua tarefa de assimilar o conhecimento, Bittencourt (2009), pondera:

> "Uma conceção mais ampla e atual parte do princípio de que os materiais didáticos são mediadores do processo de aquisição de conhecimento, bem como facilitadores da apreensão de conceitos, do domínio de informações e de uma linguagem específica da área de cada disciplina – no nosso caso, da História." (Bittencourt, 2009, p. 296)

Para além dos materiais didáticos tradicionais é interessante pensar sobre aplicativos e a própria rede mundial de computadores. Tirar proveito de sítios, como as redes sociais, largamente usadas pelos alunos, como ferramentas de ensino e aprendizagem, mas é fundamental que o professor esteja qualificado e motivado para o trabalho com as novas tecnologias, posto que sem isso, podemos ter os mesmos problemas que se verifica com os recursos tradicionais. Para Ferreira (2004), quando se dá um uso tradicional a tais recursos, empregando-os: "Desta maneira, não se constituem necessariamente em materiais menos positivistas, factuais e ideológicos do que os livros didáticos e, portanto, não contribuem para a melhoria do processo pedagógico." (Ferreira, 2004, p. 129)

Com ênfase na importância da indústria cultural, e no seu papel como promotora de alguns aspetos da cultura em detrimento de outros, vamos enfocar os livros produzidos por jornalistas, com temática histórica, que são bem aceitos pelos leitores comuns e recebem muitas críticas dos historiadores, sobre este tema Abud (2000), opina:

> "Acho que podem e devem ser usados como textos de apoio em aula. Mas cabe aos professores fazer a análise crítica de como a história é contada por eles. As fofocas que Bueno traz à tona nos livros não têm nenhuma finalidade historiográfica — mas todo mundo adora lê-las. Então, seus livros podem, sim, despertar o aluno para a leitura. Acho que os professores devem utilizar livros que estão na média, que têm repercussão e discuti-los. O diálogo é fundamental no ensino de história." (Abud, 2000, entrevista)

Pensamos que é fácil perceber, que a educação se tornou um grande empreendimento econômico, para além das instituições de ensino privadas, e com um grande potencial de crescimento pela frente, levando-se em conta apenas os produtos educacionais e gerenciais, postos no mercado pelas organizações que se dedicam a esse ramo comercial. Tanto indivíduos quanto empresas vão até as escolas e apresentam para gestores, pais, professores e alunos, o que poderíamos chamar de soluções de aprendizado, entre outras. Zeichner & Diniz-Pereira (2005), abordando tal prática, explicitam: "Há também muitas pessoas e instituições ganhando muito dinheiro com a venda de *Kits* educacionais – muitas vezes rotulados como "construtivistas" ou o

que estiver mais em moda no momento." (Zeichner & Diniz-Pereira, 2005, p. 67, grifos dos autores)

Dando continuidade ao debate sobre o livro didático, Abud (2000), pondera que é preciso levar em conta que sua finalidade é apoiar o professor e não lhe servir de muleta, ou muitas vezes, e infelizmente é isso que acontece, ser o único recurso do qual o educador se vale para realizar o seu trabalho, quando vários outros meios estão disponíveis para lhe dar apoio nesse percurso. Ela enfatiza:

> "É claro que eles não vão deixar de existir. São um apoio fundamental para a maioria dos professores — com honrosas exceções. O problema é que a maioria dos didáticos de história do Brasil são concebidos para alunos de 11 a 15 anos — e não convencem adultos. As aulas de história se tornaram, em geral, muito burocratizadas. O professor que não é preparado, em vez de utilizar o livro didático como apoio, é utilizado por ele. Não ousa abrir horizontes para outros textos ou materiais. Esse professor pode estragar o melhor didático. (Abud, 2000, entrevista)

Dando continuidade à reflexão acima, Abud (2000), diz que há excelentes publicações e o seu uso deve ser incentivado, obviamente de forma criteriosa e com bom senso. Ela afirma: "Quase todas elas trazem análises críticas do nosso processo histórico, com ênfase nos conflitos étnicos — que negam as conceções históricas pessoais, das aventuras e desventuras dos personagens famosos enfocados nos livros de Bueno." (Abud, 2000, entrevista)

Aproveitando as reflexões de (Abud, 2000), podemos dizer que o professor pode contar atualmente com repositórios de livros clássicos que foram digitalizados e estão disponíveis gratuitamente em sítios na rede mundial de computadores, como por exemplo a Biblioteca Brasiliana[7], os quais podem contribuir no aprimoramento do trabalho docente.

O professor se vê às voltas com o mercado editorial lhe pressionado para escolher seus materiais, ao mesmo tempo que sabe de outras fontes de apoio didático e de recursos educacionais disponíveis, também no âmbito tecnológico. Saber tomar as decisões mais eficazes do ponto de vista pedagógico, sobre qual recurso é o mais adequado para determinada situação didática, é um dos grandes desafios que o mesmo tem para superar.

[7]A Biblioteca Brasiliana da USP, foi formada pela doação do acervo do bibliófilo José Mindlin e sua esposa Guita, conta com um acervo digital que vem sendo ampliado constantemente, a mesma está disponível em: http://www.bbm.usp.br/

4.3. O ENSINO DE HISTÓRIA, ENTRE UTOPIAS POLÍTICO EDUCACIONAIS E A MEMÓRIA E IDENTIDADE

O indivíduo formado em História, já durante os estudos de licenciatura, se sente imbuído de um sentimento de missão para com a sociedade, sente que seu trabalho tem um propósito maior, não apenas com a missão de preservar o conhecimento do passado, mais de explicar o presente, e querer garantir que antigos erros não sejam cometidos novamente. Pacievitch, analisa esse sentimento:

> "As teses mais recentes dedicam menor espaço para discutir as utopias políticas e educacionais, mas atentam para as relações entre as Políticas Públicas e a formação docente. Os autores temem que, por confundir militância política com compromisso profissional, os professores estipulem objetivos que não podem realizar e deixem de lado o que é, efetivamente, sua tarefa: ministrar aulas atraentes e significativas. De maneira geral, a crença dos acadêmicos aqui expostos é que pitadas de utopia e militância são desejáveis, mas o objetivo maior é o compromisso com o aperfeiçoamento intelectual dos alunos." (Pacievitch, 2012, p. 83)

A própria matéria com a qual o professor trabalha, o conhecimento, tem um uso político e social muito intenso, então não é possível que não estejam muito presentes no trabalho docente, tanto as utopias, quanto os interesses políticos que permeiam a educação. Mesmo que se tente filtrar, o saber e a política caminham juntos. Forquin (1993), diz: "E pode-se mesmo chegar até a dizer que certos conhecimentos, mesmo "objetivos" são "objetivamente" mais capazes do que outros de dar justificações para certas formas de ação coletiva ou apoios a certos tipos de afirmação ideológica." (Forquin, 1993, p. 153, grifos do autor)

Assim pensamos que trazer o passado para o presente, facilitando aos educandos a depreensão das consequências de tais fatos em suas vidas, de forma reflexiva, é tornar a utopia política concreta no fazer diário do professor. Ferreira (2004), a respeito desse professor, enfatiza: "E que tenha também a capacidade de transmitir e construir com os alunos a compreensão da relação existente entre fatos passado e momentos presentes, e suas implicações sócio culturais." (Ferreira, 2004, p. 130)

Uma forma de tornar efetiva a aquisição de conhecimento e as reflexões políticas, pode se dar através de visitas a instituições de memória como os Arquivos e Museus, como exemplo, podemos citar o Arquivo Público de Pernambuco, que em seu setor de documentos especializados, guarda a documentação do DOPS[8], compreendendo a mesma, a Era Vargas (1930 a 1945) e a Ditadura Civil Militar (1964 a 1985). Outra forma, pode-se dar através da pesquisa-

[8]Departamento de Ordem Política e Social. Órgão da Secretaria de Segurança Pública, em cada Estado do Brasil, responsável por investigar e reprimir, à margem da lei, os adversários do Governo Federal vigente, quer fossem indivíduos ou instituições.

ação, onde o professor e os alunos podem, por exemplo, estudar a realidade da comunidade onde está localizada a escola, buscando entender sua trajetória histórica e as condições sociais ali vividas, bem como, propor formas de superar adversidades encontradas no local. Zeichner & Diniz-Pereira (2005), argumentam: "Os professores não necessariamente precisam deixar a sala de aula para conectar as suas pesquisas com a luta por igualdade educacional e justiça social. " (Zeichner & Diniz-Pereira, 2005, p. 73)

Um professor que preencha as expectativas de uma sociedade, na qual se deseja, que os educandos recebam uma formação ao mesmo tempo cientifica e humanista, deve buscar em sua preparação para a atividade docente uma conduta de constante envolvimento com a reflexão e a pesquisa, e em consonância com a realidade escolar, realizar uma prática, que seja espelho da boa formação que o mesmo perseguiu em sua vida acadêmica. Pacievitch (2012), nos dá algumas características desse profissional quando diz:

> "Para alcançar este professor ideal, a esperança estaria na formação. Ela precisa construir hábitos de reflexividade e pesquisa, para interpretar a realidade escolar e adaptar-se à suas especificidades. Este mesmo aspeto, como visto, também aparece nas teses defendidas em Barcelona. Predomina, entre os autores paulistas, a valorização do Estágio Supervisionado e a solidez dos estudos científicos em historiografia, teoria da História, Psicologia e disciplinas ligadas à Prática de Ensino – por vezes (raras), à Didática da História." (Pacievitch, 2012, p. 83)

O professor, adotando uma postura de bom senso, deve buscar um fazer da prática que seja conciliador entre as suas utopias políticas e educacionais, e o seu trabalho com o desenvolvimento escolar dos seus alunos.

Outro ponto relevante sobre o ensino de história, diz respeito à memória e à identidade das sociedades e isso se liga ao contexto da globalização, onde de um lado há a necessidade de não se isolar de uma cultura dita global, por outro lado há o medo de se perder os valores locais, gerando dessa forma uma série de dúvidas e receios, tanto para aceitação de novos padrões culturais, quanto para manutenção daqueles que são específicos de cada sociedade. Sobre esse tema, Boschi (2007), nos coloca a seguinte reflexão:

> "Nestes tempos de globalização, a história é uma ferramenta indispensável para nos ajudar a entender como surgem e se expressão os valores locais, regionais e nacionais. É o que se chama, usando uma expressão técnica, de estudo das identidades. Por meio da História coletamos dados e informações que reforçam nossa ligação com determinados grupos, ao mesmo tempo que desenvolvemos uma reflexão crítica sobre eles." (Boschi, 2007, p. 59)

É igualmente importante ter claro que tanto em comunidades locais quanto em sociedades globalizadas, a manipulação das memórias e das identidades é usada como uma forma de controlo social, esta situação faz com que os estudos históricos sobre as sociedades, seja uma

barreira eficaz contra tal intento. A esse respeito sentencia Le Goff (1990): "Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas." (Le Goff, 1990, p. 422)

Por isso o ensino de História, enquanto suporte à construção da memória e da identidade de uma nação, deve estar atento e lutar contra imposições totalitárias, uma vez que a diversidade, nas suas mais variadas representações é a base de todo o conjunto social, a qual precisa ter garantida a sua representatividade de forma institucional. Sobre isso afirma Reis (1999): "Disto se conclui que aquilo que deve ser colocado sob suspeita, negado e combatido, é um nacionalismo e uma identidade nacional gestados e geridos pelo Estado, privilegiando, de modo autoritário, a unidade e a homogeneidade cultural em detrimento da diversidade." (Reis, 1999, p. 106)

Nossa diversidade cultural, que se expressa através dos povos ameríndios, africanos e português, nos torna inegavelmente mais ricos, e em certa medida, abertos a compreensão do outro, distinto de nós, em suas formas de ser e se colocar na vida, o que vem e segue com ele, enquanto memória viva de seus antepassados, tanto quanto em nós, por nossas próprias heranças. Assim, Barros (1999), sintetiza: "Ou seja, a cultura é ponto de onde se avista e se constitui a realidade; é condição para a construção da história e da memória de um povo e, portanto, formadora de sua identidade." (Barros, 1999, p. 32)

A memória que nos dá identidade está em inúmeros suportes, como na História oral, a mente com suas lembranças, nos arquivos, com a documentação produzida ou acumulada por pessoas físicas ou jurídicas e no meio digital, dentre outros. Dessa forma, a base na qual está contida a informação, passa a ter relevância para a produção do conhecimento histórico e preservação memorial e identitária, tanto para o local, como para o global. Segundo Guimarães (2011): "Nesse movimento, a discussão em torno dos suportes da memória adquiriu igualmente enorme centralidade, alargando por essa via os horizontes da interrogação historiográfica." (Guimarães, 2011, p. 44)

O meio digital, nesse momento da nossa História, parece ampliar significativamente as possibilidades de se compartilhar o conhecimento local, bem como, acessar um saber distante física e culturalmente, apesar dos riscos contidos em tal meio, como certificar a informação por exemplo. Ferreira (2004), afirma: "A interatividade cria um novo modelo de comunicação, com cidadãos ativos e intervenientes, que interagem diretamente com a fonte de informação e que são eles próprios fontes de informação." (Ferreira, 2004, p. 145)

Ampliando o debate sobre a História, como veículo de definição de pertencimento do indivíduo a uma sociedade, é oportuno também, tratar da História enquanto visão do outro, do

estranho ao grupo, hoje se buscando aceitá-lo e compreendê-lo, com o objetivo de convívio em harmonia, e não o retratar como o que deve ser aculturado ou destruído pelo simples fato de ser diferente e possuir costumes diversos aos nossos. Boschi (2007), sobre esse ponto diz:

> "Alteridade não é somente ver o outro, mas percebê-lo no que ele tem de diferente em relação a mim. Mais que isso: é compreendê-lo e, se não for possível integrá-lo ao nosso universo, pelo menos aceitá-lo como ele é, sem uma postura de superioridade." (Boschi, 2007, p. 63)

Apesar de concordar com a reflexão acima, vivemos em um mundo cada vez mais interligado, amplia-se nele a exploração em suas mais variadas faces, assim como, a descaracterização do outro, ao qual se nega a sua identidade e memória, para poder subtrair-lhe direitos. O desenvolvimento de pesquisas sobre grupos sociais é fundamental para a preservação de sua individualização, cultura e propriedades. Zeichner & Diniz-Pereira (2005), argumentam que, para isso ser garantido: "Precisamos também reforçar nossos laços com os movimentos sociais de massa que trabalham para a promoção da justiça social, econômica e política no planeta." (Zeichner & Diniz-Pereira, 2005, p. 77)

Ao capital não interessa que haja unidade entre grupos e indivíduos que defendam interesses coletivos, que estejam respaldados em pesquisas que garantam a identidade e pertencimento a uma coletividade e memória, tentam quebrar esses elos, quando lhes é favorável, para mais facilmente impor seus interesses. Peixoto (2009), afirma: "A lógica do capital, em qualquer etapa do seu desenvolvimento, sempre foi dispersiva, atomizada e individualista, construindo na prática mais uma anti sociedade do que uma sociedade." (Peixoto, 2009, p. 41)

Não é só em relação ao social que o capital causa desagregação, essa também se dá, no campo da construção de uma identidade profissional, posto que, em busca do lucro o mesmo se desloca pelo globo, levando consigo empregos e profissões e uns poucos que podem se deslocar junto com o empreendimento, para a maioria dos trabalhadores sobra a perda de seu referencial econômico. Em relação às dificuldades da identificação profissional, Ciampi (2013), destaca: "A volubilidade das ocupações faz que as profissões e os empregos, ao mudarem com rapidez, deixem de ser referências seguras para alcançar e manter a identidade." (Ciampi, 2013, p. 111)

Por outro lado, destruir a memória e a identidade de nações, grupos, indivíduos e profissionais é uma tarefa que pode se mostrar custosa, posto que as mesmas, intimamente, fazem significar a nós mesmos no mundo, mantemos viva a nossa cultura, tanto de maneira formal, quanto entre os indivíduos. De forma imperiosa, Lopes diz: "E a identidade é indomável, não porque resista, mas porque sendo resiste sem o saber, refratando as injunções pelas suas interpretações e condições." (Lopes, 2012, p. 20)

Dessa forma, entre outros aspetos, como defendido pelos teóricos acima, os estudos e o ensino da História protegem os grupos sociais, lhes garantindo direitos ao lançarem luz sobre suas memórias e identidades, contra outros que lhes tentam tornar invisíveis.

PARTE II

CAPÍTULO V.
ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS ATRAVÉS DO INSTRUMENTO QUALITATIVO

Realizamos as entrevistas, conforme acerto anterior com os professores e uma formadora de professores, em dias e horários convenientes para os mesmos. Antes de iniciarmos buscamos criar um clima de tranquilidade e respeito, através de uma conversa informal sobre o universo da pesquisa, o que no entendimento de Richardson (1999) e Minayo (2013), torna o momento mais produtivo. Utilizamos o guião da entrevista semiestruturada como recurso metodológico, e para registro da mesma, o gravador de áudio.

O conjunto das formações discursivas produzidas neste trabalho, são fruto da produção de discurso de 15 (quinze) professores de História, que ao concederem a entrevista, tornaram as mesmas, fonte importante de informação nesta pesquisa, bem como, dos comentários realizados pela formadora de professores sobre os resultados da mesma.

Os discursos foram organizados em 6 (seis) Formações Discursivas (FD):

FD – Condição social do entrevistado no início da graduação;

FD – Formação inicial do Professor de História;

FD – Competências e Saberes do professor de História;

FD – O currículo de História na formação do professor;

FD – A prática docente no ensino de História;

FD – Avaliação do professor de História sobre sua profissão;

O resultado das formações discursivas acima, foram comentadas por uma formadora de professores de uma Universidade Federal do Brasil, a qual valorizou esta pesquisa com suas reflexões.

5.1.1. Identificação do entrevistado

No início de cada entrevista, junto aos 15 (quinze) professores de História, sujeitos presentes neste estudo, colhemos um conjunto de informações que traçam um breve perfil de cada professor, são elas: gênero; naturalidade; data de nascimento; formação; ano de início da graduação; tempo de magistério; níveis ou modalidades de ensino em que mais atuou.

Como garantia do anonimato, os professores serão identificados por um "P" e um número arábico, que corresponde a ordem em que foram colhidas as entrevistas.

Quadro 3. Tabulação dos dados da identificação dos professores de História entrevistados na pesquisa

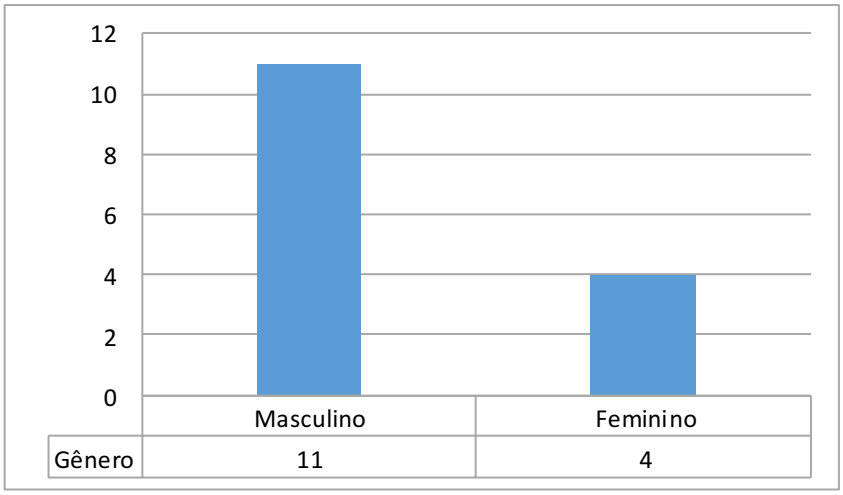
Professor	Gênero	Naturalidade	Data de nascimento	Formação	Ano de início da graduação	Tempo de magistério	Níveis ou modalidades de ensino em que mais atuou
P1	Masculino	Paulista/PE.	06/12/1980	Licenciatura plena em história	1999	14 anos	Ensino Fundamental 2 e médio
P2	Feminino	Jaboatão dos Guararapes/PE.	03/08/1976	Licenciatura plena em história	2000	14 anos	Ensino Médio
P3	Masculino	Recife/PE.	06/11/1971	Licenciatura plena em história	1999	9 anos	Ensino Fundamental 2 e médio
P4	Masculino	Recife/PE.	13/10/1977	Licenciatura plena em história	1998	14 anos	Ensino Fundamental 2
P5	Masculino	Recife/PE.	25/10/1973	Licenciatura plena em história	1996	16 anos	Ensino Fundamental 2
P6	Feminino	Recife/PE.	01/04/1976	Licenciatura plena em história	1997	14 anos	Ensino Fundamental 2 e médio
P7	Masculino	Recife/PE.	15/06/1964	Licenciatura plena em história	1986	25 anos	Ensino Médio
P8	Masculino	Recife/PE.	01/06/1976	Licenciatura plena em história	1997	11 anos	Ensino Médio
P9	Masculino	Taguatinga/DF.	28/09/1983	Licenciatura plena em história	2004	9 anos	Ensino Fundamental 2
P10	Masculino	Recife/PE.	06/05/1976	Licenciatura plena em história	2000	5 anos e 11 meses	Ensino Médio
P11	Masculino	Olinda/PE.	30/09/1978	Licenciatura plena em história	1996	20 anos	Ensino Médio
P12	Masculino	Recife/PE.	02/02/1972	Licenciatura plena em história	1997	13 anos	Ensino Médio
P13	Feminino	Recife/PE.	20/11/1967	Licenciatura plena em história	1994	10 anos	Projetos de correção de escolaridade no Ensino Médio
P14	Feminino	Flores/PE.	22/09/1971	Licenciatura plena em história	1995	10 anos	Ensino Fundamental 2 e Ensino Médio
P15	Masculino	Jaboatão dos Guararapes/PE.	04/05/1978	Licenciatura plena em história	1997	10 anos	Ensino Fundamental 2

Fonte: Entrevista realizada em 2014.

5.1.1.1. Análise dos dados do quadro 3

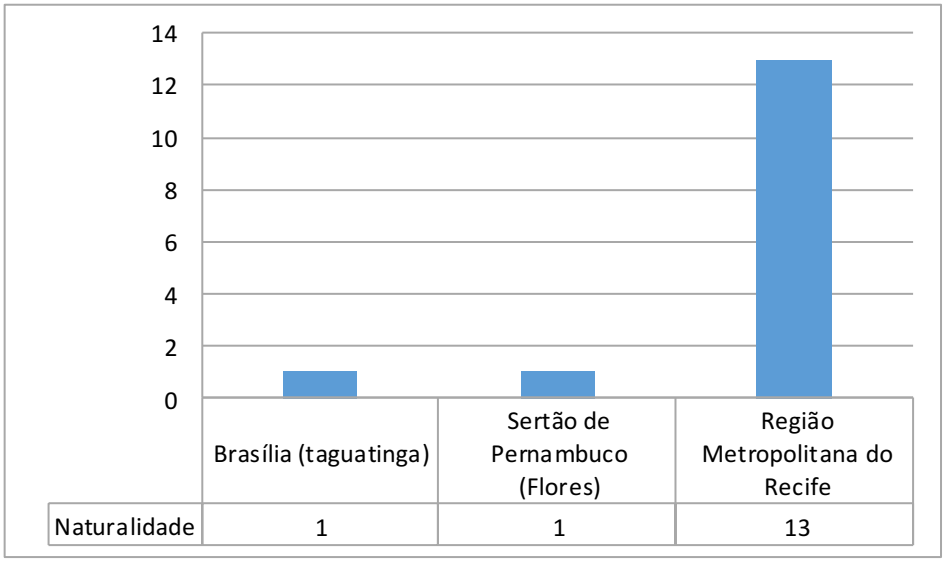
Quanto ao gênero: dos 15 (quinze) professores participantes, 11 (onze) são homens e 4 (quatro) são mulheres. O que no grupo entrevistado, mostrou a presença masculina no ensino da disciplina de História, como sendo mais acentuada.

Gráfico 1. Divisão dos professores entrevistados por género



Quanto a naturalidade: dos 15 (quinze) professores participantes, 13 (treze) são da região metropolitana do Recife, 1 (um) do Sertão de Pernambuco, município de Flores e o outro da Cidade de Taguatinga no Distrito Federal, administrada por Brasília. O que demonstrou, que dentro do grupo entrevistado, poucos se afastaram de seu local de origem.

Gráfico 2. Divisão dos professores entrevistados por naturalidade



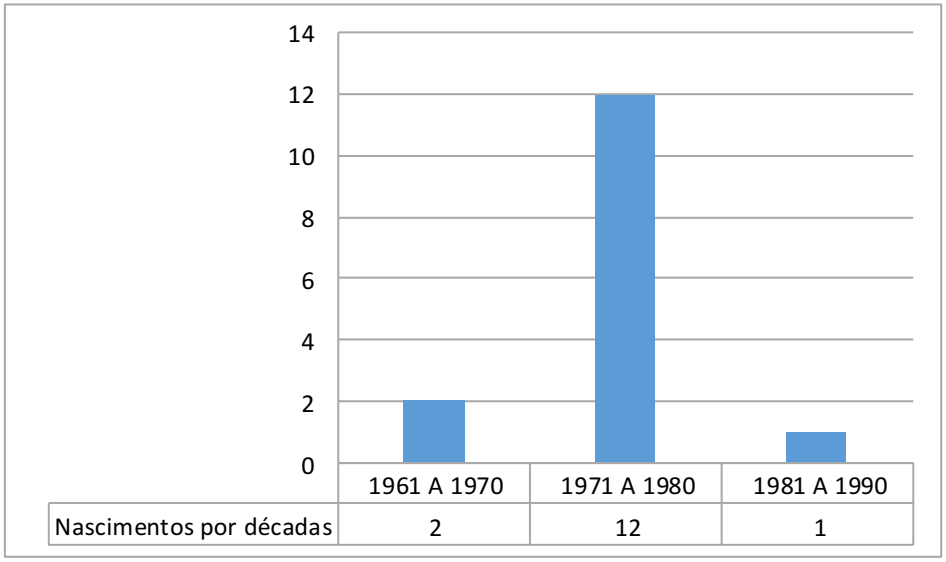
Quanto à data de nascimento: dos 15 (quinze) professores participantes, 2 (dois) nasceram na década de 1961 a 1970, 12 (doze) nasceram ao longo da década de 1971 a 1980, e

apenas 1 (um) na década de 1981 a 1990. Esses dados nos mostram que o maior contingente do grupo de entrevistados, está concentrado, quanto ao seu nascimento, em um mesmo espaço de tempo, tendo nascido durante a vigência do regime civil militar que perdurou de 1964 a 1985. Com forte influência no modelo educacional, a esse respeito Silveira (2008), diz:

> "Foi sendo massificada a ideia de que as disciplinas de humanas e, em especial, a disciplina de História eram apenas uma eterna rotina de decoração (no popular: "decoreba"), que até os dias atuais ainda aparece em muitas aulas e no discurso popular. Portanto, serviram aos interesses do regime que ora se articulava." (Silveira, 2008, p. 83)

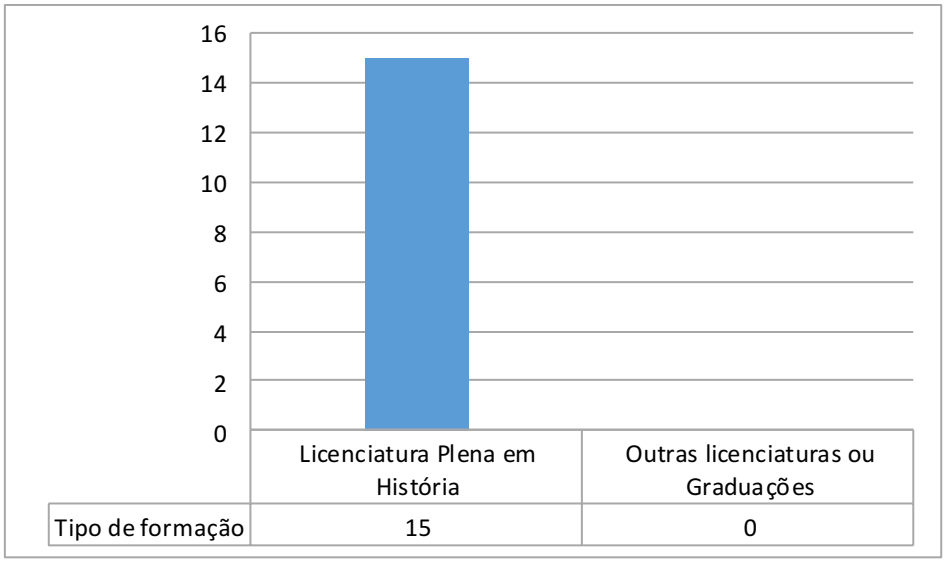
Portanto, vivenciaram um modelo de educação que não estimulava uma análise crítica dos fatos, mas uma assimilação via repetição de ideias, conceitos e valores que ensejavam a aceitação do estado de coisas, que naquele momento, era vivido.

Gráfico 3. Divisão dos professores entrevistados por década de nascimento



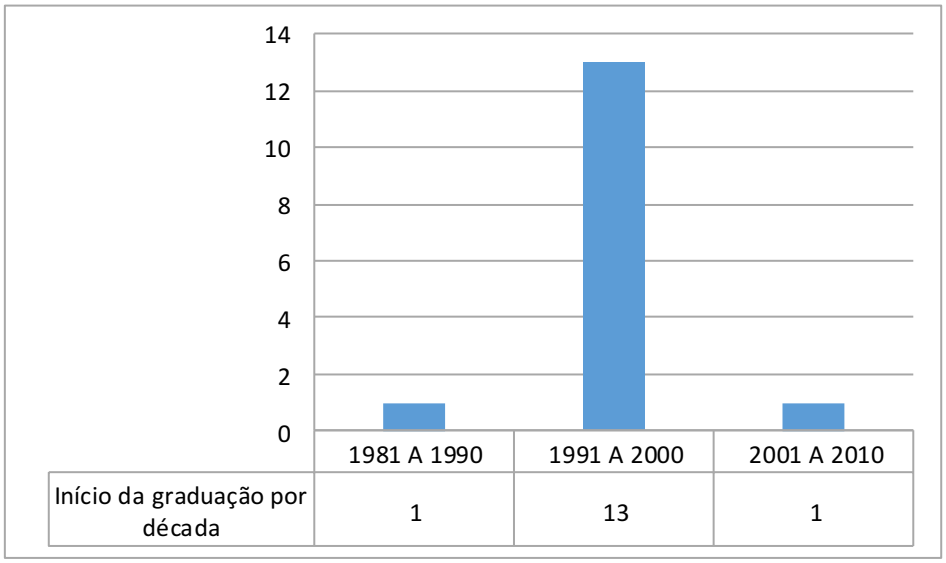
Quanto a formação inicial: dos 15 (quinze) professores participantes, todos possuem Licenciatura Plena em História. O que mostra que no grupo entrevistado, não houve o aproveitamento de profissionais com outros tipos de formação.

Gráfico 4. Divisão dos professores entrevistados por tipo de formação



Quanto ao ano de início da graduação: dos 15 (quinze) professores participantes, 1 (um) iniciou seus estudos na década de 1981 a 1990, 13 (treze) na década de 1991 a 2000, e o outro na década de 2001 a 2010. Esses dados, também mostram a concentração da maior parte dos entrevistados, em relação ao início da graduação, em um mesmo recorte temporal, menos de dez anos após a redemocratização do Brasil, ocorrida em 1985.

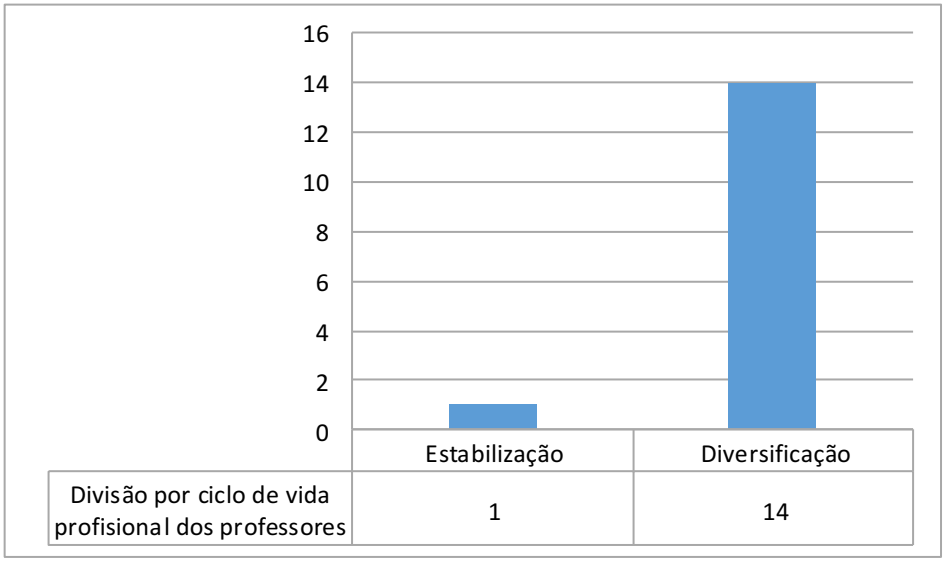
Gráfico 5. Divisão dos professores entrevistados por década de início da graduação



Quanto ao tempo de magistério: dos 15 (quinze) professores participantes, 1 (um) está em uma faixa que vai de 4 (quatro) a 6 (seis) anos de exercício do magistério, e 14 (quatorze) estão em uma faixa que vai de 7 (sete) a 25 (vinte e cinco) anos de exercício do magistério. O que, pelos estudos de Huberman (1992), sobre o ciclo de vida profissional dos professores, enquadraria o docente situado na primeira faixa em uma situação de estabilização e consolidação

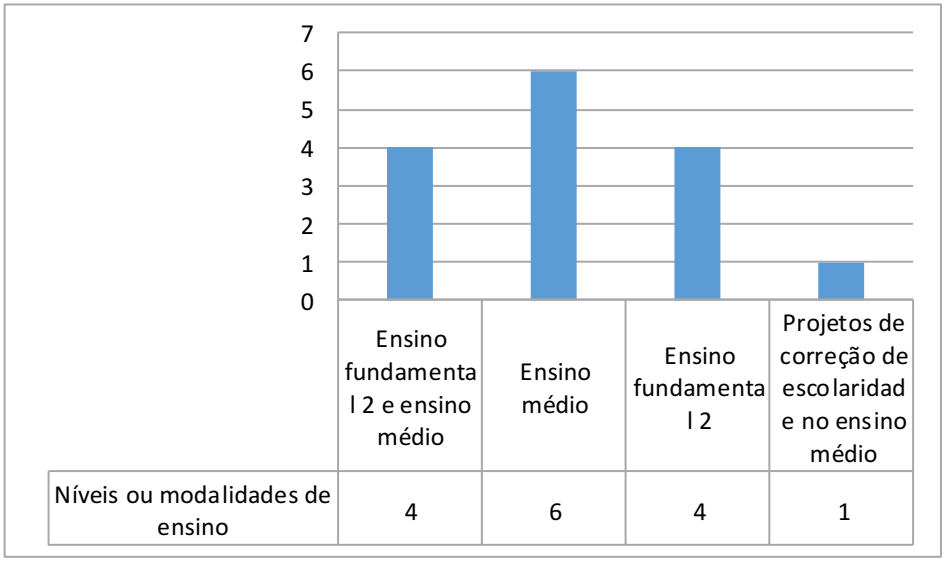
de um reportório pedagógico. E os docentes da segunda faixa, estariam vivendo um momento de diversificação, que se caracteriza pela busca da melhoria do seu fazer docente, e ao mesmo tempo, podem questionar-se, quanto aos rumos da sua vida e profissão.

Gráfico 6. Divisão dos professores entrevistados por ciclo de vida profissional



Quanto aos níveis ou modalidades de ensino em que mais os professores atuaram: dos 15 (quinze) professores participantes, 4 (quatro) no Ensino Fundamental 2 e Ensino Médio, 6 (seis) no Ensino Médio, 4 (quatro) no Ensino Fundamental 2 e 1 (um) em Projetos de correção de escolaridade no Ensino Médio. Os dados mostram a atuação no Ensino Médio como mais destacada entre os entrevistados.

Gráfico 7. Divisão dos professores entrevistados por níveis ou modalidades de ensino, na qual se atuou por mais tempo.



5.1.2. Formação Discursiva (FD) - Condição social do entrevistado no início da graduação

Os Professores têm uma origem social e econômica, e sua ação enquanto docente é fortemente influenciada por essas condições, assim pensamos, serem esses fatores importantes nas relações que se constroem com o alunado, e na prática dos mesmos em relação a disciplina que ensina. Sacristán (1999), abordando esse tema diz: "O ensino é uma prática social, não só porque se concretiza na interação entre professores e alunos, mas também porque estes atores refletem a cultura e contextos sociais a que pertencem" (Sacristán, 1999, p. 66).

Como questionamento de abertura, perguntamos aos professores sobre o que motivou a escolha pela profissão, e a sua condição socioeconômica no começo de sua formação inicial. As respostas podem nos ajudar a compreender suas origens sociais, e que influências podem ter em seu fazer docente.

Os Excertos dos Depoimentos (ED) de P1, P3, P5, P6, P9, P11, estão presentes no Quadro 4. A sigla ED, quando presente no texto, corresponde aos trechos das entrevistas que foram selecionados para fundamentar a análise, em relação às respostas dadas aos questionamentos que compõem o presente estudo.

Quadro 4. Apresentação de ED dos professores, agrupados na FD "Condição social"

FD: Condição social do entrevistado no início da graduação	
Identificação do Professor	**Excerto de Depoimento (ED)**
P1	"Semelhante à de hoje, classe média baixa, tinha uma situação privilegiada, não precisava trabalhar, então pude-me dedicar somente aos estudos, pelo menos no momento do ensino médio, mas desde que entrei na faculdade já comecei, pelo menos desde que foi permitido, no terceiro período, já comecei a estagiar e a ter essa experiência em sala de aula".
P3	"Eu tinha uma boa condição de vida, estava trabalhando na época, eu conseguia-me manter, era classe média, como hoje em dia, como a gente é".
P5	"Por influência familiar, minha mãe é professora".
P6	"Foi uma pergunta muita boa! No meu caso eu escolhi pela beleza da profissão. Então para mim realmente o magistério foi uma escolha".
P9	"...eu entrei nesse curso de licenciatura, sinceramente por falta de opção. Na cidade que eu morava, no entorno de Brasília, Estado de Goiás, tinha uma Universidade, um Pólo rumo à Universidade Estadual. E nesse Pólo só havia curso de Licenciatura".
P11	"Bem, eu não saberia definir exatamente, não, longe de classe média, eu colocaria como pobre, mas com momentos mais difíceis, momentos menos difíceis, mas classe pobre mesmo, até porque minha mãe teve que me criar sozinha, com muito esforço para poder ajudar a terminar os estudos, porque embora aluno de escola pública e de universidade pública, mas as despesas com passagem, com alimentação, com livros, com vestuário, enfim".

Fonte: Entrevista realizada em 2014.

A escolha da profissão, como se pode ver, se deu por vários motivos, onde a influência dos parentes, a identificação com a docência e a falta de opção profissional, foram as situações mais citadas. Sobre sua escolha **P5** diz: "Por influência familiar, minha mãe é professora." Já em **P6**, vamos ter a seguinte resposta: "Foi uma pergunta muita boa! No meu caso eu escolhi pela

beleza da profissão. Então para mim realmente, o magistério foi uma escolha." Mas também vamos ter o caso em que **P9**, relata: "...eu entrei nesse curso de licenciatura, sinceramente por falta de opção. Na cidade que eu morava, no entorno de Brasília, Estado de Goiás, tinha uma Universidade, um Pólo rumo à Universidade Estadual. E nesse Pólo só havia curso de Licenciatura".

Então, o que efetivamente, realiza esses profissionais? O que os motiva a assumirem uma profissão cujas condições, de uma forma geral, são tão adversas? A resposta pode estar nas utopias político educacionais, bem como no desejo, por parte dos docentes, de desenvolvimento intelectual dos seus educandos. Pacievitch (2012), compartilha seu entendimento sobre o pensamento acadêmico, ao dizer: "De maneira geral, a crença dos acadêmicos aqui expostos é que pitadas de utopias e militância são desejáveis, mas o objetivo maior é o compromisso com o aperfeiçoamento intelectual dos alunos." (Pacievitch, 2012, p. 83). No nosso entendimento, é o sentimento de missão educacional e política, que anima e motiva os professores de História, no ingresso e permanência na profissão.

Ao analisarmos as respostas dadas pelos professores, no que diz respeito a como os mesmos se decidiram pela carreira, podemos concluir, que eles consideram que sua escolha é fundamentada no gostar da docência, o que é visto no depoimento de 11 docentes. A influência familiar foi a motivação para 2 educadores. Por outro lado, a falta de opção também foi elencada como motivo da escolha, por outros 2.

Para **F**: "Em relação aos seus resultados, eu vejo como positivo o fato de no depoimento de seus professores...a escolha é porque gostam da docência."

A maioria dos professores entrevistados assume a docência como escolha, o gostar da profissão, a identificação com a finalidade da mesma. Não são levados em conta os baixos salários, as condições de trabalho desfavoráveis, a desvalorização e a falta de reconhecimento da sociedade. Mesmo tendo ciência dessa realidade adversa, são educadores por escolha.

Com relação à condição social e econômica na época do ingresso na graduação, a perceção mais recorrente, expressa pelos mesmos, é a de pertencerem à classe pobre, média baixa e média[9]. Sobre como era sua condição, **P11** diz: "Bem, eu não saberia definir exatamente. Não. Longe de classe média, eu colocaria como pobre, mas com momentos mais difíceis, momentos menos difíceis, mas classe pobre mesmo, até porque minha mãe teve que me criar sozinha, com

[9]O que equivaleria as Classes E com rendimentos entre R$ 0,00 e R$ 1.254,00, D com rendimentos entre R$ 1.255,00 e R$ 2.004,00 e C com rendimentos entre R$ 2.005,00 e R$ 8.640,00 por família, conforme micro dados da PNAD e POF/IBGE. Fonte: Assuntos Estratégicos: Social e renda - A Classe Média Brasileira / Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. – nº 1 (nov. 2014) – Brasília. Disponível em - http://www.sae.gov.br/category/documentos/?info=documento. Acedido em 24 de junho de 2015. www.sae.gov.br

muito esforço para poder ajudar a terminar os estudos, porque embora, aluno de escola pública e de universidade pública, mais as despesas com passagem, com alimentação, com livros, com vestuário, enfim." Nesta fala, se vê claramente que mesmo estudando em instituições públicas e gratuitas, as demais despesas eram um peso a ser superado na sua formação inicial, associada à peculiaridade da sua condição familiar, onde a mãe era a única provedora.

Por outro lado, vamos ter a fala de **P1**: "Semelhante à de hoje, classe média baixa, tinha uma situação privilegiada, não precisava trabalhar, então pude-me dedicar somente aos estudos, pelo menos no momento do ensino médio, mas desde que entrei na faculdade já comecei, pelo menos desde que foi permitido, no terceiro período, já comecei a estagiar e a ter essa experiência em sala de aula." Mesmo vendo a sua condição como privilegiada, durante o ensino médio, tão logo foi possível buscou se inserir na atividade profissional. Destaca a permanência da condição econômica, ou seja, a profissão não lhe trouxe ascensão.

Vejamos também o que diz **P3**: "Eu tinha uma boa condição de vida, estava trabalhando na época, eu conseguia-me manter, era classe média, como hoje em dia, como a gente é." O que podemos destacar é que ao mesmo tempo em que estudava, tinha uma atividade laboral, e após concluir o curso e começar a lecionar, também não houve mudança na sua situação social. Ao refletir sobre o trabalho do professor e a escola de massa, Lelis (2001), toca na questão das desigualdades sociais, e nós entendemos que o docente, de forma pessoal, também é alcançado por essa situação. Ela diz:

> Em que pese a fertilidade da produção acadêmica há, contudo, zonas de sombra que precisam ser desvendadas, se considerarmos os desafios de uma escola de massa e o lugar que nela desempenha o trabalho do professor, especialmente em sociedades como a nossa que não equacionaram o problema da desigualdade social e escolar. (Lelis, 2001, p. 43)

Pode-se perceber que há uma origem social muito próxima interligando o grupo entrevistado, que oscila entre a pobreza e a classe média, posto que os mesmos se reconhecem da seguinte forma: P2, P9, P11 como pobres, P1, P4, P8, P10 e P13 como classe média baixa e P3 e P15 como classe média. Os P5, P6, P7, P12 e P14 podem ser percebidos nesses grupos, através de suas falas, com certa facilidade.

Esta origem social, longe de ser vista como um aspeto negativo pode em certa medida, facilitar o trabalho do docente na sua compreensão dos dramas sociais, pelos quais passa seu alunado, pois a realidade dos mesmos não é tão distante da vivida pelo próprio professor, em seu percurso de estudante nos ensinos fundamental e médio. A partir do conhecimento dessa

condição, o educador, pode buscar promover a superação dos obstáculos, para a depreensão do conhecimento por parte de seus educandos.

Por outro lado, indica que as pessoas que são atraídas para a carreira do magistério, não têm suas origens nas classes sociais mais abastadas, até mesmo nos estamentos de onde normalmente provinham os professores, tem-se verificado uma acentuada diminuição na busca por essa profissão, essa situação é fruto da desvalorização vivenciada pela categoria. Na análise de Duarte & Oliveira (2014): "Salário, carreira e formação, para a CNTE e demais instituições representativas da categoria, são elementos essenciais que devem ser abordados nas políticas de valorização docente para que se tornem efetivas" (Duarte & Oliveira, 2014, p. 233).

Dessa forma, tornar atrativa a profissão para os jovens, e em especial os das classes ricas, passa necessariamente, pela efetiva valorização da docência nos seus mais variados aspetos. Incluindo-se uma formação que venha atender às demandas do conjunto da sociedade, bem como, o reconhecimento da dedicação profissional nas redes e instituições de ensino através do progresso em um plano de cargos e carreiras.

Podemos concluir, que os professores consideram que sua condição socioeconômica no início de sua formação inicial, era de pobreza, o que é visto nos depoimentos de 6 docentes. Classe média baixa, isto é visto em 5 educadores. E 4 se reconhecem como classe média.

Para **F**: "Pierre Bourdieu trabalha com essa conceção, de que a escolha da profissão é muito determinada pela condição econômica, pela distinção social entre os sujeitos".

5.1.3. Formação Discursiva (FD) - Formação inicial do professor de História

A formação inicial do professor de História, é a um só tempo, um momento de apreensão e experimentação de conhecimentos, visando a sua futura atividade em sala de aula, que vai requerer do mesmo, uma sólida base de conhecimentos acadêmicos e pedagógicos em equivalência de importância para o seu trabalho de educador. A respeito dos debates sobre esse tema na Europa, Oliveira & Freitas (2003), dizem: "Compreendemos, então, por que alguns pesquisadores têm afirmado que um dos maiores desafios das organizações e dos gestores da formação inicial de professores de história da Europa seria, exatamente, equilibrar competências acadêmicas e competências práticas no mesmo currículo." (Oliveira & Freitas, 2003, p. 136). É importante salientar que tais desafios também encontram eco em nossa realidade.

Quanto a sua formação inicial, os professores foram questionados sobre como avaliam a mesma. A partir de suas respostas, com base em suas experiências profissionais, podemos refletir sobre o quanto a graduação foi efetiva para eles.

Os Excertos dos Depoimentos (ED) de P1, P5, P9, P11, P12 e P14 estão presentes no Quadro 5. A sigla ED, quando presente no texto, corresponde aos trechos das entrevistas que foram selecionados para fundamentar a análise, em relação às respostas dadas aos questionamentos que compõem o presente estudo.

Quadro 5. Apresentação de ED dos professores, agrupados na FD "Formação de Professores em História"

FD: Formação inicial do Professor de História	
Identificação do Professor	**Excerto de Depoimento (ED)**
P1	"Eu acho que nenhuma formação teórica acadêmica, teórica, é capaz de dar conta da totalidade dos desafios que a prática vai apresentar".
P5	"...a licenciatura poderia ser melhor, ela poderia ter um maior aprofundamento, poderia ter disciplinas que trabalhassem a questão analítica do professor, a questão metodológica do trabalho de pesquisa, porque é importante para que o professor possa produzir também conhecimento..."
P9	"Considero que foi ruim. Não vou destacar, vou destacar só um ponto forte, eu tive alguns bons professores, na graduação, uns três ou quatro, e nenhum deles era professor do Ensino Básico, e nenhum deles tinha formação para formar professores".
P11	"...o que acontecia era que as aulas praticamente eram para bacharéis, eram aulas para formar cientistas, ou seja, eu vim aprender o que era ser professor na prática, até porque é uma formação que dura a vida toda, você nunca termina, a universidade estava muito engessada para esse ponto, para discutir as questões de sala de aula".
P12	"Dizer que foi boa dizer que foi ruim isso é muito relativo, ou seja, fazer um olhar hoje do ontem, isso às vezes é até arriscado, porque você está em uma posição mais cômoda, posição mais crítica, eu diria para aquele momento, arriscando um pouco essa perceção, acredito que foi uma formação boa..."
P14	"Minha formação foi muito boa, e é assim, e eu não retiraria nada, eu acrescentaria, na época em que eu estudei na Universidade Federal de Pernambuco nós não tínhamos um estudo direcionado para a África, isso é uma coisa mais recente, o que nos deixou com uma lacuna muito grande sobre esses nossos antepassados..."

Fonte: Entrevista realizada em 2014.

Como destacamos no primeiro capítulo deste estudo, e ao refletirmos sobre o pensamento de Oliveira & Freitas (2013), acerca da importância de se buscar a melhor vivência possível por parte dos formadores de professores e seus alunos, em relação ao ambiente escolar. Sobre isso eles afirmam:

> "É necessário conhecer o ambiente escolar, vivenciá-lo junto aos alunos de graduação, discutir, propor e participar da execução de políticas públicas que se relacionem com as atividades e ambientes nos quais as reflexões sobre a leitura e os usos do passado no trabalho de formação de pessoas estão em curso." (Oliveira & Freitas, 2013, p. 142)

Tais reflexões estão contidas na fala de **P1**, quando diz: "Eu acho que nenhuma formação teórica acadêmica, teórica, é capaz de dar conta da totalidade dos desafios que a prática vai apresentar." Bem como, no que foi dito por **P11**, que afirma: "... o que acontecia era que as aulas praticamente eram para bacharéis, eram aulas para formar cientistas, ou seja, eu vim aprender o que era ser professor na prática, até porque é uma formação que dura a vida toda. Você nunca termina, a universidade estava muito engessada para esse ponto, para discutir as

questões de sala de aula." Amplia- se com **P9**, que diz: "Considero que foi ruim. Não vou destacar, vou destacar só um ponto forte, eu tive alguns bons professores, na graduação, uns três ou quatro, e nenhum deles era professor do Ensino Básico, e nem um deles tinha formação para formar professores." Da mesma forma, no primeiro capítulo, evidenciamos a importância da pesquisa na formação do professor, não só em relação à disciplina História, mas, para a sua prática docente. A esse respeito diz Rodrigues (2009):

> "No caso da área educacional, os futuros professores precisam passar por momentos de reflexão e escolha de um determinado método de pesquisa – entre tantos – para procurar a melhor solução metodológica de problemas explicitados pela realidade educacional ou para compreender as bases da teoria que apoia muitas das práticas escolares." (Rodrigues, 2009, p. 82)

Em concordância com essa reflexão vamos ter a fala de **P5**, que nos diz: "...a licenciatura poderia ser melhor, ela poderia ter um maior aprofundamento, poderia ter disciplinas que trabalhassem a questão analítica do professor, a questão metodológica do trabalho de pesquisa, porque é importante para que o professor possa produzir também conhecimento...".

Em relação à formação do professor, com base no currículo, assunto que abordamos no segundo capítulo, em uma sociedade, na qual as mudanças sociais, vão eliminando as invisibilidades, Pereira (2012), nos põe a seguinte ponderação: "A interpretação que damos ao currículo de redes de significação discursiva nos possibilita tecer negociações entre as diferentes culturas e as novas posições dos sujeitos nas sociedades atuais." (Pereira, 2012, p. 60).

Dentro dessa discussão, vamos ter a fala de **P14**, dizendo: "Minha formação foi muito boa, e é assim, e eu não retiraria nada, eu acrescentaria, na época em que eu estudei na Universidade Federal de Pernambuco nós não tínhamos um estudo direcionado para a África. Isso é uma coisa mais recente, o que nos deixou com uma lacuna muito grande sobre esses nossos antepassados..." Por fim, vamos ter a compreensão de que a formação, refletida no currículo, corresponde a uma dada sociedade em dado momento, e produz um sentido de identificação. Ciampi (2013), faz a seguinte contextualização: "Enfim, o currículo deve ser entendido não apenas como expressão, representação ou reflexo dos interesses sociais determinados, mas também como produtor de identidades e subjetividades sociais determinadas." (Ciampi, 2013, p. 116).

Nesse contexto vamos ter **P12**, ao falar: "Dizer que foi boa, dizer que foi ruim, isso é muito relativo, ou seja, fazer um olhar hoje do ontem, isso às vezes é até arriscado, porque você está em uma posição mais cômoda, posição mais crítica, eu diria para aquele momento, arriscando um pouco essa perceção, acredito que foi uma formação boa..."

Podemos concluir, que os professores consideram que sua formação inicial, não os preparou para a prática, o que é visto nos depoimentos de 6 docentes. Que a formação poderia ser melhorada com a inclusão de outras disciplinas, isto é visto em 5 educadores. E por fim, os que acreditam ter sido boa para o momento de suas formações, foram 4.

Para **F**: "Em relação ao seu questionamento sobre a formação inicial, e as competências que eles receberam para a prática cotidiana na disciplina de história, mostra que a maior parte dos docentes dizem que a formação foi de certa maneira precária, porque precisava de inclusão de outras disciplinas, e aí a gente vê a importância do currículo, a relevância de se analisar, de se perceber o currículo nas escolas de formação de professores. O que que está faltando? E no caso do Brasil uma disciplina que está sendo colocada, desde eu acho que desde 2003, é a disciplina sobre a História de África e a relação com a África e Brasil".

5.1.4. Formação Discursiva (FD) - Competências e Saberes do professor de História

Os saberes e competências do professor são construídos ao longo de sua formação inicial e vão se aprimorar no cotidiano de sua atividade docente, no contato com o seu alunado, englobando os demais conhecimentos dos quais o mesmo é possuidor. "Ou seja, trabalhar com a prática, social e profissional, como espaço de constituição dos saberes do professor, implica não perder de vista o universo cultural dos diferentes agentes sociais que fazem histórica e culturalmente a escola. " (Lelis, 2001, p. 54)

Perguntamos aos professores, se os mesmos utilizam habilidades que possuem em outras áreas na sua prática docente. As respostas nos ajudarão a compreender de qual conjunto de recursos, lastreados em suas competências e saberes, os mesmos lançam mão para a realização do seu trabalho de educador.

Os Excertos dos Depoimentos (ED) de P1, P5, P9, P11, P12 e P14 estão presentes no Quadro 6. A sigla ED, quando presente no texto, corresponde aos trechos das entrevistas que foram selecionados para fundamentar a análise, em relação às respostas dadas aos questionamentos que compõem o presente estudo

Quadro 6. Apresentação de ED dos professores, agrupados na FD "Competências/Saberes"

FD: Competências e Saberes do professor de História	
Identificação do Professor	**Excerto de Depoimento (ED)**
P1	"Eu acho que apesar de não ser específico do saber da História, eu entendo que é não apenas específico, mas fundamental do ofício de professor, dominar conhecimentos, dominar tecnologias que estão associadas à sua prática do trabalho".
P6	"...você convive de realidades diferentes, e assim, a psicologia ela é importante, a metodologia ela é importante, e eu acho que a gente tem que fazer uso de diversos mecanismos, não é só se condicionar, ah! Se preparar para aquela aula e não ter nenhuma surpresa ao longo do caminho".
P10	"Na própria prática de sala de aula a empatia, a habilidade de se comunicar com os alunos, com a direção, com a coordenação isso não é ensinado na faculdade isso não é matéria curricular na grade, e você não é na formação treinado, entre aspas, para isso, você não tem, por exemplo, uma cadeira de relações sociais dentro do curso de História..."
P12	"...a sala de aula é na verdade um laboratório, é a partir dali que você vai observando seus erros, os seus acertos, você observa a prática de outros professores seus, professores que de repente você vê que é aplicável, outros pontos que não seriam aplicáveis você anula, se corrige, então com certeza eu utilizo sim".
P14	"Sim, eu sempre procurei fazer com que meus alunos interpretassem a História e não decorassem nomes, nem números, nem datas, essas coisas, mais sim entendessem qual a origem do fato, as consequências..."
P15	"A gente utiliza de forma precária, de forma precária em que sentido, hoje a escolas públicas, principalmente, elas tem um problema muito grande, elas tendem a atribuir ao professor uma carga bem maior do que ele é capaz, quer que o professor seja psicólogo, assistente social, pedagogo, tudo isso, e a gente recebe isso de forma bem superficial na faculdade, por exemplo, é uma vez didática, uma vez estrutura de ensino, e isso deixa muito a desejar, inclusive essas disciplinas, elas não estão, como é que eu digo, casadas, acopladas com conteúdo que a gente vê na formação de História".

Fonte: Entrevista realizada em 2014.

Como foi por nós trabalhado no Capítulo 2, estão aqui, em questão, as habilidades das quais o professor lança mão em seu fazer docente. Borges (2001), ao trabalhar com o interacionismo-subjetivista de Gauthier, *et al*. (1998). Acrescenta a visão da sociolinguística, que trata de como os professores falam de seus saberes: "Os autores analisam as investigações centradas na natureza dos saberes subjacentes ao ato de ensinar, mais precisamente, os estudos sobre o ensino que buscam identificar e/ou definir um repertório de conhecimentos dos docentes." (Borges, 1998, p. 69).

Sobre o tema, em seu depoimento, **P1** nos diz: "Eu acho que apesar de não ser específico do saber da História, eu entendo que é não apenas específico, mas fundamental do ofício de professor, dominar conhecimentos, dominar tecnologias que estão associadas à sua prática do trabalho." Nessa mesma linha de raciocínio, **P6** acrescenta: "...você convive de realidades diferentes, e assim, a psicologia ela é importante, a metodologia ela é importante, e eu acho que a gente tem que fazer uso de diversos mecanismos, não é só se condicionar, ah! Se preparar para aquela aula e não ter nenhuma surpresa ao longo do caminho." E vai ser ampliada por **P12** ao dizer: "...a sala de aula é na verdade um laboratório, é a partir dali que você vai observando seus erros, os seus acertos, você observa a prática de outros professores seus, professores que de

repente você vê que é aplicável, outros pontos que não seriam aplicáveis você anula, se corrige, então com certeza eu utilizo sim".

Também no 2 capítulo discutimos as interações entre os sujeitos do processo de ensino e aprendizagem. Nesse ponto, Nunes (2001), traz a seguinte reflexão:

> "Assim, o saber é considerado como resultado de uma produção social, sujeito a revisões e reavaliações, fruto de uma interação entre sujeitos, fruto de uma interação linguística inserida num contexto e que terá valor na medida em que permite manter aberto o processo de questionamento." (Nunes, 2001, p. 34)

Esse também é um aspeto relevante entre as competências do docente, **P10** vai evidenciá-lo ao dizer: "Na própria prática de sala de aula a empatia, a habilidade de se comunicar com os alunos, com a direção, com a coordenação isso não é ensinado na faculdade isso não é matéria curricular na grade, e você não é na formação treinado, entre aspas, para isso, você não tem, por exemplo, uma cadeira de relações sociais dentro do curso de História..."

Ainda no mesmo capítulo, vamos ter o pensamento de Freire (1996), sobre a prática educativa e social, ele diz: "A capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar, mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a, fala de nossa educabilidade a um nível distinto do nível do adestramento dos outros animais ou do cultivo das plantas." (Freire, 1996, p. 68). Contemplada nesse contexto, vamos ter a fala de **P14**, ao dizer: "Sim, eu sempre procurei fazer com que meus alunos interpretassem a História e não decorassem nomes, nem números, nem datas, essas coisas, mais sim entendessem qual a origem do fato, as consequências..."

A interferência, dos dramas sociais na construção do saber docente, também foi considerada. Lelis (2001), destaca: "Sob diferentes ângulos, é analisada a situação do magistério na tentativa de encontrar explicações para as precárias condições de funcionamento dos sistemas públicos de ensino, expressas em altas taxas de exclusão escolar, principalmente entre segmentos das camadas populares." (Lelis, 2001, p. 45). Sobre isso, **P15** relata: "A gente utiliza de forma precária, de forma precária em que sentido, hoje a escolas públicas, principalmente, elas tem um problema muito grande, elas tendem a atribuir ao professor uma carga bem maior do que ele é capaz, quer que o professor seja psicólogo, assistente social, pedagogo, tudo isso, e a gente recebem isso de forma bem superficial na faculdade, por exemplo, é uma vez didática, uma vez estrutura de ensino, e isso deixa muito a desejar, inclusive essas disciplinas, elas não estão, como é que eu digo, casadas, acopladas com conteúdo que a gente vê na formação de História."

Dessa forma concluímos, que os professores consideram que o domínio e a utilização da maior gama possível de conhecimentos, em variadas áreas, é fundamental para eficiência do fazer

docente, enquanto saberes e competências, isso é encontrado nos depoimentos de 10 entrevistados. O saber se relacionar de forma adequada, com diferentes interlocutores, foi considerado como chave, para o desenvolvimento de saberes e competências, isto pode ser visto em P10 e P11. Uma prática educativa com amparo nas utopias político-educacionais, também foi considerado fundamental para o desenvolvimento de saberes e competências, isto é colocado por P8 e P14. Por fim, vamos ter os dramas sociais e a formação inadequada como empecilho ao desenvolvimento, por parte do docente, dos saberes e competências, veremos isso em P15.

Para **F**: "Veja bem, uma formação discursiva sua, é competências e saberes do professor de História, na verdade essa formação, ela está interligada com a outra que é sobre a formação inicial do professor, e aqui ela está bem especificada, as competências e saberes que ele precisa ter. E aí nas suas respostas se evidencia e emerge, como eles mostram a importância de uma formação que seja, um tanto quanto interdisciplinar, com saberes e competências diversos, uma vez que acredito por ser a própria História uma disciplina que se relaciona com várias outras disciplinas. E como vão ter diferentes interlocutores, eles acreditam que seria interessante se os saberes e competências viessem de uma forma interdisciplinar".

5.1.5. Formação Discursiva (FD) - O currículo de História na formação do professor

O currículo norteia, que conhecimentos e que métodos de ensino, devem ser adquiridos pelo professor em sua formação inicial. No entanto, é também um espaço de poder, onde se disputa que visão da História irá ser ensinada às futuras gerações. Refletindo sobre a composição do currículo e sua finalidade, Apple (2012), argumenta: "Nesse sentido, algumas das questões chaves são: Qual é a capacidade de resposta e a que se dirige? Busca-se eficiência em quê? As vozes de quem serão ouvidas ao se formular e responder essas questões? " (Apple, 2012, p. 17).

Sobre o currículo, perguntamos aos professores como os mesmos o avaliam, no que diz respeito ao conteúdo específico de História em sua formação inicial. A partir das respostas, poderemos ter uma visão sobre como o conhecimento específico de História, atendeu ou não, as necessidades do cotidiano de trabalho dos mesmos.

Os Excertos dos Depoimentos (ED) de P1, P8, P13, P14, e P15 estão presentes no Quadro 7. A sigla ED, quando presente no texto, corresponde aos trechos das entrevistas que foram selecionados para fundamentar a análise, em relação às respostas dadas aos questionamentos que compõem o presente estudo.

Quadro 7. Apresentação de ED dos professores, agrupados na FD "Currículo"

FD: O currículo de História na formação do professor	
Identificação do Professor	**Excerto de Depoimento (ED)**
P1	"A gente ainda hoje é herdeiro de um modelo de currículo e organização de conteúdos que privilegia muito a História europeia. É claro que a gente hoje vê um esforço maior em se estudar a História africana e a afro-brasileira, a História indígena, a História da China e outras civilizações que eram praticamente ausentes na nossa formação".
P8	"O curso como falei anteriormente, ele estava em fase de implantação, penso que as cadeiras poderiam, algumas matérias ou cadeiras poderiam ter sido acrescentadas outras, principalmente na área de pesquisa que mesmo apesar do curso, ser um curso de licenciatura, mas eu acho que hoje o profissional de História, mesmo sendo um curso de professor, ele tem que estar atento também para a área de pesquisa..."
P13	"Fraco, principalmente o conteúdo de História do Brasil, fraquíssimo, eu tive uma professora que ela não buscava inovar, aquela mesmice de sala de aula, e não foi desafiador, eu acho que a gente tem que levar para o aluno que está em graduação o desafio..."
P14	"Boa, mas é como eu enfatizei inicialmente a falta de um estudo específico sobre a África e a Ásia, mas principalmente sobre a África".
P15	"Os conteúdos, específicos, eu considero bom, mas ele fica muito preso ao professor, ao jeito que o professor quer fazer, não tem um padrão, o professor decide se ele vai trabalhar mais pela linha da historiografia, ou se ele decide que vai trabalhar por uma linha mais marxista ou foucaultiana, ele faz do jeito, dependendo da formação dele, não tenho um padrão, eu não tive História da África, História da África mesmo eu vi em eletiva, História da China. Deixa eu ver o que faltou mais, eu acho que de base mesmo que a gente trabalha hoje em dia no livro didático com o aluno, faltou isso".

Fonte: Entrevista realizada em 2014.

Também foi foco de nossos estudos, no capítulo 2 desta pesquisa, os desafios impostos na construção do currículo na formação inicial do professor de História. Nóvoa (1999), faz a seguinte análise:

> "A análise da evolução dos currículos da formação de professores revela-nos uma oscilação entre três polos: *metodológico*, com uma atenção privilegiada às técnicas e aos instrumentos de ação; *disciplinar*, centrado no conhecimento de uma dada área do saber; *científico*, tendo como referência as ciências da educação, numa perspetiva autônoma ou enquadradas por outras ciências sociais e humanas (especialmente a psicologia). Estes polos tendem a reproduzir dicotomias várias, nas quais, aliás, a epistemologia das ciências da educação tem estado encerrada: conhecimento fundamental/técnica, saberes/métodos, etc." (Nóvoa, 1999, p. 28, grifos do autor)

Como problemática dessa dicotomia dita por Nóvoa (1999), não deveríamos ter a confeção de um currículo, no qual, haja a ausência de disciplinas que sejam tidas pelo professor como fundamentais, como podemos ver na fala de **P14**: "Boa, mas é como eu enfatizei inicialmente a falta de um estudo específico sobre a África e a Ásia, mas principalmente sobre a África." Bem como, na fala de **P8**: "O curso como falei anteriormente, ele estava em fase de implantação, penso que as cadeiras poderiam, algumas matérias ou cadeiras poderiam ter sido acrescentadas outras, principalmente na área de pesquisa que mesmo apesar do curso, ser um curso de licenciatura, mas eu acho que hoje o profissional de História, mesmo sendo um curso de professor, ele tem que estar atento também para a área de pesquisa..." Da mesma forma, que não

reproduza um modelo de currículo com uma visão de mundo alheia a nossa realidade, como dito em **P1**: "A gente ainda hoje é herdeiro de um modelo de currículo e organização de conteúdos que privilegia muito a História europeia. É claro que a gente hoje vê um esforço maior em se estudar a História africana e a afro-brasileira, a História indígena, a História da China e outras civilizações que eram praticamente ausentes na nossa formação".

Tão importante quanto o currículo é o formador de professores. No capítulo 1 deste estudo, discutimos um pouco o papel definidor do mesmo na formação inicial do professor de História, como aquele que irá efetivar o acesso ao conteúdo do currículo, junto aos graduandos. Oliveira & Freitas (2013), dizem:

> "Se ele tem 'vocação' ou se emprega o 'modelo do último professor' – para utilizar as expressões já criticadas pela pesquisa na área –, os alunos até podem ser beneficiados. Mas se assume que 'não tem vocação para dar aulas' ou que as suas qualificações estão relacionadas à investigação na sua área de doutoramento, o desastre está anunciado." (Oliveira & Freitas, 2013, p. 137)

Corroborando essa reflexão vamos ter o depoimento de **P13**: "Fraco, principalmente o conteúdo de História do Brasil, fraquíssimo, eu tive uma professora que ela não buscava inovar, aquela mesmice de sala de aula, e não foi desafiador, eu acho que a gente tem que levar para o aluno que está em graduação o desafio..." Na mesma linha de pensamento vamos ter o depoimento de **P15**: "Os conteúdos, específicos, eu considero bom, mas ele fica muito preso ao professor, ao jeito que o professor quer fazer, não tem um padrão, o professor decide se ele vai trabalhar mais pela linha da historiografia, ou se ele decide que vai trabalhar por uma linha mais marxista ou foucaultiana, ele faz do jeito, dependendo da formação dele, não tenho um padrão, eu não tive História da África, História da África mesmo eu vi em eletiva, História da China. Deixa eu ver o que faltou mais, eu acho que de base mesmo que a gente trabalha hoje em dia no livro didático com o aluno, faltou isso."

Podemos concluir, que os professores consideram que o currículo em sua formação inicial, foi insuficiente, por conta da falta de disciplinas consideradas importantes, o que pode ser visto nos depoimentos de 11 docentes. Da mesma, consideram que alguns formadores de professores, não deram aulas significativas, em relação às disciplinas que compunham o currículo da formação inicial dos mesmos, isso é visto em 4 entrevistados.

5.1.6. Formação Discursiva (FD) - A prática docente no ensino de História

A forma como o professor de História realiza sua prática, é muito reveladora dos objetivos que o mesmo pretende atingir em relação à formação dos seus alunos, e isso vai indicar

que informações e conhecimentos os educandos terão a sua disposição, para entender o processo histórico em curso, e que consequências presentes e futuras podem incidir sobre suas escolhas enquanto sujeitos sociais. Sobre essas considerações, Gumbrecht (2011), entende que: "Baseando-se nas experiências do passado e adaptando-as às experiências do presente, podemos imaginar poder escolher sobre essa base entre as possibilidades de futuro. É essa a forma historicista de aprender com a história." (Gumbrecht, 2011, p. 37)

Sobre sua prática no ensino de História, os professores foram indagados sobre: Percebe algum direcionamento oficial sobre a forma como os conteúdos devem ser ensinados? Qual deve ser a melhor forma de se ensinar História? Justifique sua posição. Que uso você faz das tecnologias de informação e comunicação no seu cotidiano profissional? Você realiza atividades interdisciplinares, encontra dificuldades para a realização das mesmas? Com as respostas obtidas, poderemos entender como a prática do ensino de História é, efetivamente, realizada.

Os Excertos dos Depoimentos (ED) de P1, P2, P5, P7, P7, P8, P10, P13, P11, P12, P13, P1, P3, P4 e P9 estão presentes no Quadro 8. A sigla ED, quando presente no texto, corresponde aos trechos das entrevistas que foram selecionados para fundamentar a análise, em relação às respostas dadas aos questionamentos que compõem o presente estudo.

Quadro 8. Apresentação de ED dos professores, agrupados na FD "Ensino de História"

FD: A prática docente no ensino de História	
Identificação do Professor	**Excerto de Depoimento (ED)**
P1	"Não, não percebo isso em nenhuma instituição ou nível de ensino que tenha trabalhado algum direcionamento oficial a cerca de conteúdos ou formas de se ensinar. Em relação aos livros didáticos e entendendo que os livros didáticos vão hoje mais do que às vezes currículos e parâmetros curriculares e etc. vão conduzir muito o trabalho do professor. Eu tenho uma visão muito crítica do livro didático, eu tento não me manter preso ao livro".
P2	"Eu não vejo esse direcionamento oficial de como se dá, mas o que se dá, o que se dá, há uma imposição, mas como se dá não. O professor é livre para usar de práticas e a gente espera que não seja abusiva. Mas assim, eu percebo uma liberdade".
P5	"Sim, mas o professor tem a liberdade de poder mudar, a gente percebe que tenta-se muitas vezes criar um padrão de informações de conhecimentos que você deve ter, passar para o alunado..."
P7	"Percebo e eu acho que é necessário. Um dos defeitos que eu acho nosso, é que estão tentando ultimamente nas discussões dele, Fernando Henrique Cardoso, uma tentativa de organizar isso, cada um ensinava o que queria. Às vezes numa mesma escola tu dava um conteúdo nessa, nas Quinta séries, o outro professor na outra sala estava dando o conteúdo diferente. Não pode".
P7	"O professor não vai ensinar como vê o mundo, o importante é que tenhas uma conceção de ensino, e essa seja também a da instituição. Porque eu não posso estar ensinando uma conceção que vai de encontro a toda proposta".
P8	"A melhor forma hoje, penso eu, nessa geração que praticamente já nasce tecnológica, não temos como fugir da tecnologia para o ensino na atualidade mesmo a maioria dos professores sendo de uma geração que não nasce na tecnologia, ele aprende no decorrer do tempo, diferentemente do aluno que já nasce nessa era tecnológica, acho que usar a tecnologia como também, como uma forma de ensinar História..."
P10	"...o que é que eu tento fazer para estimular o aluno, eu tento por exemplo trabalhar com a linguagem deles de uma forma coloquial tentando fazer o "link" desses acontecimentos do passado, desses acontecimentos históricos com a realidade que eles têm, não é fácil, e em muitos

	casos não dá para fazer esse "link", então você tem que dar realmente o conteúdo em si".
P13	"A melhor forma de se ensinar História é deixar o aluno, levar o aluno aliás a refletir, a ser um aluno questionador, que permita ao aluno que ele possa refletir sobre a nossa realidade atual, e se o aluno ele não parar para refletir no que está sendo passado nessa vivência dele como ser humano, eu acho que o professor ele não conseguiu ocupar o seu espaço..."
P11	"Eu utilizo muito na própria produção de documentos, a gente trabalha muito produzindo documentos, então tem um projeto, que é o uso de mídias na aula de História, no qual o aluno, ele deixa de ser um espectador da mídia, invés de a gente ver apenas uma apresentação, um filme, uma música, eles passam a produzir a visão deles a respeito de determinados fatos históricos, e aí principalmente com vídeos, com músicas, que na verdade o vídeo já vai envolver várias dramatizações, várias linguagens, documentário, cenário, a música, e a própria técnica de utilizar esses mecanismos, que aí eles é que tem muito mais a me ensinar do que eu..."
P12	"...eu usei o rádio, a questão do rádio em sala de aula, ou seja, o computador na escola não funcionava, o vídeo cassete estava quebrado, o DVD estava quebrado, não tinha nada, mas ao mesmo tempo a escola cobrava, você tem que estimular esse aluno, você tem que usar uma didática que estimule o aluno a estar em sala de aula, se sinta feliz. O que é que eu tenho em sala de aula nesse momento, livro didático, eu tenho 10 livros para 40 alunos, o que é que você quer que a gente desenvolva, como? Você tem uma proposta maravilhosa, mas o que é que você oferece de recurso".
P13	"Muito limitado esse uso da tecnologia da informação, receber um "notebook" ou um "tablet" isso não quer dizer que você vai usar da melhor forma possível, há o professor que recebe, mas não sabe nem manusear, eu acho que o que deveria ter é a capacitação desse professor, e principalmente na graduação, ensinar a ele a enxergar a tecnologia, o uso dela, porque a tecnologia é um instrumento, se você não usar ela corretamente não vai servir para absolutamente nada".
P1	"Quase sempre o professor caminha na sua disciplina sem ter ideia do que os outros professores estão fazendo".
P3	"Realizo sim, como projetos que abrange todas as disciplinas e não encontro muita dificuldade porque todos os que estão no projeto se ajudam e com isso de certa maneira há um diálogo entre as disciplinas".
P4	"Atividades interdisciplinares, sim, até porque a História ela trabalha com escrita, com pensamento, com as ideias. Outras disciplinas trabalham com essa questão da interpretação, do pensar e do agir, elas são realmente confluentes elas devem ser trabalhadas em conjunto, facilita muito a aprendizagem do aluno..."
P9	"A gente, a gente não tem condições de trabalhar nem a nossa própria disciplina. Mesmo supondo-se, como a gente estava dizendo, que os alunos tivessem uma, os pré-requisitos necessários, mesmo assim, o tempo que a gente tem, seria pouco para ministrar o nosso conteúdo, quanto mais para fazer alguma atividade interdisciplinar. Eu sei que necessariamente o conhecimento ele é, ele é interdisciplinar, não tem como ele ser isolado. Mas fazer atividades especificamente voltadas para isso, eu faço poucas. Eu faço mais as que o livro didático indica, aí quando é possível a gente faz. Entendeu?"

Fonte: Entrevista realizada em 2014.

Ao trabalharmos o ensino de História no capítulo 3, também foi objeto de nossas reflexões a construção do plano de ensino. Perguntamos aos professores. Percebe algum direcionamento oficial sobre a forma como os conteúdos devem ser ensinados? Nesse contexto, Sacristán (1999), faz a seguinte ponderação: "Quem introduz ideias, hipóteses e valores na prática? Todos aqueles que, através de práticas escolares, institucionais e políticas, relacionadas com atividades dentro do que chamamos práticas concorrentes, configuram o mundo educativo." (Sacristán, 1999, p. 76).

A respeito do questionamento de Sacristán (1999), vamos ter na fala de **P5** o reconhecimento dessa perceção: "Sim, mas o professor tem a liberdade de poder mudar, a gente percebe que tenta-se muitas vezes criar um padrão de informações de conhecimentos que você

deve ter, passar para o alunado...” Para **P2** não é a forma, mas o conteúdo: “Eu não vejo esse direcionamento oficial de como se dá, mas o que se dá, o que se dá, há uma imposição, mas como se dá não. O professor é livre para usar de práticas e a gente espera que não seja abusiva. Mas assim, eu percebo uma liberdade.” Já para **P7**, é necessário que seja assim: “Percebo e eu acho que é necessário. Um dos defeitos que eu acho nosso, é que estão tentando ultimamente nas discussões dele, Fernando Henrique Cardoso, uma tentativa de organizar isso, cada um ensinava o que queria. Às vezes numa mesma escola tu dava um conteúdo nessa, nas Quinta séries, o outro professor na outra sala estava dando o conteúdo diferente. Não pode.” Por fim, **P1** diz não ter esse entendimento: “Não, não percebo isso em nenhuma instituição ou nível de ensino que tenha trabalhado algum direcionamento oficial a cerca de conteúdos ou formas de se ensinar. Em relação aos livros didáticos e entendendo que os livros didáticos vão hoje mais do que às vezes currículos e parâmetros curriculares e etc. vão conduzir muito o trabalho do professor. Eu tenho uma visão muito crítica do livro didático, eu tento não me manter preso ao livro”.

Podemos concluir, que os professores percebem que há um direcionamento oficial sobre a forma como os conteúdos devem ser ensinados, o que pode ser visto nos depoimentos de 11 docentes. Para P2 e P15, o que é imposto, não é a forma de se dar, mas o conteúdo a ser dado. P7 entende que esse direcionamento é necessário e P1 não tem tal perceção.

Em seguida perguntamos. Qual deve ser a melhor forma de se ensinar História? Nesse sentido Bittencourt (2009), traz a seguinte ponderação:

> “A autonomia do trabalho docente inclui, entre outros aspetos, a escolha dos conteúdos históricos para as diferentes salas de aula. Trata-se de optar por manter os denominados conteúdos tradicionais ou selecionar conteúdos significativos para um público escolar proveniente de diferentes condições sociais e culturais e de adequá-los a situações de trabalho com métodos e recursos didáticos diversos.” (Bittencourt, 2009, p. 137)

Tomando como base a ponderação de Bittencourt (2009), vamos ter o depoimento de **P13**: “A melhor forma de se ensinar História é deixar o aluno, levar o aluno aliás a refletir, a ser um aluno questionador, que permita ao aluno que ele possa refletir sobre a nossa realidade atual, e se o aluno ele não parar para refletir no que está sendo passado nessa vivência dele como ser humano, eu acho que o professor ele não conseguiu ocupar o seu espaço...” Para **P10**: “...o que é que eu tento fazer para estimular o aluno, eu tento por exemplo trabalhar com a linguagem deles de uma forma coloquial tentando fazer o link desses acontecimentos do passado, desses acontecimentos históricos com a realidade que eles têm, não é fácil, e em muitos casos não dá para fazer esse link, então você tem que dar realmente o conteúdo em si.” Em **P7**: “O cara não vai ensinar como vê o mundo, o importante é que tu tens uma conceção de ensino, e essa seja

também a da instituição. Porque eu não posso está ensinando uma conceção que vai de encontro a toda proposta." E por fim vamos ter a visão de **P8**: "A melhor forma hoje, penso eu, nessa geração que praticamente já nasce tecnológica, não temos como fugir da tecnologia para o ensino na atualidade mesmo a maioria dos professores sendo de uma geração que não nasce na tecnologia, ele aprende no decorrer do tempo, diferentemente do aluno que já nasce nessa era tecnológica, acho que usar a tecnologia como também, como uma forma de ensinar História..."

Podemos concluir, que os professores entendem que a melhor forma de se ensinar História, é tornar os alunos reflexivos e questionadores, o que pode ser visto nos depoimentos de 9 docentes. Para P2, P10 e P15, o ensino deve fazer sentido para o aluno. P7 e P9, defendem a proposta pedagógica para se chegar a melhor forma e P1 o uso das ferramentas tecnológicas.

Seguindo o roteiro proposto, perguntamos. Que uso você faz das tecnologias de informação e comunicação no seu cotidiano profissional? Sobre esse tema Ferreira (2004), afirma: "A interatividade cria um novo modelo de comunicação, com cidadãos ativos e intervenientes, que interagem diretamente com a fonte de informação e que são eles próprios fontes de informação." (Ferreira, 2004, p. 145).

No entendimento da dinâmica do universo digital, temos a afirmação de **P11**: "Eu utilizo muito na própria produção de documentos, a gente trabalha muito produzindo documentos, então tem um projeto, que é o uso de mídias na aula de História, no qual o aluno, ele deixa de ser um espectador da mídia, invés de a gente ver apenas uma apresentação, um filme, uma música, eles passam a produzir a visão deles a respeito de determinados fatos históricos, e aí principalmente com vídeos, com músicas, que na verdade o vídeo já vai envolver várias dramatizações, várias linguagens, documentário, cenário, a música, e a própria técnica de utilizar esses mecanismos, que aí eles é que tem muito mais a me ensinar do que eu..." Por outro lado, vamos ter as dificuldades enfrentadas pelos professores, como a assinalada por Esteve (1999), ao dizer: "As condições de trabalho dos professores, nomeadamente os constrangimentos institucionais, também constituem entraves às práticas inovadoras." (Esteve, 1999, p. 107). Tal situação é refletida pelo depoimento de **P12**: "...eu usei o rádio, a questão do rádio em sala de aula, ou seja, o computador na escola não funcionava, o vídeo cassete estava quebrado, o DVD estava quebrado, não tinha nada, mas ao mesmo tempo a escola cobrava, você tem que estimular esse aluno, você tem que usar uma didática que estimule o aluno a estar em sala de aula, se sinta feliz. O que é que eu tenho em sala de aula nesse momento, livro didático, eu tenho 10 livros para 40 alunos, o que é que você quer que a gente desenvolva, como? Você tem uma proposta maravilhosa, mas o que é que você oferece de recurso."

Outro aspeto a ser levado em conta, diz respeito ao uso tradicional das novas tecnologias, Ferreira (2004), argumenta: "Desta maneira, não se constituem necessariamente em materiais menos positivistas, factuais e ideológicos do que os livros didáticos e, portanto, não contribuem para a melhoria do processo pedagógico." (Ferreira, 2004, p. 129). Nessa linha de raciocínio **P13** se coloca: "Muito limitado esse uso da tecnologia da informação, receber um "notebook" ou um "tablet" isso não quer dizer que você vai usar da melhor forma possível, há o professor que recebe, mas não sabe nem manusear, eu acho que o que deveria ter é a capacitação desse professor, e principalmente na graduação, ensinar a ele a enxergar a tecnologia, o uso dela, porque a tecnologia é um instrumento, se você não usar ela corretamente não vai servir para absolutamente nada".

Podemos concluir, que os professores fazem uso das tecnologias de informação e comunicação no seu cotidiano profissional, sendo as mesmas, ferramentas do processo de ensino e aprendizagem, o que pode ser visto nos depoimentos de 11 docentes. Para P2, P12 e P15, o uso esbarra, na indisponibilidade de tais recursos tecnológicos na escola. P13 salienta a falta de capacitação dos professores, para o uso de tais tecnologias.

Por fim, perguntamos aos entrevistados. Você realiza atividades interdisciplinares, encontra dificuldades para a realização das mesmas? Sobre esse ponto Bessera (2011), faz a seguinte reflexão:

> "Se o professor tenta superar o isolamento em que se encontra no exercício da prática de ensino (a própria constituição arquitetónica do prédio escolar, centrada numa segmentação em classes, que funcionam como células que devem atuar de forma isolada do contato com as demais não é um fator que contribui para esse isolamento?) e apostar em projetos comuns com colegas de outras disciplinas, faz-se necessária a mobilização de músicas, filmes, textos literários, textos jornalísticos, etc., os quais não constituem prioridade para os gestores escolares." (Beserra, 2011, p. 114)

Sobre a realização de atividades interdisciplinares **P1** destaca: "Quase sempre o professor caminha na sua disciplina sem ter ideia do que os outros professores estão fazendo." **P9** também coloca em relevo: "A gente, a gente não tem condições de trabalhar nem a nossa própria disciplina. Mesmo supondo-se, como a gente estava dizendo, que os alunos tivessem uma, os pré-requisitos necessários, mesmo assim, o tempo que a gente tem, seria pouco para ministrar o nosso conteúdo, quanto mais para fazer alguma atividade interdisciplinar. Eu sei que necessariamente o conhecimento ele é, ele é interdisciplinar, não tem como ele ser isolado. Mas fazer atividades especificamente voltadas para isso, eu faço poucas. Eu faço mais as que o livro didático indica, aí quando é possível a gente faz. Entendeu?"

Por outro lado a documentação oficial preconiza: "A postura interdisciplinar alarga o campo de formação de alunos e professor, assim como facilita a incorporação de diversificadas fontes e problemas. Parâmetros Curriculares do Estado de Pernambuco, História (p.38). Em sintonia com a orientação oficial, vamos ter a fala de **P3**: "Realizo sim, como projetos que abrange todas as disciplinas e não encontro muita dificuldade porque todos os que estão no projeto se ajudam e com isso de certa maneira há um diálogo entre as disciplinas." Com uma expressão mais conceitual, temos o discurso de **P4**: "Atividades interdisciplinares, sim, até porque a História ela trabalha com escrita, com pensamento, com as ideias. Outras disciplinas trabalham com essa questão da interpretação, do pensar e do agir, elas são realmente confluentes elas devem ser trabalhadas em conjunto, facilita muito a aprendizagem do aluno..." Mesmos a maioria dos professores afirmando realizar atividades interdisciplinares, é importante ressaltar a divergência das posições contidas nos discursos de **P1** e **P9**, em relação a **P3** e **P4**, o que nos traz a seguinte reflexão de Orlandi (2000): "As relações de poder em uma sociedade como a nossa produzem sempre censura, de tal modo que há sempre silêncio acompanhando as palavras." (Orlandi, 2000, p. 83).

Podemos concluir, que os professores realizam atividades interdisciplinares, o que pode ser visto nos depoimentos de 9 docentes. Para P7, P9 e P11, a realização das mesmas é questionável, em função do tempo e dos meios. P4 e P13 reconhecem as mesmas como fundamentais para o ensino das disciplinas e P1 argumenta que há, quase sempre, um isolamento disciplinar, no trabalho docente.

Para **F**: "Veja, chegando ao fim da leitura do seu trabalho, podemos ver que uma consonância na produção dos discursos, 9 dos 15 professores dizem que querem ensinar História, para tornar os alunos reflexivos questionadores. Essa é a visão da História crítica, é a visão por exemplo de Paulo Freire, é a visão freiriana sobre o aluno ser sujeito da sua História, e isso mostra a importância do professor ter esta noção de ajudar a construir sujeitos críticos, por outro lado, eles dizem também, e aí é preocupante, que os professores caminham nas disciplinas sem ter ideia do que os outros estão fazendo, então eles querem que seus alunos sejam reflexivos, todavia, eles professores, a visão do professor reflexivo de Alarcão em Portugal, Selma Garrido Pimenta no Brasil, essa visão do professor reflexivo do próprio Nóvoa, essa visão ainda está distante da realidade do professorado brasileiro, porque se os professores não refletem a sua prática, não discutem com seus pares o que fazem, então fica difícil poder haver essa ajuda mútua e algo assim. Interessante é o fato dos Professores usarem as novas tecnologias, 11 docentes dizem que usam as novas tecnologias, então isso é interessante porque o professor de História se adequa à

realidade presente. Creio que as suas conclusões, as quais você chega, para mim que sou formadora de professores, acho de extrema importância esse aprofundamento nessa investigação, essa verticalização, uma vez que isso permitiu ver as conceções dos professores de História sobre a sua formação, sobre a sua prática, sobre o que ele faz, como ele se perceciona e como é que ele vê a interdisciplinaridade, como é que ele vê a transposição didática, então é de suma importância isso".

5.1.7. Formação Discursiva (FD) - Avaliação do professor de história sobre sua profissão

A avaliação feita pelo docente, sobre a sua profissão, é reveladora da sua realidade e dos sentimentos que carrega em relação ao seu ofício. Esteve (1999), põe nos seguintes termos as condições de trabalho do professor: "A massificação do ensino e o aumento das responsabilidades dos professores não se fizeram acompanhar de uma melhoria efetiva dos recursos materiais e das condições de trabalho em que se exerce a docência." (Esteve, 1999, p. 106).

A respeito de sua profissão, os professores foram questionados sobre como a avaliam. A partir de suas respostas, com base em suas realidades, poderemos conhecer os sentimentos dos mesmos em relação ao ofício que abraçaram.

Os Excertos dos Depoimentos (ED) de P1, P8 e P12 estão presentes no Quadro 9. A sigla ED, quando presente no texto, corresponde aos trechos das entrevistas que foram selecionados para fundamentar a análise, em relação às respostas dadas aos questionamentos que compõem o presente estudo.

Quadro 9. Apresentação de ED dos professores, agrupados na FD "A profissão de professor"

FD: Avaliação do professor de história sobre sua profissão	
Identificação do Professor	**Excerto de Depoimento (ED)**
P1	"...a situação do professor de História não vai ser muito diferente da situação dos professores de outras disciplinas, o professor de História vai se deparar com realidades que são peculiares a todos os professores de todas as disciplinas, salário muito abaixo da importância do seu trabalho, condições de trabalho nem sempre interessantes, carga horária imensa que lhe permite pouco tempo para planejar, pouco tempo para pensar em outras atividades, pouco tempo para se dedicar à sua formação, pouco tempo para se dedicar a si mesmo, como ser humano...".
P8	"...a disciplina de História ela perde um pouco a importância para outras disciplinas. O professor também perde a importância e é repassado para o mesmo, outras atividades nessa transformação de famílias, parece que nessa fase de transição que estamos as pessoas estão passando a educação primeira que eu denomino de educação doméstica para o professor...".
P12	"Então como é que eu vejo a profissão do professor de História hoje? Desafiadora, e que dentro do que se tem por aí, a tendência é mais e mais pessoas não atuarem nessa área, deixarem a área de licenciatura. É uma visão de presente que já é futuro".

Fonte: Entrevista realizada em 2014.

Também nos deparamos em nossas pesquisas, com a desvalorização do trabalho docente, há uma expressão que caracteriza um conjunto de situações adversas, vividas pelos professores, ela é o "mal-estar docente." Esteve (1999), esclarece:

> "A chave do mal-estar docente está na desvalorização do trabalho do professor, evidente no nosso contexto social, e nas deficientes condições de trabalho do professor na sala de aula, que o obrigam a uma atuação medíocre, pela qual acaba sempre por ser considerado responsável." (Esteve, 1999, p. 120)

O sentimento de precariedade, em suas muitas formas, é expresso por **P1** ao dizer: "...a situação do professor de História não vai ser muito diferente da situação dos professores de outras disciplinas, o professor de História vai se deparar com realidades que são peculiares a todos os professores de todas as disciplinas, salário muito abaixo da importância do seu trabalho, condições de trabalho nem sempre interessantes, carga horária imensa que lhe permite pouco tempo para planejar, pouco tempo para pensar em outras atividades, pouco tempo para se dedicar à sua formação, pouco tempo para se dedicar a si mesmo, como ser humano..." Por outro lado, **P8** vai destacar que a desvalorização é maior se o professor for de História, ao dizer: "...a disciplina de História ela perde um pouco a importância para outras disciplinas. O professor também perde a importância e é repassado para o mesmo outras atividades nessa transformação de famílias, parece que nessa fase de transição que estamos as pessoas estão passando a educação primeira que eu denomino de educação doméstica para o professor..." Por fim, **P12** vai destacar o abandono da profissão, e que será cada vez menor, novos ingressos, ele destacou: "Então como é que eu vejo a profissão do professor de História hoje? Desafiadora, e que dentro do que se tem por aí, a tendência é mais e mais pessoas não atuarem nessa área, deixarem a área de licenciatura. É uma visão de presente que já é futuro".

Podemos concluir, que os professores avaliam sua profissão como desvalorizada, o que pode ser visto nos depoimentos de 11 docentes. Para P2 e P8, a disciplina é também desvalorizada em relação às demais. P12 e P13 vão destacar também o abandono da profissão.

Para **F**: "E por fim, outra questão preocupante é o fato dos professores sentirem que a sua profissão é desvalorizada. E então a gente pode lembrar que Sacristán, Gimeno Sacristán, quando ele trabalha a questão da proletarização do professor, em que o professor, ele acha, ele se perceciona como algo desvalorizado, e isso é muito negativo, porque dentro da escala de Huberman, um professor, que já com anos de trabalho, pode chegar a um período de desânimo, se ele já começa olhando a sua profissão como desvalorizada, isso é muito preocupante".

A partir das análises feitas com base nas Formações Discursivas acreditamos ter destacado alguns aspetos da realidade vivida pelo professor em seu cotidiano em contraponto com as pesquisas acadêmicas e a formação inicial dos mesmos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um mundo onde a competitividade entre indivíduos, instituições e Estados se torna cada vez mais intensa, pensar a formação dos cidadãos no que diz respeito à educação formal é algo estratégico, e nesse sentido, tão importante quanto, é a formação do professor, o qual terá a missão de tornar efetivo o aprendizado dos educandos para a cidadania e para o trabalho.

Desta forma, os vários atores do processo de ensino e aprendizagem são chamados a contribuir com a construção do modelo de educação que permita atender as expectativas de cada um, ou seja, o Estado com seus interesses sociais, econômicos e geopolíticos. O mundo acadêmico com a pesquisa na área e a formação de professores. As famílias como coeducadoras de seus filhos e os professores que na ponta do processo devem torna-lo efetivo e de qualidade.

Nesse sentido, buscar conhecer como o professor, especificamente o de História, percebe a sua formação inicial em relação à preparação para a realidade do exercício do seu fazer docente, possibilitou-nos compreender como os mesmos refletem sobre a efetividade de tal formação, frente ao que deles é exigido em seu cotidiano profissional.

Diante desse contexto, nos sentimos motivados para a realização desse estudo, o qual teve por objetivo analisar qual a conceção do professor de História acerca da sua formação inicial, frente às competências/saberes exigidas no cotidiano profissional.

Para podermos atingir tal objetivo, foi necessário mapear e verificar as perceções que os professores de História têm acerca do currículo na sua formação inicial; evidenciar e correlacionar as dificuldades percebidas pelos docentes em sua atividade com a formação recebida no processo de graduação e a realidade do cotidiano profissional; perquirir como os professores realizam a sua prática docente quanto ao ensino de História.

O procedimento investigativo adotado por nós foi o método qualitativo, o qual se efetivou através de entrevistas semiestruturadas. A escolha do mesmo se deu em função de estarmos estudando uma categoria profissional, que foi convidada a refletir sobre sua formação e suas condições de trabalho e por estarmos no campo das ciências sociais, onde se tem uma pluralidade e ao mesmo tempo uma especificidade de informações, sobre isso pontua Minayo (2013): “A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares.” (p.21)

O aporte teórico que utilizamos destacou os aspetos relativos à formação de professores, às competências/saberes do professor e o currículo, bem como, à prática do ensino de História. Buscamos balizar, dessa forma, em que termos a formação inicial do professor de História, foi na

perceção dos mesmos, tomando como marco temporal o tempo presente, suficiente para o cotidiano, em sala de aula, das atividades do ensino de História.

O campo, onde a pesquisa foi realizada, foram escolas da região metropolitana do Recife, Pernambuco, Região Nordeste do Brasil, pertencentes às redes públicas dos municípios e do Estado, onde os professores entrevistados atuam. Selecionamos 15 (quinze) professores de História, com licenciatura plena na disciplina, os quais aceitaram participar da pesquisa, e que atuam tanto no ensino fundamental 2, quanto no ensino médio, e uma formadora de professores de uma Universidade Federal do Brasil, que comentou os resultados da pesquisa.

Na formação discursiva *(FD)* condição social do entrevistado no início da graduação, perguntamos aos professores sobre: por que escolheu a carreira de professor? A partir dos dados obtidos, podemos concluir que os mesmos escolheram a profissão por gostar da docência. Perguntamos também: qual sua condição socioeconômica à época? A partir dos dados obtidos, podemos concluir que a condição social dos mesmos oscilava entre a pobreza e a classe média.

Na formação discursiva *(FD)* formação inicial do professor de História, perguntamos aos professores sobre: você considera que sua formação inicial foi boa? Quais pontos fortes e fracos você ressaltaria sobre a mesma? Se pudesse mudá-la o que retiraria ou acrescentaria? A partir dos dados obtidos, podemos concluir que os professores consideram que sua formação inicial não os preparou para a prática. Que a formação poderia ser melhorada com a inclusão de outras disciplinas.

Na formação discursiva *(FD)* competências e saberes do professor de História, perguntamos aos professores sobre: utiliza habilidades, que possui em outras áreas na sua prática docente? A partir dos dados obtidos, podemos concluir que os professores consideram que o domínio e a utilização da maior gama possível de conhecimentos, em várias áreas, é fundamental para a eficiência do fazer docente.

Na formação discursiva *(FD)* o currículo de História na formação do professor, perguntamos aos professores sobre: como você avalia os conteúdos específicos de História, em sua formação inicial? A partir dos dados obtidos, podemos concluir que os professores consideram que o currículo em sua formação inicial foi insuficiente.

Na formação discursiva *(FD)* a prática docente no ensino de História, perguntamos aos professores sobre: você percebe algum direcionamento oficial sobre a forma como os conteúdos devem ser ensinados? A partir dos dados obtidos, podemos concluir que os professores percebem que há um direcionamento oficial sobre a forma como os conteúdos devem ser ensinados. Qual deve ser a melhor forma de se ensinar história? Justifique sua posição? A partir dos dados

obtidos, podemos concluir que os professores entendem que a melhor forma de se ensinar História, é tornar os alunos reflexivos e questionadores. Que uso você faz das tecnologias de informação e comunicação no seu cotidiano profissional? A partir dos dados obtidos, podemos concluir que os professores fazem uso das tecnologias de informação e comunicação no seu cotidiano profissional, sendo as mesmas, ferramentas do processo de ensino e aprendizagem. Você realiza atividades interdisciplinares, encontra dificuldades para realização das mesmas? A partir dos dados obtidos, podemos concluir que os professores realizam atividades interdisciplinares.

Na formação discursiva *(FD)* avaliação do professor de História sobre sua profissão, perguntamos aos professores sobre: que avaliação você faz da profissão de professor de História hoje? A partir dos dados obtidos, podemos concluir que os professores avaliam sua profissão como desvalorizada.

Nosso objetivo de analisar a conceção do professor de História acerca da sua formação inicial, frente às competências/saberes exigidas no cotidiano profissional, foi atingido, mediante entrevista semiestruturada, na qual se deu voz ao professor, e a análise do discurso do mesmo, em comparação com as investigações dos teóricos que trabalharam esse tema, dessa forma, para tanto, fez-se necessário analisarmos a perceção que o professor de História tem acerca do currículo na sua formação inicial, relacionarmos as dificuldades percebidas pelo docente em sua atividade com a formação recebida no processo de graduação e a realidade do cotidiano profissional, e identificarmos a prática docente quanto ao ensino de História.

Diante desse contexto, em que o próprio professor reconhece, as inúmeras dificuldades e inquietações que o acompanha, desde a sua formação inicial até o momento presente, o mesmo também se percebe, por escolha, como importante para a vida da nação e dos seus alunos.

Através desta pesquisa ficou claro a importância social do professor, e em particular o de História, cujo trabalho é fundamental do ponto de vista institucional, para dar o sentido de pertencimento a um povo, Estado e cultura, como também, dentro dessa realidade, contribuir para o aprimoramento social do conjunto da população, no que diz respeito aos aspetos políticos, contidos no ato de educar, mais que vão além, na busca pela construção de uma sociedade mais justa e igualitária, quando coloca em foco, os erros cometidos ao longo da História da humanidade, bem como, os pontos assertivos dentro do caminho que a mesma percorreu.

Quanto ao estar preparado para o cotidiano profissional em constante evolução, é essa a mais árdua tarefa entre as muitas que o mesmo possui, mas que deve ser atingida com sólida formação inicial, desenvolvimento constante de competências e saberes, consciência do papel

político que desempenha, busca incessante por maiores padrões de qualidade e uma humanização das relações com todos os entes do processo ensino aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abreu e Lima, J. I. (1843). *Compêndio da História do Brasil. Eduardo e Henrique Laemmert. Tomos I e II.* (324 p; 199 p). Rio de Janeiro.

Abud, K. M. (1997). Currículos de história e políticas públicas: os programas de história do Brasil na escola secundária. In Bittencourt, C. (org.), *O saber histórico na sala de aula* (pp 28 – 41). São Paulo: Contexto.

Abud, K. M. (2000, 17 de Fevereiro). *Aos 500 anos, história do Brasil provoca novas discussões*. Acedida em 25 de Agosto de 2013, às 17h59min. De Educacional, em http://www.educacional.net/entrevistas/entrevista0009.asp.

Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco – [Condepe/Fidem]. (2010). http://www.bde.pe.gov.br/estruturacaogeral/PerfilMunicipios.aspx. Acedido a 06 de junho, 2014 de Condepe/Fidem em http://www.condepefidem.pe.gov.br/.

Akkari, A. J. (2001, Abril). Desigualdades educativas estruturais no Brasil: entre estado, privatização e descentralização. *Educação & Sociedade ano XXII, nº 74*, pp 163 – 189. Campinas: Cedes.

Almeida, M. G. A. A. (2001). *A construção da verdade autoritária*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP.

André, M. A. (2005). Complexa Relação Entre o Professor e a Pesquisa. In André, M. A. (org.) *O Papel da Pesquisa na Formação e Na prática dos Professores.* (4ª ed.) Campinas: Papirus.

Anderson, G. L., & Herr, K. (1999, June/July). The new paradigma wars: Is there room for rigorous practitioner knouledge in schools and universities*? Educational Researcher nº 5 vº 28*, pp 12 – 21 e 40.

Apple, M. W. (2012). Perspectivas críticas: como pensar movimentos contra-hegemônicos e como participamos deles? In Pereira, M. Z. C., & Lima, I. S. (org.), *Currículo e políticas educacionais em debate* (pp. 17 – 43). Campinas: Alínea.

Assuntos Estratégicos: Social e renda. (2014, nov.) *A Classe Média Brasileira / Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. – nº 1.* Brasília. Disponível em - http://www.sae.gov.br/category/documentos/?info=documento. Acedido em 24 de junho de 2015. www.sae.gov.br

Azevedo, C. B. (2011, Agosto/Dezembro). A formação em pesquisa do professor de história. *Campo Mourão, Revista NUPEM v.3, n.5*, p. 73 a 92.

Azevedo, P. B. (2003). *Ensino de história e memória social: a construção da história-ensinada em uma sala de aula dialógica*. Dissertação, Programa de Pós-graduação em Educação, orientada por Niterói, C. M. G.). Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense.

Barbosa, F. R. P. (2011). *Avaliação da aprendizagem na formação de professores: teoria e prática em questão.* Dissertação, Programa de Pós-graduação em Educação, orientada por Krahe, E. D. Porto Alegre, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Barros, J. (2010). Cultura, memória e identidade – contribuição ao debate. *Cadernos De História, 4(5),* 31-36. doi:10.5752/1696. Acedida a 16 de maio de 2015. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/1696>

Basso, I. (2009). *Formação continuada de professores: competências e uso da linguagem digital* Tese, orientada por Amaral, S. F. do. Campinas, Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.

Basso, I. S. (1994). *As condições subjetivas e objetivas do trabalho docente: um estudo a partir do ensino de história*. Tese, orientada por Saviani, D. Campinas, Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.

Becker, H. (1970). "The career of the Chicago schoolmaster." In *Sociological Work: Method and Substance*. Chicago: Aldine.

Bell, J. (2008). *Projeto de pesquisa: guia para pesquisadores iniciantes em educação, saúde e ciências sociais*. Porto Alegre: Artmed.

Bellegarde, H. L. N. (1831). *Resumo de História do Brasil até 1828* (trad. Mr. Denis, correcto e augmentado por Niemeyer Bellegarde, H. L. de). Rio de Janeiro: Typ. Gueffier.

Benveniste, E. (1974). "L'appareil formel de l'énonciation." In *Problèmes de linguistique générale II* (pp 79 – 88). Paris: Gallimard.

Beserra, R. O. (2011). *O tema no ensino de história: desafios docentes no desenvolvimento curricular*. Dissertação, orientada por Monteiro, A. M. F. da C. Rio de Janeiro, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Bezerra, A. S. T., & Farias, I. M. S. (2009). *Pesquisa e reflexão: qual seu espaço na formação do professor de história?* IX congresso nacional de educação (pp 4568 – 4580). Acedido em 13 de fevereiro de 2013 em http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3021_1713.pdf.

Bittencourt, C. M. F. (2009). *Ensino de história: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez.

Borges, C. (2001, abril). Saberes docentes: Diferentes tipologias e classificações de um campo de pesquisa. *Educação & Sociedade ano XXII nº 74,* pp 59 – 76. Campinas: Cedes.

Boschi, C. C. (2007). *Por que estudar história?* São Paulo: Ática.

Brandão, H. H. N. (2004). *Introdução à análise do discurso.* Campinas: Editora da Unicamp.

Capelato, M. H. R. (2009). *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. São Paulo: UNESP.

Ciampi, H. (2013, Junho). Os dilemas da formação do professor de história no mundo contemporâneo. *Revista história hoje vol. 2 nº 3*, pp 109 – 130. Acedida a 02 de agosto de 2014 em http://rhhj.anpuh.org/ojs/index.php/RHHJ/index.

Conniff, M. L. (2006). A elite nacional. In Heinz, F. M. (org.), *Por outra história das elites* (1ª ed., pp 99 – 121). Rio de Janeiro: FGV.

Cury, C. R. J. (1945). *Ideologia e educação brasileira: católicos e liberais.* (4ª ed. 1988). São Paulo: Cortez/ Autores Associados.

Decreto-Lei 19.851 de Abril. *Dispõe sobre o ensino superior no Brasil.* Acedida em 09 de fevereiro de 2015 em http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19851-11-abril-1931-505837-publicacaooriginal-1-pe.html

Decreto-Lei 19.852 de 11 de Abril. D*ispõe sobre a organização da Universidade do Rio de Janeiro*. Acedida em 09 de fevereiro de 2015 em http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19852-11-abril-1931-510363-republicacao-85622-pe.html

Decreto-Lei 19.890 de 18 de abril. Dispõe sobre a organização do ensino secundário. Acedida em 09 de fevereiro de 2015 em http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/5_Gov_Vargas/decreto%2019.890-%201931%20reforma%20francisco%20campos.htm

Duarte, A., & Oliveira, D. A. (2014). A ação sindical diante das políticas de valorização e atratividade da profissão docente em Minas Gerais e Pernambuco. In Oliveira, D. A., & Melo, S. D. G. (org.), *Sindicalismo docente: desafios e perspectivas* (1ª ed., pp. 229 – 264). Camaragibe, PE: CCS.

Elliot, J. (1991). *El cambio educativo desde la investigación-acción*. Madrid: Ediciones Morata.

Esteve, J. M. (1999). Mudanças sociais e função docente. In Nóvoa, A. (org.), *Profissão Professor* (2ª ed., pp 93 – 124). Porto: Porto.

Feldmann, M. G. (2009). Formação de professores e cotidiano escolar. In Feldmann, M. G. (org.), *Formação de professores e escola na contemporaneidade* (1ª ed., pp 71 – 80). São Paulo: Senac.

Ferreira, C. A. L. (2004). *A formação e a prática dos professores de história: enfoque inovador, mudança de atitudes e incorporação de novas tecnologias nas escolas públicas e privadas do Estado da Bahia, Brasil*. Tese, orientada por Comellas, M. J. Barcelona: Universitat Autònoma.

Fiorentini, D., & Souza e Melo, G. F. (1998). Saberes docentes: um desafio para acadêmicos e práticos. In Geraldi, C. (org.), *Cartografias do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a)*. Campinas: Mercado das Letras, ALB.

Forquin, J. C. (1993). *Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre: Artmed

Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.

Gauthier, C., et al (1998). *Por uma teoria da Pedagogia*. Ijuí: Unijuí.

Giroux, H A. (1997). *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed.

Guimarães, M. L. S. (2011). História e erudição. In Nicolazzi, F., Mollo, H. M., & Araujo, V. L. (org.), *Aprender com a história? O passado e o futuro de uma questão*. (pp 43 – 57). Rio de Janeiro: Editora FGV.

Gumbrecht, H. U. (2011). Depois de "Depois de aprender com a história", o que fazer com o passado agora? In Nicolazzi, F., Mollo, H. M., & Araujo, V. L. (org.), *Aprender com a história? O passado e o futuro de uma questão*. (pp 25 – 42). Rio de Janeiro: Editora FGV.

Harris, Z. S. (1952). *"Cultura e Estilo no Discurso avançados." Trabalhos selecionados a partir da 29ª Congresso Internacional de Americanistas* (New York, 1949), vol.III: Tribos indígenas da América Aboriginal ed. pelo Sol Tax & Melville J [oyce] Herskovits, 210-215. New York: Cooper Square Publishers.

Horta, J. S. B. (2000). A I Conferência Nacional de Educação ou de como monologar sobre educação na presença de educadores. In Gomes, A. C. (org.), *Capanema: o ministro e seu ministério* (pp. 143 – 172). Rio de Janeiro: FGV.

Huberman, M. (1971). *Adult development and Learning from a Life-Cycle Perspective*. Paris: Royaumont.

Huberman, M. (1974). *Cycle de vie et formation*. Vevey: Éditions Delta.

Huberman, M. (1992). O ciclo de vida profissional dos professores. In Nóvoa, A. (org.), *Vidas de professores* (2ª ed., pp 31 – 61). Porto: Porto.

Huberman, M., & Schapira, A. (1979). "Cycle de vie et enseignement: Changements dans les relations enseignant-élèves au cours de la carrière." *Gymnasium Helveticum 34 (2)*, pp 113 – 129.

Jakobson, R. (1963). "*Linguistique et poétique." In Essais de linguistique générale* (pp 209 – 248). Paris: Minuit.

Laville, C., & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.

Le Goff, J. (2003). *História e memória* (Trad. Leitão, B. [*et al.*], 5ª ed.). Campinas: Editora da Unicamp.

Lei 9.394/96 de 20 de Dezembro. Estabelece as diretrizes e bases da educação brasileira. Acedida em 26 de janeiro de 2015 em http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%209.394-1996?OpenDocument.

Lei 12.014/09 de 06 de Agosto. *Discrimina as categorias de trabalhadores que se devem considerar profissionais da educação*. Acedida em 28 de fevereiro de 2015 em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l12014.htm

Lelis, I. A. (2001, Abril). Do ensino de conteúdos aos saberes do professor: Mudança de idioma pedagógico? *Educação & Sociedade ano XXII nº 74,* pp 43 – 58. Campinas: Cedes.

Lewin, K. (1946). Action research and minority problems. *Journal of Social Issues, v° 2, n° 4,* pp. 34-46. Malden.

Lima, I. S. (2012). A inter-relação curricular In Pereira, M. Z. C., & Lima, I. S. (org.), *Currículo e políticas educacionais em debate* (pp. 151 – 162). Campinas: Alínea.

Liston, D. P., & Zeichner, K. M. (1991). *Teacher education and the social conditions of schooling*. New York: Routledge.

Lopes, A. (2012). Breve apontamento sobre os dilemas actuais da formação de professores. In Cavalcante, M. A. S., Freitas, A. F. R., Pizzi, L. C. V., Fumes, N. L. F., Lopes, A., & Freitas, M. L. Q. (orgs.), *Formação docente em contextos de mudança* (pp 13 – 22). Maceió: UFAL.

Lüdke, M. (2000). *"A pesquisa e o professor da escola básica."* (Relatório de pesquisa. Departamento de Educação, 130p.). PUC-Rio.

Lüdke, M. (2001, Abril). O professor, seu saber e sua pesquisa. *Educação & Sociedade ano XXII nº 74,* pp 77 – 96. Campinas: Cedes.

Maingueneau, D. (1997). *Os termos-chave da análise do discurso.* Lisboa: Gradiva.

Martins, M. C. (2000). *A história prescrita e disciplinada nos currículos escolares: quem legitima esses saberes?* Tese, orientada por Zamboni, E. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.

Martius, K. F. P. (1845, Janeiro). Como se deve escrever a história do Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro nº 24, 2ª ed*., pp 389 – 411. Acedida a 13 de agosto de 2014 em http://www.pucrs.br/letras/pos/historiadaliteratura/textosraros/martius.htm.

Mata, S. (2011). Historiografia, normatividade, orientação: sobre o substrato moral do conhecimento históricos. In Nicolazzi, F., Mollo, H. M., & Araujo, V. L. (org.), *Aprender com a história? O passado e o futuro de uma questão* (pp 59 – 76). Rio de Janeiro: Editora FGV.

Michel, M. H. (2009). *Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais*. São Paulo: Atlas.

Minayo, M. C. S. (2013). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (33ª ed.). Petrópolis: Vozes.

Mizukami, M. G. N. (1986). *Ensino: as abordagens do processo.* São Paulo: EPU.

Morin, E. (2007). *Introdução ao pensamento complexo*. (3ª ed.). Porto Alegre: Sulina.

Nadal, B. G. (2009). A escola e sua função social: uma compreensão à luz do projeto de modernidade. In Feldmann, M. G. (org.), *Formação de professores e escola na contemporaneidade* (1ª ed., pp 19 – 33). São Paulo: Senac.

Neto, L. (2013). *Getúlio: Do governo provisório à ditadura do Estado Novo (1930-1945)* (1ª ed.). São Paulo: Companhia das Letras.

Nóvoa, A. (1992). Os professores e as histórias da sua vida. In Nóvoa, A. (org.), *Vidas de professores* (2ª ed., pp 11 – 30). Porto: Porto.

Nóvoa, A. (1999). O passado e o presente dos professores. In Nóvoa, A. (org.), *Profissão Professor* (2ª ed., pp 13 – 34). Porto: Porto.

Nunes, C. M. F. (2001, Abril). Saberes docentes e formação de professores: um breve panorama da pesquisa brasileira. *Educação & Sociedade ano XXII nº 74*, pp 27 – 42. Campinas: Cedes.

Oliveira, M. M. D., & Freitas, I. (2013, Junho). Desafios da formação inicial para a docência em história. *Revista história hoje, vol. 2, nº 3*, pp 131 – 147. Acedida a 02 de agosto de 2014 em http://rhhj.anpuh.org/ojs/index.php/RHHJ/index.

Orlandi, E. P. (2000). *Análise de discurso: princípios e procedimentos.* Campinas: Pontes.

Pacievitch, C. (2012). *Responsabilidade pelo mundo: utopias político-educacionais na formação de professores de história de São Paulo e Barcelona*. Tese, orientada por Rossi, V. L. S. de. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.

Peixoto, M. G. (2009). Multiculturalismo e pós-modernidade: educação, diferença e igualdade social. In Feldmann, M. G. (org.), *Formação de professores e escola na contemporaneidade* (1ª ed., pp 35 – 50). São Paulo: Senac.

Pereira, M. Z. C. (2012). Uma análise avaliativa: o "outro" do currículo e os currículos "outros" In Pereira, M. Z. C., & Lima, I. S. (org.), *Currículo e políticas educacionais em debate* (pp. 45 – 63). Campinas: Alínea.

Perrenoud, P. (1999). *Construir as competências desde a escola*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.

Perrenoud, P. (2000). *10 novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artmed.

Peterson, W. (1964). "Age, teacher's role and the institutional setting." In Biddle, B. & Elena, W. (eds.), *Contemporary Research on Teacher Effectiveness.* New York: Holt, Rinehart.

Pimenta, S. G. (1999). Formação de professores: Identidade e saberes da docência. In Pimenta, S. G. (org.), *Saberes pedagógicos e atividade docente*. São Paulo: Cortez.

Ramalho, B. L., Nuñes, I. B. & Clemont, G. (2000). *Quando o desafio é mobilizar o pensamento pedagógico do professor/a: uma experiência centrada na formação continuada.* http://www.comperve.ufrn.br/conteudo/observatorio/uploads/publicacoes/artigos_05022013080322.pdf. Acedida a 05 de julho de 2013 em http://www.comperve.ufrn.br.

Reis, M. J. (1999, Janeiro/Julho). O ensino de História e a construção da identidade nacional: uma união legítima? *Revista Perspectiva vol. 17 n. Especial*, pp 99 – 110. Acedida a 16 de maio de 2015 em https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/11206/10673.

Resende, M. J. (2008). *A aula narrada: a manifestação da consciência histórica na elaboração dos planos de ensino pelos licenciados em história pela Universidade de São Paulo*. Dissertação, orientada por Abud, K. M. São Paulo: Universidade de São Paulo.

Ricci, C. S. (2003). *A formação do professor e o ensino de história espaços e dimensões de práticas educativas (Belo Horizonte, 1980/2003)*. Tese, orientada por Silva, M. São Paulo: Universidade de São Paulo.

Richardson, R. J. (1999). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas.

Rocha, D., & Deusdará, B. (2005, Julho/Dezembro). Análise de conteúdo e análise d discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. *Alea, vol. 07, nº 02*, pp 305 – 322.

Rodrigues, V. M. (2003). *A formação política do professor de educação infantil: entre a construção coletiva histórica e a regulamentação das competências do modelo neoliberal*. Dissertação, orientada por Nunes, C. A. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.

Sacristán, J. G. (1999). Consciência e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores. In Nóvoa, A. (org.), *Profissão Professor* (2ª ed., pp 63 – 92). Porto: Porto.

Santos, M. C. (2012). *A construção de identidade profissional docente: relatos de história de vida*. Dissertação para obtenção do grau de mestre, orientada por Almeida, M. das G. de A. A. de. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Schön, A. D. (2000). *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed.

Schwartzman, S., Bomeny, H. M. B., & Costa, V. M. R. (1984). Tempos de Capanema. *Coleção Estudos Brasileiros, vº 81*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: Universidade de São Paulo.

Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco. (2013). *Parâmetros para a Educação Básica do Estado de Pernambuco: Parâmetros Curriculares de História Fundamental e Médio*. Recife. Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação (CAEd), Universidade Federal de Juiz de Fora Fonte: http://www.educacao.pe.gov.br/portal/upload/galeria/4171/historia_parametros_efm2013.pdf. Acedida a 10 de setembro de 2015 em http://www.educacao.pe.gov.br/portal/

Secretaria de Educação Média e Tecnológica do Ministério da Educação do Brasil. (1999). *Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio*. Brasília.

Silva, A. C. M. (2010). *Imagens televisivas e ensino de história: representações sociais e conhecimento histórico.* Tese, orientada por Abud, K. M. São Paulo: Universidade de São Paulo.

Silva, S. R. P. (2012). Política de formação e certificação docente no contexto da sociedade do conhecimento: implicações para a formação humana. In Cavalcante, M. A. S., Freitas, A. F. R., Pizzi, L. C. V., Fumes, N. L. F., Lopes, A., & Freitas, M. L. Q. (orgs.), *Formação docente em contextos de mudança* (pp 13 – 22). Maceió: UFAL.

Silva, T. M. T. (2005). *Professor reflexivo e uma nova (?) cultura da docência: uma análise a partir dos anos 90*. Tese, orientada por Castanhos, S. E. M. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.

Silveira, J. B. (2008). *A política de formação de professores de história no regime civil-militar: a criação da licenciatura curta em estudos sociais*. Dissertação, orientada por Machado, V. L. de C. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Stenhouse, L. (1975). *An introduction to curriculum research and development*. Londres: Heinemann.

Tardif *et al.* (1991). Os professores face ao saber: esboço de uma problemática do saber docente. *Teoria e Educação, n. 4.*

Teixeira, F. C. (2011). O que se pode aprender com a história? As sentenças prudenciais e o gênero histórico em Leonardo Bruni e Nicolau Maquiavel. In Nicolazzi, F., Mollo, H. M., & Araujo, V. L. (org.), *Aprender com a história? O passado e o futuro de uma questão* (pp 185 – 206) Rio de Janeiro: Editora FGV.

Therrien, J., & Loiola, F. (2001, Abril). Experiência e competência no ensino: Pistas de reflexões sobre a natureza do saber-ensinar na perspectiva da ergonomia do trabalho docente. *Educação & Sociedade ano XXII, nº 74,* pp 143 – 160. Campinas: Cedes.

Zeichner, K. M., & Diniz-Pereira, J. E. (2005, Maio/Agosto). Pesquisa dos educadores e formação docente voltada para a transformação social. *Cadernos de Pesquisa vº 35 nº 125*, pp 63 – 80. Acedida a 03 de julho de 2013 em http://www.scielo.br/pdf/cp/v35n125/a0535125.pdf

APÊNDICES

APÊNDICE I. GUIÃO DE ENTREVISTA

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Professor: Vlademir André de Oliveira

Correio eletrônico: vlademir.andre.oliveira@gmail.com

GUIÃO DE ENTREVISTA

Prezado Professor:

Esta entrevista faz parte de uma pesquisa de mestrado que tem por objetivo analisar qual a concepção do professor de história acerca de sua formação inicial, frente às competências/saberes exigidos no seu cotidiano profissional, bem como, analisar a percepção que o mesmo tem sobre o currículo de sua graduação. Não há respostas corretas ou incorretas, no entanto, fazem-se necessárias respostas francas, para que possamos obter resultados significativos. Os dados serão mantidos em sigilo e somente utilizados nesta pesquisa.

Agradeço desde já sua atenção e participação.

Q1. Identificação do entrevistado – Objetivo: caracterizar o entrevistado.

- Gênero;
- Naturalidade;
- Data de nascimento;
- Formação;
- Ano de início da graduação;
- Tempo de magistério;
- Níveis ou modalidades de ensino em que mais atuou;

Q2. Condição social – Objetivo: elaborar a caracterização socioeconômica do professor.

- Por que escolheu a carreira de professor?
- Qual a sua condição socioeconômica à época?

Q3. Formação de professores em história – Objetivo: caracterizar a formação inicial do professor.

- Você considera que a sua formação inicial foi boa? Quais pontos fortes e fracos, você ressaltaria sobre a mesma? Se pudesse mudá-la o que retiraria ou acrescentaria? Justifique a sua posição.

Q4. Competências/saberes – Objetivo: evidenciar o conjunto de habilidades que não fazem parte do conhecimento profissional específico do professor.

- Utiliza habilidades, que possui em outras áreas na sua prática docente?

Q5. Currículo – Objetivo: destacar a base de conhecimentos inerentes a sua formação profissional inicial específica.

- Como você avalia os conteúdos específicos de história, em sua formação inicial?

Q6. Ensino de história – Objetivo: identificar a prática docente quanto ao ensino de história.

- Você percebe algum direcionamento oficial sobre a forma como os conteúdos devem ser ensinados?
- Qual deve ser a melhor forma de se ensinar história? Justifique sua posição.
- Que uso você faz das tecnologias de informação e comunicação no seu cotidiano profissional?
- Você realiza atividades interdisciplinares, encontra dificuldades para realização das mesmas?

Q7. A profissão de professor – Objetivo: identificar como o professor avalia sua profissão na atualidade.

- Que avaliação você faz da profissão de professor de história hoje?

APÊNDICE II. CARTA-CONVITE PARA OS PROFESSORES DE HISTÓRIA

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Professor: Vlademir André de Oliveira

Correio eletrônico: vlademir.andre.oliveira@gmail.com

Recife, ___ de _____ de 2014.

Ilmo. (a). Senhor (a) _____.

As exigências, cada vez maiores, para que se oferte aos educandos uma formação que venha a atender as necessidades tanto dos aspectos humanos quanto de suas futuras carreiras profissionais tem repercutido, também nos professores, dos quais se espera padrões de qualidade cada vez mais elevados, desde sua formação inicial, prosseguindo ao longo de toda sua vida de educador.

Assim, vimos por meio desta convidar-lhe a participar da presente pesquisa, através de uma entrevista semiestruturada a ser realizada em dia e horário pré-agendados.

O objetivo geral é analisar qual a concepção do professor de história acerca da sua formação inicial, frente às competências/saberes exigidas no cotidiano profissional.

Sabemos de vossas inúmeras atividades como professores de História desta instituição de ensino, mas gostaríamos de reiterar nosso convite para participação neste projeto de investigação.

Maiores informações poderão ser obtidas pelos seguintes meios: telefones (81) 8817-4641 e (81) 9811-0912, ou pelo correio eletrônico vlademir.andre.oliveira@gamil.com.

Desta forma, agradecemos antecipadamente à V. Ex.ª., pela colaboração neste estudo e aguardamos sua resposta. Ressaltamos que os resultados gerais obtidos através da presente pesquisa lhe serão enviados oportunamente.

Atenciosamente,

Vlademir André de Oliveira

Professor

Mestrando em Ciências da Educação

Especialista em Ciências da Educação – Especialista em História do Brasil

Professor da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco

APÊNDICE III. RESPOSTA DA ENTREVISTA

Entrevista P1

1. Identificação do Entrevistado

Gênero: Masculino
Naturalidade: Paulista – PE.
Data de nascimento: 06.12.1980
Formação: Licenciatura Plena em História e Especialização em Ensino de História das Artes e das Religiões
Ano de início da graduação: 1999
Tempo de magistério: 14 anos
Níveis ou modalidades de ensino em que mais atuou: Ensino Fundamental 2 e Ensino Médio

2. Condição social

Por que escolheu a carreira de professor?

R= Isso é curioso porque quando era o momento de tratar de profissão no ensino médio eu dizia que ia ser tudo menos professor. E no segundo ano a gente começou a montar grupos de estudos e aí eu dava aula de História, literatura, geografia e outro colega matemática, outro colega ciências, e corrigindo, ciências não, biologia. E acabou que quase todo mundo virou professor. Agente acabou tomando gosto de dar aulas para os colegas. Daqui a pouco a sala estava cheia. E acabou que quase todo mundo acabou virando professor. Essa escolha foi uma escolha consciente, conscientes das dificuldades, eu tinha amigos que eram professores, foi uma escolha com nenhuma ilusão, foi uma escolha vinculada ao gostar. Foi uma experiência que a gente tinha de compartilhar conhecimento com os colegas, fez com que a gente tomasse gosto por aquilo, inclusive boa parte desses amigos são hoje professores de carreira, são professores de fundamental, médio e é uma decisão que eu não me arrependo.

Qual a sua condição socioeconômica à época?

R= Semelhante à de hoje, classe média baixa, tinha uma situação privilegiada, não precisava trabalhar, então pude-me dedicar somente aos estudos, pelo menos no momento do ensino médio, mas desde que entrei na faculdade já comecei, pelo menos desde que foi permitido, no terceiro período, já comecei a estagiar e a ter essa experiência em sala de aula.

3. Formação de professores em História

Você considera que a sua formação inicial foi boa? Quais pontos fortes e fracos, você ressaltaria sobre a mesma? Se pudesse mudá-la o que retiraria ou acrescentaria? Justifique a sua posição.

R= Eu acho que nenhuma formação teórica acadêmica, teórica, é capaz de dar conta da totalidade dos desafios que a prática vai apresentar. E a minha formação em História na instituição onde fiz foi muito positiva, foi muito boa, é claro que existem aspetos que a gente sempre vai questionar, por exemplo, o currículo que sempre privilegiou mais a História da Europa, do que a História de outras

partes do mundo, como a África, como Ásia, mas até a época, até mesmo esses conteúdos não vinham tão presentes nos livros de História, como vem hoje. Então eu não posso culpar a Instituição por essa visão porque até mesmo os livros didáticos eram praticamente ausentes a História da China, a História da África. Hoje eu gostaria de ter a oportunidade de acrescentar esses pontos que ao longo da vida profissional a gente vê sendo inseridos nos conteúdos de História, mas nem sempre a gente teve a formação no período da graduação. Mas, não vejo isso como uma deficiência, como algo negativo, vejo como um desafio de uma prática de uma profissão que está em constante mutação, está em constante mudança, e que a gente precisa estar sempre atualizado. Eu queria destacar pelo menos enquanto ponto forte, fortíssimo, na minha formação o fato de que principalmente nas disciplinas pedagógicas, eu tive a oportunidade de contar com professores que deixavam muito claro o desafio que é ser professor, a gente não estudava pensando apenas no ideal, agente trabalhava sempre com o real e vejo também como ponto forte da graduação, além da preparação teórica ou do professor, a ideia do professor ter que unir o ensino, a pesquisa, a extensão, a ideia do professor como um pesquisador, que não deve se limitar aos manuais, aos livros didáticos e não deve bitolar sua prática, apenas a currículos ou a outras formas de organizar o ensino. Acho que também outro ponto forte foi a qualidade dos professores em termos de formação que proporcionou um conhecimento útil para ser levado a sala de aula. É claro que a gente nunca vai conseguir pegar o conteúdo visto em nível superior e levar tal qual para o nível fundamental, para nível médio. Mas, os professores também davam um impulso muito grande à ideia de como agente deveria elaborar esses conteúdos para que chegassem em condições do aluno entender, dependendo do nível de ensino. Para fazer um balanço e finalizar essa questão eu vejo a formação com mais aspetos positivos do que propriamente com aspetos negativos. Os aspetos positivos se sobressaíram em relação aos negativos durante a formação.

4. Competências/saberes

Utiliza habilidades, que possui em outras áreas na sua prática docente?

R= Eu acho que apesar de não ser específico do saber da História, eu entendo que é não apenas específico, mas fundamental do ofício de professor, dominar conhecimentos, dominar tecnologias que estão associadas à sua prática do trabalho. É claro que aspetos como a visão de mundo, a visão política vai ter um peso muito grande na prática, mas eu tento fazer com que minhas conceções políticas, conceções religiosas não sejam um mecanismo de doutrinar o aluno, se esta minha experiência puder enriquecer, para que o aluno siga os seus próprios caminhos levando suas próprias questões propondo suas próprias respostas, ótimo. Mas, nunca como uma forma de usar isso para doutrinar, para conduzir, para guiar, conforme o que eu penso, conforme o que eu quero para o aluno e sim estimule encontrar o seu próprio caminho.

5. Currículo

Como você avalia os conteúdos específicos de História, em sua formação inicial?

R= A gente ainda hoje é herdeiro de um modelo de currículo e organização de conteúdos que privilegia muito a História europeia. É claro que a gente hoje vê um esforço maior em se estudar a História africana e a afro-brasileira, a História indígena, a História da China e outras civilizações que eram praticamente ausentes na nossa formação. Mas, novamente voltando ao ponto, naquela época, até mesmo nos manuais didáticos esses conteúdos eram em grande parte ausentes, eu entendo a ausência disso na formação em nível do professor da parte da universidade, porém acho que é preciso buscar mecanismos de adaptar o conteúdo as práticas docentes e principalmente quem já teve oportunidade de passar na formação por um modelo de currículo que hoje não mais corresponde à realidade do ensino que haja formas mais fáceis, mais acessíveis, possíveis ao professor em compensar essa ausência desses conteúdos na formação. Para que ele possa levar isso para o aluno também, com a autoridade de quem já estudou, de quem já pesquisou. De quem já trabalhou com

esses conteúdos com outro nível e não que no momento de levar um conteúdo novo para a sala de aula seja também novo para o professor.

6. Ensino de História

Você percebe algum direcionamento oficial sobre a forma como os conteúdos devem ser ensinados?

R= Não, não percebo isso em nenhuma instituição ou nível de ensino que tenha trabalhado algum direcionamento oficial a cerca de conteúdo ou formas de se ensinar. Em relação aos livros didáticos e entendendo que os livros didáticos vão hoje mais do que às vezes currículos e parâmetros curriculares e etc. vão conduzir muito o trabalho do professor. Eu tenho uma visão muito crítica do livro didático, eu tento não me manter preso ao livro. Agente sabe que existem livros que são maravilhosos, mas muitos deles não correspondem realmente à realidade, a necessidade do aluno, da comunidade de que estão inseridos, então ficar bitolado ao livro didático eu acho que é reduzir muito a importância do trabalho do professor. Ainda que a gente possa entender que o livro didático ele é uma produção que tem um discurso, que tem um objetivo que vai refletir um certo posicionamento político e ideológico, eu acho que isso não deve justificar que o trabalho do professor também o seja. Precisa ter uma visão crítica diante do livro didático e levar os alunos também a ter essa visão, de que o livro não é mais importante do que o professor e que o livro é passível de erros, o livro é apenas uma ferramenta que deve servir ao professor, que não deve ser a ferramenta ou deve estar até mesmo estar acima do professor em sala de aula.

Qual deve ser a melhor forma de se ensinar História? Justifique sua posição.

R= Essa pergunta é difícil, como se eu pudesse ser o dono da verdade e dizer qual seria a melhor forma de. Eu posso logo dizer que eu estou em busca dessa melhor forma de se ensinar a História. Não sei se a encontrei, espero não ter a encontrado, porque na medida em que a gente tiver encontrado, a gente perde o objetivo. Viver sem objetivo é perigoso. Como a educação é uma constante mudança e a História também, então acho que a gente vai estar sempre perseguindo essa questão e dificilmente a gente vai ter uma resposta pronta, vai ter um manual. Mas eu acredito que sempre a melhor forma de ensinar História é uma forma que leve ao aluno a ter uma perspetiva crítica, questionadora, consciente e se o professor de História conseguir fazer com que seu aluno tenha esse posicionamento crítico, questionador, consciente diante do mundo, o papel dele foi cumprido.

Que uso você faz das tecnologias de informação e comunicação no seu cotidiano profissional?

R= Estão de um lado a minha pesquisa em sala de aula, mas também minha pesquisa em casa, fora do âmbito escolar. No âmbito escolar agente dispõe de alguns recursos tecnológicos (projetores, computadores, som, DVD), em casa e em outros locais a gente pode utilizar outras ferramentas também de pesquisa, internet, etc. É claro que na realidade de escola pública a gente está ainda bastante atrás de muitas instituições particulares e dos recursos tecnológicos que essas instituições têm colocado à disposição do professor em sala de aula. No entanto tenho uma visão muito crítica da tecnologia, eu acho que o olhar do professor para a tecnologia não deve ser o olhar da admiração, não deve ser o olhar de quem mira ao lado de, deve ser um olhar crítico, um olhar que aquilo deve ser utilizado como uma ferramenta, como um apoio para o seu trabalho, não que aquilo será o seu trabalho, que aquilo será o ponto mais importante da sua ação. A sedução pela tecnologia faz com que se corra o risco de a gente perder a ideia de que o professore o centro do processo educativo, junto com o aluno, e não a tecnologia acima dos dois. A tecnologia deve intermediar a relação entre os dois e o processo de ensino e aprendizagem e o acesso ao conhecimento, mas nunca substituir o professor. Hoje a gente vive uma realidade que muitas vezes se pensa que o acesso a uma tecnologia nova de

educação, recursos tecnológicos na escola vão garantir o sucesso do processo de ensino aprendizagem. E isso é um erro. Primeiro porque aquilo ali é uma ferramenta que precisa ser criticada, mas precisa ser utilizada. Então, é preciso primeiro conhecer e infelizmente agente lida com situações que algumas ferramentas dessas não são de domínio dos professores, às vezes se disponibiliza algo que os professores não estão preparados para utilizar e aí não vão entender apenas como de domínio da tecnologia, mas um processo de utilizar criticamente e em prol do ensino aprendizagem e não se deixar dominar pela tecnologia ou a sedução da tecnologia que jamais vai substituir o olho a olho, o cara a cara, que é esse trabalho, o diálogo, jamais isso poderá ser substituído por uma tecnologia.

Você realiza atividades interdisciplinares, encontra dificuldades para realização das mesmas?

R= Primeiro eu tenho uma visão crítica da interdisciplinaridade que infelizmente a interdisciplinaridade muitas vezes é um discurso, mas a nossa prática às vezes fica muito longe disso, é um discurso porque em todos os níveis de ensino e parâmetros curriculares, em disciplinas, em cursos de formação de professor, a gente sempre vê o discurso da interdisciplinaridade. Mas na prática nem sempre é assim. Quase sempre o professor caminha na sua disciplina sem ter ideia do que os outros professores estão fazendo. Ao longo do ano não conseguem concatenar o seu trabalho com o trabalho de outros colegas para fazer com que o aluno tenha uma visão completa do conhecimento, uma visão que englobe os aspetos. Em que medida uma disciplina se relaciona com a outra como os conhecimentos se complementam em prol de uma visão de mundo, e isso eu não vou dizer que é egoísmo do professor, muitas vezes a gente vive numa situação em que a gente está tão preso ao trabalho na sala de aula que a gente não tem tempo de planejar, a gente não tem tempo de conversar com os colegas e trocar experiências, de elaborar projetos, sempre que possível eu tenho feito atividades ligando a História a outras disciplinas para que o aluno perceba que o conhecimento não são ilhas isoladas e sim que eles se tocam. É claro que com a realidade de uma grande carga horária em sala de aula e às vezes trabalhando em várias instituições é difícil o professor ter tempo de fazer isso, porque ele vai precisar também do tempo do outro e muitas vezes a dinâmica do trabalho do professor impede que haja esses momentos de troca de experiência entre os docentes. Mas quando é possível fazer isso é muito interessante para o aluno, porque ele vai perceber que o conhecimento é algo interligado, não é algo isolado, não é algo separado, e aí ele muda a visão sobre as disciplinas, muda a visão sobre o mundo, até porque às vezes a deficiência em uma determinada disciplina é por não entender que em relação àquela disciplina tem com sua vida, tem com o mundo e com as outras. Então eu acho que a interdisciplinaridade é importante para também corrigir esse problema mostrar que o conhecimento é um só, as seções em que ele é dividido não são seções independentes, não são seções isoladas, são seções que se tocam, se comunicam e num mundo onde hoje tudo está relacionado, a interdisciplinaridade é fundamental, mas infelizmente tem sido mais um discurso do que uma prática mesmo no trabalho das escolas.

7. A profissão de professor

Que avaliação você faz da profissão de professor de História hoje?

R= Eu acho que é difícil fazer uma avaliação da profissão de professor de História sem levar em conta uma avaliação da profissão de professor hoje, vivemos numa sociedade onde a valorização da educação e do professor infelizmente é um discurso, e está muito longe da prática e nesses termos a situação do professor de História não vai ser muito diferente da situação dos professores de outras disciplinas, o professor de História vai se deparar com realidades que são peculiares a todos os professores de todas as disciplinas, salário muito abaixo da importância do seu trabalho, condições de trabalho nem sempre interessantes, carga horária imensa que lhe permite pouco tempo para planejar, pouco tempo para pensar em outras atividades, pouco tempo para se dedicar à sua formação, pouco tempo para se dedicar a si mesmo, como ser humano, como um momento de laser que é necessário

também para a profissão de professor como em qualquer outra profissão, mas acho que o professor de História vive um momento importante por conta do momento histórico que o Brasil vive, o momento que o mundo vive, um momento em que a gente ainda vê antigas tensões, antigos problemas que não foram resolvidos, ainda continuam presentes no mundo atual, desafios novos que são colocados e isso deve ser utilizado pelo professor em sala para fazer com que o aluno perceba que a História não é simplesmente o passado, a História é o presente, a História é viva, faz parte de cada um de nós e esse desafio talvez o professor de História abrace mais do que qualquer outro professor de outra disciplina, por que todo conteúdo, todo currículo, toda importância das outras disciplinas no fim vai culminar na História humana. Então o professor de História ele vive essa situação de ter uma disciplina singular, de estar no mundo onde o que a gente está estudando nos livros didáticos como ocorridos há muito tempo atrás, agente consegui perceber claramente hoje os impactos presentes nesses conflitos no mundo atual, mas também se encontra de mãos amarradas por uma sociedade que não valoriza o professor, pelas políticas públicas que não privilegiam o trabalho do professor e o sucesso da escola. E a sociedade de modo geral que se de um lado reconhece que o professor é importante, dificilmente quer abraçar essa profissão, hoje é espantoso como a gente vê nas salas de aula poucos alunos, pouquíssimos alunos, que querem ser professores, poucas pessoas que querem se dedicar à educação, e isso nos faz repensar de forma sombria o futuro da nossa profissão, muita gente que não quer ser professor, mas o professor continuará sendo necessário e nos levanta a dúvida quem serão os professores do futuro e mais ainda a responsabilidade maior nisso de transformar essa realidade não é apenas do professor de História, não é apenas do professor de ciências, não é apenas do governo, não apenas o diretor da escola, não são apenas os pais é uma tarefa de toda a sociedade, mas eu entendo que o professor tem um papel fundamental nisso, é enquanto professor não valorizar a própria profissão, enquanto o professor não abraçar sua profissão como algo que é importante, que é valoroso, que é rico, dificilmente a sociedade vai ter uma outra visão, e quando eu falo do professor deve valorizar, se sentir importante e deve se sentir útil para a sociedade não estou tendo uma visão alienada, uma visão conformista de que você vai aceitar as condições em que você trabalha, que você vai viver feliz com o salário, entendo que isso também traz em si a crítica e a transformação dessa realidade em que nós vivemos, tanto para nós, que ainda temos um bom tempo de estrada quanto para os professores do futuro, quanto para nossos filhos, como para os filhos dos nosso alunos e assim esperar que no futuro a educação, o professor e o professor de História sejam vistos pela sociedade num outro patamar, sejam vistos não apenas no âmbito do discurso como importante, mas na prática também.

Entrevista P2

1. Identificação do Entrevistado

Gênero: Feminino
Naturalidade: Jaboatão dos Guararapes – PE.
Data de nascimento: 03/08/1976
Formação: Licenciatura Plena em História; Especialização em Ensino de História das Artes e das Religiões; Mestrado em Cultura e Identidades.
Ano de início da graduação: 2000
Tempo de magistério: 14 anos
Níveis ou modalidades de ensino em que mais atuou: Ensino Médio

2. Condição social

Por que escolheu a carreira de professor?

R= Você acredita que eu sonhava em ser professora desde criança, é uma profissão que sempre me atraiu, eu gostava muito de ler e gostava do ambiente escolar, então assim, é quando eu pensava em exercer uma profissão, desde criança, eu sempre dizia, eu vou ser professora.

Qual a sua condição socioeconômica à época?

R= À época, pobre? Classe média baixa, pobre, eu diria pobre.

3. Formação de professores em História

Você considera que a sua formação inicial foi boa? Quais pontos fortes e fracos, você ressaltaria sobre a mesma? Se pudesse mudá-la o que retiraria ou acrescentaria? Justifique a sua posição.

R= Veja só, assim com a experiência que eu tenho hoje e olhando a minha formação, eu considero boa, eu considero boa pelo fato de que a Universidade que eu cursei, no caso a Federal Rural de Pernambuco, sempre teve uma preocupação voltada para a questão da formação docente. É um curso de licenciatura então vamos formar professores, nessa época, não sei hoje, mais na época o foco era a formação de professores, a gente tinha mais de dez cadeiras da área de educação, ficava meio que 50% formação voltada para a docência e 50% voltada para formação do historiador. E aí o que acontece, em relação ao saber didático e pedagógico eu achei muito positiva, e também em relação à questão do saber da área também, tanto que antes de eu estar formada eu já tinha passado em concurso público entre as vagas. Eu considero positiva, eu tenho algumas críticas em relação ao que eu vivenciava na Universidade, e vivenciava na prática, então essa questão por exemplo de didática foi uma coisa muito positiva, eu lembro, cadê, eu acho que o nome dele era Roberto, era professor de didática e teve outras também, eram pessoas assim que incentivavam o desenvolvimento de atividades diversificadas, o uso de mídias, isso e aquilo, desde o início da formação que a gente teve essa orientação e eu sempre tive uma preocupação em ir além do que eu era cobrada no curso, então foram as disciplinas que eu sempre tirava notas altíssimas, muitas vezes até maiores do que as das disciplinas do curso de História, então é, eu sempre busquei, eu sempre fui autodidata, gostava de ler manuais de gestão escolar, de projetos, eu sempre tive uma cabeça muito boa voltada para esse interesse e da teoria, eu posso dizer que foi uma coisa assim, que foi muito positiva, por que eu em

relação aos meus colegas de escola, desde o início da minha prática enquanto professora e até enquanto estagiária, eu sempre tive uma prática diferenciada, por que eu sempre estava buscando ler, então li bem outros autores, não gosto de Gilberto Freire, nem vem apelando por que eu não me identifico com Gilberto Freire realmente, eu me identifico com os franceses, então eu tive essa preocupação, a Universidade não exigia tanto, mas como eu queria ser professora desde que eu era criança, eu queria ser uma boa professora, então eu sempre fiz tanto, que eu fiquei muito feliz quando alguns anos depois que eu sai do curso, eu conclui o curso em 2004, um pouco antes do tempo normal justamente por causa do concurso que eu havia sido aprovada, e ai resultado. Eu descobri alguns anos depois que tinha um projeto meu feito durante a graduação, e que estava na pasta da pós como uma orientação para o pessoal da pós fazer projetos para trabalhar dentro de sala de aula, e ai uma colega minha de escola, eu já professora formada, com alguns anos de estado, ela me parou e ai fez: "Oi enxerida tu tem uma coisa tua lá que tá na pasta da professora tal." E eu: o que é isso? Está lá o projeto sobre uma oficina sobre o movimento mangue "beat", aí eu fiquei muito feliz né, por que um trabalho feito durante a graduação que a professora, mais ela me pediu autorização na época, na época que eu apresentei para ela. "Ela disse: Andréia eu posso deixar esse trabalho na pasta para orientar outras pessoas que queiram desenvolver projetos." Eu disse pode professora, só que eu achei que era só naquele período para aquela graduação, e aí eu fiquei muito feliz em saber que ainda estava lá três anos após eu estar formada. Fiquei muito feliz.

4. Competências/saberes

Utiliza habilidades, que possui em outras áreas na sua prática docente?

R= Não, com certeza principalmente nessa questão pedagógica. O curso de História é um curso assim que a gente pode dizer que ele é permeado por muitas outras áreas, se uma pessoa, ela se coloca disposta a estudar História, então ela tem que ter a cabeça muito aberta para outras áreas, a gente tem que trabalhar com conhecimentos da área de filosofia, sociologia, antropologia, até economia, não tem como um professor de História, ele não ter noções básicas sobre várias áreas do conhecimento que complementam o saber histórico, não tem como você deixar de saber o que é o mercado, de saber analisar um gráfico, de saber sobre a política internacional, de estar a par sobre a cultura, sobre música, sobre questões de comportamento que cabem à sociologia, então não tem como você deixar de ir atrás desses conhecimentos complementares e que vão-lhe dar suporte para você trabalhar os conteúdos de História. História é uma disciplina que ela está o tempo todo conectada com outras áreas. Ela não pode ser vista de forma isolada, o saber histórico é um saber que ele é complementado, é um saber que ele é muito amplo, então não tem como você dizer que sabe História, sem dominar outras áreas do conhecimento, não é a questão de você ter formação em outras áreas, como no meu caso, eu estudo direito. Mas eu tive que ler vários livros de sociologia, filosofia, inclusive até o professor, ele é, entre aspas, pelo contexto da estrutura do ensino, principalmente ensino público, e até privado, então o professor de determinada área ele é muitas vezes, é obrigado, entre aspas, a atuar em outras áreas, então para você ter uma ideia eu já dei aulas e isso não foi assim tipo esporádico, tipo assim, são vários anos. Já dei aula de filosofia para o ensino médio, sociologia, até de informática, para você ter ideia, então, é parece meio absurdo, mas infelizmente o contexto faz com que a gente tenha que ter essas habilidades a mais. Se você realmente quer atuar enquanto profissional docente, você tem que ter uma cabeça bem ampla e bem-disposto a estar a cada dia aprendendo mais. Você não pode se fechar, termina o curso, ah! Acabou. Não. Você é um ser em constante formação, isso não é teoria não, isso aí é questão de experiência prática mesmo. Você é obrigado!

5. Currículo

Como você avalia os conteúdos específicos de História, em sua formação inicial?

R= Eu acredito que ele não foi suficiente, como já te disse, eu sempre tive uma postura autodidata, sempre que eu podia, eu frequentava bibliotecas, eu lia livros e ia atrás, porque realmente os conteúdos, eles trabalhados dentro da Universidade, eles não são suficientes, então você não pode achar que aquilo lhe basta. Não tem como, você em qualquer curso, e principalmente na área de licenciatura, não basta só aquilo, aquilo é o mínimo, eu encaro o espaço dentro da sala de aula da Universidade como um espaço de provocação, aquele espaço que provoca, para você ter uma noção e você, como é que eu posso dizer, ir buscar mais, você tem noções e você vai dar corpo aquilo, indo atrás de leituras, de artigos, então a gente tem que estar sempre se atualizando, então só a sala de aula, desde o início, eu percebi que não era suficiente.

6. Ensino de História

Você percebe algum direcionamento oficial sobre a forma como os conteúdos devem ser ensinados?

R= Veja só, não sobre como os conteúdos devem ser ensinados, isso aí cabe à didática, cada professor tem sua maneira de passar o conhecimento para os seus alunos, então eu não vejo enquanto servidora da área pública, eu percebo que há um controle, não digo nem entre aspas, é um verdadeiro controlo em relação ao que se espera que seja dado aos conteúdos, mas não a forma como eles são dados. Entendeu? Então isso a gente recebe tipo sugestões de práticas de ensino, por exemplo, uns dois anos depois que eu me formei, eu trabalhei como formadora, eu dava cursos para professores, então eu vejo que é uma carência muito grande de formação por mais que se veja e se identifique propaganda relacionada à formação do professor, mas sempre a gente percebe carências, então quando a gente chega para conversar com o professor, eu enquanto professora, então ele se sentiu muito à vontade, porque eu disse olha eu sou professora igual a você, estou aqui para te ajudar. Eu percebia que há realmente uma carência nessa questão de diversificação de prática, de prática de ensino, de metodologia, essas coisas assim. Eu não vejo esse direcionamento oficial de como se dá, mas o que se dá, o que se dá, há uma imposição, mas como se dá não. O professor é livre para usar de práticas e a gente espera que não seja abusiva. Mas assim, eu percebo uma liberdade.

Qual deve ser a melhor forma de se ensinar História? Justifique sua posição.

R= Essa pergunta eu acho que é muito difícil de responder. Porque a meu ver não existe a melhor forma de se ensinar, o que eu acredito é que a relação de ensino-aprendizagem ela é uma relação nova diante de cada turma, então você senta, você chega na sala e sente os seus alunos, é possível trabalhar nessa direção com as turmas se você já tem que ter outra didática, outra metodologia, então isso varia, eu não identifico assim uma melhor ou pior maneira, eu posso sugerir assim práticas que geralmente dão certo comigo, então eu odeio escrever no quadro, eu não gosto, a partir do livro eu crio atividades condizentes, porque as vezes tem atividades no livro que os alunos não conseguem fazer, então é uma coisa que está além deles, eu crio atividades do livro, trabalho em equipas, eles gostam muito de ver filmes, então o filme não pode ser passado, assisti aí e deixa o tempo passar, não é assim. Então filmes como instrumentos de apoio pedagógico, é uma coisa que dá muito certo, a gente consegue muita atenção dos alunos para aquele conteúdo se utilizando de filmes, você começa um assunto e aí vamos sondar o que é que eles sabem sobre isso, você partindo da atualidade, o aluno se identifica porque você fala o conteúdo de História, o passado já passou isso não faz sentido para eles, pois então você tem que fazer com que o aluno perceba que aquilo que você está trabalhando não é, História não trabalha com o passado, História trabalha com o presente. Passado é o objeto, não é o objetivo, ou então não se confundir objeto com objetivo. O objetivo é trabalhar com o presente, ou então os fatos

em História são o objeto e aí então a gente precisa sabe, não é, eu não gosto de falar sobre práticas de colegas nem nada, eu falo sobre a minha então, então eu percebo que a gente fazendo com que o aluno perceba que a gente está discutindo, o objetivo é discutir coisas sobre o presente, e a partir de fatos passados e até fazendo relações com fatos presentes, passados, fazendo esse jogo, então fica bem interessante pra eles, eles conseguem acompanhar direitinho, eu acho.

Que uso você faz das tecnologias de informação e comunicação no seu cotidiano profissional?

R= Assim, eu gostaria de fazer bem mais do que eu faço, porque professor não é só uma questão de desejar fazer, mas de ter como fazer, eu já trabalhei em várias escolas nesses 14 anos de prática docente, uma coisa que é comum em todas, é a falta de estrutura: equipamentos quebrados até ausência de tomadas em salas, as gestões não tem a preocupação em deixar o ambiente propício, tipo sala de vídeo, já com tudo, porque você tem 50 minutos de aula, então você perde uma média de meia hora para arrumar os equipamentos, isso dificulta o uso com frequência de mídias, como "Datashow", como vídeos, eu trago de casa, eu trazia de casa, eu levava, eu não tenho "Datashow", mas eu levava "DVD", levava tomada, tinha sala com televisão, então eu ia para essa sala, professora tipo assim, você resolve, em vez de ser uma preocupação das gestões, que deveria ser, porque estrutura cabe às gestões das escolas, então cabia a você professor, providenciar esse tipo de coisa, isso deixaria muitos colegas descontentes, mas assim, apesar dessas dificuldades, eu poderia, eu deveria fazer com mais frequência, mas não faço. Eu tipo assim, a cada bimestre eu passo um ou dois filmes no máximo, apesar do uso de "Datashow", eu não faço mais do que isso, porque eu gostaria de fazer rotineiramente. Eu tenho trabalhos, slides que infelizmente a gente não pode estar levando para a sala de aula, por falta de estrutura. É uma coisa que a gente poderia fazer cotidianamente, mas o contexto estrutural das escolas, impossibilitam, infelizmente, isso é um mau que é generalizado.

Você realiza atividades interdisciplinares, encontra dificuldades para realização das mesmas?

R= Eu até mês passado entreguei um projeto, atualmente eu ensino no nível fundamental II que é de quinta até oitava, porque o município ele deixou de ter ensino médio, então ano passado, mês passado, eu entreguei um projeto que é interdisciplinar, então a proposta era trabalhar, eu trabalhar cultura, a professora de geografia trabalhar com paisagem urbana e o professor de ciências trabalhar com a sustentabilidade, então fizemos o projeto, eu coloquei no papel, a partir das conversas que a gente teve, coloquei no papel direitinho, as atividades, tudo direitinho, eu posso até trazer para você ou mandar para o *e-mail*, e a gestora gostou. "Não Andrea apresenta para a escola toda para que toda a escola trabalhe já que é um projeto interdisciplinar", eu apresentei numa reunião que houve no sábado, dia doze de agosto, e aí eu percebia na cara dos colegas assim, que tipo assim, eles em vez de ver possibilidades, eles viram as dificuldades. "A porque minha área é isso, minha área é aquilo." Então infelizmente eu não sei se é uma deficiência da formação que eles tiveram, que não existe minha área. Então eu percebia, que foi agora dia 12 de agosto, um sábado, foi até marcado para reposição de greve de ônibus, de julho, incrível isso, eu via na cara assim que, meu Deus, "Ah! Mais como vai fazer isso, mas eu sou de matemática, mas eu sou de letras." Isso e aquilo, aí eu disse: olhe minha gente, esse projeto ele tem três eixos: cultura, sustentabilidade e paisagem urbana, então abarca quase todas as áreas do conhecimento se você for parar para pensar. Então houve uma recetividade por parte além de nós, que estávamos coordenando este projeto, por parte de alguns professores, mas a maioria encarava com dificuldade porque infelizmente a gente percebe dentro, na convivência que boa parte dos colegas, eles não tiveram treinamento, nem foram habilitados para trabalhar na criação de projetos, então é uma dificuldade você identificar um objetivo, criar um tema, você desenvolver atividades, então assim é uma coisa bem preocupante que não é só uma questão de você atender a uma exigência que o próprio Ministério da Educação coloca, que é o desenvolvimento de projetos dentro das escolas. Então essa questão também de propiciar ao aluno momentos de que ele entenda que o conhecimento é global, o conhecimento não é restrito a essa ou aquela área. Então isso poda a *chance*, deixa de se oportunizar ao aluno essa questão de ele vivenciar atividades que englobem duas,

três, quatro áreas do conhecimento que se seriam uma coisa muito fácil de se trabalhar. É uma coisa que a gente está tentando colocar em prática lá na escola, eu e esses dois colegas mais próximos, Carlos que é o professor de ciências e Rose que é a professora de geografia. Eu não desisto, então a gente inclusive até comecei levei os alunos para assistir, visitar uma exposição de jornais históricos, e aí o que é que eu trabalho, não somente as questões relacionadas a História, mas também essa questão da língua, as alterações que a língua portuguesa sofreu, tipo, títulos de jornais antigos, o porquê daquilo, aquela criatividade toda, de jornalistas ou pseudojornalistas do século XIX e do século XX, e até na prática mesmo, cotidiana, eu me vejo, trabalhando dependendo da turma, do nível da turma, eu tenho que trabalhar a base de língua portuguesa, entendeu, você lê um texto, passo a passo, explicar o significado das palavras, compreensão de texto, identificação de informações dentro do texto que teoricamente caberia a área de português, de língua, então eu isso faz parte do meu cotidiano, eu percebo que eu tenho que fazer. É preciso. Então isso não me retira do meu espaço enquanto professora de História, isso faz parte da nossa prática, só que isso é muito difícil as pessoas perceberem isso, essa conexão entre as disciplinas. Então quando estou falando de mapas, eu estou falando de mudanças, de catástrofes, que acontecem no Japão, agora vou falar sobre as placas tectônicas, estou-me apropriando de conhecimentos da geografia, falar sobre mercados estou me apropriando da área de economia, então os alunos, eles se surpreendem muito, eles dizem: "Ah! Professora a senhora é muito inteligente" e disse não, não sou inteligente, eu gosto de estudar, e o que é que acontece, esses próprios percebem, que olhe isso é uma necessidade que existe, a cada dia é mais premente. O ser humano ele ser útil, ele ser vários em um só, então você não pode se condicionar a uma só, ah eu só sei isso, não! Então você é levado, isso é uma coisa que é a nossa realidade, a gente tem que preparar os alunos para a vida.

7. A profissão de professor

Que avaliação você faz da profissão de professor de História hoje?

R= Ah! Eu vou fazer algumas observações não exatamente direcionadas para o professor de História, mas para prática da docência de uma forma geral, é uma área que não atrai. Eu gosto, eu sempre quis ser professora, eu sou professora, mas não é à toa que eu estou no 7º período de Direito, não é uma coisa que você diga assim: ah! Eu quero que meus filhos sejam professores, eu digo, eu não quero que se eu tiver um filho, eu não quero que ele seja professor. Porquê? Porque eu não quero que eles passem pelo que eu passo, eu não digo que isso aí acontece de forma, como é que eu posso dizer, de forma generalizada, mas apesar de acontecer de forma pontual, é a questão de uma forma geral, a atuação de pessoas que estudam 4, 5 anos em uma Universidade, e você parti para o mercado de trabalho. Você vê que a remuneração não é atraente, as condições de trabalho não são atraentes, é, você percebe que a cada dia a figura do professor vai sendo depreciada, jogam para a gente responsabilidades que não cabem à escola, cabem à família, você recebe pessoas que não tem formação doméstica nenhuma, você recebe, você trabalha cotidianamente no contexto adverso de você ter alunos analfabetos e você dizer para a coordenação: oh! Fulano, fulano e fulano é analfabeto, ele está no 6º ano, não tem como ele acompanhar as atividades, ele não sabe ler nem escrever, e você ouvir de uma coordenadora de uma gestora que você tem que oportunizar, oportunizar, eu não sei o que essas pessoas entendem por oportunizar, não sei que conceito elas tem de oportunizar, porque você tem de oportunizar, oportunizar na cabeça dessas pessoas é você criar notas para aprovar, então é isso, e você sofre assédio, e o último que eu sofri, faz poucos, faz dois meses, não só eu, mais todo o grupo de professores, a gestão ligando para a casa da gente "fulano e fulano estão sem nota", sim, estão sem notas porque eles são faltosos, eles não fizeram atividade, "mas como é que eles estão sem nota? Invente, crie, oportunize professora" então você olha assim, diz meu Deus, isso é imoral, imoral porque eu não estudei para inventar nota para aluno, eu estudei para, é, ter um contato, e ter esse contato, essa troca assim, porque eu vejo a sala de aula como um ambiente de troca, e ai resultado, você vê que pelo aluno, para as políticas governamentais é um número, para mim o aluno tem nome, tanto, que já um jeito meu, eu trato meu aluno pelo nome, eu já cheguei a ter 24 cadernetas em um

único ano letivo, 24 cadernetas e eu sabia o nome de mais de 80% dos meus alunos, o aluno para mim é uma pessoa, se ela está tendo dificuldade ela tem que realmente ter um apoio, mas não um apoio de você criar nota, eu acho que ao inventar nota eu não estou ajudando eu estou afundando aquele ser para baixo, e eu estou deixando de perceber que ele é uma pessoa, ele ou ela, é uma pessoa que precisa de uma maior atenção e a atenção ela não é percebida a partir de notas, ela é percebida a partir do que aquele aluno ele progride, do que ele desenvolve, entendeu? Então não tem como você fazer, eu vejo que a cada dia mais o trabalho dos professores ao invés de ser facilitado pelas políticas públicas, ele é dificultado, a gente sofre assédio para inventar notas, sofre assédio para deixar bonitinho e ai resultado é uma coisa assim que está isso, me deixa muito triste, não é só uma questão minha é uma questão que é um pensamento de quase todos os professores que eu conheço, e eu conheço vários professores e trabalho, tenho prazer no trabalho mais infelizmente esses contexto todo está-me levando a me afastar da sala de aula, não foi uma coisa, não é uma coisa que ah! Andréia tu foi fazer História porque tu não passa em direito, eu nunca fiz vestibular para direito, eu só fiz um vestibular na minha vida, é quer dizer, fiz 2 agora, porque em 2010 eu fiz vestibular para direito, mas eu não tentei 2 vestibulares, eu tentei 1 só, foi para História e eu passei, só que depois de mais de 10 anos de formada, de exercício da docência, eu percebo que a profissão que eu sempre sonhei em fazer até envelhecer, em exercer até envelhecer, é uma profissão que invés de me trazer alegrias me traz tristeza e de certa forma eu sou cúmplice, porque eu vejo que a cada dia os alunos estão saindo sem condição nenhuma de empregabilidade, se a gente for comparar o conhecimento que eu sai da escola no ensino médio, e não tinha tecnologia, não tinha nada, era só giz e quadro e livro, é muito superior ao que um aluno do ensino médio sai hoje, entendeu? Então o que é que está acontecendo, quer dizer, é só culpa de professores, será que essas políticas que vê o aluno não como gente mais como um número, porque a coisa mais imoral do mundo é você condicionar verba para a escola não relacionada a aprendizagem mais a aprovação o aluno é aprovado, não o aluno tem que ser aprovado, porque senão a verba da escola cai, e o aluno é aprovado sem ter conhecimento mínimo das séries, eu não sei o que é que essas pessoas estão querendo, e a gente ouve falácia, falácia, falácia, vamos valorizar a educação, a educação é prioridade, mas quem está dentro da série. Hoje se vivencia situações de pura imoralidade, falta de ética e não é só em uma ou outra escola não, não estou falando só da minha escola, da escola onde eu trabalho, mas de várias outras escolas porque eu tenho contato com outros colegas, agente troca ideias, não só fala sobre salário, a gente tá vendo que é uma coisa generalizada, ou entram pessoas sérias que realmente queiram melhorar a educação, fazer a educação com qualidade, é por isso eu sou a favor da federalização, porque vai acabar com essa imoralidade, de se pegar verbas e estar fazendo de contas que se faz. Eu não fui fazer direito, porque nunca gostei de ser professora. Eu sempre gostei de ser professora. E gosto até hoje. Eu posso receber ruim, posso trabalhar em um ambiente ruim, mas eu gosto, porque depois de ter vivenciando tantas situações, de adversidade, eu hoje contorno. Só que eu não quero que meu filho ou minha filha, quando eu tiver, ele seja professor. Eu não quero isso. E nem para alunos preferidos. Eu valorizo. "Professora eu vou fazer vestibular para História", aí eu por "inbox" no "facebook", aí eu você tem certeza disso? "Eu quero ser professora de História, professora, feito a senhora", aí eu você tem certeza disso? Repense, repense. Então é isso.

Entrevista P3

1. Identificação do Entrevistado

Gênero: Masculino
Naturalidade: Recife – PE.
Data de nascimento: 06/11/1971
Formação: Licenciatura Plena em História; Especialização em Ensino de História. (UFRPE).
Ano de início da graduação: 1999
Tempo de magistério: 9 anos
Níveis ou modalidades de ensino em que mais atuou: Ensino Fundamental 2 e Ensino Médio

2. Condição social

Por que escolheu a carreira de professor?

R= Bom, eu escolhi a carreira de professor porque é uma carreira que acho eu bonita, apesar de não ser bem valorizada, no começo eu não queria ser professor, mas eu para ser um pesquisador tinha que atuar em sala de aula e quando eu peguei o primeiro estágio acabei gostando, da História de ser professor.

Qual a sua condição socioeconômica à época?

R= Eu tinha uma boa condição de vida, estava trabalhando na época, eu conseguia-me manter, era classe média, como hoje em dia, como a gente é.

3. Formação de professores em História

Você considera que a sua formação inicial foi boa? Quais pontos fortes e fracos, você ressaltaria sobre a mesma? Se pudesse mudá-la o que retiraria ou acrescentaria? Justifique a sua posição.

R= A primeira pergunta é, eu achei boa, e quanto aos pontos fortes, as disciplinas relacionadas à educação me ajudaram muito e algumas cadeiras específicas foram boas, mas também tiveram seus pontos fracos. Tinham cadeiras essenciais que eram para ter no curso e que não tinham como paleografia, entre outras disciplinas. Eu senti falta. É o que eu acrescentaria a paleografia, na minha formação. Porque paleografia me facilita a ler documentos no meu trabalho, tanto na escola, como aqui no Arquivo Público de Pernambuco. No Arquivo Público ainda sinto um pouco de dificuldade de ler alguns documentos por falta dessa disciplina, a paleografia. E também facilita trabalhar com os alunos, passar para os alunos e ensinar um pouco a ler os documentos.

4. Competências/saberes

Utiliza habilidades, que possui em outras áreas na sua prática docente?

R= Sim, utilizo. Em relação ao conhecimento eu trabalho muito com sociologia, busco também a geografia e a questão pedagógica eu também utilizo baseado em alguns autores da área da pedagogia, geralmente estou lendo alguma coisa para me orientar na parte didática da História, sempre estou lendo alguma coisa sobre didática no ensino de História.

5. Currículo

Como você avalia os conteúdos específicos de História, em sua formação inicial?

R= É como eu falei antes, bom, mas faltou algumas coisas como algumas disciplinas da faculdade que poderiam-me ajudar hoje em dia, que eu sinto certas dificuldades, como paleografia, História da Ásia e da África, como também ter mais uma cadeira relacionada a antropologia que ajuda muito agente, a sociologia, uma cadeira a mais na sociologia, filosofia, história do pensamento político que também ajuda muito a gente.

6. Ensino de História

Você percebe algum direcionamento oficial sobre a forma como os conteúdos devem ser ensinados?

R= Direcionamento oficial, percebo, em algumas leituras minhas de livros didáticos, eu percebo, assim com uma análise crítica da sociedade que antigamente a gente não via livros que faziam questionamentos políticos, questionamentos sociais, hoje em dia a gente vê isso.

Qual deve ser a melhor forma de se ensinar História? Justifique sua posição.

R= A melhor forma de ensinar História para mim deve ser mostrando a realidade aos alunos e buscando também o debate, o questionamento, uma análise crítica dessa realidade, porque como professor também sou um formador de opinião e também sou formador de cidadãos.

Que uso você faz das tecnologias de informação e comunicação no seu cotidiano profissional?

R= Eu uso muito "Datashow", de vez em quando uso música, aparelho de som com toca CD ou "pen drive." Às vezes uso filme para assim formar melhor a opinião dos alunos.

Você realiza atividades interdisciplinares, encontra dificuldades para realização das mesmas?

R= Realizo sim, como projetos que abrange todas as disciplinas e não encontro muita dificuldade porque todos os que estão no projeto se ajudam e com isso de certa maneira há um diálogo entre as disciplinas.

7. A profissão de professor

Que avaliação você faz da profissão de professor de História hoje?

R= A profissão de professor de História hoje, a questão da profissão de professor em geral está desvalorizada, tanto pelos governos e também pela sociedade e em relação ao professor de História, eu vejo um pouco de desvalorização também em relação ao professor de História porque o professor de História geralmente é um questionador, tem muita gente que não leva a sério os questionamentos do professor, mas também tem muito professor de História que não se faz perceber que pode questionar a educação, a sociedade, o governo. Tem muito professor de História que eu acho que tem um certo medo de questionar, enquanto tem outros que não têm medo de questionar. Enquanto tem esses que não têm medo de questionar, são mais desvalorizados.

Entrevista P4

1. Identificação do Entrevistado

Gênero: Masculino
Naturalidade: Recife – PE.
Data de nascimento: 13/10/1977
Formação: Licenciatura Plena em História; Especialização em Ensino de História.
Ano de início da graduação: 1998
Tempo de magistério: 14 anos
Níveis ou modalidades de ensino em que mais atuou: Ensino Fundamental 2

2. Condição social

Por que escolheu a carreira de professor?

R= Olha, eu escolhi porque percebi que era a maneira mais fácil, fácil não, mais assim, há maneira mais próxima de tentar explicar uma realidade, os problemas das pessoas aos alunos, eu percebi que nessa profissão, talvez fosse uma manifestação minha, indignação, eu procurei, estou ainda em sala de aula para tentar justificar isso, mostrar a realidade do dia-a-dia, eu acho que dentro da escola, próximo aos alunos, que são as pessoas que se interessam em aprender, acho que fosse a maneira mais próxima de tentar explicar isso, essa realidade.

Qual a sua condição socioeconômica à época?

R= Era uma condição boa, adequada para época, acho que meus pais tiveram condições, era classe média baixa, meus pais tiveram condições de me colocar na universidade, de pagar meu curso, eu tive condições de estudar.

3. Formação de professores em História

Você considera que a sua formação inicial foi boa? Quais pontos fortes e fracos, você ressaltaria sobre a mesma? Se pudesse mudá-la o que retiraria ou acrescentaria? Justifique a sua posição.

R= Bom, a formação eu acho que foi adequada para época, de acordo com o momento que estávamos atravessando economicamente, politicamente, acho que não só no Brasil, com a eleição de Fernando Henrique, ou a reeleição, o momento econômico que o Brasil estava passando era adequado, eu acho que Pernambuco também estava ressurgindo a nível federal, dentro do que eu aprendi, realmente adequado para a situação vivenciada, foi benéfico, hoje eu acho que eu poderia ter visto e não vi as disciplinas, assuntos que poderiam ter sido enquadrados, acho que foram bem específicas, hoje a nossa realidade é outra, o mundo que nós vivemos hoje, nós percebemos que as condições, hoje nós conseguimos enxergar bem mais a situação das pessoas de outros continentes, a situação vivida, eu acho que na época eu não consegui ter visto isso, mas foi positiva sim, de alguma maneira foi um ponto fraco, mas sendo específico para o período eu acho que seria razoável, mas em relação ao curso em si foi forte, foi um ponto forte, a ressalva que eu poderia fazer sobre a disciplina, eu acho que a História está sempre mudando, talvez para a época, foi o necessário visto, a realidade muda, as coisas estão sempre mudando, essa seria a minha ressalva, eu acho que hoje poderia ter visto de uma maneira mais ampla, eu acho que faltou as questões atuais, a realidade dos países, o que eram o

terceiro mundo e agora estão no segundo mundo, o Brasil mesmo mudou completamente, hoje é visto de uma maneira totalmente diferente, e essa é a minha posição, eu acho que eu tenho que justificar dessa forma.

4. Competências/saberes

Utiliza habilidades, que possui em outras áreas na sua prática docente?

R= Utilizo a questão educacional, eu acho que é interessante ver como cada um trabalhou, de que maneira educar, de acordo com a idade de cada aluno, a situação em que vive, cada pessoa pensa de uma forma eu sempre estou procurando ver também a questão pedagógica mesmo, entender a situação de cada aluno, e aí trabalhar especificamente.

5. Currículo

Como você avalia os conteúdos específicos de História, em sua formação inicial?

R= Eu acho que foi mais voltado para entender a questão em relação ao Brasil, então a gente viu mais ou menos as disciplinas que poderiam explicar mais ou menos como o Brasil, sei lá, foi terra de interesses, espaço de conquistas, de interesses econômicos. Eu acho que eu tinha visto, mais ou menos, como foi que foi trabalhado, dessa forma, agora eu acho que faltou a questão ampla, você ver e entender a História de outros países, para tentar chegar mais ou menos a um denominador comum, ou seja, como foi que o Brasil entrou nesse papel, aí não só especificamente, ver a História da Europa para entender a questão da História do Brasil. Eu avaliei nesse sentido, eu percebi dessa maneira.

6. Ensino de História

Você percebe algum direcionamento oficial sobre a forma como os conteúdos devem ser ensinados?

R= Eu acho que o livro didático ele é bem direcionado para isso, para falar das autoridades, de que eles fizeram as descobertas, são eles que controlam o mundo, são eles que têm o poder nas mãos, eu acho que falta nos livros didáticos essa questão de ver a História das pessoas, dos povos, como eles lutaram, também a participação deles a importância deles, também para mudar a História de um país, foi muito direcionada essa questão de você ver as elites, o poder dos que conquistaram, governam ainda. Eu enxergo dessa forma.

Qual deve ser a melhor forma de se ensinar História? Justifique sua posição.

R= Eu acho que a melhor maneira de se ensinar é você ver o todo, não é só especificamente a História pela História, você tentar entender as relações sociais, a psicologia humana, também os interesses da população que são menosprezados, importante é ver a História de quem está no poder, ver por baixo, tentar entender mais ou menos a base, como é que a História de um país é a História de todos nós. Eu vejo dessa forma.

Que uso você faz das tecnologias de informação e comunicação no seu cotidiano profissional?

R= Eu acho que contribuem, facilita mesmo. Eu utilizo porque é uma ferramenta de conhecimento, de interação, eu acho que os alunos observam muito essa questão da imagem, se interessam muito em ver, em entender, mais ou menos, como funcionou ou como funcionam as coisas, o mundo, as relações, os interesses de grupos sociais que estão no poder. Eu acho que a tecnologia é uma ferramenta, ela dá essa capacidade de você entender o antes e o depois, os meios externos e internos

também que contribuem para a mudança de uma sociedade, acho que é interessante, a própria tecnologia em sim já é mutante ou seja, a sociedade está sempre mudando utilizando essa ferramenta para conquistar, para usufruir, são interesses pessoais você conseguir, tentar conquistar outras pessoas, explorar, de alguma maneira também é um recurso interessante, mesmo sabendo que é utilizada como ferramenta de poder e de exploração, mas pelo lado educacional, acho que é um meio mais fácil de interação com alunos para entender a História dele, de um país, sua História pessoal e a História de um país.

Você realiza atividades interdisciplinares, encontra dificuldades para realização das mesmas?

R= Atividades interdisciplinares, sim, até porque a História ela trabalha com escrita, com pensamento, com as ideias. Outras disciplinas trabalham com essa questão da interpretação, do pensar e do agir, elas são realmente confluentes elas devem ser trabalhadas em conjunto, facilita muito a aprendizagem do aluno, facilita a escrita a leitura e a interpretação, eu vejo a dificuldade do aluno mesmo, ele não tem a facilidade com a escrita, ele não consegue interpretar porque ele não lê, ele não tem esse hábito da leitura, aí eu vejo a dificuldade do aluno. Em relação a professores não, quando eu tenho alguma dúvida eu pergunto a um professor, até ajudo com textos, a minha esposa é professora de português também ela facilita bastante com os textos, tenta trazer a realidade, o contexto social, com a questão do pensamento do escritor, da escrita, a dificuldade que eu vejo é com aluno, que o aluno ele não consegue entender, interpretar, porque ele não tem o hábito da leitura, ele não estuda, isso para ele é dificultoso.

7. A profissão de professor

Que avaliação você faz da profissão de professor de História hoje?

R= Continuo vendo que o professor ainda é um profissional, mais do que um profissional, um educador, mais do que voltado à questão financeira como profissão, se ele está nesse meio é porque ele tem o dom de educar, eu vejo como educador mesmo, eu vejo o professor como educador, eu acho que a avaliação que eu tenho do professor é que ele é profissional ligado ao dia a dia, da maneira como as pessoas vivem, o professor facilita essa questão de entender a realidade. Eu acho que para o conjunto da sociedade não, talvez para os alunos nós somos importantes, ainda para os pais desses alunos nós somos ainda importantes como uma pessoa que vai educar, vai capacitar aquela pessoa para ser um ser humano de bem também ser um profissional, mas a nível de reconhecimento do professor, ainda é muito desvalorizado como professor sim. Agora como matemático, físico ou químico aí talvez tivesse uma certa importância para determinada pessoa, para um local específico onde ele fosse trabalhar, em que área ele poderia atuar, mas como professor acho que há uma desvalorização sim, ainda estamos muito desvalorizados atuando como professor daquela ciência, eu acho que é desvalorizado porque ele vai tentar mostrar para o aluno, a sociedade não o vê como, pelo menos as autoridades não reconhecem esse trabalho de físico, como um bom professor de química, um matemático, porque eles estariam de alguma forma ensinando como poderia entender esse processo de economia, de mudanças climáticas ou mesmo da sociedade, um sociólogo poderia se enquadrar nisso, e sim, como professores também. Agora dentro da área que eles poderiam atuar como físicos, químicos ou matemáticos em uma determinada empresa que eles possam trabalhar, poderiam contribuir bastante, nesse sentido eu acho que sim, agora como professor ainda é muito mal visto, eles não querem que os professores mudem a realidade dos alunos, eles não querem que os professores mostrem o conhecimento que eles têm e que esse conhecimento não seja repassado para os alunos, isso não interessa às autoridades, mudança de mentalidade, mudança de sociedade. Quem comanda esse país, as autoridades, os políticos, são eles que não se interessam, quem governa, as autoridades que governam não avaliam bem a educação ou é mal avaliada, também eles não consideram a educação como prioridade e o profissional que atua nessa área também, ele não dá valor de um modo geral a avaliação, ela não é tão produtiva. Houve avanços melhorias na forma de ensino,

no livro didático, análise do livro didático, mas falta também essa informação, muitos não são bem informados, ainda há muitos para serem educados eu digo isso em relação ao aluno. Muitos precisam ser capacitados, também falta capacitação para os professores, muitos não conhecem a realidade, de um modo geral estudam especificamente aquilo que o fazem dentro do trabalho, e como eu falei no início, para a época foi interessante o curso que eu fiz, mas muita coisa poderia ser vista hoje, evidente, mas porque as coisas mudaram, o mundo mudou, a realidade mudou, as pessoas pensam de outra forma. Para cada época uma maneira prática de ensino.

Entrevista P5

1. Identificação do Entrevistado

Gênero: Masculino
Naturalidade: Recife – PE.
Data de nascimento: 25/10/1973
Formação: Licenciatura Plena em História (FUNESO); Bacharelado em História (UFPE); Especialização em Ensino de História.
Ano de início da graduação: 1996
Tempo de magistério: 16 anos
Níveis ou modalidades de ensino em que mais atuou: Ensino Fundamental 2

2. Condição social

Por que escolheu a carreira de professor?

R= Por influência familiar, minha mãe é professora. Na verdade, eu comecei com a pesquisa, tanto é que o bacharelado eu fiz primeiro, a questão era trabalhar com pesquisas, especialmente na área de arqueologia que eu gostaria de ter ido por esse caminho, mas aí no meio do caminho surgiu a opção da licenciatura, eu decidi fazer porque seria algo que acrescentaria à formação e seria mais uma opção de trabalho, por mais que não fosse a prioridade, mais acabei entrando, fiquei na profissão e estou até hoje.

Qual a sua condição socioeconômica à época?

R= Eu tinha uma situação razoável na época eu pude eu mesmo pagar minha faculdade, trabalhava não na área, numa outra área, mas numa situação razoável financeira.

3. Formação de professores em História

Você considera que a sua formação inicial foi boa? Quais pontos fortes e fracos, você ressaltaria sobre a mesma? Se pudesse mudá-la o que retiraria ou acrescentaria? Justifique a sua posição.

R= Minha formação foi boa, porque felizmente eu tive bons professores, eu acho que isso contribuiu muito. Os pontos fortes e fracos: o ponto forte foi o trabalho dos professores, foi algo importante principalmente na licenciatura, porque talvez eu não tivesse tido estímulo para seguir na licenciatura, foi o trabalho dos professores ampliando minha visão em relação à docência, que fez eu acho que foi o ponto forte ali, o ponto fraco foi que a licenciatura poderia ser melhor, ela poderia ter um maior aprofundamento, poderia ter disciplinas que trabalhassem a questão analítica do professor, a questão metodológica do trabalho de pesquisa, porque é importante para que o professor possa produzir também conhecimento, acho que esse ponto aí foi o fraco.

4. Competências/saberes

Utiliza habilidades, que possui em outras áreas na sua prática docente?

R= Eu sou bacharel em geografia também, sou formado em geografia, eu tenho pós-graduação em perícia e auditoria ambiental, contribuiu bastante para minha formação, principalmente a questão ambiental, porque eu gosto muito, eu insiro isso no meu trabalho e é isso. O trabalho de psicologia na época da faculdade na licenciatura não foi um trabalho bom, foi um ponto fraco, porque você tem que lidar com a psicologia coletiva, lidar com públicos como adolescentes, com alunos de educação de jovens e adultos, ensino médio é diferente, o nível de discernimento é diferente, das questões. Eu acho que o professor pode adotar do conhecimento das teorias da psicologia, tudo que contribui para isso é bom, mas a prática é muito importante, eu acho que o professor tem que estar aberto para procurar entender, procurar ser humano, para procurar perceber que cada sala de aula, por mais que seja no mesmo nível, ela é completamente diferente, os alunos tem, os alunos são muito diferente, você está com um público muito diferente ali, muito diferenciado, a rede estadual, por exemplo hoje, você tem um alunado que vem migrando da rede particular, para a rede estadual e ai é um alunado que tem uma concepção diferente de escola daquele alunado que vem desde cedo na rede estadual, então você lida com públicos completamente diferentes. Então você tem que estar preparado para isso, eu acho que a questão é bom senso, bom senso para lidar com isso.

5. Currículo

Como você avalia os conteúdos específicos de História, em sua formação inicial?

R= Durante o meu bacharelado foi muito bom o trabalho, foi muito bom porque é um trabalho de pesquisa, então foi muito aprofundado, mas o trabalho de licenciatura não foi bom, meu trabalho de História medieval foi muito precário, História do Brasil também, eu diria também, que o trabalho sobre o Brasil republicano também foi precário e muito em virtude das dificuldades que a faculdade enfrentou, nas intervenções, mudanças de professores, a falta de continuidade e métodos diferentes de trabalho que acabaram atrapalhando um pouco, porque cada um tinha uma concepção diferente de forma de trabalhar mas por exemplo, o trabalho da parte de fundamentação histórica, de História antiga, o trabalho foi bom, e a História nesse trabalho inicial foi bom.

6. Ensino de História

Você percebe algum direcionamento oficial sobre a forma como os conteúdos devem ser ensinados?

R= Sim, mas o professor tem a liberdade de poder mudar, a gente percebe que tenta-se muitas vezes criar um padrão de informações de conhecimentos que você deve ter, passar para o alunado, eu acho que muitas vezes isso tem a ver com questões políticas não é, a gente tem hoje dirigindo educação em Pernambuco e no brasil, pessoas que muitas vezes não são da área de educação, tem um viés político por trás disso tudo e você percebe isso, mas o professor consegue direcionar por um outro caminho, depende do professor. O livro didático, ele na verdade, é pouca a modificação que houve nos últimos anos. Eles mudam o visual do livro, mas o conteúdo continua o mesmo conteúdo ele, também é tendencioso, eu também o vejo tendencioso. Eu percebo no livro didático hoje, algumas pessoas, algumas produções de livros tentando trazer a análise histórica para uma questão mais social, por exemplo, a inserção do conteúdo sobre o negro no Brasil, população indígena, extremamente positivo a avaliação sobre o mundo do trabalho hoje, são questões que vêm sendo colocadas. Eu percebo uma tendência muito, que eu não sei se diria de direita ou de esquerda, mas uma coisa conservadora no sentido de manter um conhecimento que não é analítico, apenas de colocar um conteúdo ali que deve ser repassado para o aluno, mas sem análise, mas que essa análise tem ser feita pelo professor que ele

tem liberdade para isso, mas uma coisa bem tradicional, ainda que a gente percebe, não sei se uma questão de direita ou de esquerda, já ouvi muito isso no Brasil, essa questão de direita e de esquerda a gente sabe que tem autores que tentam fugir um pouco disso, mas ainda ficam em uma coisa muito tradicional, agora em alguns livros eu percebo a intenção do autor de tentar trazer uma questão mais social para a discussão, ai muitas vezes as pessoas interpretam a questão social como uma coisa de esquerda, então eu vejo um pouco isso, mas eu não percebo que é isso que seja alguma coisa de esquerda, mas que seja trazer as discussões mais da atualidade, até porque acredito que no caso do Brasil, o Brasil já fez uma opção por ser um país extremamente conservador na sua postura, não é um país que na sua trajetória abominou sempre, quando pode, as lutas de esquerda, tentando manter uma coisa bem de direita para centro, mas as questões sociais quando são colocadas hoje abrem um espaço importante que tem que ser discutido, mas as pessoas associam à esquerda, então eu vejo uma questão dos livros muito conservadora em relação a essas discussões, tentando reproduzir um conteúdo que vem sendo reproduzido há muito tempo.

Qual deve ser a melhor forma de se ensinar História? Justifique sua posição.

R= Tem que ser a minha posição porque eu acho uma coisa muito subjetiva, depende muito da boa formação do professor. Eu tenho uma formação mais voltada para a esquerda, tenho uma tendência a lecionar e trazer alguns conteúdos da minha visão de esquerda, mas procuro também trabalhar outras visões, tentando mostrar, mais colocar a minha opinião. Eu acho que tem que ser um conteúdo hoje em dia para um alunado, até pelo nível de informação que eles tem hoje, eles tem muitos recursos de informação, algo que tem que ser discutido, aulas que sejam discutidas, aulas que sejam analisadas, que você traga o aluno para essa análise, mostre aos alunos que a História não é feita de compartimentos estanques, mas de conteúdos que estão interligados, trazer esse conteúdo para a realidade deles, aproximar isso, e não mostrar, que essas coisas distantes são apenas coisas distantes, mas que tem uma relação direta com a vida deles, eu acho que essa aproximação é o caminho que eu sigo, tentar essa aproximação com a realidade.

Que uso você faz das tecnologias de informação e comunicação no seu cotidiano profissional?

R= Eu utilizo as tecnologias disponíveis na escola, o que me é oferecido, multimídia data show, computador, aquilo que for de tecnologia eu costumo utilizar, até porque, faz parte do cotidiano dos alunos, então eu tento tirar proveito disso para inserir a tecnologia no trabalho de sala de aula. Os recursos disponíveis na escola, eu utilizo aqueles recursos disponíveis na escola, mas ainda falta uma estrutura melhor, por exemplo, há escolas que têm um equipamento multimídia que eu considero uma tecnologia importante de sala de aula, que você pode utilizar diversos tipos de fontes, você pode utilizar um "dvd", um "cd", um "pen drive", para poder utilizar o equipamento, tem até acesso à internet por ele, as escolas tem, mais é seria interessante que as salas de aulas fossem preparadas para isso, que não fosse algo trazido o tempo todo, você ter que deslocar o material para a sala de aula, você trazer o material para sala de aula, você perde tempo com o conteúdo, tinha que ser uma coisa mais dinâmica, essa dinâmica a escola não tem, a escola não consegue ter essa dinâmica operacional para poder fazer as coisas funcionarem com maior rapidez, eu acho que falta um pouco isso.

Você realiza atividades interdisciplinares, encontra dificuldades para realização das mesmas?

R= Até pela minha formação, eu costumo mesclar conteúdos de geografia, conteúdos de História, eu tenho um bom conhecimento razoável em literatura. Consigo fazer com outros professores, mas não que seja uma coisa que faça parte da estrutura da escola, do planejamento da escola, isso costuma ser feito muitas vezes com colegas em um acordo entre nós, muitas vezes visando um trabalho em si, mas não uma coisa para longo prazo, uma coisa projetada para um ano todo de desenvolvimento, não, pontual. Não, pelo menos com os colegas com quem eu trabalho, com quem eu faço isso, há uma receptividade muito boa, há uma facilidade de os colegas aceitarem isso, de entenderem, de gostarem,

porque acaba sendo interessante, porque as dificuldades que nós vivemos são as mesmas, a relação professor aluno, a questão do aprendizado, acho que tudo isso, todos percebem, quando você percebe que pode melhorar, todos são receptivos.

7. A profissão de professor

Que avaliação você faz da profissão de professor de História hoje?

R= De uma maneira geral uma desvalorização muito grande da carreira do magistério, eu acho que o professor de História sofre mais, talvez porque tem se colocado, até a gente percebe isso nas avaliações feitas pelas instituições, seja aquelas feitas em nível municipal, estadual ou federal, que há uma valorização da importância do português, da matemática, como disciplinas são as mais avaliadas, e as disciplinas como História, muitas vezes são vista ainda pelos governantes como, a gente percebe na escola não, mas quando chega na escola a forma como gostariam que a gente ensinasse uma disciplina, que o aluno tem que ler e decorar o conteúdo, disciplinas pouco analíticas, tem se colocado isso, o que são dificuldades. Uma outra dificuldade, o mundo nos dias de hoje, a urgência de consumo, o imediatismo, a necessidade de ter, a necessidade de você viver quase que em um mundo "Pope", em que as coisas mais frívolas parecem ser as mais importantes, e aquele conhecimento sobre política, conhecimento sobre economia, sobre o que acontece na sua cidade, por exemplo, saber porque aquela cidade ela é daquele jeito, as coisas acontecem daquele jeito na economia, na política, entender o país como um todo, porque isso acontece no país? Quais são as razões das desigualdades regionais sociais do brasil? As pessoas não têm essa preocupação, é uma preocupação mais imediata com as coisas de hoje, e aí a História acaba sendo desvalorizada, porque tudo que é passado parece que não é importante hoje, a valorização do hoje, daquilo que pode acontecer, o que tem hoje, daquilo que é disponível hoje, e aí as tecnologias também quando são utilizadas, elas se voltam muito para as questões da atualidade, a gente tenta utilizar a tecnologia para um trabalho de História no passado, mas mesmo com o uso dessa tecnologia, o aluno pergunta, porque estudar algo tão distante no tempo e no espaço? Qual a importância disso para mim? Isso é colocado. Eu acho que a sociedade como um todo desvaloriza o passado e a memória. Mas o que eu vejo no Brasil não é um discurso para um desenvolvimento de país, é um discurso para chegar ao poder, discurso para o poder, por isso que eu não acredito, por exemplo, na política partidária no Brasil hoje, como ela é feita nos partidos políticos, tem muitos partidos políticos que não tem ideologia, penso que eles hoje atuam para chegar ao poder, e no poder utilizar a máquina da forma como eles puderem utilizar, sugar a máquina ao máximo. Eu vejo que os professores de História têm essa preocupação, tem se buscado, em palestras e encontros que eu frequento, tem se buscado formas de você tentar tornar a História, se adaptar ao momento, de você tentar tornar a História cada vez mais interessante, e aí eu percebo uma tendência das pessoas a buscar em um conteúdo de História voltado muito para a atualidade, e você começa a discutir o conteúdo da atualidade, para buscar e fazer a ligação passado presente.

Entrevista P6

1. Identificação do Entrevistado

Gênero: Feminino
Naturalidade: Recife – PE.
Data de nascimento: 01/04/1976
Formação: Licenciatura Plena em História (UFRPE); Especialização em Ensino de História (UFRPE); Mestrado em Educação (Lusófona).
Ano de início da graduação: 1997
Tempo de magistério: 14 anos
Níveis ou modalidades de ensino em que mais atuou: Ensino Fundamental 2 e Ensino Médio

2. Condição social

Por que escolheu a carreira de professor?

R= Foi uma pergunta muita boa! No meu caso eu escolhi pela beleza da profissão. Então para mim realmente o magistério foi uma escolha. Não foi uma opção por não ter uma outra. Não tenho na família, até porque não tem ninguém na minha família que tenha cursado universidade, eu sou a única. No caso eu tive quando eu fiz um Pré-vestibular. Que a minha intenção inicial quando eu fiz vestibular era fazer jornalismo, mas, acabei-me apaixonando pela História e estou nela até hoje.

Qual a sua condição socioeconômica à época?

R= Na época? Não eu já trabalhava. Então, assim, eu já tinha um emprego, eu era auxiliar administrativo, e assim, para mim ter um curso superior na época era muito bom, porque era uma visão do futuro para eu puder ter um crescimento profissional. Então, quando eu fiz a escolha como eu falei, foi uma escolha realmente por amor à profissão, não pela questão financeira. Porque professor não ganha muito bem, não é? Mas, diante disso para mim até hoje, não me arrependo da escolha, se tivesse de escolher hoje, escolheria, acho que não seria diferente, eu escolheria a mesma profissão. É tranquila, porque assim, eu já tinha um salário, exatamente, e conseguia trabalhar, e se manter do próprio trabalho. Meu pai trabalhava, minha mãe não trabalhava. Então éramos cinco filhos, e só tinha, assim no caso, a mais, eu sempre fui a mais velha não é, e sou ainda a mais velha. E assim só trabalhava eu e meu pai dentro de casa. Então a condição financeira, não era uma de dizer assim ótimo, era muito boa entendeu! Mas era uma condição boa. É para viver, não digo bem, mas o razoável.

3. Formação de professores em História

Você considera que sua formação inicial foi boa? Quais pontos fortes e fracos, você ressaltaria sobre a mesma? Se pudesse mudá-la o que retiraria ou acrescentaria? Justifique a sua posição.

R= No caso é a questão da, da faculdade mesmo em si, das aulas da faculdade? Não. Eu acho assim, na questão. Se eu modificaria? A questão assim, eu acho da faculdade, eu acho assim, muita teoria e pouca prática. Eu acho que talvez se a gente tivesse uma prática maior, e tivesse mais oportunidade de praticar do que só fazer a teoria. Porque a teoria é uma coisa, quando a gente chega na prática na sala de aula é outra completamente diferente. E eu acho que a gente praticando mais, a gente também,

tiraria alguns problemas que a gente tem em relação a questão da docência. Porque hoje em dia, a gente tem muitos professores iniciando a carreira, mas não terminando, por conta justamente disso, pensa, têm uma visão da faculdade, de escola, de sala de aula, e quando chega na prática é outra completamente diferente, e aí é complicado. Então eu acho que se a gente tivesse esse contato maior com a prática, eu acho que a gente teria um sucesso muito maior, a gente teria professores mais satisfeitos, ou até mesmo professores que realmente fossem decididos, que é aquilo que quer mesmo ou não. Também! Também! Mas aí eu acho que é um outro viés, não é? Porque aí eu acho o seguinte, que o professor ele tem que se reciclar sempre. Então o professor que ele fica condicionado à sala de aula, e aquele conteúdo, aquele material didático que ele tem, então ele fica ultrapassado rapidamente. E hoje em dia a gente tem alunos que muitas vezes, eles dominam mais as tecnologias do que a gente, então se o professor não for um pesquisador, se não for um, que vá buscar um diferencial, eu acho que ele vai se dá muito mal na sala de aula hoje em dia! Porque os alunos vão passar para trás ele rapidinho.

4. Competências/saberes

Utiliza habilidades, que possui em outras áreas na sua prática docente?

R= Seria interdisciplinaridade, é isso? Eu sei. Como Didática, Pedagogia, Psicologia. Se a gente utiliza isso na sala de aula? Na prática docente? Sim. Que, que a pessoa possa saber. Não. Eu acho que isso aí é importante, eu utilizo também, especialmente, olhe quem trabalha em sala de aula tem que ter uma visão ampla da coisa, ele não pode se limitar a ser simplesmente um repassador de conteúdo. Porque assim, a gente lidar com diversas situações na sala de aula. Aluno, você convive de realidades diferentes, e assim, a psicologia ela é importante, a metodologia ela é importante, e eu acho que a gente tem que fazer uso de diversos mecanismos, não é só se condicionar, ah! Se preparar para aquela aula e não ter nenhuma surpresa ao longo do caminho. Porque tudo pode acontecer, e eu acho que todo esse conhecimento diferenciado a gente tem que se fazer uso dele, e ele é importante, e muito importante mesmo, para a prática docente.

5. Currículo

Como você avalia os conteúdos específicos de História, em sua formação inicial?

R= Não, eu não acho que foi suficiente, não, até porque, assim, a gente sabe, principalmente, quem estuda em Universidade pública, sabe que passa por muitas dificuldades. Então, ao longo do meu curso mesmo, eu tive professores que se afastaram para finalizar um Doutorado, ou um Pós-Doutorado, veio um professor para o lugar, o professor em vez de dar aula, ele chegava para a gente, preparava seminário e a gente que se virasse para procurar o conteúdo. Então quer dizer, assim a gente sabe que também não vai encontrar uma fórmula mágica. Ele não vai chegar para a gente, para ensinar tudo o que sabe, mas eu acho que teria que ter um cuidado maior, porque se a gente vai ser um formador também, então a gente tem que ter uma preparação específica e adequada. Não é ser jogado, porque estar em um Curso Superior, e você ter que se virar sozinho, e depois de aí você ter esse domínio desse conteúdo para repassar para os outros, eu acho que isso é um mecanismo muito perigoso. Então, nas Universidades Públicas a gente tem isso no Brasil, infelizmente, não é, de não se preocupar com, como vai ficar esse aluno, se eu consigo porque é um direito natural do professor, de continuar sua carreira docente, de se especializar, de buscar novos caminhos. Mas como é que fica esse aluno no meio do caminho? Esse aluno vai ser simplesmente deixado para trás, e não vai ter nenhuma preocupação com ele? Foi isso que aconteceu com minha turma. Então a gente teve essa dificuldade em algumas disciplinas, e isso fez falta sim. Porque quando a gente, eu comecei a dar aula mesmo, eu ainda não tinha terminado meu curso, então eu estava no Oitavo Período, e justamente a primeira turma eu consegui um estágio, e as primeiras turmas que eu peguei foi justamente de Ensino Médio, Primeiro Ano, e um dos conteúdos mesmo era Pré-História. E foi justamente o que aconteceu,

o professor não concluiu essa disciplina com a gente, então como é que eu podia ensinar aquilo que eu não aprendi! Tive que aprender na marra mesmo!

6. Ensino de História

Você percebe algum direcionamento oficial sobre a forma como os conteúdos devem ser ensinados?

R= Se eu, não, assim, eu acho que já é um crime o livro didático não é, porque ele coloca a História como se fosse uma coisa sequencial, eu percebo, a gente sabe, é um positivismo acirrado! A gente trabalha tanto a crítica ao positivismo, mas infelizmente o ensino ainda é positivista. Para o ensino em escola nova, em Paulo Freire, nessas coisas todas, mas a gente sabe que é positivista, é tradicional. Então, tem uma sequência como se a História tivesse acontecido uma coisa atrás da outra, que a gente sabe que não é assim. Então há toda uma coisa tendenciosa nisso aí, então até mesmo a construção do livro, os textos complementares que são colocados, então é uma coisa que, tenta legitimar o "Status Quo" de quem já está lá em cima.

Qual deve ser a melhor forma de se ensinar História? Justifique sua posição.

R= Eu sei. Não. Eu não sei se você já viu, então para mim assim, eu acho que a melhor forma de assistir História, eu tenho um filme perfeito que eu assisti de um professor de História. Não justamente. É um filme que eu assisti perfeito, de um professor de História, isso é prática docente. Não sei se você já assistiu chamado, a escola da vida. Se não assistiu, se tiver oportunidade de ver na internet eu acho que você consegue esse filme. Então a forma como é retratado o professor de História dentro desse filme, eu acho que eu não sou uma professora tradicional entendeu, eu sou aquela professora que mesmo estando agora afastada da sala de aula, se eu tivesse de voltar hoje, então eu digo a você o seguinte, eu sou aquela professora que gosta de ousar, que gosto de cutucar, que gosto de mexer, eu não gosto de dar pronto. Eu acho que a História ela deve ser construída junto com os alunos. O que é que eles querem aprender! Então, eu não gosto de dar pronto. Então quando eu vi esse filme eu disse, esse filme parece comigo, por conta justamente disso, porque eu não gosto de dar o assunto pronto. Eu chego na sala, eu jogo algumas perguntas de acordo com o que os alunos vão falando, eu vou construindo minha aula, se precisar subir em cima do birô eu subo, se precisar trazer uma música, se precisar cantar uma música eu canto! Ai o que é que acontece é, eu sou de chegar e provocar, e a partir da provocação, das respostas que os alunos vão-me dando de retorno eu vou construindo minha aula. E eu acho que deve ser, eu acho que o método de ensinar História é esse. E não de você seguir um currículo, pronto, acabado, como se os alunos se interessassem por aquilo, como se eles gostassem daquilo daquele jeito. Como se fosse daquele jeito e ficasse por isso mesmo.

Que uso você faz das tecnologias de informação e comunicação no seu cotidiano profissional?

R= Que uso? Eu acho que eu uso até os limites possíveis e imagináveis, que como eu disse não é antes, para gente poder ousar a gente precisa também se utilizar desses mecanismos. E hoje em dia é, humanamente impossível você dar uma aula sem você fazer uso de tecnologias. Porque é como eu já disse anteriormente, a questão do aluno, muitas vezes o aluno sabe mais mexer no computador, mexer mais com um programa na internet, com alguma coisa no celular muito mais do que a gente. Então a gente tem que estar preparada para isso, não pode ficar parado naquele mundinho achando que sabe de tudo. Pois é, e não dá mesmo, porque a gente aqui mesmo no Estado, a gente professor do Estado, a última vez que a gente um material relacionado à tecnologias foi o, um *notebook* não é. E esse *notebook* foi dado para gente em 2008, já fazem seis anos. Muita gente nem tem mais, já está ultrapassado, alguns assim, o material não foi de boa qualidade, alguns que receberam e meses depois já não estava funcionando mais. E ainda chamou esse programa de professor conectado. Não é você dar um *notebook* para alguém que você vai conectar a pessoa porque a internet nunca chegou. Falava-

se que ia dar internet. Na escola mesmo aqui que eu trabalho a gente está há três dias sem internet. E assim, a gente tem uma cobrança da secretaria de educação de responder *e-mails* cotidianamente. O professor às vezes quer trabalhar alguma coisa que precise de internet dentro da escola a gente não tem "wifi" dentro da escola. E aí é difícil o aluno, agora esse ano, a gente está implantando desde o ano passado nessa escola, ensino médio. Que a gente começou como primeiro ano o ano passado, esse ano a gente tem o primeiro e mais um segundo, e ano que vem a gente vai ter um terceiro. Então esse ano os alunos ganharam um "tablet." A gente passou porque no segundo ano é que o aluno recebe, então o aluno recebeu um "tablet", porém não tem internet para ele fazer uso do "tablet." E o professor que dá aula para ele não tem um "tablet" para utilizar. Pois é. E aí onde entra, até onde vai esse uso da tecnologia, até onde esses programas de governo eles facilitam ou ajudam o professor em sala de aula? É uma coisa para gente se questionar, porque a teoria é bonita, o programa é maravilhoso, mas a prática é capenga, e muito capenga.

Você realiza atividades interdisciplinares, encontra dificuldades para realização das mesmas?

R= Pelo menos aqui na escola a gente não tem essa dificuldade não. Então, a gente tem diversas atividades, a gente projetos mensais, que eles justamente, eles fazem o uso da interdisciplinaridade, ou seja, as disciplinas elas, são entrelaçadas, e a gente dialoga com os professores, a gente senta com eles para montar esses projetos. Amanhã mesmo a gente tem essa feira do folclore, então a feira do folclore o tema, é as tradições nordestinas, e aí cada sala de aula em cada horário, ela vai ter um Estado e dentro desse Estado, a gente vai trabalhar suas particularidades. E aí entra dança, como envolve educação física, entra a questão histórica, entra a questão geográfica. Então a gente vai tentando unir uma coisa à outra, e a gente faz um trabalho muito bonito aqui dentro. Então assim, pelo menos aqui nessa escola a gente tem sucesso nisso aí, a gente consegue fazer as coisas.

7. A profissão de professor

Que avaliação você faz da profissão de professor de História hoje?

R= Olhe, na questão do professor de História eu acho que depende muito do professor, eu acho que não depende da disciplina, porque eu tenho uma visão assim, que o aluno ele não, não gosta da disciplina, ele gosta do professor. É uma visão que eu tenho desses catorze anos que eu acumulei de sala de aula, é essa. Então, é o professor que faz o aluno se encantar pela sua disciplina ou não. Porque é o professor que faz, pelo menos aconteceu comigo, quando eu fiz a opção por História, foi por justamente uma paixão que eu tinha desde a época que eu estudava o fundamental, de um professor, que se concretizou num pré-vestibular que eu fiz parte. Então, foi esse apego que eu tive, a forma como o professor lidava com a matéria que me fez gostar dela e me fez partir para essa disciplina. Então, eu tenho essa visão até hoje, por isso que eu tento fazer isso nas minhas aulas. Porque se o aluno não gosta do professor, ele consequentemente não gosta da matéria. Então o problema não é a História, não é a Matemática, não é o Português, o problema é o profissional. Se ele está satisfeito com aquilo que ele faz, se ele ama aquilo que ele faz, ele repassa isso para os alunos, e os alunos vão perceber isso, mas se ele, demonstra insatisfação, reclama o tempo inteiro, xinga o aluno, se revolta por conta do salário, então o que é que ele vai querer em troca? Ele vai querer justamente, que os alunos tenham uma antipatia não somente por ele, mas pela disciplina que ele também é responsável por ela. A valorização? Nenhuma. Infelizmente, o professor ele está cada vez mais desmotivado, desvalorizado, e além disso, rejeitado pela sociedade não é, porque assim, uma coisa que eu converso muito com os meus colegas, e até mesmo com gestores nos períodos que eu já tive, que é o seguinte, o que é que uma greve de professores ela traz é prejuízo para a sociedade? É somente para aqueles que estão assistindo a aula. Porque hoje em dia infelizmente a escola está associada a uma coisa chamada bolsa família, e assim, os pais não estão interessados se o aluno está tirando nota boa, eles estão interessados se os alunos vêm para a escola, ou seja, a frequência que ele tem. Então, o aluno, ele é um mero expectador. Então, o professor quando para a aula, ele só causa

prejuízo para a família, porque ela fica revoltada porque não tem onde colocar o menino. Porque a escola de toda forma é um refúgio que o pai vai jogar o menino lá, deposita lá e não quer nem saber, porque hoje em dia os pais não querem vim para a escola mais por conta própria, dificilmente, não vou generalizar e dizer que é todo, mas alguns pais é quem vem por conta própria, sem que a escola chame, vem para a escola para saber de seu filho, e aí o que é que acontece, quando o professor para, para fazer uma greve, ele causa uma revolta. Mas se, por exemplo, o comércio parar, os ônibus pararem, isso causa um prejuízo financeiro, então isso é interessante para a sociedade, mas uma greve de professores não é. Porque professor não tem valor nenhum! Então quem tem que resgatar esse valor é o profissional. Ele tem que buscar sua identidade, ele tem que resgatar essa identidade junto à sociedade. Porque se ele não fizer isso, se ele já está tão desvalorizado, desmotivado, a tendência é piorar cada vez mais. Aí é como eu disse, eu acho que tudo isso é uma visão individual, a gente não pode generalizar não é, e criar assim um fim do mundo. Não é colocar isso como se fosse um problema muito grande. Eu acho que tudo depende de como as coisas são conduzidas. Que a gente vive numa sociedade que a transformação está ocorrendo muito rápido, então desde a década de noventa, com essa História de globalização que não é nova, tem uma coisa que vem de tempos e tempos remotos. A gente como professor de História sabe disso, então assim, houve uma supervalorização desse termo, então, hoje em dia a gente vive numa sociedade que ela é super acelerada, tudo é muito rápido, o conhecimento é muito rápido. A gente tem que buscar é, como é que se diz, uma formação cada vez maior, de uma forma muito rápida. Então eu acho que tudo isso a gente tem que pensar bem, eu acho que a gente não tem que fazer uma visão de fim do mundo**, e**u acho que a gente tem que justamente é desmistificar essa visão que se tem. Eu acho que a preocupação da gente deve ser essa, e não de achar, o que será que vai acontecer no futuro, não o que eu posso fazer agora, a que vai repercutir no futuro. Eu acho que é isso que a gente precisa fazer, eu acho que a pergunta tem que ser essa. O que é que eu posso fazer agora, e não é o que vai acontecer no futuro.

Entrevista P7

1. Identificação do Entrevistado

Gênero: Masculino
Naturalidade: Recife – PE.
Data de nascimento: 15/06/1964
Formação: Licenciatura Plena em História (FUNESO); Especialização em História do Nordeste (FUNESO); Especialização em Pedagogia (UFRPE); Especialização em História de Pernambuco (UFPE); Mestre em História (UFPB).
Ano de início da graduação: 1986
Tempo de magistério: 25 anos
Níveis ou modalidades de ensino em que mais atuou: Ensino Médio

2. Condição social

Por que escolheu a carreira de professor?

R= Bom, essas perguntas são muito complicadas, na época eu, eu sabia para que queria, aliás eu sabia para que não queria, não é. E, não sabia o que queria. Porque nas áreas de Ciências Humanas, eu me encantava com quase todas as disciplinas, com História, com Filosofia, Psicologia, Letras é, Literatura, e então quando eu fui fazer ficou muito nítido que naquela eu não faria para Química, para Física, Matemática, não é. E aí eu fiz vestibular três vezes. Primeira vez eu fiz para Psicologia, não, três vezes não, duas vezes, me corrija! É, primeira vez eu fiz para Psicologia, e a segunda vez eu fiz para História, e na segunda vez eu fiquei e fiz o curso de História. Então não tinha uma nitidez nessa escolha, tinha a clareza do campo que eu gostaria de atuar, e de pesquisar, e de estudar. Porque para mim, a profissão de professor, ela não é dissociada da ideia de estudo. É verdade que nós hoje, somos forçados a ser professor sem estudar. Carga horária que se tem, as aulas atividades que a gente deveria ter direito, que não temos, está somente na lei. Aí você deixa de ser um professor, aquele dador de aula, mas não, tem muito professor que não lê nada. Eu leio, ainda, porque sou um pouco teimoso. Participo de um grupo de estudo de Filosofia, que a gente se encontra de quinze e quinze dias, ou lá em casa ou na casa de alguns colegas, do próprio grupo. Então, nunca deixei desse lado porque para mim, o que me motivava a isso era exatamente do gostar de ler, do gostar de estudar, do gostar de debater. Mas, no dia-a-dia das escolas, o que eu vejo é impedimento do professor acompanhar, se fala muito em capacitação, a gente vai falar mais adiante disso. Se fala muito em formação, mas isso é muito da boca para fora, na prática o tempo reservado para formação, ele basicamente não existe. E a qualidade de quem. Tem vários aspetos que a gente vai poder ver, a qualidade de quem vem formar, são coisas que são complicadas da forma que tem sido feito. Além de às veze, ser desnecessária a formação por níveis de aluno, e o tipo de aluno que a gente tem tido. Que a visão, a gente vai falar mais adiante eu creio, a visão que a gente percebe, que eu percebo é o seguinte, se pensa escola só intraescola, dentro dos muros da escola. Como se o aluno ele não fosse um produto da sociedade. Ai sempre se responsabiliza o professor. Sempre se diz que o professor está incapacitado. Eu particularmente estou capacitado para dar aula a muita gente, inclusive da Universidade. Mas, chega o cara e diz, você tem que fazer uma formação, aí quando eu vou ver o formador, e o tipo de formação, eu descubro que o discurso dele é superficial porque ele mesmo, não sabe pensar educação, ele pensa a educação como se fosse um intestino, só aquilo aqui dentro. E não importa o que eu como, então, ele pensa a escola, intraescola, com soluções entre aspas, é meramente tecnológico, um discurso sofístico, depois eu comento um pouco isso, e a realidade do aluno que vem para cá, ele desconsidera.

É tanto que esse aluno que vem para cá empolgado pelo conhecimento, desejoso de conhecimento. Aí as análises são superficiais, se faz projetos superficiais, e se, no final das contas se bota a culpa no professor. Ah! Deu errado, a culpa é do professor. Ninguém consultou o professor, ninguém considerou estar inserido dentro de uma comunidade. Não se pode construir saberes, isolado da realidade de quem vai ter acesso a esse saber, e era. Eu continuo dizendo, se pensa ir à escola, educação, dentro da escola, como se esse aluno não tivesse um mundo lá fora, não tivesse recebido conjunto de valores, de educação, de formação, que veio para cá com essa formação da casa dele ou da rua, da onde ele, mas trouxe de fora. Aí é complicado, não é?

Qual a sua condição socioeconômica à época?

R= Eu trabalhava. Eu tinha meu emprego. É, não creio que seja tão diferente o que ganha hoje um professor, eu não sei exatamente quanto é que ganha a categoria que eu trabalhava na época. Mas, era, eu era operário, trabalhava de vigilante. Acho que um negócio de, na época dava um salário mínimo e meio, dois salários mínimos. Eu acho pouco, ou quase o que a gente ganha. Chega perto, e se você fizer hora extra, atinge facilmente o professor. Recebemos o pior salário do Brasil. Mesmo tendo melhorado um pouco, aí essas melhoras, são melhoras que são verdadeira arapuca. Por exemplo, eu trabalho numa escola que eu tenho uma gratificação, mas, se eu sair dessa escola, se eu me aposentar, ou se eu, quiser fazer um curso, eu para fazer o Mestrado eu tive de sair, e perder minha gratificação, e perder a escola que eu estava lotado. Porque essa ideia liberal que você tem de dar um prêmio para o professor estar em sala de aula, na verdade é uma arapuca, porque no dia em que ele se aposentar, ele perde toda a gratificação que tinha, e vai passar, é um engodo. É um engodo sim. É uma, arapuca para quando ele tiver velho morrer na míngua, porque, quando você está velho, você necessita de ter uma vida estável, de ter o mínimo de conforto. A velhice traz com ela, quase sempre, algumas doenças, alguma perda de vitalidade que exige um custo maior. Aí nesse momento você perde o que você tinha. Como quem diz, ele já velho deixa ele morrer mais rápido. Então na verdade, o sistema que está aí com o ensino, ele é uma arapuca para enganar a sociedade.

3. Formação de professores em História

Você considera que sua formação inicial foi boa? Quais pontos fortes e fracos, você ressaltaria sobre a mesma? Se pudesse mudá-la o que retiraria ou acrescentaria? Justifique a sua posição.

R= Primeiro é complicada uma coisa, eu já sou formado há mais de vinte anos, eu me formei em mil novecentos e noventa, está certo, então, muitas dessas formações mudaram, umas para melhor, outras para pior. Esse ponto aí, tem que ter muito cuidado no momento da análise dele, inclusive você quando for analisar os dados, porque é, a que momento histórico você está se referindo, dessas formações. Eu acho que a minha formação não foi ruim. Não foi ruim por dois motivos. O primeiro motivo eu já disse, que eu disse a você que fui fazer Ciências Humanas porque eu sou apaixonado por leitura. Eu participo de um grupo de estudo hoje, não, hoje é outro grupo. Mas eu participo de grupo de leitura e de militância política desde os meus dezassete anos, A inquietação leva eu a ler muito todas as áreas. Quando eu falo muito, é dentro das condições que eu tenho, significa muito pouco, diante de pessoas que tem uma condição de estudo, condição intelectual descente. E o professor não tem uma condição intelectual descente. Venhamos e convenhamos, é uma vergonha como o professor é tratado nesse país. Tempo, recurso, acesso a isso. Aí o cara agora dá um "tablet" para você, para dar um "tablet" para você, tão dizendo que você agora tem que fazer um curso. Eu particularmente não preciso de curso, e eu gosto de fazer. Mas quando você vai dar um curso, você tem que ser claro no que está dizendo, qual a duração do curso, o que é que vai tratar do curso, porque ver se ele me interessa, mas se não me dão esses dados eu também não me inscrevo. Quando eu preciso para ler, eu não preciso que o governo crie um curso de formação para mim. Ao contrário, mas tentando ser mais objetivo na questão, a minha formação eu acho que era suficiente na época para dar aula. Pontos fracos e fortes, tem a ver com a instituição. Eu acho que a Instituição que eu estudei é, e eu acho que

permanece assim aqui no Brasil, e em particular em Pernambuco, aonde é que você tem instituições de curso superior, de formação superior, que tem espírito acadêmico. Entendo, para a Universidade precisa ser, um centro acadêmico. Com exceção da Federal e tal, talvez da Católica, as demais instituições de ensino nossa, não é, não tem isso, principalmente as privadas, as privadas se limita a ser uma privada, ou seja, se tu pagar, tu podes se dar bem. Espírito acadêmico de estudante, você não vê. Você chega nas rodas dessas faculdades todinha, particulares principalmente, e a federal não fica de fora, o que você encontra são botecos de uma roda da faculdade, o cara escutando músicas horrorosa, se é que podemos chamar música aquilo, bebendo, e fazendo tudo, menos uma discussão intelectual, menos uma discussão política, menos uma discussão acadêmica, tudo que o senso comum faz, quer dizer, vai pra Universidade, em vez de ele ter uma formação e descobrir o que é o conhecimento, o que é o conhecimento científico, e como esse conhecimento pode ser aplicado na nossa vida, e o quanto a nossa vida se ergue nesse conhecimento, ele não, ele continua um João-ninguém, pensando e raciocinando como uma pessoa que não teve acesso ao conhecimento. Então, nesse sentido as nossas faculdades deixam a desejar, e essa formação era complicada porque entregou-se o ensino nosso ao mercado, ai na hora de competir, a faculdade que você estudou e que eu estudei, Funeso, há vinte anos atrás tinha um conceito muitos melhor do que tem hoje, mas na competição com essas outras Universidades que em cada esquina tem uma, parece um boteco, ela pra poder prender o seu aluno, começou a fazer o que os outros fazia, hoje ela perdeu muito disso, hoje a gente tem dúvida quanto à formação dela, e isso vale pra qualquer outra, a Universo da vida, a Nassau da vida, a FASA e um monte de outras, que o que não falta é Universidade, é tipo banana podre, em qualquer lugar você encontra. Agora, a qualidade é complicada, porque o cara paga, e por incrível que pareça, eu digo porque eu trabalhei em faculdade, meu irmão também dava aula em faculdade. O cara paga para estudar e ele não quer a mercadoria dele, já que estou falando que é mercadoria, ele quer passar, simplesmente quer passar. O diploma na mão, mesmo não sabendo de nada, falando as maiores asneiras, o raciocínio dele como eu já disse, é de senso comum, não é de quem passou na Universidade, erro dele, fez opção no Brasil, eu acho que talvez com exceção das Universidades Públicas, você não tem senso acadêmico, você tem, a isso deixa a desejar, porque se o profissional vem para cá trabalhar com a visão do senso comum mesmo. Pergunta a um aluno desse o que é Ciência para ele, ele não tem a menor ideia do que é isso. Ele não percebe a Ciência no dia-a-dia dele, o que ele percebe é, as músicas horrorosas, um monte de igreja falando asneira. Aí sai semianalfabeto, essas igrejas adoram, porque não precisa pensar para estar nela, vai encher, lotar ela. Então eu acho que o ponto fraco é exatamente esse, a falta de uma formação acadêmica sólida. O que é que a gente vai, se pudesse mudar o quê, retiraria ou acrescentaria, não dá para pontuar isso, porque precisaria de uma análise mais detalhada, de uma reflexão mais pontual. Mas pela própria fala que eu acabei de colocar, precisa de políticas públicas que privilegie o centro, a Universidade como centro de pesquisa. Você está fazendo Mestrado, é dois anos, antigamente o mestrado era quatro anos, o senhor tem que correr, tem que está produzindo artigo, tem que estar isso, o que sobra para você pesquisar e escrever, é tanto assim, é um ano e olhe lá. Então, para onde é que vai o teu trabalho acadêmico? A qualidade da reflexão que exige. O trabalho intelectual exige tempo para a reflexão. Não é. E com a Capes e o CNPQ pedindo artigo todo dia. E vive pedindo, menos de um ano para você escrever tua dissertação, ela vai sair capenga, a sua, a minha, a de todo mundo. Porque não há tempo da maturidade, para o seu objeto de estudo. É sim, falamos todas. As limitações dos próprios cursos, não é, então a Universidade sofre com isso, e a pessoa que vem para a Universidade se ela não tiver muito sedenta em buscar esse saber, em perceber que pode ser um espaço diferente do que é o senso comum, ela vai ser senso comum dentro da Universidade. Eu chego na Federal lá só vejo gente, fazendo, parece um templo evangélico. Você já deve ter percebido isso quando vai na Federal, de Recife. Se for na hora do almoço então meu filho, você vai ficar no templo, não é que eu esteja dizendo que, você não possa ter sua crença, eu estou dizendo que aquele não é o espaço da crença. Não é. Isso mostra que você não percebe que aquilo ali é um espaço acadêmico. E o preparo intelectual, beleléu! É. Não vai além de um voluntarismo. Acho que como o Lenin dizia, eu acho que isso é uma doença infantil do comunismo. Tenho encontrado muito isso, inclusive nos nossos partidos políticos. São pessoas que são esquerda de chavões. São esquerdas que sem preparo da ideologia que ele defende, e do

posicionamento político que ele tem. Ele não tem embasamento para isso, é mero chavões, ele só tem capacidade de argumentar muito, de falar muito. Se você for botar para realizar um projeto, ele não tem como fazer isso, e fica fazendo o que faz, a política óbvia. Então, eu acho que esse ponto que, tem vários aspetos, mas a gente pode perceber que esses aspetos, para apontar um a um, teria de parar, refletir, e dizer que é sugestões. Eu acho no plano macro o Estado tem que tratar a Universidade como centro de pesquisa, como Centro Acadêmico, isso significa, que nem todo mundo tem de ir pra Universidade. Precisa estar na Universidade. Na Universidade, todas aquelas pessoas querem ir para lá, não é uma classificação por exclusão de condição de renda ou outro tipo qualquer, não é, está lá é uma opção de vida, ser um acadêmico é uma opção de vida. O professor deveria ser isso, todos nós. O acadêmico não devia ser só professor universitário, nos países decentes do mundo você sabe que Edgar Morin, Perrenoud, esse pessoal deu aula no primário, que corresponde ao nosso primário. E são acadêmicos. E são pensadores da educação, são pensadores da ciência, e etc. Você olha e observe, nós, professores, exercemos nossa profissão dia a dia nas escolas, você vai perceber que, você conta nos dedos as pessoas que tem esse hábito como professor. Essa visão, essa cosmovisão como professor. Então na verdade ele é um técnico do saber, ele sabe isso aqui, esse conhecimento aqui, pode repassar para o aluno. Por outro lado, esse aluno também impede praticamente as pessoas de fazer isso. Porque aí tem uma, aquilo que eu falei lá no primeiro tópico. Como se pensa em educação só inter sala de aula, não se pensa que os meios de comunicação são, deveriam ser meios pedagógicos. Ou ele é pedagógico ou ele é antipedagógico. O que está aí é antipedagógico. A escola, o jornal, o rádio, a revista, a internet, todos esses meios de comunicação, eles servem, pura e simplesmente, para destruir toda formação que você pode dar a um jovem. Da forma que está posto aí, ele não. Então como é que você vai mudar a educação desse país, se você só pensa a escola como se ela fosse uma ilha, e seu aluno como se tivesse nascido dentro daquela escola. Quando na verdade ele está cá fora, sendo influenciado por esses meios de comunicação que só servem para vender e comprar coisa, somente, um veículo de venda, extensão das empresas, com propaganda, para fazer o que elas desejam, levar você a consumir, e a formação do indivíduo como ser humano, não existe. Então, pensar escola, pensar Universidade, pensar o conhecimento, é preciso pensar com totalidade, e não, bom, esse aqui é o professor acadêmico, esse aqui é o professor que não é acadêmico. Por princípio deveriam ser ambos professores acadêmicos, ambos detêm, e espera que se detenha o conjunto de saberes que precisa ser socializado. Transmitir saber não é nada mais do que dar acesso, socializar o saber produzido pelas, pela humanidade, que pertence a todos nós, porque ele é público, ele é resultado dos investimentos públicos. Então é obrigação nossa passar isso para o aluno, fazer esse aluno absorver isso porque isso vai aumentar a visão dele de mundo, vai oportunizar a ele, vai sensibilizá-lo. Se ele não está tendo isso, é porque ele não está aprendendo, se ele tiver aprendendo ele se torna outro, se não, é analfabeto formal. E é o que mais nós temos.

4. Competências/saberes

Utiliza habilidades, que possui em outras áreas na sua prática docente?

R= Sim. Eu acho que, não tem, é aquela questão, se o professor tiver uma boa formação, tiver inquietações, vai ser impossível ele não utilizar todas as outras áreas. Ele vai ser o conjunto de suas idiossincrasias, então, o ato dele também vai ser um ato político. Eu não estou dizendo com isso que o ato do professor é um ato exclusivamente político, ao contrário, quase sempre não está sendo, está certo! Mas ele pode também ser um ato político além de ser um ato do saber. Então, claro que você usa, quando você está numa sala dependendo da turma que você está, da série que você está, a faixa etária, você vai está precisando da ajuda da psicologia, sem cair no psicologismo, porque nós também temos uns problemas na educação que é muito grande. É o psicólogo que, ah! Trata o aluno como coitadinho. E está dentro da escola e não percebe que, o psicólogo não está na sala de aula, é preciso viver a sala de aula, e observar muito bem a sala de aula. Depois eu vou fazer um comentário sobre isso, e que só ratifica o que eu estou falando. É o pedagogo, que é o cara que nunca dá aula, que não tem conhecimento específico das áreas, das ciências, e acha que tem uma espécie de esqueleto, que

todo conhecimento vai caber dentro daquele esqueleto dele, como se fosso a lógica aristotélica, que tem que caber todo, toda forma de pensar, tem que caber dentro daquela lógica. O pedagogo tem que unir o esqueleto da pedagogia e da, e aí eu estou generalizando pedagogia, como sendo didática, como sendo prática de ensino, as metodologias. Tudo isso que, ele adora isso. Mesmo não sabendo nada do meu conteúdo ele é capaz de chegar e dizer que a minha aula presta ou não presta como eu tenho visto, nas práticas das nossas escolas, inclusive nos dias de hoje e não é só aqui, é em todas elas. Esse cara vive numa sala à parte, burocraticamente, lendo sobre prática de ensino que quando você para e diz, esse aluno que ele está falando não existe aqui nessa escola. Não é o meu aluno, eu estou cansado de ir para palestra do pessoal, sobre tudo dos acadêmicos. E aí vai uma crítica à academia. E eu, não tenho nenhum preconceito, já deu para perceber que eu adoro a Academia. Eu acho que a academia tem, nós temos de ser acadêmicos para sermos professores. Professor que não é acadêmico não é professor cara. Mas, isso não significa que a academia não faça um bocado de bobagem. O que eu tenho visto de acadêmico falando, parece que o aluno é aquele que era sedento de conhecimento, desejoso de conhecimento, e as coisas não são bem assim. A dissociação está aí, que é uma dissociação. E aí acha que sempre o responsável é o professor. Porque no fim das contas disso vai dizer oh! Ninguém responsabiliza a falta do instrutor da escola, ninguém responsabiliza os salários, de tu teres trinta salas de aula como eu tenho. Está entendendo? Mas, tu não dás uma aula boa. Ninguém responsabiliza o aluno, que chega na sala de aula chama um monte de palavrão, manda tu tomar ali, tomar acolá, e diz o que for. Hoje mesmo eu fiquei sabendo que um cara, um aluno lá para o lado do Paraná, eu acho que foi Paraná, ou Pará, sei lá, esfaqueou uma professora. Porque ele não tem o menor respeito pelo professor. A escola é, é um espaço onde quer fazer o que quer, você está dando aula e o cara está atrapalhando a aula. E aí eu volto àquilo que eu falei, eu disse instantes atrás, tem uma coisa que eu vou comentar aqui. Eu fui para uma palestra há uns quatro, cinco anos atrás, quando eu estava dando as formações para livros didáticos, não foi nesse, nessa formação de agora não, eu acho que foi da Editora Moderna, não sei precisar porque, eu tenho um problema de esquecimento muito grande. Daí eu fui com minha esposa que é professora de Português e de Inglês, para uma formação, eu acho que foi da Editora Moderna. Ela tinha trazido um professor dos Estados Unidos, para o lançamento do livro de Inglês, do qual ele também participou da elaboração. E aí ele, curioso em se aproximar da realidade, ele disse, pediu para Editora, para ter acesso às escolas. E aí a Editora foi nas escolas, pediu permissão, as escolas permitiram, e ele ficou assistindo aula. E passou mais ou menos um mês aqui assistindo aula e disse que, assistiu bem mais de meia dúzia de aulas de Inglês, em várias escolas, em várias áreas daqui da Região Metropolitana. E o que deixou ele surpreso e alarmado foi o seguinte, ele disse: "Quando eu observava, quando o professor conseguia ter o domínio de sala, sala de aula, que conseguia dar aula", ele disse quando juntava o tempo todo talvez não desses dez minutos. O resto era chamada, chamando à atenção a aula todinha. O aluno não presta a atenção, ele não obedece. Ele disse, como é que ele vai aprender desse jeito, de cinquenta minutos de aula, ele assistiu cinco; os quarenta e cinco foi só o professor tentando dar essa aula, correndo atrás, inventando método, e aí é a questão do pedagogo, que acha que é só o professor. Mas, os professores inventam o que você imaginar, de usar, essa máquina que você está vendo, que é um projetor de slide moderno que é tudo nele, computador, tudo, você conhece? Não precisa você botar mais nada, quiser, entra diretamente, tem um computador ali ligado nele porque quer, mas ele tem um computador nele mesmo**.** Você usa isso, você usa música, você usa, tudo o que for atividade é, dinâmica de grupo, e nada resolve porque, é aquilo que a gente falou, uma coisa está ligada à outra. Vê, veja, como é um emaranhado disso que não é fácil resolver, só na cabeça de alguns pedagogos que esses são pega gogo. Porque, não consegue perceber que a escola está inserida numa comunidade, numa sociedade, e vai resolver o problema da escola quando deve resolver outros problemas. Não se dá para resolver o problema da escola como se fosse um tumor que eu extraí e o cara ficou bom da saúde. Vai ter de resolver também a miséria social, de uma clientela que eu tenho que vem para cá, que é terrível. Eu já disse aqui na escola, eu tenho mais de vinte anos de sala de aula, duas escolas que é de matar. As duas piores escolas da minha vida foram, essa daqui em termos de aluno, eu estou falando o aluno aqui, são mortos, os que querem alguma coisa são sufocados pelos que não querem. As duas escolas que eu trabalhei que foi assim, foi aqui, e na Gilberto Amado, no Hipódromo, que era

uma turma de quinta à oitava série, que a comunidade também vem de uma favela, que é aquela favela do canal do Arruda, aqui vem do Coque. Eu nunca vi uma escola para ter tantos problemas, o problema passa aqui pelo total e absoluto desinteresse do aluno. São alunos que passaram a vida sendo empurrado, desde o primário sem saber nada, a imensa maioria não tem condições de você fazer um teste de Quinta Série, que agora é o Sexto Ano. Esse aluno não tem condição de entrar. E vem empurrado, empurrado, empurrado. Tem aluno aqui que você fica junto dele, menino copia o assunto, ele diz! "Vou copiar professor", ele não diz que não vou copiar, mas se você ficar, você vai passar a aula todinha do lado dele, até que ele consiga tirar o caderno do livro, abrir uma página e escrever pelo menos uma linha do que está no quadro, terminou a aula. Porque ele não quer. Aí chega o Pedagogo e diz não, é porque você não é dinâmico, você não consegue fazer a aula atraente para ele. Para mim isso é idiotice viu. Quem sabe o que é o conhecimento, sabe que o ritmo do conhecimento é diferente. Por isso que a gente já falou que o conhecimento exige reflexão. Você pega o cara que está envolvido até com o tráfico, está envolvido com tudo que é coisa certa, e boa e ruim também. E que a vida lá fora é uma dinâmica do cotidiano do senso comum, é uma dinâmica diferente do senso do saber, do mundo da ciência. Você agora diz, você vai competir com essa dinâmica cá fora, da internet, do jogo, da televisão, idiotice! O que tu tens de fazer é o oposto que Pernambuco fez, para começar, e não é o suficiente, como eu já disse. Então o conjunto deve ser, um conjunto de ações, não é, um projeto de sociedade, não um projeto só de um Estado, mas um Estado pode fazer também a sua parte. Em vez de começar a Escola Integral pelo teto, ou seja, quando o cara, imagine: você passou quatro anos simplificando as coisas, você passou quatro anos no Ensino Fundamental Um, quatro anos no Ensino Fundamental Dois, são oito anos, mais três anos de Ensino Médio, são onze anos de estudo. Você passa oito anos para poder chegar no Ensino Médio, isso se não perdeu nada, se não repetiu nada. Agora quando você chega no Ensino Médio, você vai ter Ensino Integral. Esse aluno já vem com todas as deficiências que eu acabei de citar que foi empurrado. Porque você tem de cumprir meta, para satisfazer número para a Secretaria de Educação. Se saiu de um extremo, de um professor que reprovava as turmas inteira. Para um professor agora que aprova a turma inteira, inclusive os mortos, suicidas, as almas e o que você quiser mais. Que é hoje a prática de Pernambuco. Agora só tem uma coisa, não tem como provar isso não. Porque as coisas são bem-feita, a mentira é bem-feita, a mentira estatística é bem-feita, está certo. Ninguém tem como provar porque o cara diz, você tem que fazer assim, assim, mas não te dar o documento não. Ai qual é a tua opção, ou tu ficas na escola e faz isso, ou tu vais embora, tu necessitas do teu emprego, termina se submetendo. Você foi muito feliz na colocação. Mas só quando que, quando chega lá que ele diz, o discurso é o professor está malformado, mas não é o professor que está malformado, aquela mesma questão que eu já disse no começo. No fundo a culpa, não é de ninguém e é de todo mundo. É um projeto da sociedade que tem que se fazer, tem que se, se priorizar a Educação. Você viu a reportagem sobre Cuba que saiu? A ONU reconhecendo a educação em Cuba. Mas, vai ver se em Cuba o menino não começa na Creche. Nessa educação infantil, e não é integral lá. Eu nunca vi você fazer escola integral depois que o cara está saindo. No Ensino Médio, ele está terminando o Ensino Básico, ele está saindo lá da escola. Ai agora você quer que esse aluno aprenda, crie hábitos e costumes de quem estuda integralmente. Não, comece de pequenininho que quando ele chegar no Ensino Médio, ele vai estar com uma formação sólida, ele vai está habituado, e o olhar dele de mundo é outro. Assim, outra coisa, tu tens que pegar os meios de comunicação fazer dele meios pedagógicos. Isso não é uma questão de liberdade não, liberdade para matar o outro não é liberdade. Então liberdade para o meio de comunicação destruir o conhecimento da sociedade, não é liberdade. Liberdade é dar acesso de vida digna, se para dar vida digna eu tenho que fazer um meio de comunicação, ser um meio de formação e não só de informação, eu tenho que fazer isso. Mas o discurso sofístico sobre liberdade superficial, sobretudo do mercado, liberdade é o que o mercado quer, e que o mercado quer, consumidores, mas nada. Mesmo que ele caia nas contradições dele que, os miseráveis que não conseguem consumir. Mas, aí já é o outro tipo de análise, que é uma análise mais socioeconômica. Atinge as redes, como atinge profundamente, atinge a gente, mas exige outro tipo de reflexão e de fazer as pontes entre essas as partes. Então, a questão que gente está é uma areia movediça perigosa, para arranjar uma a solução. Mas eu, não há a menor dúvida de que tem solução. É uma solução que passa pela sociedade, não

passa só pela escola, tentando ser objetivo no que eu tenha colocado, o professor, quanto melhor preparado esse professor, mais ele vai usar todas as áreas do conhecimento, isso vai fluir no seu dia-a-dia. Seja com as disciplinas afins, seja por disciplina não afins. Tentando dar um exemplo, quando o professor de História está falando de evolução humana ele está usando a Biologia, ele está usando um modelo de conhecimento e de produção da investigação científica, que atinge todas as áreas do conhecimento humano. Hoje em dia só o pessoal ortodoxo do fundamentalismo está na base do criacionismo. Porque se não, todos os modelos da ciência moderna, tudo que nós temos, parte de um, quiser usar o termo de Kuhn, um paradigma, que é um paradigma evolucionista, mas vamos lá.

5. Currículo

Como você avalia os conteúdos específicos de História, em sua formação inicial?

R= É, naquela época sim, depois mudou. Inclusive quando eu estava saindo da Funeso. Qual foi o ano que tu entrasses na Funeso? Foi. Pronto, tu entrasses quando eu estava próximo a sair, eu saí em noventa. Por isso que eu te disse, eu acho que eu te conheço. Quando eu estudei lá, teve alguma convivência em oitenta e seis na Funeso. Quando eu entrei na Funeso a gente não tinha, por exemplo, pré-história. Tinha Matemática I e II, Estatística I e II. Que foi uma briga para a gente conseguir fazer um currículo mais avançado e, quando a gente saiu vocês provavelmente já estavam pegando o currículo novo de História, que tinha retirado essas disciplinas que era somente para dar carga horária para o professor de Matemática. Não que não sirva pra História, mas não como uma disciplina. Eu acho que o professor de História que vai trabalhar com demografia. Está certo. E aí professor que só começa a trabalhar com estatística, ele precisa se apropriar de algumas coisas, ele paga isso como isolada, como disciplina eletiva na faculdade. E nem é. Mas vamos aceitar a hipótese que seja necessário. Vamos assim dizer que, a formação dele de Matemática do Ensino Básico não tenha sido suficiente. E pode pagar isso na Universidade, no campo da Matemática lá, como disciplina eletiva. E não ter que fazer parte da grade de História. Então na minha época, a minha grade de História tinha algumas limitações, sobre tudo na parte de pré-história, certo. Mas no todo eu acho que foi bom, o professor tentou suprir isso, e depois disso sanou. Eu acho que a Universidade se preocupar em dar a formação sólida para o aluno da Universidade, isso não vai ser o maior problema. Agora eu concordo com um amigo meu que é professor Universitário da UPE, que é professor de História se reversa aqui. Se eu critiquei os pedagogos, imagine ele! Que disse para mim, Eurico tão acabando com o curso de História. Tão botando mais de quarenta por cento no curso de História de Pedagogia. E eu concordo com ele. Isso é um absurdo! Porque eu não vou dar aula de pedagogia, eu vou dar aula de História. Então, eu preciso principalmente de ter uma solda, saber pensar como historiador. Tem colegas nosso que não sabem pensar como historiador. É diferente, para você pensar como historiador você, como qualquer, todas as outras ciências, você tem que dominar as categorias daquela ciência. Eu tenho que saber que ferramentas o historiador usa no seu processo de investigação e de análise das coisas, para compreender essa realidade. Mesma coisa como sociólogo, fazer análise da Sociologia tem que uma sólida formação de sociólogo, caso contrário, caso contrário ele não vai ser um bom professor. Ele tem que dominar. Porque o que é a Pedagogia, ela são, ela serve de meios, elas são ferramentas que auxilia, e aí eu estou generalizando pedagogia porque eu posso separar dentro disso a didática, posso separar disso a metodologia. Estou trabalhando isso genericamente porquê de um modo geral o pedagogo se junta a essas partes também. O que eu estou querendo colocar é, temos que dar uma formação sólida da ciência que você está estudando. No conhecimento se eu sou literato eu tenho que conhecer muito bem Literatura e eu tenho que ler a literatura. E ler ampliando, além disso, quando mais fechar o foco só assim, pior será, porque aí você cria um outro tipo de problema. O cara que é hiper especialista numa área, e não sabe mais nada da outra. É a crítica que a gente faz ao pensamento contemporâneo, a essa visão departamentalista da ciência. Eu não estou defendendo isso, estou defendendo sim, que ninguém vai ser capaz de conhecer tudo. Não dá para eu ser matemático, e *expert* em matemática; não dá para ser químico ao mesmo tempo, matemático, químico, historiador, filósofo, não dá para ser tudo. Então, na área que eu me proponho a conhecer, eu preciso conhecer

muito bem, e na medida do que for possível eu tenho de abrir esse leque, porque se eu também só fechar ele, eu crio um outro tipo de erro, de outro problema. Cai numa departamentalização do conhecimento que é nocivo também ao conhecimento. Então eu preciso dessa, esse processo é complicado, porque enquanto humanidade nós pudemos produzir imensidão de saberes, inclusive diversos, e é assim. Mas enquanto indivíduo nós não vamos conseguir ter essa imensidão do saber. Eu vou ser quanto mais competente, quanto mais saber eu tenho. Então esse saber primeiro tem que ser na minha área, da área específica, do que eu vou exercer a profissão. E o conhecimento pedagógico da Psicologia da Educação ou da Sociologia da Educação, ele deve auxiliar para evitar que eu caia numa departamentalização do conhecimento dessa, desse fechamento, que meu leque continue aberto. Então ela não precisa ser tão grande essa carga horária, eu acho até importante. Eu não sou daqueles que exclui a Questão Pedagógica ao contrário, se você chegar na minha estante de livros você vai ver que eu tenho estante razoável sobre isso sobre tudo, as questões oficiais: os PCNS, a OCNS, a OTM, eu tenho tudo isso em casa, e leio tudo isso. Então eu acho isso importante, mas eu acho que nós somos essa totalidade. Eu tenho esse elemento pedagógico, essas questões da formação do Magistério, e temos o saber específico, e temos o conjunto do que a gente tem de vida. Isso junto é, a gente pode chamar de conjunto de idiossincrasias, que forma o profissional. Eu não, isso não me parece um problema, o problema é você sair da faculdade sem ter preparo. Seja ele qual for. Se for um médico, ele vai está matando gente, se for um professor, ele vai deixar o pobrezinho sem oportunidade de melhorar na vida, por exemplo, de conhecer o mundo. Então, tem que sair da Universidade com uma bagagem. Ela está ali para isso, se ele se propôs ser professor e vai fazer História, então você tem que saber bem História. E assim qualquer outra ciência, qualquer outro saber.

6. Ensino de História

Você percebe algum direcionamento oficial sobre a forma como os conteúdos devem ser ensinados?

R= Ensino de História. Percebo e eu acho que é necessário. Um dos defeitos que eu acho nosso, é que estão tentando ultimamente nas discussões dele, Fernando Henrique Cardoso, uma tentativa de organizar isso, cada um ensinava o que queria. Às vezes numa mesma escola tu dava um conteúdo nessa, nas Quinta séries, o outro professor na outra sala estava dando o conteúdo diferente. Não pode. Você não pode sair para todos os lados ao mesmo tempo, como é que você vai fazer um vestibular para o aluno. Como é que você vai saber qual foi o seu conteúdo, que esse aluno deu. Se não, já ele vai estar repetindo conteúdo, deixando de ver conteúdo. Então, eu acho que têm de ter, os documentos oficiais fazem isso. Os PCNS é um norte, ele não é algo fechado. As OCNS, que é preciso, que são as orientações curriculares nacionais, na verdade, é uma continuação dos PCNS, quando o governo Lula assumiu, eu digo porque eu participei disso, ele, vamos dizer assim, atualizou os PCNS, que tem pouca gente que parece não conhecer os OCNS, não tem profundas mudanças. Os OCNS, elas tentam mudar só o foco que era exageradamente liberal nos PCNS, e me parece que ela tenta dar um foco mais, menos liberal, eu acho até mais, mais justo, mais adequado, mais, uma perspetiva mais progressista e menos do discurso liberalizante. Então, eu acho que isso deve ter mesmo, não pode é amarrar, quanto orientação, porque os PCNS como diz, é o currículo, um subsídio ele, ele é algo para um norte, para orientação, ele não é algo que lhe amarra, ele é algo que lhe dá subsídio para você saber. Eu já cheguei em escola, que o cara chegava para dizer: Professor, as suas turmas são essas "puft"! Sim, eu vou ensinar o que? Professor você vai ensinar História. As suas turmas são essas, essa e essa. Imagine você saiu da faculdade agora, o cara chega e diz: assume aí, você vai dar aula, as suas turmas são essas. Aí você pergunta, que que eu vou dar na sala de aula? Ah! O senhor é que sabe, o senhor é professor de História. Eu vi muito disso. Não. Não tinha a pessoa que estava na direção da escola, ou que estava na condição de Pedagogo da escola, não sabia, alguma razão existiu. O fato é que, ou porque achava que deveria deixar o outro bem à vontade, e, eu não estou dizendo que não deva deixar à vontade. Mas, ele precisa que quando chegar, dizer: oh! Isso eu fiz porque eu já fui diretor adjunto, e eu fui professor formador no Estado. E então a gente tinha muito essa preocupação

de fazer um discurso só, do ponto de vista pedagógico. O que o professor de Português dá, aqui na quinta série, ele vai ter de dar no Estado, em Pernambuco todo, se possível no território nacional todo. Porque senão, você sai de um lugar para outro, e ele vai ficar sem ver determinado conteúdo. Então precisa essa unificação. Então, quando eu chegava na minha escola, como eu tinha essa preocupação, já que eu era professor formador, e eu como disse a você, eu tenho os PCNS, as OCN, eu tenho tudinho, e eu participava disso, eu usei isso, eu leio isso. Então eu chegava, quando o professor chegava, e na época o Estado de Pernambuco tinha uma coleção chamado Carlos Maciel. Que era de subsídio pedagógico, você provavelmente conhece, provavelmente vai ler ela para usar no seu trabalho. Eu pegava aquilo, era documento oficial do Estado, oh! Tirava uma cópia para ele, isso aqui é para ser ensinado. Quando veio já anos depois os PCNS, eu pegava ela, pegava os PCNS, trazia o professor, eu mesmo dava formação para ele. Eu estava acostumado a dar formação, eu não estou ensinando a você, eu nunca dei formação para uma pessoa sobre metodologia de ensino. Não gosto muito dessa ideia de você dar, como se você tivesse a fórmula mágica para resolver o problema da sala de aula. Ensinar dinâmica de grupo. Isso você pega o livro e lê. O que nós precisamos é discutir a conceção. A conceção que está guiada nesses documentos são: é essa, essa e essa. Nós precisamos seguir essa conceção. A sua prática, a sua metodologia, ou se quiser a sua situação didática, quem constrói é você. Então eu acho que tem que ter isso mesmo, se não, isso não vai dar em canto nenhum, a última coleção dos PCNS do Estado que foi criado agora, não sei se você conhece os PCNS novos do Estado? Eu tenho eles em casa, inclusive participei da elaboração do de História. Ele tenta fazer isso. Tem algumas coisas que a gente discorda, mas eu acho que o objetivo, a ideia nobre. E unificar esse discurso, para poder a gente ter um caminho e saber onde quer chegar, e aí eu ter parâmetros para poder avaliar esse aluno para ver se ele está aprendendo. Então o documento oficial ele tem que fazer isso, a escola não pode, as coisas soltas demais. Por outro lado, também não pode querer centralizar demais, porque aí também não funciona.

Qual deve ser a melhor forma de se ensinar História? Justifique sua posição.

R= Qual deve ser a melhor forma de ensinar História? Eu sendo você eu tiraria essa pergunta, porque não existe a fórmula. Vai, é aquilo que a gente disse, vai depender da formação daquele profissional, vai depender do conjunto de idiossincrasias, eu gosto de responder essa palavra, porque ela diz muito do que nós somos. Vai depender da clientela que ele está, da escola que ele tem, depende de tantas variáveis que você não tem a fórmula. Foi por isso que não existe a. Como é que você vai dar aula na sala de aula? Você entra, dá aula, tem o domínio, chega outro professor da mesma turma tem outro domínio. Tem um que é mais duro, tem a ver com o cara que tem uma, uma visão de mundo mais rígida. Pro mundo de um pulso mais forte. Ele chega na sala de aula, mesmo com a derrota que você tem aqui, "puft" e impõe. Vem o outro, é um pouco mais tolerante, busca mais o diálogo, e às vezes não, não apresenta, não consegue apresentar que, que, o que é para fazer. Vai ter de tentar ele próprio mudar para poder se impor. Então, não existe fórmula para, como o cara vai ensinar. O cara não vai ensinar como vê o mundo, o importante é que tu tens uma conceção de ensino, e essa seja também a da instituição. Porque eu não posso está ensinando uma conceção que vai de encontro a toda proposta. Quando eu entrei no Estado, eu aceitei a condição de ser servidor público da educação, e eu sabia que eu ia executar uma determinada atividade de, de ensinar, onde tem uma, uma conceção que foi norteada e planejada para ser executada. Isso não significa que eu vá ter, se eu, eu possa concordar, ou discordar dela. Eu posso concordar, posso discordar, e eu vou dar minha tônica, porque, que é isso que é extraordinário no professor. A autonomia do professor nasce da tônica dele. Ele mesmo pegando uma conceção que ele tenha algumas divergências ele pode trabalhar aquilo e dar a tônica dele, mas ele vai estar cumprindo aquela conceção, vai estar cumprindo aquele conjunto de obrigações dele, e o aluno vai aprender e vai ser avaliado, e vai passar, e vai saber. Porque a tônica dele não vai quebrar. Vai abrir, vai dar uma visão crítica. Sem precisar de cair nos modismos como uns colegas nosso de História de vez em quando aparece, não tem de ensinar todas as teorias. Não estou preocupado em ensinar todas as teorias não, estou preocupado em ensinar História. A visão de História é a minha, então é a minha que eu vou passar para ele. Ele vai ter acesso a outra, na medida

que ele vai lendo um livro, discutindo, e as outras vão vindo, porque o saber histórico não é produzido por um só. E pessoas que têm uma visão muito formalista das coisas, a gente perdoa elas.

Que uso você faz das tecnologias de informação e comunicação no seu cotidiano profissional?

R= Eu acho que a gente falou minutos atrás, desse computadorzinho que tá ai. Passamos filme, se faz debate, se usa música. Agora mesmo a gente está com um jornal aqui na escola, tentando criar o jornal, está em processo de criação isso. "Eita"! Foi até bom lembrar disso, que eu tenho que entregar os textos que os alunos produziram, para o menino do jornal, para a professora poder corrigir de Português, para a gente chegar no consenso, para poder construir o jornal a partir do que os alunos, que é uma atividade de projeto, foi produzido por alguns. Então, a comunicação e a tecnologia está presente dentro da escola, inclusive eu, eu acho engraçado quando eu vejo certas pessoas falando como se fosse grandes intelectuais da educação, fala cada asneira! O cara diz: A escola está no tempo das cavernas, e o aluno está no futuro. Tudo besteira. Ele não sabe nem o que está dizendo. Olha aqui computador, olha aqui computador. A escola sempre acompanhou a tecnologia. Quando existia a palmatória, primeira escola que eu estudei, a tecnologia era a palmatória, e eu usei por um, um ano eu estudei numa escolinha pequenininha lá perto de casa, que ficava na mesma rua que eu morava, quando eu era criança lá com meus sete anos, no máximo oito anos, e lá tinha palmatória. E meu pai disse: olhe, se desobedecer pode dar o coro, e se eu desobedecesse, eu também levava o coro em casa, como eu não desobedeci, eu não precisei andar apanhando. Quando a escola mudou, que colocou aquele extenso, que você fazia o mimeógrafo. A escola passou a utilizar. Depois já passou a usar o slide, a máquina de escrever, a máquina de escrever elétrica. Essa conversa de pseudos intelectuais que diz que a escola está no tempo da caverna, e o aluno está no futuro, é porque ele mesmo não sabe o que está dizendo. É ele que não sabe usar a informática, e está falando bobagem, para não dizer outra palavra. Na verdade, a escola está usando, os alunos aqui quase todo receberam. Agora meu filho, você dizer para o aluno que ele vai ficar estudando no computador, e usar o computador, o "tablet" dele, como recurso pedagógico, como meio de aprender alguma coisa é complicado viu! Porque ele está interessado no jogo, no filme que ele consegue acessar pornô como eu ouvi essa semana, aí é outra discussão. Então, eu não tenho a menor dúvida que a escola tenha acompanhado, e os professores têm acompanhado sim. Ainda ontem eu disse na sala de aula, eu acho engraçado vocês, vocês mexem no computador em tudo, até com uma habilidade que eu não tenho. Eu para fazer um, eu digito no "windows" uma série de coisas básicas eu faço, mas quando tem que fazer, como é o nome daquele, edição de imagens, essas coisas, eu tenho dificuldades. Aqui tem menino que faz isso com a maior facilidade do mundo. Agora, peça a ele. Então, estou falando, eu discordo dessa visão que a escola só pode melhorar se atualizar ainda mais. Mas, ela tem procurado, e sempre procurou acompanhar a tecnologia. Está aí, você pode andar por dentro da escola, que você vai ver isso. Então, também não estou com isso, dizendo que ela está ponta toda da tecnologia. O que a gente está dizendo é que ela tem procurado usar, os professores, de noventa por cento dos professores daqui mexem no computador. E para dar aula, para produzir textos, para baixar livros, para fazer leitura, paro trabalho acadêmico da escola do nível que nós estamos, até dentro da Universidade, nós sabemos o suficiente. Isso é balela desse pessoal, inclusive o Ministro da Educação, eu assisti uma entrevista dele que está no computador por causa da distribuição dos "tablets" agora para o professor, também falou essa besteira porque alguém disse para ele essa besteira, ele reproduziu essa besteira. Eu espero que essas bestas, deixem de dizer besteira. Precisa sim, se estruturar essa escola melhor. Porque você dizer que uma escola de tempo integral não tem, qual o lazer para esse aluno aqui dentro para passar o dia aqui dentro. Só essas cadeiras duras de madeira sentado o dia todo. Isso não é escola não. Quem leu Darci Ribeiro, sabe que não é. Os CAIC de Darci, de Brizola lá nos anos oitenta. CAIC? Eu acho que é o CAIC. Como é o do nome do de Collor que eu esqueci agora, o nome da escola construída por Collor? Não. Collor é que era caíque. Eh!... Diógenes, como é que chama o, os prédios que Collor construiu, que eu estou confundindo agora, que era a escola de Collor? Eu acho que é os caíques mesmo! Eu acho que Collor fez o caíque, e os de Brizola lá no Rio de Janeiro. É caíque? E o de Collor, tu lembras? Daqui para o final da entrevista a gente lembra, eu corrijo. Porque a diferença em,

é grande por sinal, mas a ideia dos dois era a mesma, era fazer um ensino integral. O que foi que Pernambuco fez para chamar isso de escola integral? A gente não tem escola integral. Se é que isso é uma conceção de escola integral, o que é integral. Ele estendeu o tempo do aluno dentro da escola. Está certo! Mas o prédio é o mesmo de cinquenta anos atrás, antes de eu ter nascido, esse prédio já existia. A estrutura da sala de aula é a mesma. Você não tem aqui uma área para o aluno fazer, dizer, eu vou trabalhar com esportes e basquetes. Qualquer país decente do mundo é assim, o cara quer ser, fazer natação vai para a educação física dele, o projeto dele é encaminhado para esse lado. O que vai fazer luta, é luta; o que vai fazer basquete é basquete. Tu tens essa quadra aqui que tu viste aqui no sol escaldante. Não mudou nada na estrutura, só para ficar no exemplo da estrutura física da escola. Porque se você for para estrutura pedagógica também não mudou, as aulas são também as mesmas de cinquenta minutos, e agora quando o professor falta, o outro tampa o buraco. Então aquela carga, aquilo que eu falei no começo da entrevista. O tempo que você tinha dedicado para pesquisa, para leitura, para planejamento, para correção de provas, essas coisas todas. Que é aula-atividade. Não existe. Na prática, de fato, não existe. Está certo. Então, me parece que fazer uma escola integral, é mudar inclusive desde a estrutura física, à estrutura operacional da escola. Ele é professor precisa ter uma sala. Tem de ter uma sala para ele, com tempo para ele pesquisar. E ele inclusive poderia produzir Artigos. Ser um professor pesquisador, e com isso ele ter um número reduzido de turma, que as turmas também não serem super cheia. Passou a começar a andar, me parece que a estrutura deve ser outra. É isso se pode discutir, isso se tem experiência no mundo inteiro. Se a gente não sabe, a gente pode conhecer outras realidades e pensar a aplicação na nossa, como é que pode não botar como uma camisa de força. Mas pensar na nossa, em que medida aquele exemplo está servindo para eu pensar na minha realidade. Lá em Pernambuco o que se fez foi isso, estendeu o, e se chamou isso de Escola Integral. E passou a cobrar estatística de noventa por cento de aluno aprovado, quer esse aluno saiba ou não. Se você não atingir a estatística a culpa é sua. Aí ele vai vir em cima de você. E já, já, se você começar a ser reincidente, como ninguém vai deixar ser reincidente, que é aquele negócio que eu já disse, porque o salário é ruim. A realidade impõe que tu começas, não, eu não vou ser mais reincidente, de só ser eu que faço o problema de o aluno não passar, mesmo que não tenha sido o aluno que não estudou. Aí tu vais cedendo, vai cedendo, vai cedendo e o aluno vai passando sem saber, sem saber. Os dados estatísticos vão mentindo, porque como disse um amigo meu, só existem três mentiras: A mentira, A mentira deslavada, e a mentira estatística. Essa o governo adora! Porque ele se mantém em cima dessa. Fazem disso, propaganda de política e mais nada. Política no sentindo pejorativo dela. Porque a política é algo por sinal extremamente nobre. Produto quando nós entendemos política no sentindo grego da palavra, então estamos distantes disso. Então a tecnologia está aí. Não significa que podemos melhorar, podemos, mas já estamos usando ela, e pudemos usar mais.

Você realiza atividades interdisciplinares, encontra dificuldades para realização das mesmas?

R= É, essa questão, ela é extremamente delicada. Está certo? É, fazer atividade interdisciplinar, me parece que exigiria uma outra estrutura e conceção de escola, e além do discurso do interdisciplinar. Não basta, eu posso até dizer eu faço. Na medida que eu estou envolvido em um projeto com a professora de literatura. Estou num projeto com os professores de Português, é Geografia, História. Eu sou Filosofia e Sociologia, professor daqui. Apesar de que está entrevistando professor de História, eu ensino aqui, e eu também cursei Filosofia, como eu disse para você, e eu dou aula de História, Filosofia e Sociologia, desde que eu entrei no Estado, há mais de vinte anos nessa pisada. Dando tudo. É, eu sou contra essa excursão na área do colega, mas com a carga horária de duas horas aulas você não consegue, se você não botar outras disciplinas. Então eu sempre optei por Sociologia e História, e não Geografia, que é mais frequente. Porque como eu cursei Filosofia, aí ficou mais fácil de juntar essas áreas. E sou formado em História, cursei Filosofia com quase três anos, e aí eu tenho, modéstia à parte, para quem não tem a formação completa, eu tenho uma boa bagagem, eu considero, eu participo de um grupo de filosofia há desde os meus dezassete anos, que é Filosofia, História, é tudo, a gente lê de tudo lá, é, mas o norte principal é a Filosofia. E a Sociologia veio por uma

extensão, por uma necessidade maior, e aí eu leio Sociologia. O próprio curso de Filosofia por estudar os pensadores, nos levam a conhecer também os pensadores da Sociologia, e aí eu me sinto à vontade para dar aula à essas três disciplinas, e não Geografia que seria o mais comum. Está certo? Então, de certa forma as atividades que a gente faz, entra essa, interdisciplinaridade. Mas me parece que pensar em interdisciplinaridade, precisaria de pensar, distribuição de tempo pedagógico da escola, diferente. Projetos entre, entre os membros da escola, é diferente. Para pegar essas afinidades, e até mesmo as mais distantes, e tentar construir saberes que buscassem isso. E um estudo mais profundo, porque isso não ficou muito claro, sobretudo se você trouxer a transdisciplinaridade para essa discussão, a multidisciplinaridade, e aí tem um bocado de termos que parece mais modismo do que consistência. E aí, a gente tem, aí nesse caso eu acho que a gente precisaria sim, eu, pelo menos precisaria voltar à uma leitura que eu comecei um tempo quando eu estava dando capacitação de rede. Ai eu, me voltei para essas leituras, mas depois que eu entrei na escola integral, na escola integral, você é integral, você só vive para a escola. Você não participa, você não para uma, para uma assembleia da tua categoria, isso é um verdadeiro crime. Aí o cara diz que isso aqui é democracia. Mas se tu fores para a assembleia do teu sindicato, tu és punido. Se tu faltar para ir para o médico, e tu não repor a aula da falta do médico, tu levas falta. Eu quero saber quando ele morrer, como é que ele vai fazer, era bom que você botasse isso no seu trabalho para mostrar a farsa que é essa porcaria. Então, o cara se submetendo a coisa. Você quer estar aqui, quero claro que eu quero. Agora, tem coisa que a gente tem de criticar, que é inconcebível, porque é ditatorial. E não está preocupado com o ensino, quem está preocupado com o ensino na verdade somos nós professores. Os burocratas estão preocupados em aparecer, editar livro na academia. Quando você vê o cara que nunca foi numa sala de aula de Segundo Grau, escrevendo sobre Segundo Grau, pode ficar certo, que esse cara está querendo fazer aparecer o seu ego. E os burocratas do Estado é para fazer carreia política. E aquele que vive na escola ralando com o aluno, sofrendo, acertando e errando que somos nós, não precisamos nem falar do salário, porque no resto falta tudo. Ai, inclusive, a questão sobre interdisciplinaridade no Estado é muito mais um discurso, não é só no Estado não, nas Universidades também é isso. Na sociedade como um todo tem sido isso. É muito, é feito aquele discurso, a gente vive a sociedade do conhecimento, balela! Nós não vivemos uma sociedade de conhecimento. Se você pegar o nível da população brasileira, você fica claro que é uma sociedade, sociedade das informações. O professor Milton Santos que você sabe quem é, Geógrafo. Disse muito bem, a gente não vive uma sociedade de conhecimento, vivemos uma sociedade da informação. Informação por sinal muito complicada. São muito mais propagandas para agradar, a coisa, construções para agradar do que propriamente informar sobre coisa. Não existe, nenhuma parcialidade. Não que, a informação não vá vir sem a parcialidade. Mas não existe nem, a do nível de eu dizer, isso aqui é uma formação honesta. Porque ninguém aqui, todo mundo tem lado esse negócio de não ter lado é conversa fiada. Não, claro, sem dúvida. Agora não precisamos manipular as coisas e ser desonesto com as coisas. Ter posicionamento não significa é, dogmatismo, não significa fundamentalismo, não significa corrupção. Então a gente precisa ter clareza das coisas, a gente sabe que as diferenças, e as semelhanças, e as aproximas, e se dialoga. Então, essa questão realmente é daquelas questões que passam por um processo mais amplo. Inclusive eu acho que não só nossa, nossa escola quando eu falo é ensino médio. Nós professores que trabalham diretamente com alunos de ensino básico. Passam também pela academia. Academia, muitas vezes, o acadêmico precisa ver a aula em vez de só criticar. Ele, ele vir para cá sem compromisso, e seguir uns dois meses aqui dentro, como se fosse o professor que está-te substituindo. Vamos supor, tu és professor daqui e ele te substitui. Eu vim da Universidade, e vou dar aula aqui para tu. Com a mesma carga horária que tu tens como se fosse a tua vida. Para ele começar a sentir, e ver, quando ele, primeiro dia o aluno obedece, segundo dia o aluno já vai, quando ele tiver com uma semana, ele vai começar, aí ele vai começar a descobrir que a realidade é diferente, que precisa se pensar com as categorias teóricas de outra maneira. Que a teoria deixa de ser uma camisa de força para ser, um instrumento eficaz de análise de explicação. Mas para isso ele tem que conhecer o objeto dele, e não idealizar o objeto dele, que o que a gente vê é idealização de aluno e de escola. Ok. É a sétima não é.

7. A profissão de professor

Que avaliação você faz da profissão de professor de História hoje?

R= Acho que tem vários aspetos aqui. Eu acho que como professor, o fato de ser História não muda muita coisa, só alguns detalhes. Como professor nós sofremos as mesmas coisas, e temos os mesmos ganhos, a diferença de ser o caso da particularidade de História, eu acho que a particularidade, por exemplo, de Filosofia e de Sociologia, eu quero comentar duas coisas para aproveitar a brecha para você perceber, algumas questões que não foi tocada aqui. É que nós possuímos uma carga horária bem menor, e como a visão, se fala muito, se fala muito na visão da pós-modernidade, da desconstrução do Estruturalismo, e todas essas, esses discursos modernizantes, no entanto a escola continua, e estima-me, é essa mesma pessoa que vem com um discurso muito bonito para você, é ultrarreacionária. A conceção dela vem do século dezoito, eu acho que nem do século dezanove, ele continua dizendo que o aluno para aprender Português que é a língua "Mater" dele, que deveria inclusive, deveria não, poderia ser a menor carga horária porque ele vive essa língua em tese, é a que tem a maior carga horária. Depois Matemática que é a maior carga horária. E todas aquelas áreas do saber que está associado à técnica, ou seja, a um resultado muito prático na vida, isso, sobretudo para gerar riqueza na sociedade. Riqueza do ponto de vista puramente material. É riqueza para alguns, porque essa sociedade não é igual, gerar riqueza só pode ser para alguns, sim, para outros não**,** ou seja, todo esse saber que é mais útil para formação de mão-de-obra e de mão de obra barata, diga-se de passagem, é extremamente valorizado. Você chega, História tem duas aulas, chega Geografia tem duas aulas, Sociologia você tem uma aula, Filosofia você tem uma aula. Ou seja, as Ciências Humanas aquelas que voltam o seu foco para o ser humano, essas são escanteadas, e são vistas como coisas menores, e são vistas como, qualquer pessoa poder em casa ler o texto, no livro de História está bom. O cara já sabe ler, ele é professor de Matemática, por exemplo, ai pode dizer oh! Esse livro está tratando disso assim, assim, assim. Ele entende que é uma mera reprodução do texto que está ali. Agora se você chegar, botar um historiador Junto dele é uma coisa. Eu dei aula na Fachuca no cabo um tempo, aí eu pedi demissão por causa do Mestrado, eu não estava conseguindo conciliar as duas coisas. E uma das atividades que eu fiz lá, e que eu achei interessante, eu peguei um livro de Elza Nadai que, é uma historiadora que eu acho que até faleceu, um livro de Segundo Grau, levei para lá e disse, bora fazer um trabalho diferente, peguei, era sobre História da América. Pedi para eles lerem, depois eles analisarem para mim, como uma espécie de seminário. Quando eu não ia lá, as pessoas não sabiam qual a diferença entre aquele livro e outro livro que a gente escolheu de uma visão teórica diferente. Eu disse mas veja, você não está lendo? Eu não estou pedindo para você contar para mim História da América porque está escrito aí, e a gente está vendo. Mas o que é que está norteando as ideias dessa autora, e desse autor aqui, que são duas conceções teóricas diferentes, apesar dos conteúdos serem extremamente semelhantes, porque estão tratando dos mesmos acontecimentos, dos mesmos fatos históricos. Eles parecem ter alguns víeis diferentes? E a gente foi ter de discutir um pouco a conceção, do que estava implícito ali por trás, nas entrelinhas daquele texto, e desse outro texto. Que é isso que faz a diferença nos saberes específicos. Cada um tem um conjunto de conceções, de fundamentos, não é, e você precisa saber isso. É isso que vai nos dá condição de analisar a realidade como historiador. Se não, eu vou está repetindo o que eu vejo. Quando o avião de Eduardo Campos caiu, eu vi tanta gente dizer, foi um atentado! Eu olhei para as pessoas e fiquei assim, eu admiro as pessoas dizerem isso. Que qual a razão objetiva que você tem para ter um atentado? Já vi pessoas dizerem que se Marina ganhar, não termina o governo dela. Qual a razão objetiva para isso? Todas as forças que estão com ela, são as forças que estão postas na sociedade. Não está se contrapondo ao **"**status quo" que está aí. Quer dizer, essa pessoa analisa como senso comum, entre aspas a palavra análise aí, como senso comum analisa mera aparência. Então ensinar me parece isso.

Me parece ir além dessas aparências, ciência vai além da aparência. Então o modelo que tenta investigar os fundamentos do saber, dos acontecimentos, dos fenômenos e etc. então acho que isso é importante na formação do historiador. Essa é a especificidade de cada disciplina, e no caso da nossa ela é mutilada, começa pela carga horária, nunca vai ser possível. Quando em dois mil e cinco, acho que foi dois mil e cinco, não dois mil e quatro, eu tive em Brasília, eu acho que foi em dois mil e quatro, às vezes o tempo é um problema na minha cabeça. Mas deixando essa questão do tempo que é, eu esqueço às vezes das coisas, eu estava em Brasília, e eu fui para Secretaria de Educação, que eu vinha participando disso, que eu era professor formador. Eu já tinha participado dos encontros de discussões na Paraíba, e o outro encontro foi em Brasília e já era um encontro que estava fechando as contribuições, porque a gente já tinha tido vários em Pernambuco, em municípios de Pernambuco, que estava ocorrendo em Pernambuco, estava ocorrendo em vários Estados da Federação. Depois a gente teve um encontro regional que foi na Paraíba, e a gente ia ter um encontro nacional que era em Brasília. Eu fui no de Brasília como professor de Filosofia, e cada área tinha o seu grupo. Eu fui com um grupo de amigos da área de Ciências Humanas, estava lá o professor de Sociologia, estava eu de Filosofia, estava a menina de Geografia. E a gente ficou no grupo que uma professora que estava lá disse. "Oh! Lá no nosso estado tem sido uma queda de braço." Eu não me lembro exatamente, hoje eu me arrependo de não ter anotado. Eu tenho impressão que foi lá para o lado de Santa Catarina, Paraná, para aquelas bandas de lá. Que a Secretaria de Educação acabou com esse negócio de carga horária maior para um e para outro, botou para todo mundo equitativamente. Quando dava um tempo ímpar, eles botavam para os tradicionais, para agradar. Mas procurou fazer uma distribuição equitativa da carga horária, porque se entendia que não se aprende com uma disciplina só. O conhecimento é único. A gente fragmenta ele para poder. É uma questão de método, isso eu acho que é um víeis que eu acho que é interessante, eu não estou dizendo que está fechado a discussão acima disso não, mas eu acho que é interessante começar a pensar isso. Uma outra coisa que eu falei, que eu disse que eu quero comentar e eu tinha esquecido, foi sobre Sociologia e Filosofia. Se deu uma aula por semana, em cima disso você tem um problema com os livros. São as disciplinas, essas duas disciplinas são relativamente novas, está na obrigatoriedade do ensino, do Ensino Médio, antigo Segundo Grau etc. Para você ter uma ideia, Pernambuco já vem ensinando isso, eu acho desde de dois mil, noventa e sete por aí. Pernambuco, Pernambuco, liderou esse processo. Quando estava havendo uma discussão Nacional em dois mil e quatro, eu disse para você, essa discussão já vinha anos antes dentre vários encontros, Pernambuco já tinha isso, inclusive a carga horária era maior. Era duas aulas. Invés de ser uma aula só, Invés de avançar, recuou, e o Estado brasileiro não era assim. Por isso que esses encontros estavam ocorrendo, discutindo elementos para a AOECM que eu estou falando, que isso já foi no governo, se eu não me engano no governo Lula, e já depois dos PCNS. Os PCNS eu também li antes dele sair, porque eu fazia parte da, depois eu comento um pouco isso. A gente estava construindo as OCMS, e eu como disse a você, as OCMS não são fundamentalmente diferentes dos PCNS elas são semelhantes. A tônica é que muda, mas o foco praticamente é o mesmo. Resultado: hoje, o que é que eu quero dizer com isso. A gente sofre em Sociologia, você pega o livro de Sociologia são quase todos temáticos. O menino lê, aonde é que está a ciência sociológica? Tem um autor que não foi, não sei porque razão o MEC não escolheu, chama Pérsio da Ática. Acho que é Pérsio. É, Pérsio Santos. Para mim, do ponto de vista da ciência sociológica, ele é ainda é o mais interessante. Apesar que saiu um livro novo que eu, que o Pérsio não estava nas coisas dos livros didáticos, que a sociologia hoje em um grupo de autores lá do Sul, eu acho, que fez um livro muito interessante também, muito próximo de Pérsio. Preocupado em mostrar o que é uma ciência, começa discutindo isso, mostrando que a Sociologia é uma das Ciências Sociais. E no livro dele, ele dividiu em três partes o livro: Antropologia, Sociologia, e Ciência Política. Tentando fazer sim, uma interdisciplinaridade. O livro é de Sociologia, mas a gente está, no foco das três ciências, das três Ciências Sociais, e elas se completam. Porque inclusive o conceito de uma é usado pelo conceito da

outra, também está muito bom, inclusive foi isso que eu adotei. Mas os outros são puramente temáticos. Como é que eu vou ensinar, e discutir uma temática com o aluno, se ele não sabe o que é ciência? Qual as categorias e conceitos dessa ciência? Que é isso que faz a diferença do saber do senso comum, para o saber do científico e filosófico, é que eu tenho as categorias, eu tenho um conceito, eu tenho taxinomias, classificações de saberes específicos, eu tenho procedimentos específicos para investigar determinados objetos os livros de sociologia são um caos. Tudo, quase tudo temático e, quando você pega a proposta de ensino, os parâmetros de ensino, ou propostas de ensino. Não casa com o livro que você tem. A proposta que nós temos aqui não casa nenhum desses. O único que casou foi com o Pérsio. Como eu não tenho Pérsio para passar para os alunos, eu dou uma pequena anotação. Eu pego Pérsio, enxugo um pouco os exemplos, atualizo algumas coisas, e dou uma anotação para ele. Vamos para Filosofia. Sofre do mesmo problema. Você pega, esse aqui, pega Marilena Chauí, pega de Maria Helena Arruda só, e já tem mais quatro ou cinco fora esses. Você percebe que, esses três estão parece tentando se aproximar, tão distante, mas tão mais, mais próximo em termo de tentativa. Os outros, aí é que é complicado, é como se você, pega a proposta de ensinar Filosofia, totalmente diferente dos livros. Ah! Mas você diz, não mais o livro é para usar como apoio. Eu concorde que é para usar como apoio, eu não estou dizendo que o livro vai dar aula por mim. Agora, esse aluno precisa ter um livro que ele possa também se guiar por ele. Porque eu sei usar qualquer um, o livro que me der. Agora, e o aluno? E alguns conteúdos que fazem, ocorre em História. O programa de História daqui, é uma aberração. O cara botou toda a História no Primeiro e Segundo Ano do Ensino Médio. Terceiro ano é preparar o aluno para o vestibular. O professor vai selecionar conteúdos, numa imensidão de conteúdos que ele, foi obrigado a dar. Ele está pressupondo que ele aluno, é um leitor, feroz, para conseguir em dois anos, ver todo conteúdo de História, para no terceiro ano ele fazer uma espécie de cursinho. Isso é caduco, meu filho. Essa pessoa ainda está há trinta anos. Quando eu entrei na faculdade a gente já vivia dizendo, acaba com o ensino para o vestibular. O foco não pode ser o vestibular, o foco do conhecimento é para o ser humano melhorar na vida, é para se tornar cidadão, e não para concorrer com o vestibular. Aqui fez isso. O MEC também contribuiu com isso, mas se você tiver um, um foco diferente na formação. Se você der uma boa formação a esse aluno, o Enem não atrapalha, ao contrário, a prova do Enem como ele é complexa, ela quebra isso. Ainda que todo mundo, está não porque tem o Enem, você faz vestibular para o Enem, você faz, não causa isso por causa da elaboração das provas do Enem. Teve uma boa formação você. Mas você tem os livros de Filosofia que, na hora de escolher é um problema sabe. Muito distante um do outro, quase sempre buscando uma inovação. Uma coisa sou eu, conheço Filosofia, que estudo Filosofia tenho uma estante, monte de livro lá. Outra coisa é o aluno, ele precisa ter algo básico que diga, que ele saia dali percebendo, qual, o que é a Filosofia? Filosofia é uma ciência? Ou não é. Que conceito, que categoria, o que é que caracteriza esse saber? Então precisa ter essas coisas mais nítida. E os livros, cada um aborta de uma forma tão diversa, que se você disser, faça uma pesquisa nos livros aí, e depois me diga o que você. Observe os livros, leia algumas partes, vou-te dar um mês para vocês pegarem esses cinco livros aqui diferentes, olhar ele, ler algumas partes, e depois você me dizer o que foi que você entendeu. Ele não vai entender nada. Ele vai dizer, são cada um diferente do outro professor, é só o que ele vai dizer. Loucura! Em parte, é fruto creio eu, porque é um tanto recente, é o ensino obrigatório dessas disciplinas dessas ciências. Geografia, História, isso não ocorre porque já está consolidado na sociedade, os conteúdos não é, ou como eles gostam de chamar. Eles mudam mais o nome do que a essência da coisa, porque a conceção continua perdida. Não se trabalha a conceção, então, mesmo que você mude os termos, na prática termina sendo a mesma coisa. As competências como eles gostam de falar, o Estado só acha bom conteúdo. Vai ser, vai continuar, senão o mesmo. Então é isso, essa questão é que precisa ser percebida. Os livros precisam melhorar nesse sentido. O MEC é muito moderno em algumas coisas, mas em outras coisas ele peca. Na escolha do livro, eu acho que ele peca nisso. Está na hora de incentivar o conteúdo nacional de

Filosofia, o conteúdo. Mas se diz, me dê teu conteúdo, porque se eu estou aqui, me mudo para o Rio de Janeiro, e o aluno está na mesma série, tem de ter o núcleo comum. A parte diversificada da grade, é outra coisa. Mas o núcleo comum vai ter que ser o mesmo. E se eu estou ensinando a mesma disciplina, eu preciso que naquela série sejam os mesmos, as mesmas competências. Está entendendo! Eu acho que, que, avançou muito, inclusive, os livros melhoraram. Apesar de eu estar fazendo uma crítica ao livro, não significa que eles não prestem. Estou apenas dizendo que algumas coisas precisam ainda melhorar. Mas já foi nos anos, final dos anos oitenta quando eu comecei a entrar na faculdade para dar aula, eu digo, meados dos anos oitenta mais ou menos. Porque eu comecei em oitenta e sete eu já dava aula, e os livros eram muito ruins do tempo da ditadura para cá, depois a gente passou por uma fase de melhora dos livros. Depois a gente entrou num modismo que os livros só tinham imagem, reduziram o ensino a ideia de imagem. De dar ao aluno pronto. Ele não tem direito de aprender a pensar, ele tem apenas de viver imagem. Aí foi um empobrecimento dos livros, principalmente dos livros de História, Sociologia, das áreas de ciências humanas, de Geografia. Um empobrecimento terrível, a gente passou quase uma década nisso. Ai, lá, por meado de dois mil e pouco, e aos poucos, os livros voltaram a perceber que o livro precisa ter conteúdo. Isso não significa que ele não tenha de ter imagem, precisa também da imagem. Mas a gente não pode ter um conteúdo tão pobre, que não acrescenta nada na vida do outro, que não faz a diferença do saber. O conteúdo digital. O que é visual, mas nada. Ai o cara não, porque eu tenho um bichinho desse, um computador, um "tablet" desse, com dez, cem livros que cabe dentro dele, não significou nada, a não ser que eu posso dizer que eu estou com a minha biblioteca em baixo do braço. Sem carregar uma tuia de livros como eu carregava há vinte anos atrás. Saía, me encontrava todo sábado lá no grupo de Filosofia que a gente tinha. Hoje só é de quinze em quinze dias e são outras pessoas, era outro grupo. Foi quando eu comecei a descobrir o que é a leitura, e o prazer de ler, o prazer do que é conhecer. Chegava no sábado lá, não tinha livro nenhum em casa. Pegava com os colegas, vinha com um monte de livros, meu pai perguntava para mim: "Você está ficando doido? Está pior do que crente para andar com tanto livro em baixo do braço, eu só vejo agora você lendo." Hoje, o cara pode andar com isso, o outro nem vai perceber, é por isso que não é fundamental, tecnologia é meio. É importante é, mas não substitui a leitura, a escrita, o fazer a conta. Se esse aluno passar o resto da vida dele fazendo essa continha que está aqui no meu celular, na hora que ele não tiver. Ele vai fazer como? Como é que ele vai fazer? Ele tem de saber. Tem coisas que não é dependente da tecnologia. Ler, escrever, contar, e aprender com esse saber, a pensar a realidade dele. Refletir sobre essa realidade, exercer um sujeito ativo nessa realidade, o conhecimento serve para isso. Sim, o conhecimento não é para eu morrer sabido, e tu morrer sabido, não. Nós não somos os eruditos medievais, nem do renascimento. Nós estamos adquirindo saber, para ele ter uma utilidade prática. A utilidade prática dele começa, sobretudo, nas Ciências Humanas, intervir na realidade, e pensar essa realidade, ser capaz de transformar essa realidade, de fazer, de compreender os discursos dessa realidade. A prática dela passa por esse processo, para não ficar pensando que a prática dela é sentar tijolo, e fazer uma parede. Como algumas pessoas esperam que todo saber vai ser prático nesse sentindo. A prática é, a própria reflexão. Como o cara, Filosofia, você tem que ser mais prática com o aluno. Mas a prática filosófica é filosofar. E filosofar não é sentar, nem quebrar pedra. É abstrato. Tu tens de ler, tu tens de debater, tu tens de trocar ideia, tu tens de escrever. É um processo mental, não é um processo sem, puramente sensorial, quando eu vejo a pessoa falar isso, eu já sei que ele não sabe Filosofia. Talvez não saiba nem coisa nenhuma. Aquilo que a gente falou, a gente está andando um pouco em ciclo, mas **e**u não vejo, a visão do professor, se não mudar outras coisas da sociedade. É porque, é aquilo que eu falei, não dá para pensar em educação, e o professor é um elemento fundamental disso, fundante nisso. Sem pensar também a sociedade. Se a sociedade brasileira não vislumbra melhorias sociais, nós vamos continuar sendo ações pontuais, por exemplo, vou dar um exemplo típico. Enquanto Fernando Henrique Cardoso quase fecha a nossa Universidade, todo mundo sabe disso! O cara é doutor pela

Sorbonne que é uma teoria para explicar a América Latina. No entanto foi uma desgraça para pesquisa científica brasileira, para o conhecimento no Brasil. É um paradoxo terrível. Não investiu em pesquisa, não investiu nas Universidades, nada disso. A gente viu, o atual Governo, seguindo do anterior para o atual, investir nisso. E que até disseram que o pobre era analfabeto. Tomara que tenham outros analfabetos assim. Porque, intelectual como Fernando Henrique Cardoso por conhecimento, vai é matar o conhecimento. Eu acho que é porque só ele quer saber. Ai ele, deixa todo mundo analfabeto por que aí eu sou. Quem tem um olho é rei. Então, pontualmente você tem ações, mas veja, melhorou nesse ponto? Melhorou! Então, pontualmente eu acho que a gente pode, eu posso vislumbrar se há melhoras pela exigência inclusive da sociedade. Mas para pensar isso em uma coisa mais macro, menos restrita, eu sou um pouco pessimista, porque eu não vejo na sociedade brasileira, essa mudança de ter, uma sociedade mais humana, mais justa, com uma distribuição de riqueza melhor, e consequentemente um respeito maior com seus profissionais com os seus cidadãos. No plano mais macro, eu não vejo muita, mas enquanto ações pontuadas de Governo, que se sair pode vim outro, pode até melhorar, pode continuar, pode até retroceder. É uma, fica uma incógnita. Eu acho que, especificamente pode ter ações pontuais, mas, no plano mais macro eu acho que, ainda não vejo muita melhora para educação e a sociedade brasileira como um todo. Eu lamento, mas eu não, não é que eu seja um cético não chego a tanto não. Mas também não, não vislumbro somente um discurso fácil que está por aí, fazer isso. Ao contrário, quanto mais fácil o discurso, menos compromisso de verdade. Eu acho que os que fazem mesmo, eu estou fazendo pouco "auê." Ultimamente tem, você tocou numa coisa, quando você para e pensa a escola. Você chega nas escolas, é foto que só, quase todas as escolas têm "facebook." Tem coisas que podem aparecer, banda, projeto de meio ambiente, então o meio ambiente é um modismo desgraçado. Projeto de meio ambiente, projeto disso, projeto daquilo. Bora tirar educação do projeto, bora botar educação para aprender a ler e a escrever, e a contar, e a pensar, que vai funcionar. Porque os projetos só serviram para uma coisa, criar "facebook" da escola, o "orkut" da escola, "gmail" da escola, tudo que você imaginar que tem em um computador de informática você, entra, aí mete foto, pequenos filmes de coisas que são pontuais na escola. Porque fazer um evento aqui, e botar o aluno, é muito fácil! Agora difícil é tu chegar no final do ano, e de fazer um teste com esse aluno, e ele demonstrar que aprendeu! E para mim, você vai achar eu conservador, mas para mim o fundamental é isso. Eu não me preocupo com a forma, eu preocupo com o conteúdo desse saber. Se nós sabemos, nós podemos fazer tudo o que quisermos. Agora se ficar somente nessa, de escola que tira foto, e faz painel de foto, e como é que chama? "Facebook", e outras formas de comunicação visual, que só serve para aparecer as ações pontuais, os eventos, é enganação. Ah! Eu preciso viver, eu preciso ter minha alimentação, vou tentando dar minhas aulas, vou tentando fazer meu trabalho. E quando eu tenho espaço para criticar e dizer que discordo, discordo. Também não estou na contracorrente não. Não estou dizendo que também não deve ter nada disso não, eu acho que só que uma coisa não impede a outra. O que não pode ocorrer, é o que tem ocorrido. O cara faz do visual do propagandístico a escola. A escola não é isso, a escola é o conhecimento. Agora, eu posso divulgar o meu conhecimento e mostrar que está dando resultado? Pode e deve. Agora, o oposto é que é desonesto. Fazer somente imagem, e quando você faz o teste o aluno não sabe. Isso é um crime, isso era para estar preso. É feito político corrupto, está enganando. Então, tem de fazer aprender. O que importa é aprender, como vai aprender, os meios são os bilhões que você usar. O que tem, ele vem para cá para isso, para aprender ele. Veio para cá não foi para continuar o mesmo não. Eu digo, para que você vem para escola, com meus alunos? Você vem para escola para não ser mais senso comum. Mas você vai aprender na escola aquilo que você não aprende na rua. Porque você não vai aprender na rua: ler, escrever, contar, pensar, produzir conhecimento. E amanhã poder salvar vidas, por exemplo, e produzir um engenheiro, um agrônomo, um médico, um advogado. Só faz isso se tu vieres para escola, se tu ficar lá fora, tu não aprendes. Então, o espaço da escola é o espaço de um tipo específico do saber. Na nossa sociedade esse saber é

valorizado, porque ela se monta, se ergue, a partir desses saberes. Se você pensar essa viga de concreto que está aqui acima da nossa cabeça. Não existia na idade média. É produto da engenharia. É produto da aplicação do conhecimento da matemática e da engenharia. E para isso tu tem de ir para escola para aprender. Porque tu não vais aprender é, engenharia correndo bola, e empinando pipa não. E isso, quem dá é o saber científico, quem dá esse saber científico é a escola. A gente tem de acabar. Teve um tempo. É bom que a gente está conversando, outras coisas que eu vou lembrando, as coisas. Porque a gente fica velho no estado aí vê os modismos, teve um tempo do moderno da escola era, escola aberta. O amigo da escola, ser amigo da escola é ausência do estado. A escola não precisa do amigo. A escola precisa ter a verba dela segura para ela ensinar bem, com professores, com pedagogos, com psicólogos, com assistente social, com merendeira, e não ser a merenda da Prefeitura do Recife, visita a Prefeitura do Recife, por favor! Um bolinho de bacia dá para um menino daquele que vem da favela passando necessidade. O almoço daqui pelo menos é decente. Isso precisa se vê. Eu não estou contra não, eu estou dizendo oh! Quando tu tiveres certo, eu digo que tu estais certo. Agora, não dá para eu dizer que tu estais certo, quando tu só estás produzindo evento, e o conhecimento está escanteado. Que tem de aprender! E ai, oh! Eu divulgar o que eu não fiz ainda, para mim, é desonestidade, entendeu! Então, teve um tempo na Secretaria de Educação que a História era: Escola aberta, e se aprende vários meios. Eu até embarquei durante alguns anos, não chegou anos não, mas houve um ou dois anos, eu embarquei nessa conversa. Os primeiros textos foram chegando, não realmente, a gente aprende por vários meios, a gente aprende através da internet, a gente aprende através do jornal, a gente aprende através. Calma! Mas como é que eu aprendo, está certo. A escola não está aqui para ensinar o que o jornal pode ensinar, o que a internet pode ensinar não. A escola está aqui para socializar, transmitir conhecimento, aí você precisa ter clareza, qual é a conceção de escola que você tem, sociedade, conhecimento. São uma das discussões que é preciso fazer. Para mim fica claro. Eu tenho isso claro para mim, porque eu me preocupei com isso. Para mim escola é o espaço de produção do saber, e socialização do saber, é você transmitir conhecimento, se não quiser usar o termo transmitir porque é antigo é socializar os saberes produzidos historicamente pela humanidade. Esses saberes que ergue essa sociedade que eu estou. Porque o cara que sabe mexer nisso aqui, é uma coisa. Mas o cara que inventou esse danado chamado computador, e que sabe fazer ele, é outro. Eu estou dizendo isso, porque eu li um texto há uns anos atrás, quando eu estava fazendo minha Pós-Graduação em Pedagogia. Eu disse a você que eu tinha várias. Trouxeram um texto, eu não lembro o nome do texto, que era mais ou menos o seguinte, eu vou ser bem breve. Um menino parece que Sétima Série, a História já se passava nos Estados Unidos, e ele era péssimo aluno na sala de aula, era o terror! Mas um certo dia, por alguma razão a professora dando aula, perguntou: "e você"? Ele estava mais tranquilo. "Porque que você não gosta disso aqui"? "Ah professora, eu não gosto disso aqui não." "Então de que você gosta meu filho? Disse mais ou menos isso. "Ah! Eu gosto da oficina do meu tio. Lá eu monto, desmonto motor do caminhão, do carro, do ônibus e conserto." E ele se empolgou e a professora ficou "puxa"! Quando terminou a leitura do texto, que a gente foi para o debate, todo mundo colocou a culpa na escola. Só que com aquele saber daquele menino, ele ia ser o eterno mecânico. Provavelmente não ia ter dinheiro nem para comer direito. Você que tem carro, eu que tenho carro, é que ia pagar o concerto do carro. E o cara que projetou o carro, que idealizou o carro, que fez o carro, o engenheiro, o projetista etc. Esses vão ter um padrão de vida, um milhão de vezes melhor do que aquele menino. Sim. Mas mesmo que, que não mude, ele vai aprendendo de todo jeito ele vai estar aprendendo, ele vai abrindo um motor, e vai aprendendo a mexer. Ele está no lado puramente prático. O que eu estou querendo mostrar, é que não dá para eu pensar a escola, para só atender aquele menino e a empolgação dele. Porque se não ele não vai sair do mecânico que concerta. Vai ser a mão-de-obra barata**,** praticamente. E o cara que projeta, e que pensa, e que cria, ele nunca vai ser, e que tem uma vida mais digna do que a dele, percebe? Naquele tempo eu ainda acabei nessa bagatela sabe, nessa conversa. Não a escola tem. A escola tem de ensinar meu velho, como vai fazer,

a gente tiver os meios, que a sociedade diga não, que o tempo muda, os meios também mudam. Agora, que ele tem de sair da escola sabendo ler, escrever, contar, pensar. Buscando uma vida mais digna, condições de competir, já que tem uma porcaria chamada mercado de trabalho, competir no mercado de trabalho e ocupar um espaço de forma digna, é isso que a escola tem que propiciar. Agora, ficar buscando formulazinha rasteira, rápida. Olha você, você dá aula, mas, olhe o outro professor usa o retroprojetor, outro professor usa poesia, outro professor usa música, outro professor faz dinâmica disso, faz dinâmica daquilo, você não faz isso. A pergunta que eu faço e eu já fiz em outras ocasiões. Avalie esse aluno, e avalie o outro. Me diga qual é o resultado. O fato é, existe a personalidade de cada um, e o conhecimento, ambos vão passar esse conhecimento, ambos vão para o, vão dar oportunidade a esse aluno saber. É essa a questão do fundamental. Com isso eu não estou contra a tecnologia, e aos meios não. Eu estou dizendo oh! Isso facilita. Se eu posso fazer isso com menos esforço, se eu posso aprender com menos esforço usando o computador, se eu posso aprender com menos esforço, fazendo dinâmica de grupo, porque não fazer? Está certo. Não é estar contra, mas é não fazer o discurso fácil, de achar que simplesmente isso se ia resolver. Porque quando Fernando Henrique foi Presidente da República, todas as escolas receberam um som três em um, de última geração, da época era de última geração. Uma antena parabólica que era imensa, lembra aquelas antenas bem grande? Uma televisão grande, parece que quarenta e poucos polegadas. Toda escola tinha ligada a uma internet. Internet não, há uma rede que você tinha acesso ali inclusive às aulas. Isso vai resolver o problema da educação, era o discurso. Resolveu? Foi importante? Foi. Agora, resolver não resolveu. Temos de acabar com esse negócio que eu estou solucionando. Eu faço um evento na escola, e digo que minha escola é um mar de rosas, quando ela continua com todos os problemas. Temos de encarar o problema de frente. Não haver uma, uma solução definitiva para as coisas, porque se não, a gente chegaria na perfeição. O conhecimento é infinito. Os problemas também são infinitos, e as soluções nossa também são infinitas, se não era estático. Eu fui para uma palestra agora, que é já é a segunda vez que eu escuto, e eu já não tenho mais paciência para escutar com tal professor, como é o nome do professor? Era um professor de Física. É aquele velho problema meu do esquecimento. Já, já eu lembro do nome dele. Pantaleão, sei lá um nomezinho assim. A mesma palestra sem tirar uma única frase, nem o próprio riso dele. Foi repetida. Faz quatro anos que eu tinha assistido, assisti de novo, e não tenho paciência mais para escutar. O cara não é mais professor há uns trezentos anos. Vive ganhando dinheiro com essa palestra que ele repete a mesma, até o riso que ele dá é o mesmo. Aí você traz isso para mim, não serve de nada. Porque ele acha que ele achou, ele achou a forma de ganhar dinheiro. Que aquele cara não vem para la, por menos de vinte ou trinta mil reais, e eu estou dizendo por baixo. O problema da escola é mais profundo. É um problema da sociedade também. Parte dele pode ser resolvido porque parte dele é intraescola, mas parte dele é extra escola. Então, aqueles que não cabe a escola resolver, a escola não vai poder resolver. Não tem os meios. Eu não tenho como pegar essa comunidade, melhorar o padrão de vida dessa população. Eu enquanto escola, não posso construir uma creche aqui. Era uma ação do Estado para pegar, se não melhorar de imediato o padrão de vida material das pessoas, criar uma creche e escolas integrais, desde lá da creche. Ele ficar da creche, até quando chegar aqui na nossa mão já nos formar. Cadê que o Estado fez isso, mas o Estado ti cobra como tivesse feito isso, está entendendo! É disso que a gente está falando, aí fica esse pessoal falando, falando, só para mostrar discurso. Ai tenha santa paciência companheiro. Aí ele fica falando, Eurico deve ser chato e revoltado, nem sou chato, eu sou inclusive uma pessoa muito "light." Agora, estou nessa "pisadinha" da educação, e conheço educação de dentro de casa. Minhas, são cinco filhos. Todos são, tem curso superior, só um que não exerce a profissão. Porque quando foi exercer, ele quase dava no aluno. O aluno alterou-se lá dele, ele disse, se ele vier dar uma mãozada em mim, eu dou uma mãozada nele. Aí, sabe de uma coisa, vou ficar nisso não. Continuo meu serviço, sou formado em Física, mas não vou exercer, e não exerce. Eu e o meu irmão, minhas duas irmãs, somos formados e exercemos. Todos nós somos professores. Então vivemos isso,

e minha irmã começou a dar aula com doze anos de idade, alfabetização. A plaquinha na frente de casa, educação e escola é o dia-a-dia da gente. Minha esposa é professora. O esposo da minha irmã, é professor de matemática. Estava exercendo um tempo, deixou, está em outra área, mas até um dia desse, ainda ontem, eu cheguei lá ele estava com os livros lá de matemática estudando que ele, curte. Ele disse, eu não vou para lá porque, eu ganho muito mais aonde estou, do que dando aula. E até me canso menos, dá para eu está aqui e estudando. Se eu tivesse lá, estava corrigindo um monte de prova, e me abusando, não quero. Talvez amanhã eu até, mas se eu for, eu quero ir porque eu estou querendo, porque se não, não faz bem feito. E deixa onde eu estou, e continuo estudando matemática. Aí minha irmã é, o esposo dela é, minha outra irmã é professora de, também, meu outro irmão é professor também, eu sou, minha esposa é, a minha ex-esposa é. Porque a família da gente é quase toda na área da educação. Que era o caminho para maioria da gente de camada pobre, há vinte, trinta anos atrás. A gente vislumbrava na educação uma melhoria material, e se descobria o prazer de estudar e era uma forma de estar junto do conhecimento. E isso, eu acho que isso é bom. Eu tenho minhas críticas, às vezes eu fico revoltado aí, tem hora que eu sinto tanta raiva, fico querendo se aposentar. Porque você chega numa escola, quer dar aula e não está conseguindo. Você viu o texto sobre Cuba, que a ONU fez agora, comunicando que a melhor ensino da América Latina é o Cubano. É isso que a gente está falando, prioridade. Você quer, Prioridade não é discurso, mas prioridade é tu dizer oh! Tudo vai ser em forma de educação, não é só investimento para educação. Se, ter miserável passando fome, favelado, prejudica a escola, tu tens de acabar o miserável também. Porque os países que melhoraram a educação, não melhoraram a educação só pela educação. Vê o padrão do Japão, vê os níveis sociais, os índices humanos, o desenvolvimento humano do Japão, a distribuição de renda do Japão, se é igual a nossa. Por isso melhorou. Aí o cara, ah! Olha a educação no Japão, mas a educação do Japão não veio sozinha. A Coréia do Sul também não veio sozinha. Nenhum País do mundo, que investiu em educação para solucionar a sociedade, investiu só em educação. Teve de desenvolver os indicadores sociais, aqui no Brasil não, o cara vai, mete a investir em educação**,** onde o Governo fez isso, a gente sabe que fez. Inclusive nos ensinos superiores, já vem nas Universidades, interiorizando as Universidades, criando Enem, e outras coisas mais, e isso é positivo a gente não pode negar. Mas os índices de desenvolvimento humano, é precário, depende de uma bolsa escola. E não pode passar o resto da vida com uma bolsa escola. Por mais que você já falou que ele exista, é, tem que ser algo imediato para resolver o que está aí. E de fazer reformas profundas na economia desse País, para acabar com um, um milionário, e outro passando fome. Dormir seu Zé, lá no centro do Recife nas calçadas, por dentro das ruas do Recife, dá dó à noite. Estão dormindo debaixo das marquises. Isso sem falar nas periferias, eu não quero nem ir para as periferias, porque primeiro tu nem entra. Que eu moro numa comunidade que é complicada, tem área que eu nem piso lá, porque eu não, não conheço o pessoal lá, se eu pisar, eu me complico. Eu moro em Chão de Estrela, ali é uma comunidade de Chão, pertencente ao bairro de Campina do Barreto. Tem tudo que tem em qualquer outro bairro, em qualquer outra comunidade. Mas como tem em toda comunidade, aonde eu moro, a circunvizinhança que eu ando, ando. Mas a comunidade é muito maior, e eu não vou para cá não meu amigo, eu não conheço a vizinhança, eu vejo as coisas, fico sabendo das coisas, e eu não vou-me meter, que eu não sou doido, que eu não sou doido, está entendendo! Pensar educação, é pensar uma, um projeto de sociedade, e não pensar intraescola como o Brasil fez a vida inteira, como o Governo faz. Pensar intraescola só serve para fazer propaganda. Os resultados que ficam são poucos. Eu não estou dizendo que você não precisa intraescola, e que não precisa investir. Agora, fica muito pouco, você pode investir milhões, e ele é, vai pela canaleta. Por quê? Porque precisa de outros fatores. Isso que a gente tem para falar. Eu gosto muito de falar. Você percebeu que eu falo que só uma matraca. Eu gosto muito de conversar sobre a educação, porque eu vivo educação. Digo que quero-me aposentar, e quero mesmo, porque eu estou cansado, eu tenho alguns projetos que eu gostaria de fazer na vida, que está ligado ao estudo, essas coisas. Mas, a educação é algo que sempre me fascinou. É

claro que na hora que a gente está com raiva, a gente xinga, reclama. Mas a gente quando para que está mais tranquilo a gente poxa, em parte essas pessoas também são vítimas. Também não podemos cair no paternalismo, que só são vítimas, não só são vítimas. Eles também são algozes muitas vezes dele mesmo. Aquela História, o cara está caindo no abismo, você está puxando ele para ele não cair, e ele quer te arrastar você, solta ele cara, se não vai morrer tu e ele, não vai resolver o problema, vai agravar o problema. Então a gente tem, se tem que fazer alguma coisa nesse País para acabar com a miséria que está aí. E aí, a educação pode ser um meio importante nisso, eu não tenho a menor dúvida. Aliás, eu acho que se você fizer da educação prioridade, entendido isso como algo macro, você resolve. Mas resolve se fizer como os outros Países fizeram. Tudo que atingir a educação não é só verba não, é o aluno que mora na favela. Esse tem problema de alimentação que não consegue nem pensar. Então, eu tenho de fazer com que ele agora tenha alimentação, moradia e vida digna, que ele possa pensar para poder chegar na escola. Se não, a gente vai ser um número a mais. É um prazer.

Entrevista P8

1. Identificação do Entrevistado

Gênero: Masculino
Naturalidade: Recife – PE.
Data de nascimento: 01/06/1976
Formação: Licenciatura Plena em História; Especialização em Ensino de História; Especialização em Arquivos e Patrimônio Histórico.
Ano de início da graduação: 1997
Tempo de magistério: 11 anos
Níveis ou modalidades de ensino em que mais atuou: Ensino Médio

2. Condição social

Por que escolheu a carreira de professor?

R= De verdade eu não escolhi a carreira de professor, eu escolhi a formação em História, então eu tinha em mente inicialmente me formar em História, o trabalhar, o ganhar o pão de cada dia, eu não tinha ainda isso em mente quando estava fazendo a graduação, até porque eu quando estava fazendo a graduação eu não trabalhava, então o principal objetivo era me formar em história porque eu gostava de História, a necessidade de profissão como professor, ela só veio bater à minha porta depois de formado, então a partir daí eu passei a atuar, quando eu entrei na faculdade eu não tinha o objetivo de dar aula.

Qual a sua condição socioeconômica à época?

R= Eu vou colocar como a situação simples, até porque eu não trabalhava, mais eu tinha meu pai que pagava as passagens, eu estudava à noite mas eu saia de casa à tarde, então eu não trabalhava, só passei a estagiar, meu primeiro contato de trabalho foi com o estágio pela faculdade, eu não trabalhava. Classe média baixa, meu pai é pequeno comerciante de revistas e jornais.

3. Formação de professores em História

Você considera que a sua formação inicial foi boa? Quais pontos fortes e fracos, você ressaltaria sobre a mesma? Se pudesse mudá-la o que retiraria ou acrescentaria? Justifique a sua posição.

R= Em relação à formação inicial ela foi regular, pelo fato de que o curso ainda estava em processo de aprovação pelo Ministério da Educação e o currículo ainda estava em fase de transição, já que o curso anterior era um curso de Estudos Sociais na Universidade Federal Rural de Pernambuco. O curso de História só passa a ser autorizado em 1990, quando eu entrei em 1997, o curso ainda não havia sido reconhecido, passa a ser reconhecido em 1999, então já soube que já houve algumas alterações no currículo e por colegas que trabalham aqui que são estagiários estão informando que vai haver outra reformulação no curso e na grade da disciplina de História, então como eu fui uma turma que ainda estava no início do curso, implantação do curso na universidade, eu acho que foi regular. E o que poderia mudar seriam algumas disciplinas, eu vou confessar que não sei quais são as disciplinas que estão agora, soube que algumas são diferentes das que eu tive, mas eu tive poucas cadeiras eletivas. Eu acho que as disciplinas atuais melhoraram a formação, complementaram a formação para

o professor hoje. Seriam as que acrescentaria e que não tinha a possibilidade de pagar essas cadeiras, na verdade porque elas não existiam e que é que eu mudaria, é provavelmente o que está acontecendo nessa reformulação da grade do curso, acrescentar algumas cadeiras também na área de pesquisa, na área de formação é em relação até a minha própria formação, ela terminou dando uma guinada para a área de pesquisa porque eu fui agraciado com uma bolsa de iniciação científica, então eu passei praticamente o curso todo, boa parte do curso, todo não, mas eu acho que da metade para o final pesquisa, e só fui ter um contato na área de ensino – educacional com as cadeiras de prática do ensino, então a minha formação na faculdade ela teve uma sequência, uma sequência não, ela teve um caminho muito mais, quase que totalmente para a área de pesquisa do que para a área de ensino.

4. Competências/saberes

Utiliza habilidades, que possui em outras áreas na sua prática docente?

R= Eu tento utilizar justamente essa questão de fazer com que o aluno pesquise, com certeza pela minha formação que foi como eu falei anteriormente, que foi pela área de pesquisa, a área de pesquisa foi a opção com a qual eu tive, pelas escolhas que fiz no curso, tive que enveredar, então eu utilizo, que o aluno pesquise e estou fazendo atualmente uma experiência com os "tablets" que os alunos receberam, mas eu não, de justamente trabalhar com aquilo que eu passo no quadro e nos livros e que eles tentem ver isso utilizando a ferramenta de internet ou vendo vídeos ou vendo imagens ou vendo sons e todas as ferramentas que estão dentro da internet ou no computador que possam me auxiliar na pratica do ensino e que reforcem o conhecimento do corpo discente.

5. Currículo

Como você avalia os conteúdos específicos de História, em sua formação inicial?

R= O curso como falei anteriormente, ele estava em fase de implantação, penso que as cadeiras poderiam, algumas matérias ou cadeiras poderiam ter sido acrescentadas outras, principalmente na área de pesquisa que mesmo apesar do curso, ser um curso de licenciatura, mas eu acho que hoje o profissional de História, mesmo sendo um curso de professor, ele tem que estar atento também para a área de pesquisa e acho que deveria ter, praticamente todos os cursos de História também se não for parte, metade do curso ou alguma percentagem boa de disciplinas voltadas a área de pesquisa. Mas eu acho que a área de pesquisa ela é importante justamente para complementar e deixar o professor não só habilitado do ponto de vista de certificado, mas habilitado do ponto de vista de ação. Para que ele possa ter mais ferramentas ou melhores ferramentas para a prática do ensino.

6. Ensino de História

Você percebe algum direcionamento oficial sobre a forma como os conteúdos devem ser ensinados?

R= Eu vou usar o livro e minha liberdade em sala de aula. Acho que no livro a questão da parcialidade ou a falta da mesma, a parcialidade você sempre vai ter no historiador e naquele que escreve o livro não é diferente, então em relação a um posicionamento ou algo que o historiador seja obrigado a direcionar determinada opinião sobre determinado assunto, acho que isso eu não vejo muito nos livros de hoje. E quanto a minha liberdade do que posso fazer em sala de aula, eu sou totalmente livre nas minhas opiniões, do que eu posso dar em sala de aula e em relação a gestão da escola onde eu trabalho eu não tenho interferência em absolutamente nada acerca da forma como eu passo, o que eu passo, da crítica que eu faço, o elogio que eu faço, eu sou totalmente livre nesse quesito.

Qual deve ser a melhor forma de se ensinar História? Justifique sua posição.

R= A melhor forma hoje, penso eu, nessa geração que praticamente já nasce tecnológica, não temos como fugir da tecnologia para o ensino na atualidade mesmo a maioria dos professores sendo de uma geração que não nasce na tecnologia, ele aprende no decorrer do tempo, diferentemente do aluno que já nasce nessa era tecnológica, acho que usar a tecnologia como também, como uma forma de ensinar História e uma qualidade maior também de outras formas de se ensinar História e se mantém como visitas a centros culturais, museus, a trabalho interdisciplinares com outras matérias, mas eu acho que a tecnologia veio e veio para ficar e a gente não tem como sair dela.

Que uso você faz das tecnologias de informação e comunicação no seu cotidiano profissional?

R= Eu acho que falei isso em outra questão, eu utilizo, estou experimentando a uma semana praticamente a questão de imagens, vídeos, musica, e a ferramenta de busca que é a internet no trabalho de áudio, na área de pesquisa, em sala de aula eu estou utilizando a internet de forma que quando eu quero ver alguma imagem, eu quero ver algum dado, quero que eles vejam algum vídeo, então eu sempre utilizo na área de pesquisa principalmente em sala de aula, apesar que existe uma facilidade, também para que eles se desviem daquilo que eu estou pedindo porque existem inúmeras coisas que o jovem de hoje tem como divertimento e lazer que é as redes sociais, vídeos de outros assuntos que possam atrapalhar a qualidade daquilo que eu quero ensinar.

Você realiza atividades interdisciplinares, encontra dificuldades para realização das mesmas?

R= Atualmente eu não estou trabalhando com nenhum trabalho de interdisciplinaridade na escola que eu estou dando aula, mas eu já participei principalmente com a área de geografia e com a área de artes. Com os outros colegas, com os outros professores não encontrei dificuldade. Apesar que faz algum tempo quando eu trabalhava no estado, eu trabalhei dessa forma, como eu estou a apenas seis meses na prefeitura, então ainda estou em processo de adaptação e em processo de conhecer os outros profissionais para que no decorrer dos próximos anos eu possa vir a ter uma possibilidade maior.

7. A profissão de professor

Que avaliação você faz da profissão de professor de História hoje?

R= Não só o professor de História, mas as disciplinas ligadas à humanas, principalmente História e sociologia, filosofia, parece que há algum tempo ele vem perdendo a importância das disciplinas eu acho que ligadas mais a prática, da ação profissional, que seria a questão da matemática e português, não que são menos importantes, eu costumo dizer que História, sociologia, mas principalmente História, porque tem que falar de História, porque eu sou profissional de História, ela é uma disciplina, eu acho que mais avançada, porque eu preciso que o aluno saiba português, porque não tem como aprender História se você não lê, eu brinco muito com a minha esposa que é da área de português, olhe tu és o básico e eu sou o avançado. Porque se o aluno não aprende a disciplina português, ele não tem como aprender História se você não lê. Não adianta só eu explicar aqui ou em sala de aula, se o aluno não consegue interpretar um texto, não entende um texto, mas não só o professor de História hoje, mas o professor em si, eu costumo dizer que o mundo está transformando, está mudando, eu não acho que o mundo fica pior, nem melhor, eu acho que o mundo fica diferente, então eu acho que determinadas coisas passam a ter mais importância, outras passam a ter menos importância, então a visão que eu tenho hoje é que a disciplina de História ela perde um pouco a importância para outras disciplinas. O professor também perde a importância e é repassado para o mesmo outras atividades nessa transformação de famílias, parece que nessa fase de transição que estamos as pessoas estão passando a educação primeira que eu denomino de educação domestica para o professor, então eu vou dizer para você hoje que parte da minha aula eu tenho que questionar,

conversar, direcionar caminhos, não que um educador não tenha que fazer isso, mas é parte do meu trabalho, eu retiro parte do tempo que era para usar em História eu utilizo com educação doméstica, para disciplinar, para depois quem sabe o ano que vem ou no próximo, o aluno possa, torcendo no que sobra do tempo que eu dou aula de História alguma coisa de História, da disciplina, do conhecimento histórico fique com o aluno. Penso eu que professor é uma disciplina, ou melhor, é uma formação, uma carreira, que eu acho que ela está em vias de extinção, penso que o futuro vai ser educação a distância, eu acho que a gente caminha, agente já iniciou isso, tudo que é novo tem aquele preconceito, eu lembro que pessoas falavam comigo que tinham um certo preconceito com educação a distância porque não iria aprender, diversas situações, negatividade quanta essa nova tecnologia para o aprendizado, mas eu acho que o futuro é a educação a distância. Então penso que o quantitativo de professores tende a diminuir, a procurar pelo curso tende a diminuir, a não ser que haja um, se bem que no Brasil existe um espaço muito grande, uma necessidade muito grande de educação, então o deficit educacional eu acho que é muito grande, então a gente precisaria teoricamente de profissionais para preencher essa distância que nos separa dos países mais desenvolvidos ou que já passaram por essa fase, mas como no Brasil tudo é particular, tudo é jeitinho brasileiro, pode ser que nessa fase que denomino de transição os espaços tenham diminuído ou as duas formas de ensino tenham convivência maior e a profissão de professor tende a durar mais um pouco em relação a outros países, mas eu acho que a educação a distância veio pra tomar o espaço do professor fisicamente em sala de aula e veio para ficar e eu acho que tende a tomar esse lugar do professor físico em sala de aula. Quando eu chamo um responsável de aluno para conversar. Eu acho que só a partir de uma determinada série, eu acho que o aluno deveria ter que ter um conhecimento, eu acho que a partir de ele sabendo ler e escrever, não acho que ler e escrever ainda é pouco, acho que tudo tem que começar por ai, o aluno tem que ter alguns preceitos de educação doméstica, para poder ter trabalhar a educação a distância, mas eu acho que aí é discutível, eu acho que deveriam sentar profissionais, formar comissão, para saber a partir de que momento o alunado ou o corpo discente teria a maturidade para estudar a distância, já que requer disciplina, já que a aula fica mais individual e menos coletivo e aí eu acho que seria discutível, eu não tenho uma opinião formada em relação a partir de que momento poderia ser feito isso, mas penso eu que quando eu chamo o responsável dos alunos para conversar, vou tirar pela minha realidade, sabendo que não é a realidade total dos alunos, mostra indicativa boa pra se ter uma noção da situação do corpo discente, mas por exemplo, eu sempre digo ao responsável que educação é uma parceria que sempre começa por casa e se dá continuidade na escola, mas eu vejo em boa parte do alunado que esse conteúdo ou essa base primeira de casa, ela quando é fragmentada, quando ela é fissurada ou então ela não existe, e isso ou atrasa muito o processo ou isso prejudica muito o processo e na medida que como eu acho que citei em questões anteriores você tem que parar para ensinar determinadas coisas ou melhor, para ensinar preceitos de caráter, preceitos de disciplinas, preceitos de respeito, toda uma, a palavra não é normativa, mas todo um preceito ou padrão de comportamento coletivo para o aluno, eu estou atrasando o processo de ensino histórico, eu acho que esse aluno perde, é preciso revisar também a questão dessa legislação acerca do menor, porque eu já me deparei com situações em que um aluno consegue atrapalhar toda uma sala de aula, e esse aluno ele é protegido por uma legislação que ampara um aluno problemático, e eu não consigo conceber como o direito de um problemático é maior do que o direito, ou os direitos de uma coletividade dos outros alunos, vamos dizer um aluno tem mais direitos do que trinta alunos ou trinta e dois alunos de uma sala de trinta e dois trinta e três, de que forma a legislação poderia flexibilizar, ou poderia deixar em aberto a retirada de um determinado aluno que não quer aprender, ou está com dificuldade, ou por falta de educação de base doméstica, ou que pudesse criar centros em que esses problemáticos fossem trabalhados com profissionais especializados, mais com alunos que tenham toda infelicidade e deficiências de preceitos, caráter em resumo, de educação doméstica, para que esse aluno pudesse aprender, ou parte disso, ou a totalidade disso, para que fosse rematriculado ou voltasse para uma escola que tivesse o ritmo normal da coisa, para o ensino regular, e para que acompanhasse os outros alunos e não atrapalhasse, o problema de tudo, porque perde tudo, perde o professor que não consegue dar sua disciplina, aquilo que ele estudou e para a qual, é aquilo, ele fez o concurso, perde o próprio aluno que por não ter determinados preceitos ou padrões, ele não tem consciência disso, perde os

outros que eu acho que é muito mais grave, trinta alunos perdem assuntos ou perde de aprender por causa de um aluno só, então esse aluno continua em sala de aula, mantém na escola porque a legislação permite, porque o aluno tem que estar matriculado, mais eu digo, assim é como se jogar para o professor um problema que ele não consegue resolver só, até porque não tem psicólogos em escola, então ai tem todo, os pais muitas vezes não tem a formação direito, às vezes o avô não sabe ler nem escrever, então é tudo uma bola de neve que só ao longo do tempo, investindo pesado em educação é que a gente vai resolver.

Entrevista P9

1. Identificação do Entrevistado

Gênero: Masculino
Naturalidade: Taguatinga – DF.
Data de nascimento: 28/09/1983
Formação: Licenciatura Plena em História
Ano de início da graduação: 2004
Tempo de magistério: 9 anos
Níveis ou modalidades de ensino em que mais atuou: Ensino Fundamental 2

2. Condição social

Porque escolheu a carreira de professor?

R= Rapaz, eu escolhi a carreira de professor, bem, eu fui fazer a licencia, eu entrei nesse curso de licenciatura, sinceramente por falta de opção. Na cidade que eu morava, no entorno de Brasília, Estado de Goiás, tinha uma Universidade, um Pólo rumo à Universidade Estadual. E nesse Pólo só havia curso de Licenciatura. Certo. E havia uma faculdade particular, mas eu não, não tinha condições de pagar o curso, então comecei a me preparar no final de dois mil, no início de dois mil e dois, para poder fazer um curso de licenciatura. E gostei, e me familiarizei, ou me simpatizei com História por causa de alguns professores que eu tive nesse cursinho, resolvi fazer o curso. Aí no final de dois mil e três, consegui passar no vestibular e entrei na faculdade. Foi assim.

Qual a sua condição socioeconômica à época?

R= Certo. Eu vou fazer uma discrição rápida. Então eu era, classe baixa, trabalhava no comércio da cidade, cidade pequena, acho que uns oitenta mil habitantes. Ganhava o salário mínimo, e eu não vou dizer uma pobreza extrema, mas era de família pobre, e ganhava esse salário mínimo, na época tinha que ajudar a família, trabalhando o dia inteiro. Eu diria uma classe baixa, economicamente falando.

3. Formação de professores em História

Você considera que a sua formação inicial foi boa? Quais pontos fortes e fracos, você ressaltaria sobre a mesma? Se pudesse mudá-la o que retiraria ou acrescentaria? Justifique a sua posição.

R= Você está se referindo a formação. A graduação. Então eu não considero que foi boa. Nem considero que foi regular. Considero que foi ruim. Não vou destacar, vou destacar só um ponto forte, eu tive alguns bons professores, na graduação, uns três ou quatro, e nenhum deles era professor do Ensino Básico, e nem um deles tinha formação para formar professores. Então nesse caso, por isso que eu estou dizendo que é um ponto forte entre aspas. Eram bons professores, eram pesquisadores sérios, mas não sabiam formar professores, entendeu? Então, eu vou dizer que é um ponto forte, porque foi o que houve de melhor na minha formação. Mas se a gente olhar para o ponto de vista da formação, como professor, mesmo assim, não pode ser considerado um ponto forte. Os pontos fracos rapaz, são tantos, infelizmente. Eu vou ressaltar alguns: primeiramente, eu diria que o ponto mais fraco da minha graduação está ligado à má formação que eu tive no Ensino Básico. Não sei se você conhece um livro da professora, acabei de esquecer o nome dela. O nome do livro é o professor

refém, Tânia Zagury, o nome da professora. Oh! Lá ela lista alguns, algumas coisas que fazem do professor, um refém. E um deles, eu me lembro bem que é, exatamente isso. Ele é. O professor muitas vezes é refém da sua má formação básica. E com certeza eu sou refém nisso. Então, por exemplo, quando eu entrei na faculdade, e eu não tinha a bagagem necessária, o pré-requisito necessário para poder fazer um bom curso superior. Supondo-se, que o curso fosse de qualidade, e exigisse realmente, que nós aprendêssemos ali o que tínhamos que aprender, eu não faria o curso. Mas, foi bom para mim o curso porque, funcionou como um, funcionou como uma formação básica. Porque ali eu comecei a ter acesso a textos mais complexos, tive que me esforçar muito mais, estudar muito mais, ler muito mais. Então, eu considero o curso bom, nesse sentindo. Que para mim, funcionou como ampliação da minha formação básica. Mas é um ponto fraco. Porque se eu não tinha condições de. Condições ideais de ser, de fazer um curso de licenciatura, supondo-se que fosse um bom curso, é um ponto fraco, não é? Um outro ponto fraco que eu ressaltaria é que, nenhum dos meus professores na graduação. Deixa eu pensar, se eu não estou sendo injusto. Mas nenhum deles, talvez com exceção de um. Sabia o quê que era ser um professor de escola, de ensino básico, eu posso dizer isso com certeza, porque agora eu estou com nove anos de sala de aula, eu olho retrospectivamente, eu vejo que eles não tinham a menor ideia, do que era estar em uma sala de aula. Por exemplo, eu me lembro de um professor, um desses bons professores que eu citei no início, dando conselhos para mim, porque eu tinha conseguido entrar em uma escola de ensino fundamental, para ensinar quando eu estava no terceiro ano da Faculdade. Fui contratado. E por acaso esse professor veio me dar conselhos, de como eu deveria ensinar. E eu não vou entrar em detalhes sobre os conselhos, mas o conselho que ele me deu, meses depois ele entrou em uma escola, ele, esse professor, entrou em uma escola de nível médio. E meses depois ele me confessou, assim olha, aquele conselho que eu te dei, é impossível pôr em prática. Porque era um conselho vazio, teórico. Ele não tinha conhecimento prático da coisa, quando ele me deu o conselho, eu achei válido, eu acho que faz sentido, mas na prática, não fazia sentido nenhum. Eu acho assim, muito improvável que um, uma pessoa com formação básica deficiente, entre em um curso para formar professores fracos, eu acho muito impossível que ele saia de lá um bom professor. Assim, muito improvável. A não ser por um. Não sei. Sei lá. Por uma coincidência, assim, ele se encantasse com aquilo, e procurasse por conta própria, suprir as suas deficiências, e ainda procurar uma formação como professor. E vou ressaltar mais um ponto fraco, que eu diria que é a falta de infraestrutura que a Universidade tinha. Porque eu dentro da minha turma de cinquenta alunos, eu só me lembro de dois ou três que tinham interesse em ir para sala de aula. Eu era um desses. E uma coisa é certa, mesmo que eu quisesse, mesmo que eu tivesse todo o desejo do mundo de aprender, o quê que é, ser um professor, quais são as habilidades que um professor deve ter, eu não teria acesso, lá na Universidade não. Uma biblioteca muito ruim, e na época. Já vai fazer, já faz mais de dez, está fazendo dez anos agora. Quando eu entrei na faculdade, a internet não estava. E a gente não tinha tanto acesso à informação como tem hoje na internet. Supondo-se que eu tivesse a capacidade de, tendo material de qualidade à mão, supondo-se que eu tivesse capacidade para sozinho, assimilar aquilo, mesmo que eu tivesse essa capacidade de vontade, eu não teria o material à mão. Então a falta de infraestrutura, de coisas básicas assim, que a gente precisaria para poder ter essa formação, a gente não tinha lá. E, não tem muito haver, mas eu vou fazer esse parêntese. Eu estudo numa Universidade Pública agora, faço outro curso. E eu posso dizer, eu achava que isso era um problema de lá. De onde eu estudava, um Pólo de uma Universidade Estadual do interior de Goiás, mas olha, eu estou convicto que não é. É um problema de todas as nossas Universidades. A Universidade Federal daqui, não tem a mínima condição, infelizmente, não tem a mínima condição de dar material de qualidade para as pessoas poderem ter uma boa formação. Infelizmente. Pronto, eu ressaltaria esses três pontos fracos. E aqui, se pudesse mudá-la, o que retiraria ou acrescentaria. Olha se eu pudesse, minha formação, eu retiraria, eu não retiraria nada, porque eu não acho que houve conhecimentos assim, dispensáveis. Mas eu acrescentaria muita coisa. Começando pelo seguinte: eu acrescentaria a leitura, de tudo que já foi produzido sobre educação, na antiguidade e na idade média. Que a gente tivesse acesso. Então vou citar um nome, por exemplo, Platão que é um antigo, não precisa falar muito sobre ele, e um Senhor da idade média, se não me engano, do século onze, que eu já li alguma coisa sobre ele, chama Hugo de São Victor, que era um educador genial. Eu até recomendo um livro dele que chama A Arte de

Ler, da Arte de Ler. O título em latim é, "Didascalicon." E o nome e o subtítulo são esses Da Arte de Ler. Isso é uma coisa que eu acho importante, porque as pessoas chegam na Universidade sem saber ler, e quando eu digo, sem saber ler, não é que ele não sabe juntar as frases e tal. É que a leitura, E a leitura, é uma leitura muito rudimentar. Mesmo os bons leitores do nosso ensino básico, ainda tem uma leitura muito rudimentar. Eu estudo com pessoas que saíram das melhores escolas daqui de Recife, lá onde eu faço esse meu curso, e eu vejo isso. Mesmo nas boas escolas, os alunos saem do ensino básico, com um nível elementar de leitura. Eles não estão preparados para entrar em textos mais complexos, mais profundos, eu acrescentaria primeiro isso e uma leitura bem-feita, de tudo que foi produzido, ou tudo que for possível ter acesso, que foi produzido na antiguidade, e na idade média sobre a educação. Que eu acho que a gente está perdendo, a gente perdeu, toda essa, como é que eu vou chamar. Toda essa experiência que foi acumulada. E hoje em dia as pessoas olham para aquela época com desdém, e com preconceito tão infantil. Elas olham para aquela e pensam assim, ah! Aquelas pessoas lá não têm nada para nos oferecer, hoje nós estamos no reino do saber. E não é verdade, não é verdade. Um dia desse, só para dar um exemplo, um dia desse, eu estava ouvindo um professor falando sobre os livros antigos. E ele falou uma coisa que eu fiquei, achei muito interessante. Ele falou o seguinte, que nos livros antigos, na idade média, na idade antiga, por exemplo, nesses livros antigos, as citações eram feitas sem a referência. Então por exemplo, um escritor da idade média ele está escrevendo um livro sobre, sei lá, economia, e de repente ele quer citar um autor grego, ele citava sem aspas e sem dizer quem era. Hoje em dia, se as pessoas veem isso, elas consideram isso um plágio. Vai dizer assim, isso está plagiando fulano, já tinha dito isso, ele nem disse que foi fulano que disse. E esse professor que eu estava assistindo a aula dele sobre o assunto, ele me disse uma coisa que eu fiquei chocado. Ele falou o seguinte: entre os antigos e entre os medievais, eles não citavam entre aspas e dizendo quem foi que disse, porque eles partiam do pressuposto que você deveria saber quem foi que disse. Então, um pessoal assim, não pode, não pode ser desprezado. É assim, e é muito conhecimento que eles adquiriam, que eles, sem contar que as pessoas que eram formadas nas escolas, pensa numa escola como, sei lá, academia de Platão. Aquilo lá, perto das Universidades da gente, hoje em dia, nossas Universidades, são jardim da infância. Os camaradas que estavam ali, eles pensaram coisas que até hoje, a gente tem que reconhecer, e não dá para viver sem. Eu, encerrando, eu acrescentaria isso: um verdadeiro estudo dos clássicos, sobre a educação, entendeu. Outro dia na faculdade, você chega na faculdade, ah! Vamos estudar Educação Clássica. Aí você passa um Semestre, desse semestre que chama História da Educação, você vê lá, duas aulas ou três sobre educação clássica. Em duas aulas ou três de Educação Clássica, você não vê nada. Se agente passasse dois anos do curso estudando aquilo, aí talvez a gente tivesse uma noção vaga do que eles faziam. Toda aquela riqueza que eles produziram. Deixa eu ver o que mais que eu posso acrescentar, que eu acrescentaria na minha formação. Bem, eu acrescentaria o seguinte, se fosse possível, e eu nem sei, se essa resposta se encaixa exatamente no que você está perguntando. Mas eu diria que, se eu pudesse voltar no tempo, fazer o curso de novo, eu tentaria fazer ele com mais tempo, para os estudos. Porque a situação de quem estuda e trabalha é difícil. É difícil, é, mas não justifica que você tenha uma má formação por isso. Se fosse possível voltar no tempo, eu faria isso. Faria um curso e com mais tempo para os estudos. E para poder ter uma formação melhor, mais completa. Acho que já está justificada a posição. Certo?

4. Competências/saberes

Utiliza habilidades, que possui em outras áreas na sua prática docente?

R= Certo, estou entendendo a pergunta, lógico que sim. Bem, oh! Como eu te disse, na prática docente, Numa escola pública, eu vou falar por essa, que é a que eu conheço. Imagino que seja assim em muitos lugares. Existe muitas, muitas, você quer saber as que eu acho que são necessárias, ou as que eu utilizo? Ou as duas coisas? E o que eu acho que seria importante, Certo. Então eu vou dizer o seguinte, eu acho que muitas habilidades são necessárias para alguém que quer ensinar no ensino público, por exemplo, eu ensino de Sexto Ano, do Ensino Fundamental, ao Terceiro Ano do Ensino

Médio. E eu tenho alunos, que chegam, a maioria, a maioria, noventa, mais de noventa por cento dos meus alunos, que chegam no Sexto Ano, não estão alfabetizados, pode-se dizer, com boa vontade, que são analfabetos funcionais, para não dizer que são analfabetos mesmo. Assim, alunos que cometem erros na hora que vão escrever seu próprio nome, aluno que não consegue um ler um parágrafo, e dizer para você o que leu, aluno que não consegue, escrever uma frase que você dita para ele sem cometer vários erros de ortografia. Necessariamente eu acho que um professor de escola pública que queira, que queira trazer algum, alguma coisa de verdadeiramente de valor para os seus alunos, eu acho que ele tem que ter a capacidade de, de alguma maneira, mesclar o ensino da disciplina dele com alfabetização. Eu estou falando isso do ponto de vista teórico, porque na prática eu acho que isso é impossível. E agora é uma das coisas que eu ia dizer para você que talvez chocasse. É por isso que eu acho educação pública, é um fracasso sem remédio, na minha opinião. Por que a estrutura dela não permite que ela funcione. Por exemplo, você recebe um aluno analfabeto no Sexto Ano. É impossível que você, você sozinho, por exemplo, no nosso caso História, é disso que nós estamos falando. Eu tenho duas aulas semanais nessa turma, duas aulas de cinquenta minutos, supondo-se na melhor das hipóteses, que eu dê todas as minhas aulas, duzentas aulas durante o ano. É impossível que eu pegue o conteúdo que eu tenho que dar, o conteúdo programático, e alie a isso ainda, elementos de alfabetização para que eles sejam capazes, de tendo esses elementos de alfabetização, assimilem um conteúdo de História. Entende? Eu acho isso impossível, eu não, sem contar o seguinte, sem contar que a gente trabalha no sistema, dentro de um sistema. Os conhecimentos de História não podem estar desligados dos outros, é impossível. E não há nada que unifique esses conhecimentos, cada professor é uma ilha na escola pública. Eu digo na Escola Pública, porque a pouca experiência que eu tive em Escola Privada, tem pelo menos um elemento de unificação, que é a vontade do dono da escola. Ele chega e diz: "olha, eu quero assim, assim, assim", pelo menos isso unifica os professores. "Eu quero que todos façam isso." Nem que seja para não ser demitido, você faz. Você tem pelo menos um ruim, fraco, mas você tem um elemento de unificação, aqui você não tem nenhum. Aqui cada um por si, todos sabem desse problema da alfabetização. A maioria esmagadora, para não dizer todos, passam por cima disso porque sabem que não é da, isso não é da sua competência, eles já deviam vir alfabetizados. E é por isso que eu digo que é um fracasso, porque como é que eu vou ensinar Geografia, História, Matemática para o menino, Geografia, História e Matemática do Sexto Ano, para um menino que não sabe do Primeiro, do Segundo, do Terceiro, do Quarto, do Quinto ano. É impossível, não tem como, concorda comigo? Se não tem como fazer, e eu insisto em fazer, não vai acontecer, não vai, não vai acontecer. É por isso que os nossos alunos chegam aí fora, nas provas de avaliação internacional e sempre são os últimos, eu estou falando sobre um aspeto, aliás, sobre uma habilidade que eu acho que o professor deve ter fora da História, fora da minha disciplina específica, que eu acho que é necessário, então é esse, apesar de eu achar que é impossível, eu diria isso, eu diria que ele tem que ser capaz de, simultaneamente, alfabetizar e passar o seu conteúdo. Alguma outra habilidade, bem! Várias outras habilidades eu acho, há uma habilidade importantíssima, que eu acho que o professor de toda escola, especialmente, da Escola Pública, tem que ter, é a capacidade de disciplinar os alunos, no sentido mais amplo da palavra, disciplinar no sentido de ter controlo sobre a classe, absoluto. Capacidade de impor a ordem dentro da sala. Por que, sem isso, isso é o mínimo, sem isso ai, você não vai conseguir nem alfabetizar, nem vai conseguir traçar o seu conteúdo, se você não tiver organização. E o sistema não colabora para que haja isso. Em geral o sistema não colabora, então você tem que, tem que ter habilidade para fazer isso. E eu digo isso porque qualquer pessoa que andar por uma escola, não só pública, mas principalmente as públicas, vai perceber que a maioria dos professores não sabem fazer isso. Você é professor, deve concordar comigo. A maioria dos professores não sabem o que é isso. Eu acho que elas pensam que isso é um dom, modéstia à parte, eu sei fazer isso, e já muitos professores, já chegaram para mim, para perguntar assim. O quê que você faz? Como é que é possível que tal turma fique toda caladinha, quieta, ouvindo o que você está falando? Eu digo para elas, minha gente, quando eu entrei na escola não era, eu não conseguia fazer isso não. Agora, eu procurei aprender a fazer. Como? Lendo livros sobre o assunto, porque se eu não tivesse isso, aí eu não era professor. E é o que acontece, cá entre nós, a maioria dos professores que estão em sala de aula, não são professores. Eles têm algum conhecimento deficiente sobre uma

determinada área, e não têm nem essa habilidade indispensável de conseguir organizar uma sala de aula. Como é que você vai passar para um aluno analfabeto um conhecimento deficiente que você tem, sem a disciplina em sala de aula, impossível. Quando eu, primeira vez que eu entrei numa escola, eu tinha uma professora, que eu admirava ela por isso. Por que ela conseguia controlar, e ela colocava ordem nos alunos dela. E os alunos adoravam ela. E eu olhava para aquilo, eu falava: eu tenho que aprender a fazer isso, deve ter um jeito de aprender. E eu conversava com essa professora, o nome dela é Soraia. Eu falava: "que que se faz"? E ela me explicava, assim não é, porque não é uma coisa que se explique. A impressão que se dá, é que aquilo é um dom, mas certas coisas que ela dizia, eu assimilava, eu falava, ah! Eu vou tentar fazer isso. Ela me dava exemplos, ela me dava conselhos práticos, faça isso, faça aquilo. E eu tentava colocar aquilo em prática, no início foi mais difícil e tal. E eu conversava com outros que eu via que também levavam jeito para isso. E eu procurei, eu um desses livros, mas eu só conheço um livro sobre esse assunto que eu acho. Eu só conheço um livro sobre esse assunto, e eu achei muito bom. e o nome do autor desse livro, é um francês, chama, eu esqueci o nome dele, e esqueci também o nome do livro. Mas, é uma coleção antiga daquela editora FTD, sobre educação cristã. É um livro que fala sobre a disciplina, depois eu posso-te passar o nome, para se você quiser acrescentar, não sei se isso vai entrar, mas impressionante. E é, isso é um dos motivos pelo qual eu digo que as pessoas mais velhas, os professores de outras gerações, têm muito para nos ensinar. Conselhos tão bons, tão práticos, tão profundos que ele dá nesse livro, que qualquer um que assimilar aquilo e tiver um pouco de esforço e boa vontade, consegue aprender a ter esse dom, entre aspas, esse talento. E disciplinar uma sala de aula que não tem nada de mais, desculpe! Não tem nada de mais nisso. É uma técnica que qualquer um pode aprender, desde que, se esforce um pouco e assimile a metodologia de fazer isso e pronto. Então, essa é um, primeiro eu disse, que uma habilidade era aquela, aquela habilidade de tentar conciliar a alfabetização e a exposição do assunto. E a segunda, a disciplina, a capacidade de, de manter a ordem em sala de aula, a organização mínima. Bem, inúmeras outras, eu acho que a gente podia dizer, mas eu vou falar dessas duas, porque eu acho que assim, as mais básicas, na minha opinião. Seria excelente se o professor tivesse conhecimentos de Psicologia, infantil, infantojuvenil. Seria excelente que ele tivesse, uma visão geral das outras disciplinas vizinhas para ele poder interdisciplinar, mas eu acho que essas duas são as mais importantes. Beleza.

5. Currículo

Como você avalia os conteúdos específicos de História, em sua formação inicial?

R= Certo. Como eu avalio os conteúdos específicos. Você está falando, quando você diz específico de História, você está esquecendo a parte Pedagógica, é isso? Só História. Como, as primeiras respostas que eu dei. Pois é. A primeira resposta que eu dei, eu acho que já está dando um indício. Eu tive só três ou quatro bons professores. E quando eu digo bons professores, eu estou querendo dizer que os outros não fizeram o mínimo necessário. Então, por exemplo, eu tive professores de História da América, que não sabia nada sobre História da América. Gente que, terminou a graduação à duras penas, sem ter a mínima vontade de ensinar, fez logo uma Pós-Graduação porque achava que isso podia ajudar, e também fez uma Pós-graduação do mesmo jeito. A gente sabe que Pós-graduação. Vamos falar das Latus Sensu. Porque o Mestrado e o Doutorado, mas as Pós-graduações Latus Sensu, via de regra, são muito ruins, as pessoas vão lá, passam uma tarde lá, uma tarde lá por semana, no máximo, fazem uns trabalhinhos em grupos, não leem nada, e saem de lá Especialistas, é impressionante que o cara saia Especialista no assunto, que ele nunca leu um livro sobre o assunto. Eu tive professores assim, chegava lá, para dar uma aula de História da América, por exemplo, mas os conhecimentos que ele tinha de História da América, você podia superar lendo um manual qualquer, um manual para o Ensino Médio, ali, nesse manual, você encontraria mais do que o professor sabia. Então, nesses casos, não foram poucos, nesses casos aí, a formação foi péssima. Foram muitos, muitos mesmo. Eu vou dizer para você o seguinte, de todas as cadeiras de História que eu tive, eu posso enumerar numa mão só as que eu tive algum aprendizado. O aprendizado ideal não tive

nenhuma, por minha culpa também, por falta de tempo, falta de empenho necessário. Mas eu diria que, de todas as Cadeiras de Histórias, não precisa enumerar, todo mundo conhece. Eu diria que em História Medieval eu tive uma formação razoável. História do Brasil República, eu tive uma formação razoável. História do Brasil Império, eu tive um bom professor. Só que, eu não fiz um bom curso, eu tive um bom professor, mas não fiz um bom curso. Respondendo a pergunta mais diretamente, eu avaliaria em geral, que minha licenciatura, no aspeto pedagógico, foi ridículo, não houve e no aspeto, específico, de História, foi ruim. Estou sendo bem sincero, porque se não, o trabalho vai ficar falso. Tem que ser bem sincero. Beleza!

6. Ensino de História

Você percebe algum direcionamento oficial sobre a forma como os conteúdos devem ser ensinados?

R= Rapaz olha, sim. Nesse aspeto há, olha, percebo claramente um direcionamento oficial claramente. Alguém ouvindo o que eu vou dizer agora, poderia dizer assim: mas o direcionamento oficial ele é, ele é natural, qualquer governo que esteja no poder faz do seu ensino, coloca no ensino, na educação, um direcionamento ideológico, isso pode ser verdade, mas o que a gente está vendo no Brasil hoje, a gente nunca viu, na minha opinião, o direcionamento ideológico que o MEC colocou na Educação Básica, na Educação Superior é uma coisa impressionante. E eu posso dizer isso porque eu tenho estudado sobre esse assunto. Esse ano eu fiz a escolha do livro didático do Ensino Médio, eu tinha mais de trinta opções, certo, eu olhei uma por uma, todas, todas as obras. Se você abrir todas as obras no capítulo sobre União Soviética, sobre o governo de Stalin, nenhuma denuncia os crimes de Stalin, eu acho isso impressionante. Hitler nos livros de História, ele é tratado como quem foi, um ditador, totalitário, maluco, que matou dez milhões de pessoas, certo. Quando você chega no capítulo sobre a União Soviética, você tem impressão que perto de Hitler, Stalin era uma criança, quando na verdade é o contrário, eu fico impressionado. Eles falam do grande progresso econômico da União Soviética durante a época de Stalin, eles falam como a União Soviética deixou de ser agrária e feudal, e passou a ser a segunda nova potência da humanidade. Mas eles silenciam sobre trinta milhões ou mais de assassinatos, sobre os campos de concentração que davam, davam de dez a zero no sentido negativo, nos campos de concentração de Hitler. Eu fico impressionado como pode, os alunos saem da escola achando que Stalin foi um grande camarada. No máximo, eles fazem assim um paragrafozinho, falando assim que não, o, é, Stalin cometeu alguns equívocos, isso se não é direcionamento ideológico, eu não sei ao que é. E diria mais, eu estou aqui na mão, era bom que fosse um vídeo, eu tenho aqui na mão uma revista que chama retrato, essa revista eu tenho impressão que ela chega para todas as escolas, se não chega para todas, chega para muitas, aqui chega, todas as edições dela chegam aqui, não vem com a chancela do MEC, mas vem para escola, eu não sei quem paga, imagino quem paga, porque se vem para a escola, eu acho que a Editora não manda de graça, ela não é tão boazinha assim. Alguém financia, por exemplo, eu vou te, eu vou ler para você, e para ficar registrado, a capa dessa edição especial, revista retrata, edição especial, Abril e Maio de dois mil e treze. O título é assim: a construção do Mensalão. Como o Supremo Tribunal Federal sob o comando do Ministro Joaquim Barbosa, deu vida à invenção de Roberto Jéferson. Se, tudo bem claro. Mas veja, eles estão dizendo aqui não. Eles estão dizendo aqui que, o Mensalão não existiu. Se os nossos alunos, se o nosso, não, mas não é isso que vem ao caso, o que vem ao caso, que eu estou dizendo, é o seguinte: se o nosso governo, se os nossos alunos aliás, vão aprender na escola que não houve Mensalão, isso, isso já passou, já não é nem mais direcionamento ideológico, isso já é a mentira institucionalizada. É Exatamente. Não tem, eu acho que não tem, para não dar na cara. Mas a revista chega aqui, e eu tenho certeza que não é a editora que manda de brinde para a escola. E aqui têm várias oh! Falando sobre Mensalão, falando sobre, amenizando os crimes do partido que nos governa. Direcionamento ideológico, claro, claro, claro. Eu percebo um direcionamento oficial como nunca se viu, nem nos anos da ditadura militar, um direcionamento assim absurdo, as pessoas estão ouvindo mentiras em cima de mentiras, e estão saindo da escola achando que aquilo é verdade. Os

nossos alunos, se seguirem à risca, o material que chega na mão deles, a maioria segue, a maioria dos professores segue. Eles estão sendo completamente doutrinados. Isso é até uma denúncia que eu estou fazendo, não sei até que alcance vai ter. Mesmo que não tenha nenhum, pelo menos eu estou fazendo por desencargo de consciência, porque eu estou vendo isso acontecer. Está certo?

Qual deve ser a melhor forma de se ensinar História? Justifique sua posição.

R= Qual deve ser a melhor forma de ensinar História. Olha, eu acho o seguinte, eu acho que não existe uma melhor forma de ensinar História. Existe duas coisas, existe a realidade do aluno, o quê que o aluno tem na cabeça? O quê que o aluno sabe de História? Sabe nada, sabe um pouco? O quê que sabe? Eu acho que o papel do professor, idealmente, é ele olhar para o aluno dele, avaliar qual é a realidade dele no conhecimento de História, e a partir da realidade dele, desenvolver a metodologia adequada, e ensinar História para ele. Existem milhões de métodos, cada um tem seu valor. Uns têm mais valor, outros têm menos, na minha opinião, mas todos eles servem. E todos eles têm aspetos importantes. O professor deve dominar todos, o professor deve saber usar o máximo de metodologias possíveis. Mas qual é o ideal? O ideal depende da realidade do aluno. Se eu estou dando aula em uma sala de aula de uma escola boa, no Primeiro Ano de um Ensino Médio, os alunos têm uma excelente formação de Ensino Fundamental, eu vou usar uma metodologia. Se eu chego no Sexto Ano, que os alunos não sabem escrever o próprio nome, sem cometer um erro, é lógico que eu tenho que usar uma outra metodologia. Acho que não há uma melhor forma de se estudar História. Se há uma melhor forma de se estudar História, é essa, é o professor identificar qual é a necessidade do aluno, e independente de qual orientação metodológica ele for usar, usar a mais adequada para ensinar aquele aluno.

Que uso você faz das tecnologias de informação e comunicação no seu cotidiano profissional?

R= Certo. Olha, aqui na escola, a gente tem um material que o Governo do Estado distribuiu, é um data show com o computador acoplado, eu utilizo isso, esse material. Eu passo vídeos, passo slides às vezes para os alunos, e nada mais do que isso, às vezes, eu mantenho contato com alguns alunos pelo e-mail, passo algum texto, alguma referência, mas nada além disso. Os alunos têm um tablet, algumas séries, aí do Ensino Médio têm um tablet, mas eles usam por conta própria, eu não utilizo. Eu gostaria de utilizar mais. Eu até tenho um projetozinho pessoal de usar o facebook, as mídias sociais no ano que vem, e criar espaço no facebook, principalmente no facebook, para poder tentar, obrigar o aluno a usar aquela rede social para aprender História. Entendeu? Não sei, talvez criar um grupo em que eu esteja lá, e eles também, e aí a gente pode se comunicar virtualmente, alguma coisa assim. Mas tudo passa também pela questão do, eu acho que você vai tocar nesse ponto, não interessa, mas tudo passa sobre a questão da valorização do professor. A gente precisa dar aula em duas, três escolas, o professor, ele, se ele pudesse, se tivesse uma remuneração melhor e mais tempo, para dar atenção a um grupo de alunos, também quando ele tivesse fora da sala de aula, aí as mídias poderiam ser bem mais úteis. Mas no nosso formato, o professor na melhor das hipóteses ele vai dar atenção para o aluno, quando ele tiver na sala de aula. eu uso sim, eu uso, eu assim, da maneira limitada, no máximo possível de dia. E olhe que eu tenho algum conhecimento sobre esse assunto. Porque boa parte dos nossos colegas não, não, não entende nada disso, não sabem, então, não utilizam nada, porque não tem, nem condições de utilizar, está certo?

Você realiza atividades interdisciplinares, encontra dificuldades para realização das mesmas?

R= Olha, os livros, os livros que o MEC manda, eles obrigatoriamente, agora devem trazer quadros interdisciplinares. Querendo ou não, hoje a gente tem um material na nossa mão para fazer esse trabalho interdisciplinar. Você está lendo um livro de História falando sobre a revolução industrial, aí vem um quadrinho falando sobre a invenção da energia elétrica, então faz ali uma ponte com Física. Você está lá, falando sobre a Guerra Fria, e vem um quadrinho falando dos esportes, você faz uma

ligação com Educação Física. Agora, essas atividades elas são muito pontuais, muito assim, muito insignificantes eu diria. A gente, a gente não tem condições de trabalhar nem a nossa própria disciplina. Mesmo supondo-se, como a gente estava dizendo, que os alunos tivessem uma, os pré-requisitos necessários, mesmo assim, o tempo que a gente tem, seria pouco para ministrar o nosso conteúdo, quanto mais para fazer alguma atividade interdisciplinar. Eu sei que necessariamente o conhecimento ele é, ele é interdisciplinar, não tem como ele ser isolado. Mas fazer atividades especificamente voltadas para isso, eu faço poucas. Eu faço mais as que o livro didático indica, aí quando é possível a gente faz. Entendeu?

7. A profissão de professor

Que avaliação você faz da profissão de professor de História hoje?

R= Olha, se eu entendi bem, você quer que eu diga, você quer que eu avalie a profissão do professor de História hoje. Como ela tem sido realizada, ou como ela deveria ser realizada? Ou as duas coisas? Qual papel ele tem desempenhado? Eu vou falar o seguinte, para começar eu vou falar o seguinte, eu vou falar da impressão que eu tenho sobre a nossa, sobre a nossa categoria, digamos assim. Infelizmente, e muito disso tem a ver com o que a gente estava falando sobre doutrinação. Eu lamento, muitos dos nossos colegas acabam, muitos deles acabam sendo apenas doutrinadores ideológicos, muitos. A imagem que a gente tem é essa. Se alguém olha para mim, eu tenho barba, e cabelo grande, e eu digo, sou professor de História, na hora ele pensa que eu já sou fã de Che Guevara. Ele pensa que eu adoro Che Guevara, ele pensa que eu quero fazer revolução. Essa é uma imagem que o professor tem e, não é errado. Muitos dos nossos colegas vestem a camisa do revolucionário, do doutrinador. Eu acho isso lamentável, porque a História, o ensino da História deixa de ser a assimilação da experiência humana. O ser humano viveu sobre essa terra milhares de anos, acumulou um conhecimento, acumulou muita experiência. E eu acho que o papel do professor de História é trazer essa experiência para nossa atualidade, para que nós possamos aprender, com a experiência não tem mais nada na minha opinião. Cícero disse: Não é Cícero nosso amigo, é Cícero Romano, ele disse que a História é uma mestre de vida. É isso que eu acho, eu acho que a História é sempre para isso, para gente olhar para o passado, para História da humanidade e assimilar as experiências que eles tiveram, para que a gente não precise vivê-las de novo. Para que os erros cometidos no passado, a gente pode invés de cometê-los de novo, para aprender, a gente aprende com a experiência do passado, eu acho que é para isso que serve a História. Infelizmente o professor de História virou, na grande maioria dos casos, ele virou um, um revolucionário. Invés dele olhar para o passado e aprender com as experiências do passado, ele olha para o passado, aí ele vê que o passado teve problemas. Aí ele imagina soluções e começa a dizer para o povo, eu tenho a solução, ou eu não, mas ele vê, e pessoas, pessoas no decorrer da História imaginaram soluções. Um exemplo clássico é Kal Marx. Kal Marx ele viu a realidade do proletariado, viu que era difícil, viu que era dura, viu que era, era uma situação de exploração. E ele imaginou uma solução. E ele escreveu sobre isso, procurou transformar isso em ciência e disse, oh! a solução é essa. Então os professores de História muitas vezes repetem esse discurso, eles chegam hoje na sociedade e vêm aqui, a gente têm meninos drogados, a gente têm pessoas pobres. Os professores de História olham para essa realidade e eles dizem, oh! a solução é essa aqui que fulano deu, que tal pesador deu. Sendo que, veja, se nós olharmos para as experiências históricas que tentaram colocar essas, essas soluções em prática, todas as vezes que elas tentaram ser colocadas em prática, elas fracassaram. O que eu diria como professor de História? A minha obrigação é olhar para esse passado, e ver que ele, aquilo não deu certo. Percebe o que eu estou dizendo? Eu olho, quando eu olho para o marxismo, e eu vejo que em todos os lugares da humanidade do nosso, do planeta, aquilo foi colocado em prática, independente se foi colocado literalmente em prática ou parcialmente em prática, os resultados foram capacitantes. Eu acho que o meu dever como professor de História é observar essa realidade, e mostrar para o meu aluno, olha, a experiência histórica me mostra que essa solução proposta por Marx, fracassa, certo. Isso não impede que em algum lugar, alguma solução dê certo, muitas ideias, muitas, é tentativas de solução dos

problemas humanos foram colocadas em prática e deram certo. E a função do professor de História é olhar para essa experiência e dizer, isso deu certo, isso não deu certo. E através dessa análise do passado ensinar as pessoas, ensinar seus alunos a aprender com essa experiência e não para repetir os erros. Eu acho que, eu acho que esse deveria ser, deveria ser essa a orientação que o professor de História devia seguir para poder fazer seu ofício. Eu acho que é isso. A gente podia falar de outros aspetos da profissão do professor de História, mas eu acho que essa, é a mais marcante, infelizmente eu acho que essa é a mais marcante. Você visita um curso de História na Universidade Federal, você vai lá no Campus daqui, da UFPE, e você chega lá no curso de História, lá no CFCH, impressionantes, os caras estão, com aquele discurso revolucionário. Aquilo, aquele negócio já mostrou mil vezes que é, que aquilo não funciona e eles estão lá repetindo aquilo, repetindo. Mesmo que tenha um professor ou outro, que não esteja vestido a camisa, mas a impressão que dá, é que a maioria é, são encantados com certas ideologias e ficam doutrinando os alunos. É lamentável, mas eu acho que é essa sim, a imagem que o professor de História tem e, não é uma imagem equivocada não na mente não. Beleza?

Entrevista P10

1. Identificação do Entrevistado

Gênero: Masculino
Naturalidade: Recife – PE.
Data de nascimento: 06/05/1976
Formação: Licenciatura Plena em História; Especialização em Ensino de História das Artes e das Religiões.
Ano de início da graduação: 2000
Tempo de magistério: 5 anos e 11 meses
Níveis ou modalidades de ensino em que mais atuou: Ensino Médio

2. Condição social

Por que escolheu a carreira de professor?

R= Vocação.

Qual a sua condição socioeconômica à época?

R= Classe média baixa, na época em que eu comecei a atuar como professor.

3. Formação de professores em História

Você considera que a sua formação inicial foi boa? Quais pontos fortes e fracos, você ressaltaria sobre a mesma? Se pudesse mudá-la o que retiraria ou acrescentaria? Justifique a sua posição.

R= Vamos lá, por partes, você consideraria que a sua formação inicial foi boa, sim, como toda formação em História a crítica que eu faço, já respondendo as outras questões, é que ela é muito ainda teórica, especialmente no campo da licenciatura, já que você vai ter uma experiência didática, você vai ter que ter uma experiência com alunos em sala de aula, eu acho que o conteúdo da cadeira deveria ser mais voltado para a integração com o currículo da escola de ensino fundamental e de ensino médio, óbvio que você precisa de um conhecimento mais abrangente, mais aprofundado, mais há uma desconexão entre o que você vê na faculdade e o que você vai ensinar na escola em si, então eu acho que essa interligação é necessária hoje para melhorar a capacidade do professor ao vir dar aula, a gente fica muito na base do improviso, vamos dizer assim, você não tem muita conexão com o que você aprendeu na faculdade e com o que você vai efetivamente lecionar, está dentro do mesmo universo, é abrangido pela grade curricular da faculdade mais em um outro nível, há uma diferença muito grande, um abismo muito grande entre a História que você vê nos bancos da faculdade e a História que você vai ensinar aos seus alunos. Não só pedagógicas e didáticas mais também do direcionamento do agente público ou privado ao qual você está ligado, a orientação pedagógica da rede de ensino ou da escola ela vai influenciar no currículo, a forma como você vai dar os conteúdos que você vai trabalhar, e aí isso é muito desconexo com o que a gente vê na faculdade, então uma sugestão que eu daria, seria essa outra sugestão, que a gente tivesse mais tempo de prática, nós temos duas cadeiras de prática de ensino dois semestres é um ano e é muito pouco, sua experiência prática na graduação ela vai ser muito pouca em relação às situações que você vai pegar em sala de aula, então o professor sai muito verde, muito cru do curso com muita teoria e pouca prática, acho que essa

é uma crítica quase que geral, então se as faculdades, os currículos das faculdades pudessem integrar, como é por exemplo, mal comparando, nas áreas técnicas ou nas áreas de ciências médicas onde o aluno já começa no II, III período a estagiar, a ir no hospital residência, a ir em um hospital escola, e ai você tem uma parte da carga horária prática e uma parte da carga horária teórica isso a gente só vai ter na graduação em História no final do curso, então você tem um hiato muito grande e um tempo muito pequeno de prática para ser logo após jogado em uma sala de aula, então eu acho que essa seria a sugestão que eu teria a fazer. No geral a formação, pelo menos na faculdade que eu fiz, eu me formei na Universidade Federal Rural de Pernambuco, a grade curricular em si é bem abrangente, bem extensa bem aprofundada, agora falta na minha opinião essa conexão entre o que se aprende e o que você vai ensinar.

4. Competências/saberes

Utiliza habilidades, que possui em outras áreas na sua prática docente?

R= Sempre, eu acho que também uma outra coisa que a gente pode analisar, as questões, por exemplo, burocráticas, que você vai encontrar, preenchimento de caderneta mesmo que ela seja caderneta eletrônica, você vai ter que ter um conhecimento de informática específico, a própria formulação de provas você vai ter que ter um conhecimento de formatação de tabelas ou de texto. Na própria prática de sala de aula a empatia, a habilidade de se comunicar com os alunos, com a direção, com a coordenação isso não é ensinado na faculdade isso não é matéria curricular na grade, e você não é na formação treinado, entre aspas, para isso, você não tem, por exemplo, uma cadeira de relações sociais dentro do curso de História, e que você precisa o tempo todo, seja com aluno, seja com a direção, seja com a coordenação, seja com a família, com o pai do aluno, você está sempre negociando, então essa habilidade que não é uma habilidade histórica, vamos dizer assim, não é uma habilidade aprendida no curso de História, é um desses saberes que você utiliza o tempo todo. Saberes matemáticos, mesmo que simples, rudimentares, tirar uma média, distribuir pontos em atividades, então tudo isso você utiliza muito o tempo todo.

5. Currículo

Como você avalia os conteúdos específicos de História, em sua formação inicial?

R= Continuando a resposta da questão 3, eu acho que falta essa conexão, obviamente se você for fazer um curso para que de lá você sai como pesquisador bacharelado em História, eu avalio que os conhecimentos são bem úteis e suficientes, agora na parte pedagógica, eu acho que falta justamente essa conexão entre o que você aprende na faculdade e o que você vai utilizar em sala de aula, a formação é boa eu acho que é suficiente para quem quer começar a carreira como professor de História, agora você vai correr atrás, e muito, para adequar aquilo que você aprendeu com o que você vai ensinar, muito porque o material didático que nós temos para ensino fundamental e ensino médio ele está muito aquém do material que nós utilizamos no curso de História, é um outro nível de conhecimento, você vai ter que naturalmente adequar o que você aprendeu com o que você vai ensinar, eu acho que o que deveria ser trabalhado é diminuir essa distância, você ter na prática, por exemplo, em nenhum momento no meu curso nos foi apresentado, por exemplo, um livro didático do ensino médio ou do ensino fundamental, é com esse material que você vai trabalhar, se a gente ficar muito na teoria, nas teses acadêmicas, e no material que está surgindo de pesquisa, e esquece que quando o professor termina o curso ele vai ter de ir para uma sala de aula, e ai muitas vezes você se depara com um nível de exigência que está muito aquém do que você via na faculdade, então você vai ter que adequar o seu discurso, e aí experiência própria, eu vejo muitos colegas que tem essa dificuldade de descer do nível, e aí o professor de História é sempre aquele chato que fala muito que fala complicado, porque não teve essa orientação, isso ai você tem que lutar contra o tempo todo,

como é que você vai adequar o seu conhecimento adquirido na faculdade com o com o conhecimento do teu aluno que está na tua frente, isso deveria ser um pouquinho mais trabalhado na faculdade, mas.

6. Ensino de História

Você percebe algum direcionamento oficial sobre a forma como os conteúdos devem ser ensinados?

R= Se a gente for pensar que o livro é escolhido pelos professores, a cada 3 anos nós fazemos a escolha do livro didático, só que esse livro didático vem com uma, como é que eu posso dizer, já vem predeterminado uma quantidade X de livros pré-aprovados, quem pré-aprova isso é o MEC, que pré-aprova para que dentro daquele universo você escolha um, para sua escola ou para o seu grupo de escolas. Diretamente a gente vai ver uma interferência maior nas questões burocráticas, mais você tem um programa didático a seguir que já vem pronto, formatado da secretaria de educação, a interferência ela é imediata e é palpável, você tem um programa, um currículo a ser cumprido, não estou dizendo que isso aqui seja ruim ou bom, não estou fazendo nenhum juízo de valor, mas como a pergunta que você fez: se você percebe algum direcionamento oficial, eu não percebo, ele existe, não é questão de perceção não, você é obrigado, entre aspas, você tem uma pequena liberdade, mas você é obrigado a cumprir um programa que não foi determinado por você, já vem pronto da secretaria de educação, então há sim um direcionamento para o conteúdo de História ser trabalhado. Vou-lhe ser sincero, aí tem duas situações conflitantes, a gente tem um discurso que prega a formação do cidadão critico, participativo, pensante, e nós temos ao mesmo tempo uma pressão, vamos dizer assim, corporativa, para que se cumpra um programa, então você acaba não tendo muito espaço para reflexão, sempre tem um cronograma com uma quantidade X de conteúdos que tem que ser trabalhados, eu não vejo hoje um direcionamento como havia, por exemplo, na época da ditadura que o conteúdo era especificamente trabalhado com o objetivo X, tecnicista, apaziguador, que retirava a reflexão do indivíduo, não, hoje inclusive é estimulada a reflexão, e até pelas novas mídias sociais, as novas tecnologias, o aluno naturalmente ele vai pesquisar em outras fontes, tem outros pontos de vista, eu não vejo por esse lado, mas indiretamente você acaba direcionando aquele aluno para um ensino tecnicista, mesmo que não seja no discurso, na prática acaba sendo, e a pressão, mesmo porque na nossa realidade aqui na EREM, nós estamos em uma comunidade carente, onde a pressão pelo trabalho é muito forte, para encaminhar esse jovem para o mercado de trabalho, isso acaba sendo incorporado como um valor, não faço juízo de valor não vou aqui dizer se isso é bom ou ruim, mas é a realidade que a gente vê, eu acho que hoje para quem está aqui, é muito mais confortável e reconfortante saber que um aluno meu saiu para trabalhar em uma empresa do que se envolveu com o tráfico de drogas, a gente acaba mesmo que inconscientemente direcionando, oh, estude para que você tenha sucesso profissional, mesmo sem querer, sem estar no programa oficialmente, a gente acaba direcionando para esse lado até por uma questão quase que natural, mas eu não vejo uma pressão oficial do conteúdo para que se formem trabalhadores ou para que se formem cidadãos pacatos e ordeiros, a tônica é que se formem cidadãos reflexivos, participativos, agora a prática também está muito distante da teoria por uma série de fatores.

Qual deve ser a melhor forma de se ensinar História? Justifique sua posição.

R= A pergunta de 1 milhão de dólares, qual a melhor forma de ensinar História? Eu acho que o ideal é que você conseguisse conectar os conteúdos de História com a realidade prática do aluno, mas aí é como eu falei você tem um programa a ser seguido, então por exemplo, vamos trabalhar História oral. Você pega o programa de História, se for analisar do início do ensino fundamental, os anos iniciais, lá o primeiro ano que seria a antiga alfabetização até o 9º ano, você vê da Pré-História a idade contemporânea, e aí repete isso de novo em 3 anos no ensino médio, que é o nosso caso aqui, então é um conteúdo extenso demais para que você trabalhe criticamente, você está, por exemplo, dando uma aula de Pré-História, um aluno está preocupado com que vai comer à noite, ele não vem para o

colégio, isso não interessa, e aí você não pode, por exemplo, fugir desse conteúdo e fazer uma análise crítica da realidade dele, focar, por exemplo, em o porquê que ele mora em uma favela, como é que surgiu aquela favela, como é que surgiram as favelas, o processo de empobrecimento da população brasileira, você vai trabalhar isso em História do Brasil no terceiro ano do ensino médio ou segundo ano do ensino médio, acaba havendo uma desconexão entre o conteúdo e a realidade do aluno, e aí para você ensinar História desse jeito é complicado, e aí eu posso dar o meu exemplo, o que é que eu tento fazer para estimular o aluno, eu tento por exemplo trabalhar com a linguagem deles de uma forma coloquial tentando fazer o "link" desses acontecimentos do passado, desses acontecimentos históricos com a realidade que eles têm, não é fácil, e em muitos casos não dá para fazer esse "link", então você tem que dar realmente o conteúdo em si. É uma matéria que exige muita leitura, o que os nossos alunos não estão habituados, História é fundamental leitura e compreensão, e aí hoje é uma realidade, não só para o aluno de escola pública, mais especificamente, ou de uma forma mais palpável, para o aluno de escola pública. Nós vivemos hoje uma geração que não lê, e aí é complicado, é uma comunicação instantânea, sem significado, imediatista e palpável, nós hoje vivemos numa geração do palpável, do sentir, não é à toa que essas mídias sociais partem muito para a imagem, para a imagética, a "mensagenzinha" do "whatsapp", o que é, uma "fotinha" com o texto pequeno, porque eles são muito do sensível, você pega o próprio livro didático de História hoje, qual o livro que faz sucesso, aquele que tem bastante figura, eles são muito do ver, do sentir, a reflexão está muito aquém do nosso aluno, isso não só na escola pública, na escola particular também, em menor medida, até por uma questão sócio econômica, mas é uma realidade presente. O problema maior, eu acho que hoje não é nem da sociedade brasileira mas da sociedade ocidental, onde os valores como leitura, conhecimento adquirido, acumulação de saber, estão perdendo valor hoje com o advento dessas ferramentas de pesquisa, você não precisa saber de um acontecimento de 500 anos atrás, você abre lá o navegador, abre o site de pesquisa e coloca o que você quer e no telefone no celular você tem a informação imediato, não precisa lembrar o que aconteceu na revolução francesa ou o significado das cores da bandeira da França, você vai lá no "google." E aí é um outro problema, de onde estão vindo essas informações? O que eu acho que é uma outra discussão, mais assim, a melhor forma de se ensinar História hoje seria, esse tentar aproximar o conteúdo da realidade do aluno, nem sempre é possível, mas eu acho que isso acaba despertando o interesse maior no aluno, agora não é fácil, não é uma tarefa fácil.

Que uso você faz das tecnologias de informação e comunicação no seu cotidiano profissional?

R= Eu procuro utilizar o máximo que eu posso, dadas as condições de trabalho, as novas tecnologias, o uso básico que nós temos aqui, pelo menos que eu tenho aqui na escola é o data show, a internet e os "dvd's", e assim, a gente hoje esbarra em uma complicação de utilizar as mídias, os nossos alunos a partir do segundo ano recebem os "tablet's", o governo, em uma iniciativa até louvável, ele fornece "tablet's" educacionais para os alunos, só que a prática ela é complicada, como eu falei, não há o interesse hoje do aluno em leitura. Eu acho que o uso do "tablete" ele passa por vários problemas, esse é um deles, a forma como foi pensado o trabalho na SEDUC, por exemplo, nós não recebemos capacitação para trabalhar com esses "tablet's", os professores não foram apresentados ao equipamento, eu não sei o que tem no "tablete" do meu aluno, eu sei porque eu peguei um, pedi emprestado ao aluno e fui xeretar, esse é um dos problemas, eu acho que não é o mais grave porque em muitos casos vem o material didático, eles recebem, por exemplo, eu acho mais de cem títulos da literatura nacional em livros digitais para que eles leiam, a questão é, o que o aluno vai fazer com isso, qual o interesse do aluno nisso, é comum, nós vermos os nossos alunos formatando esses computadores, apaga tudo, colocam outro sistema operacional, e vai utilizar para jogar ou acessar o "facebook" ou para acessar as mídias sociais, eu acho que faltou à secretaria de educação, ao governo do estado, essa sensibilidade, é louvável, eu acho interessantíssimo a iniciativa do governo de doar esses computadores, como foram doados aos professores computadores em um outro programa que foi o professor conectado, mas o que eu acho que falta hoje é essa perceção de que essa educação formal de ter o conteúdo didático adaptado para o aluno naquele "tablete" ela não está mais

funcionando, o aluno hoje tem outros interesses, você coloca essa ferramenta na mão dele, você pode colocar com o melhor conteúdo didático que você puder encontrar no mercado, ele não vai nem abrir, a primeira coisa que ele vai fazer é um formate C: inserir o pen drive com um outro sistema operacional e aproveitar a máquina física, que ele não tem mais o interesse no conhecimento, e aí a gente esbarra em um problema que é a própria função da escola hoje na sociedade. Eu acho que a tecnologia pode ajudar, eu vejo que os meus alunos se interessam muito mais quando eu trago uns slides, ou quando eu trago um documentário, ou um filme mesmo e a gente faz as adaptações para a sala de aula, é mais interessante, agora resolve o problema do aprendizado? Não, estimula, um ou outro aluno chega professor assisti de novo aquele filme que o senhor passou, que o senhor indicou, gostei, mas é um ou outro, no geral o aluno vai pôr esse meio aqui, eu preciso de uma informação tal, ele vai lá no "google", no próprio celular ou no "tablete" que recebeu, e pega a informação de imediato, até sem se preocupar com a fonte, então eu acho que a gente vive um dilema hoje, as novas tecnologias elas servem hoje como um atrativo, mas na minha opinião ainda não são a solução para o problema do interesse da educação do aluno, isso aí é uma coisa maior que precisa ser pensada, qual o papel da escola hoje? O que é que o aluno vem fazer na escola? E o que é que a escola oferece ao aluno? Mas digitalizado, não há mais aquele discurso da marginalização, você hoje pega em qualquer favela dessa você tem nem que seja uma "gatonet", de forma clandestina ou irregular, mas que permite ao morador acesso a todo o conteúdo que está disponível para o cara que está lá na Suíça na Suécia na sua grande empresa, os dois têm acesso ao mesmo conteúdo. O acesso à internet, eu acho que o problema vai ser outro, o que fazer com essa internet? É o que a gente se depara o tempo todo aqui, o que é que meu aluno em sala de aula, ele faz com o "tablete"? Acessa o "facebook" ou vai jogar eletronicamente com outras pessoas, ele não utiliza essa ferramenta para aquisição de conhecimento, e aí vem a outra questão, para que adquirir esse conhecimento? Se eu tenho ele de forma imediata pelo meio digital, é o dilema que a gente passa hoje, eu procuro utilizar essas novas tecnologias da informação como forma de atrativo, mas com essa ressalva, que eu não acho que seja a grande solução para o dilema que a educação vive hoje.

Você realiza atividades interdisciplinares, encontra dificuldades para realização das mesmas?

R= Até como uma filosofia de organização, a escola preza pela interdisciplinaridade, sempre que possível nós estamos fazendo projetos que reúnam várias outras cadeiras, várias áreas de conhecimento, aqui a gente não encontra muita dificuldade, graças a deus nós temos uma equipe bem consciente dessa necessidade, e aqui a gente consegue trabalhar tranquilamente, temos equipamentos, materiais, a gente encontra o apoio da gestão da escola, da secretaria de educação, isso é muito incentivado como política educacional para as escolas de referência, é quase como uma obrigação você ter projetos interdisciplinares, a gente vê que alguns projetos o resultado é bem satisfatório, em outros nem tanto, como em tudo na vida tem que haver uma adequação, mas a gente consegue trabalhar sim sem maiores problemas.

7. A profissão de professor

Que avaliação você faz da profissão de professor de História hoje?

R= Gostaria muito Vlademir de lhe dizer que é das mais importantes, que assim eu penso, eu acho que o professor de História, eu acho que o professor em geral e o de História mais especificamente, ele tem a oferecer ao aluno uma perspetiva de mundo, de entendimento da realidade, que com outras matérias ele não consegue, agora na prática, nós somos, vamos dizer assim, nós estamos na rabeira da cadeia alimentar, até para uma política de estado, hoje você sabe que o grande foco tanto do governo federal como dos governos estaduais e municipais é a proficiência do aluno em português e matemática, então há um foco generalizado em que o aluno aprenda português e matemática, a própria distribuição da carga horária, se a gente for analisar o professor de História tem duas aulas semanais em cada turma, cada aula de 50 minutos, então é como eu já te falei, o assunto de História

vai desde a Pré-História até os dias atuais, para você trabalhar em duas aulas por semana, já mostra que a matéria ela é sub valorizada, a atuação do professor de História ela é relegada a um segundo terceiro plano dentro de uma grade curricular, a minha opinião pessoal é de que não deveria ser assim, e a gente cai no discurso do aluno, perdão, protagonista, do aluno pensante, mas que na prática não é bem assim, você pega outras matérias como sociologia e filosofia por exemplo o professor só tem uma aula por semana, a área de ciências humanas que levaria o aluno a uma atitude mais reflexiva ela é subdimensionada, ela é subvalorizada, principalmente no estado, eu avalio que a profissão de professor de História é uma das mais importantes dentro de uma grade curricular como aqui nós temos hoje, agora na prática ela é subvalorizada subdimensionada. Eu acho que a tendência é que a coisa fique ainda mais tenebrosa, eu acho que o futuro como se apresenta hoje, se nenhuma intervenção real para valorização da educação seja feita, é que nós vamos ter cada vez mais, e aí sim, voltando para uma política realmente de estado, um ensino tecnicista, você vai ter uma proliferação de escolas técnicas onde o conteúdo acadêmico vai ser relegado a segundo plano e o conteúdo técnico vai ser o carro chefe. A educação à distância ainda abre uma possibilidade mais interessante Vlademir, que é a introdução de um conteúdo mais acadêmico, porque na educação à distância, e aí sim, de alguns cursos que eu acompanhei participei, ela puxa muito pela responsabilidade do aluno, enquanto que na presencial pública, a gente tem hoje muito uma responsabilização do professor, na educação a distância o aluno é responsável, em grande parte, pelo seu resultado, se ele cumpre aquelas metas que muitas vezes são bem rigorosas de você se conectar todo dia, de você realizar uma atividade a cada 2 ou 3 dias, que não há esse rigor, essa exigência na presencial, seja ela pública ou particular, então você tem uma carga muito maior de responsabilidade para o professor, não vejo como isso vai ficar no futuro, e a perspetiva pelo que eu estou vendo agora é que a coisa se complique ainda mais, o professor seja cada vez mais relegado a um segundo plano nas áreas de ciências humanas. Você tem um incremento ainda maior de português e matemática e de aulas técnicas voltadas para o mercado de trabalho, espero que não, espero estar errado, mas essa é a minha visão para daqui a um tempo não muito distante.

Entrevista P11

1. Identificação do Entrevistado

Gênero: Masculino
Naturalidade: Olinda – PE.
Data de nascimento: 30/09/1978
Formação: Licenciatura Plena em História; Especialização em Ensino de História (UFPE).
Ano de início da graduação: 1996
Tempo de magistério: 20 anos
Níveis ou modalidades de ensino em que mais atuou: Ensino Médio

2. Condição social

Por que escolheu a carreira de professor?

R= Olha eu tive muita influência primeiro de um tio que é historiador, então a escolha por História já partiu dessa questão de família, inclusive eu ganhei muitos livros dele e isso me despertou muito, eu pensei em fazer a minha graduação em filosofia, que também muito me chamava atenção, mas por questão de mercado de trabalho eu conversando com alguns parentes, com algumas pessoas, eu resolvi optar por História, eu sempre gostei muito da erudição, sempre achei o profissional de História, seja pesquisador, seja ele professor, de uma erudição e de uma consciência política, que para um aluno que pegou a herança da ditadura militar, na qual não éramos muito estimulados a pensar, eu ficava deslumbrado com isso, então foi uma opção muito pelo sonho de ter aquela erudição. Também estava-me envolvendo com o movimento estudantil quando eu estava no ensino médio, o contato com a UESPE, na universidade me envolvi mais ainda, e cada vez mais o fascínio pela, foi aumentando.

Qual a sua condição socioeconômica à época?

R= Bem, eu não saberia definir exatamente, não, longe de classe média, eu colocaria como pobre, mas com momentos mais difíceis, momentos menos difíceis, mas classe pobre mesmo, até porque minha mãe teve que me criar sozinha, com muito esforço para poder ajudar a terminar os estudos, porque embora aluno de escola pública e de universidade pública, mas as despesas com passagem, com alimentação, com livros, com vestuário, enfim.

3. Formação de professores em História

Você considera que a sua formação inicial foi boa? Quais pontos fortes e fracos, você ressaltaria sobre a mesma? Se pudesse mudá-la o que retiraria ou acrescentaria? Justifique a sua posição.

R= Eu achei que foi boa em até certo ponto, e não foi boa em outro ponto, quais são esses pontos, foi muito boa como pesquisador, a minha universidade me formou, embora sendo licenciatura, Universidade Federal de Pernambuco, e não existia na época a escolha inicial entre licenciatura e bacharelado, então todos entravam e somente no final do curso optavam, pagariam as cadeiras específicas de bacharelado ou as cadeiras específicas de licenciatura, o que acontecia era que as aulas praticamente eram para bacharéis, eram aulas para formar cientistas, ou seja, eu vim aprender o que era ser professor na prática, até porque é uma formação que dura a vida toda, você nunca termina, a universidade estava muito engessada para esse ponto, para discutir as questões de sala de aula. As

aulas na universidade são totalmente opostas aos princípios pedagógicos que se defende nas vanguardas das teorias educacionais, então a questão de construtivismo, da filosofia construtivista, nada disso era nem debatido nem colocado em prática, até porque a aula era muito verticalizada, o professor ele chegava se colocava como dono do conhecimento e o papel da gente era somente estudar, absorver, tentar absorver e estudar, e se virar com as fontes que ele direcionava, que ele indicava, eu vim a discutir um pouco educação quando comecei a pagar as cadeiras de educação, aí a gente começa a discutir um pouco mais o que é educação, e mesmo assim, muito na teoria, nada voltado, o tempo de prática é muito pequeno, que é aquela parte final na qual a gente tem a prática 1, que a gente vai caracterizar a escola vai, observar o trabalho, o funcionamento de uma escola em vários níveis, e na 2, que a gente vai para a regência, que inclusive é feita de uma forma muito deturpada, porque pensam que o estagiário, ele vai ser o regente, não deveria ser a regência, mais uma regência acompanhada orientada como se fosse uma residência. Primeiro eu mudaria o currículo, eu acho o currículo ele muito ultrapassado, apesar de que a discussão de currículo é muito ampla, que a gente vai trabalhar em várias modalidades de currículo, mas o currículo oficial do concurso de História ele ainda é muito europeizado, principalmente francês, então é muito negligenciada por exemplo a História da África, a História local claro que a universidade já deve ter avançado um pouco mais nisso, mas na minha época a formação era muito a escola dos annales, as fontes, eram geralmente, fontes de franceses, enfim, então eu começaria pelo currículo para poder mexer, não apenas na estrutura do conhecimento, mas depois também no formato das aulas. Como é que você pode, você é cobrado a ter uma postura de educador, mas onde você é formado não se tem, então há uma dicotomia muito grande entre o que se ensina, o que se trabalha nas universidades, e o que é cobrado da gente em condições extremamente complicadas na educação básica, então eu começaria, eu acho que o essencial seria, tem outras coisas que não me vem agora a mente, mas eu começaria pela questão do currículo, isso me impactou muito foi um "obstador" muito grande.

4. Competências/saberes

Utiliza habilidades, que possui em outras áreas na sua prática docente?

R= Olhe, é, eu ainda não vi nenhuma escola, eu não presenciei nenhuma que coloque isso da forma como deveria ser, embora a gente poderia até aqui entrar numa discussão de que habilidades nós estamos falando, que você especificou, competências não é, quais são as competências, uma coisa é você ser habilidoso outra coisa é você ser competente, embora elas se complementem, se completem, mas há uma diferença semântica ai, então eu vou puxar isso para o lado da educação por projetos, porque o conhecimento ainda hoje ele é muito compartimentado, agente bate muito nessa questão, mas ainda hoje mesmo se discutindo teoricamente, mas na prática ainda é muito compartimentado, cada um faz o seu, na área de História em, quanto tentam fazer alguma coisa que falam que é interdisciplinar, não é, a gente pode falar em uma atividade multidisciplinar, pluridisciplinar, contatos disciplinares, mas interdisciplinaridade eu ainda não vi em local nenhum, mesmo aqueles que dizem que colocam em prática, porque eu entendo que para você ter uma educação por projetos, e principalmente, projetos interdisciplinares, você tem que trabalhar com problemas, para aí você ter, ah! Vamos trabalhar um tema, aí na matemática você pode trabalhar isso, em ciências você pode trabalhar isso, em História você pode trabalhar, não, isso são contatos multidisciplinares, não aprofunda, agora quando você coloca, vamos pegar a questão da água em São Paulo, vamos trabalhar ai a questão dos recursos hídricos, você vai estar utilizando habilidades de várias áreas, a questão dos recursos hídricos ponto, é a questão política, e aí a gente começa a perceber que a questão em São Paulo e mais política do que técnica, aí você tem um trabalho interdisciplinar, porque você vai utilizar enfoque da resolução de um problema, habilidades e competências de várias áreas com uma maior profundidade, eu não vi, e mesmo quem tenta colocar em prática tem uma resistência muito grande, não somente entre os colegas, mas principalmente em relação à gestão, porque tem essa cobrança bancária da nota, o aluno, principalmente com essa visão de meritocracia que está hoje na educação aqui em Pernambuco, o aluno ele tem que ter um desempenho, e aí ele vai ser avaliado, além das

provas internas, as provas externas, e ele tem que ser bem-sucedido nessas provas, então se cria toda uma mobilização da escola em prol disso, mas não em prol do conhecimento, é mais importante que o aluno atinja a meta, aquelas metas, tanto o aluno, quanto os professores, principalmente em duas disciplinas, que também eu considero que são básicas, que você para dominar outras áreas de conhecimento, no mínimo, você tem que ter um certo domínio da língua mãe e do raciocínio lógico, mas se esquece o princípio primeiro da educação, de uma educação mais ampla, de uma educação que visa formar, de uma educação cujo objetivo vai muito mais além do que números, então você tem muita resistência, é muito difícil mesmo quem quer colocar, é muito difícil colocar em prática porque isso demanda tempo, demanda muito esforço, demanda experiências, que é como você andar de bicicleta, que você vai tentando fazer e não consegue, cai, e levanta, e vai e vai, só que na educação isso não é coisa que você vai conseguir fazer do dia para noite, é uma coisa de médio a longo prazo, e também tem a questão da falta de investimento, investimentos que são mal feitos, por exemplo, uma linguagem que se fala muito na educação hoje é a tecnologia, então vamos utilizar as mídias, vamos trabalhar o aluno para que a gente contemple esse fato de que ele é um aluno midiático, diferente de nós ele é nativo, eu não sou contra, só que o investimento é feito errado, então isso já é também um outro obstáculo, então novamente a tecnologia que poderia libertar, mas historicamente ela só faz escravizar, é isso aí, eu estou me referindo especificamente a essa política dos computadores, dos "tablets", que são dados de forma aleatória, sem nenhum projeto, e sem estrutura para que o professor, ele possa fazer um trabalho mais efetivo.

5. Currículo

Como você avalia os conteúdos específicos de História, em sua formação inicial?

R= Agente recai naquela questão de uma História europeizada, vou até utilizar um europeu, citar um europeu para refutar essa visão, Jacques Le Goff, ele dizia "se você quer fazer a História do mundo faça a História do seu bairro", como é que a gente começa a estudar, como um conteúdo específico de História, uma coisa tão geral, uma coisa tão distante da nossa realidade, quando nós não somos capazes nem de compreender a nossa realidade local, a nossa identidade, dentro da comunidade, na sua rua, nas relações que foram construídas dentro daquela comunidade, dentro daquele bairro, não vou dizer também que foi, que é ruim, foi bom para minha erudição, para minha erudição foi ótima, eu tive grandes professores nessas várias cadeiras específicas, no entanto eu senti uma falta, que isso aí somente depois, através de pesquisa buscando esse conhecimento, mas que não foi disponibilizado de uma forma mais fácil, de uma forma mais alcançável, mais tangível na universidade, e isso acaba sendo reproduzido com os alunos, porque isso faz parte de um currículo que vem da educação superior e se reflete na educação básica. Como agora mesmo estou trabalhando o feudalismo, mas às vezes eu penso será que é tão relevante, mas está dentro currículo do aluno que se eu não trabalhar ele vai fazer uma avaliação externa e vai ser cobrado por isso, e não vai dominar, aliás, dominar é meio complicado a gente atingir isso, mas pelo menos adquirir as competências, os conhecimentos básicos, para que possa até utilizar em outros conhecimentos, em outras áreas, como a questão de ser capaz de ler mapas históricos, de ser capaz de se localizar no tempo, porque uma coisa tão básica mas que professores e alunos às vezes tem dificuldade dessa localização do tempo, tempo espaço, até por ser uma coisa bem cultural, mas uma crítica a formação inicial, mas a gente aprende de uma forma linear, de que História é aquela coisa linear, certinha, apesar de vários professores já combaterem isso, mas uma coisa é você combater na teoria, outra coisa é quando você vai colocar no quadro e você constrói seu projeto de aula extremamente linear, muitas vezes nega até o conhecimento que o aluno traz, que o aluno da universidade no mínimo, ele já passou pelo fundamental, pelo ensino médio, então ele tem uma coisa a acrescentar da vivência na comunidade, na vivência, enfim, na internet principalmente nos dias de hoje.

6. Ensino de História

Você percebe algum direcionamento oficial sobre a forma como os conteúdos devem ser ensinados?

R= Totalmente, principalmente através de projetos que a gente não tem participação nenhuma, já vêm prontos para serem executados, para serem colocados em prática. Eu, especificamente, adotei uma postura política de não aceitar, não aceito, ainda tento trabalhar da forma que eu acho que é, não sei se a mais correta, mas que eu considero que seja o melhor para o aluno, do que trazer uma coisa pronta acabada sem nenhuma reflexão a respeito da vantagem da efetividade disso. Sim, principalmente, cada vez mais eu percebo que os livros eles estão perdendo cada vez mais o conteúdo e dando mais espaço para a imagens, para as questões de provas que estão em evidência, provas nacionais como é o caso do exame nacional do ensino médio, que até certo ponto tem mudanças positivas, mas perde um pouco na análise de determinados conteúdos, e também na postura que têm em relação a determinados temas, como eu vi, por exemplo, um livro, não lembro agora exatamente o título, mas que o Ministério da Educação e Cultura reprovou o livro, simplesmente, porque o livro tinha um direcionamento político diferente do governo atual, agora algumas mudanças foram boas, eu vejo que trazem mais documentos, a diagramação de alguns livros estão melhores, eu vejo algumas vantagens, mas ainda tem alguns direcionamentos, que principalmente, não só direcionamentos, mais negligenciamentos também, algumas coisas são negligenciadas, a História da África, a História dos movimentos populares, se dá pouca atenção. Está se trabalhando muito no campo do imaginário coletivo, da Micro História, trazem muito isso, mas é como assim, saem de uma teoria e vão para outra totalmente diferente, oposta, sem contemplar também que alguns temas são importantes, então eu vejo nesse sentido, alguns direcionamentos eu acho interessantes, e outros, nem tanto.

Qual deve ser a melhor forma de se ensinar História? Justifique sua posição.

R= Eu acho que não existe uma melhor forma de ensinar História, porque cada realidade será uma realidade, eu também não acredito que alguém ensina algo a alguém, o que eu acredito é que a partir do grupo que você está trabalhando, a partir também da sua formação, dos seus valores, você consegue construir determinadas experiências, determinados conhecimentos ou não, se vai ser efetiva ou não, cada caso é um caso, o que eu desconfio é você ter um modelo de ensinar, aí é totalmente contrário, porque as demandas são muito diferentes, até mesmo as realidades são diferentes, e mesmo dentro de uma sala de aula a universalidade de indivíduos é muito grande.

Que uso você faz das tecnologias de informação e comunicação no seu cotidiano profissional?

R= Eu utilizo muito na própria produção de documentos, a gente trabalha muito produzindo documentos, então tem um projeto, que é o uso de mídias na aula de História, no qual o aluno, ele deixa de ser um espectador da mídia, invés de a gente ver apenas uma apresentação, um filme, uma música, eles passam a produzir a visão deles a respeito de determinados fatos históricos, e aí principalmente com vídeos, com músicas, que na verdade o vídeo já vai envolver várias dramatizações, várias linguagens, documentário, cenário, a música, e a própria técnica de utilizar esses mecanismos, que aí eles é que tem muito mais a me ensinar do que eu, muitas coisas eu aprendi vendo eles fazerem, eu via, começava a interagir com eles, e comecei a editar filmes bem amadoristicamente, mas aprendi com eles, muito legal mesmo. Inclusive um projeto meu foi muito elogiado na, porque o governo do estado ele tem tipo um seminário no qual ele reuni os trabalhos com tecnologia e, é uma mostra não é um seminário não, é uma mostra, e aí vai ter duas modalidades, têm a modalidade de você apresentar o que fez, e tem a modalidade de *workshop* no qual você utiliza *banners*, e eu percebi, e eu acho que talvez por isso tenha sido tão elogiado, que foi o único trabalho que realmente fez uso da tecnologia colocando o aluno como agente do conhecimento, e não de algum projeto que foi filmado de algum projeto que foi transformado em slide, não, eram os alunos

realmente, eles interagindo com o conhecimento utilizando a tecnologia como meio de produção e divulgação desse conhecimento, mas o conhecimento deles, que eles construíram, não era o conhecimento reproduzido no livro. Porque nós tivemos várias etapas, nós tivemos a etapa de apresentação do projeto, que eu apresentei o que era o projeto para eles, tivemos a etapa de organização na nossa cronologia, então tivemos um tempo para organizar os grupos, como esses grupos seriam divididos para balancear, para não criar os grupos dos alunos mais dedicados, o grupo dos mais bagunceiros, então a gente tentou mesclar isso, em algumas turmas consegui, em outras houve muita relutância porque eles são acostumados a fazerem trabalhos com aquele grupo, aí depois tivemos um tempo, que foi bem esticado, um tempo de preparação no qual eles tinham que me apresentar um projeto, o que eles iriam fazer, então eles trouxeram, apresentei como seria formato, fui tirando dúvidas, fui produzido com eles em sala de aula mesmo, e aí eles faziam esse projeto, eu avaliava com outros professores, a gente fazia uma avaliação do projeto para poder ir para a prática, ou para eles fazerem alguma mudança necessária, e aí eles começaram, construindo o cenário aqui na escola, como também eles foram para fora, se encontraram em Olinda, houve até um grupo que foi para Vila Velha em Itamaracá, porque achava que o ambiente iria ajudar, aí eles gravaram o áudio separadamente, acrescentaram o áudio no vídeo por conta da acústica, e isso eles utilizando o celular, utilizando o computador portátil, tanto o de casa quanto o portátil, enfim, pela primeira vez não fiquei chateado com o uso de celular em sala de aula. Puxando, direcionando eles para o trabalho pedagógico, e aí eu percebi uma coisa, você aprende muito, eu percebi que eles são nativos tecnológicos, mas ao mesmo tempo eles ignoram muitas coisas, utilizam aquilo que é do interesse deles, como as redes sociais, quando você sai daquele plano, ah, vamos utilizar uma produção de texto, aí você vê que eles têm uma deficiência muito grande, não apenas de domínio da língua escrita, mas das próprias ferramentas do programa, do *software*, superar com rapidez nem todos, mas conseguiram avançar bastante, até coisas bem básicas mesmo de formatar o texto, do texto estar alinhado, também na própria produção de vídeo fui dando sugestões, não deixei eles também muito sem direcionamento, até porque tinha os objetivos a cumprir, e esse fugisse muito dos objetivos, embora respeitando a participação deles, mas talvez não atingisse a, vamos dizer assim, não contemplaríamos aqueles conteúdos, que infelizmente não foram debatidos com eles a escolha dos conteúdos, porque a gente já tem um currículo imposto, mas pelo menos eles participaram muito de como dar o tratamento a esse conteúdo, principalmente, o que foi interessante que eu percebi, muitos grupos fizeram a ponte do passado com o presente que é uma coisa que eu trabalho muito, a gente não estudar o passado pelo passado, e eu percebi, claro que eu orientei muito eles nesse sentido, mas que houve frutos bem interessantes.

Você realiza atividades interdisciplinares, encontra dificuldades para realização das mesmas?

R= Eu tento, já tentei mais, mas a grande dificuldade é que nem preparados para isso nós somos, a cobrança há, mas aí que é tá, eles querem que faça, você faz qualquer coisa, diz que é um trabalho interdisciplinar, e ele oh! Que lindo! Não sabem, tanto que não sabem, que você pega muitas vezes documentos superimportantes do nosso dia-a-dia pedagógico como a caderneta, e você vê erros crassos, não aqui nessa rede, mas em uma outra rede pública você tem uma caderneta que não tem um espaço para fazer uma observação a respeito do aluno, não tem espaço para recuperação, a conclusão que eu chego, que não é baseada em estatística, mas a conclusão que eu chego é que muitos deles não entendem mesmo, os técnicos das secretarias não tem preparação, e quando tem, muitas vezes é uma preparação teórica, muito distante e às vezes de outra realidade, a gente tem muitos mineiros aqui, não é à toa que o PSB se aliou ao PSDB, mas algumas secretárias executivas de educação são mineiras, e vieram, pegaram o exemplo de lá, um projeto mal sucedido, qual o interesse nisso? Pensar a gente até pode, difícil é chegar a uma conclusão.

7. A profissão de professor

Que avaliação você faz da profissão de professor de História hoje?

R= Olhe, eu acho que a gente tem um papel muito árduo nos dias de hoje, principalmente, porque eu vejo o professor de História ainda como aquele que tem a oportunidade de discutir mais a realidade dos alunos, a realidade política, a realidade social, a realidade cultural, não apenas o historiador, o professor de História, como o historiador também, mas também os outros profissionais da área de humanas, não que os outros não possam fazer e não devam, podem e devem, só que nas humanas a gente se sente mais livre, propicia mais isso, muito mais difícil eu estar explicando equação de segundo grau e colocar uma ligação com a questão política, mas pode, com mais dificuldade, e eu acredito que até devam, mas é muito mais difícil, então eu acho que no mundo de hoje, que o aluno vive um presente perpétuo, ele só vive o hoje, o prazer rápido, o prazer fugaz, tudo imediatista, então a gente tem um papel muito grande para discutir com eles a questão temporal, o que eles estão fazendo hoje, isso vai ter consequências para o futuro deles, como para o futuro político, futuro social do país, ao mesmo tempo que a gente tem um papel muito importante a gente também tem um papel muito árduo, porque é muito difícil você remar contra a maré, é muito difícil você ir contra a correnteza, tanto que quando eu me coloquei, não sei se eu posso utilizar um exemplo pessoal, mas quando eu disse que eu me coloquei, que eu não abraçaria os projetos nem os cursos impostos pelas secretarias de educação, seja municipal, seja estadual, foi uma postura política, porque veio através de ameaças, veio através de análise de índice de desempenho que privilegia o indivíduo e não a produção coletiva, busca o mérito individual, se for analisar semanticamente ninguém é contra a meritocracia, eu acho que o mérito é algo importante, o esforço deve ser premiado, mas da forma como ela é colocada é você tratar a educação como mercado, e você trata a educação como mercado, daqui a pouco você vai ter o professor do mês, o professor do bimestre, não duvido, só que muitos colegas não entendem isso, então a omissão se torna, não que eles não tenham consciência disso mas é que a omissão se torna o caminho mais fácil, vou ficar por aqui, vou ganhar essa bolsa que o governo paga e vou sobreviver, não vou incomodar ninguém, ninguém vai-me incomodar e vou fazendo, só que isso vai ter consequências futuras. É obnubilante é obscuro, não sei, não consigo visualizar, pelo menos não de forma positiva, eu não consigo visualizar daqui a 10 anos uma situação melhor, o que eu consigo visualizar é que vão ser anos de muita luta, serão anos de muita mobilização e que se essa mobilização não acontecer a gente vai cada vez mais, não sei se a palavra é essa mais, desmantelar cada vez mais a educação, até porque enquanto a educação não se voltar para os principais agentes, e quando eu digo os principais agentes, não colocando uma hierarquia entre aluno e professor, que normalmente se vê o aluno como o principal agente, só que esquece que esse aluno, quem dá anima a esse pretendente a conhecer o patrimônio cultural da humanidade, a entrar em contato, a trocar experiências, se você não colocar a pessoa que tenta dar anima a esse ser, também como principal agente desse processo, a gente não vai para lugar nenhum, o que vai acontecer é que nós vamos ter escolas cada vez mais com cerâmica na parede, com tecnologias, com ar condicionado até na sala, alunos com "tablets", mas a educação será a mesma educação bancária de séculos atrás, será a mesma, eu não consigo visualizar dias melhores, anos melhores, o que eu consigo visualizar é que serão anos de muita luta, muito embate.

Entrevista P12

1. Identificação do Entrevistado

Gênero: Masculino
Naturalidade: Recife – PE.
Data de nascimento: 02/02/1972
Formação: Licenciatura Plena em História (UFRPE); Especialização em Ensino de História (UFRPE); Mestrando em Ciências da Educação (Universidade Lusófona).
Ano de início da graduação: 1997
Tempo de magistério: 13 anos
Níveis ou modalidades de ensino em que mais atuou: Ensino Médio

2. Condição social

Por que escolheu a carreira de professor?

R= A escolha da carreira de professor ela é resultado de um conjunto de fatores, eu coloco um pouco a questão do gosto pela área, antes mesmo de ser historiador, eu mesmo já fazia guarda de materiais que posteriormente vieram a me servir para desenvolvimento de pesquisa, um pouco a relação de experiência que eu vivenciei, experiências negativas digamos, também nesse aspeto, quando eu era então aluno do ensino fundamental, do atual fundamental antigo primeiro grau, na oitava série e sétima série, eu vivenciei experiências não muito agradáveis com a minha professora de História, eu estudava bastante e quando eu conversava, quando eu buscava o diálogo com ela, ela sempre me questionava, ou seja, fazia críticas, eu não lhe perguntei isso, não me interessa o que você sabe, não mandei você estudar isso, e como provocação eu sempre estudava mais e mais, e sempre trazia ideias novas, conceitos para mim naquele sentido novos, digamos seria até um confronto com a professora, essa foi uma experiência negativa. Vlademir, já a partir do terceiro ano, eu já tive uma experiência positiva que foi com a professora Risonarlígia, no meu terceiro ano, que eu não pensava ainda em fazer o vestibular, e a partir do meu diálogo com ela, ela mostrou as possibilidades, o porquê de fazer o vestibular, eu dizia que eu não tinha condições, que eu não tinha esse preparo todo para fazer uma federal, e ela me orientou que eu poderia fazer, ela naquele momento ministrou aulas particulares durante o período de férias dela, para que eu desenvolvesse um pouco mais esse conhecimento, e aí eu acredito foi aguçado o meu gosto pela área de História.

Qual a sua condição socioeconômica à época?

R= Na época eu era trabalhador da área de comércio, a condição financeira, era casado e tinha uma renda de atividade do comerciário, uma renda básica.

3. Formação de professores em História

Você considera que a sua formação inicial foi boa? Quais pontos fortes e fracos, você ressaltaria sobre a mesma? Se pudesse mudá-la o que retiraria ou acrescentaria? Justifique a sua posição.

R= Dizer que foi boa dizer que foi ruim isso é muito relativo, ou seja, fazer um olhar hoje do ontem, isso às vezes é até arriscado, porque você está em uma posição mais cômoda, posição mais crítica, eu diria para aquele momento, arriscando um pouco essa perceção, acredito que foi uma formação boa,

uma ou outra disciplina eu considero que houve deficiência, e aí eu particularmente procurei fazer uma leitura paralela, buscar um pouquinho mais, então foi eu acredito que foi uma boa formação dentro daquela realidade, o curso na verdade, a questão do próprio curso, o curso também ainda estava em construção, eu não fui da primeira turma mas o curso ainda não havia recebido validação pela parte do Ministério da Educação e Cultura, não tinha o reconhecimento pleno da parte do Ministério da Educação e Cultura, então era ainda um curso que estava se estruturando. O conjunto de professores era um conjunto de professores bons, tanto que a minha orientadora hoje, ela ainda é, foi minha professora na época da graduação, outros professores que eu conheço ainda hoje do antigo quadro, também hoje estão muito bem e produzindo academicamente, então naquele momento eu acredito que eu tinha bons professores, acredito que tinha uma boa estrutura. A estrutura física da universidade realmente era bastante carente naquele processo, mais na linha pedagógica atendia sim.

4. Competências/saberes

Utiliza habilidades, que possui em outras áreas na sua prática docente?

R= Sim utilizo, é o que hoje, a um tempo atrás chamava-se, que a gente utilizava como a interdisciplinaridade, hoje agente já utiliza a questão da transdisciplinaridade onde você busca um pouco do conhecimento que você detém, que você vai aprendendo aos poucos em diversas áreas, e vai tentando aplicar. Eu sempre desde que eu ingressei, e aí sempre que eu converso com os meus alunos, converso com meu filho que não é da área, mas quanto a questão da formação profissional eu digo assim, professor a sala de aula é na verdade um laboratório, é a partir dali que você vai observando seus erros, os seus acertos, você observa a prática de outros professores seus, professores que de repente você vê que é aplicável, outros pontos que não seriam aplicáveis você anula, se corrige, então com certeza eu utilizo sim.

5. Currículo

Como você avalia os conteúdos específicos de História, em sua formação inicial?

R= É como a gente acabou de discutir em um ponto atrás, o curso ele ainda estava sendo estruturado, ou seja, ele tinha a cadeia básica montada, a grade básica montada, e posteriormente eles foram sendo adequados dentro do que se tinha no curso em si, as cadeiras que havia naquele momento estavam atendendo, no caso do Brasil, Brasil I, Brasil II, Brasil III, mas por exemplo, antes de terminar o curso, já no finalzinho, até então não havíamos tido nenhuma cadeira sobre a História do Recife, e aí uma cadeira como essa eu paguei apenas no curso de férias, então há carências. Se você pergunta o que atendia, o que atendia era a cadeira de América, a cadeira de Brasil, a carência, um pouco da questão da História do Nordeste, havia essa carência naquele contexto que aí eu cobri um pouquinho, um pouco no curso de férias, História do Recife, História do Nordeste, minicursos. Nesse ponto aí, eu acredito que caminhava nesse sentido, algumas disciplinas atenderam, História Geral é aquela questão, Idade Média por exemplo, período Medieval por exemplo, nós pagamos Medieval I, II, III, se não foge à mente ok, Contemporânea muito boa, a grande falha na minha formação, e aí eu sempre comento com os meus alunos e até com alunos que estão em formação hoje em graduação, eu praticamente, eu não tive aula de História Antiga, ou seja, na época eu lembro, na época a disciplina de História Antiga a professora quando chegou, então ela já era titular, tinha PhD isso, Ph daquilo, curso isso, curso aquilo, então professora de idade antiga ela apenas chegou conversou com a turma, pontuou no quadro a bibliografia que ela trabalha e disse "oh, quando é nossa próxima aula?" Daqui a 4 meses. "Então volte daqui a 4 meses e terá a prova com vocês." Praticamente eu não tive aula de História Antiga I, no caso, particularmente eu não tive, eu suplantei isso aí, eu procurei suprir exatamente na leitura, fui buscar bibliografia, lendo, conversando. Há uma carência de História Antiga, História da Ásia, África é algo muito, praticamente, África eu não tenho lembrança a não ser duas ou três folhinhas, porque na verdade África Vlademir em termos de currículo ela só veio se fazer

presente, na verdade nós já tínhamos terminado o curso, ou seja, em 2003, 2002, o governo Lula é que ele instituiu o ensino obrigatório no currículo de História da África, mas na faculdade, História da África nada, Ásia, algo muito limitado aquela questão, aquela história do modo de produção asiático, bem básico, nada de História da China, Japão nem pensar, é uma deficiência, no caso se você for localizar, você tem deficiência, é aquela História nitidamente, História que é, aquela História que nós vivenciamos, a História europeia, nitidamente centrada na História da Europa. O Brasil entrando naquele momento das grandes navegações, a História bem resquício ainda daquela História bem oficial que a gente buscou, e aí quando eu entro em sala de aula, eu tento exatamente trabalhar quebrando um pouco essa linha, fazendo essa História de continuísmo, essa História linear, fazendo uma História mais ampla. Quando você pergunta como eu utilizei isso, eu aprendi, e aí é algo que eu aprendi observando, tentei a primeira vez, quando eu comecei a trabalhar foi trabalhando com projetos, ao longo da minha vida de escola, de sala de aula, eu sempre trabalhei desenvolvendo projetos adequados, isso buscando o perfil de cada turma, eu comecei trabalhando com projetos em turmas de 7ª e 8ª série, que projeto? O primeiro projeto que eu trabalhei, quando eu disse a você que a sala de aula é o laboratório, não quer dizer que eu vou ser irresponsável de fazer algo que eu sei que vai prejudicar a aprendizagem do aluno, mas eu posso fazer algo que eu sei que é positivo, e o que der errado eu vou tirar de lição para suplantar em uma outra atividade, então a primeira experiência de laboratório de sala foi justamente em uma escola que eu trabalhei, foi de Muribeca, uma escola privada, e eram salas temáticas, então o professor não saia da sala, era a turma que saia da sala e outra turma ocupava, então o objetivo era esse, a sala realmente, ela não tinha essa estrutura toda mas o objetivo era que fosse uma sala temática, e a partir dali eu trabalhava com projetos, ou seja, eu trabalhei o aluno, eu trabalhava determinado conteúdo e a partir daquele conteúdo ele iria desenvolver a leitura dele a partir de História em quadrinhos, eu percebi que certo grupo desenvolvia bem habilidade de desenho, eu procurei explorar aquele conhecimento dele de desenho, ele produzindo uma cartilha em quadrinhos, percebi que o outro grupo gostava muito de trabalhar com música, e aí eu, a partir daquela turma, foi uma turma de sétima e uma oitava, eles desenvolveram aquele conteúdo, passaram a reproduzir, não seria reproduzir, mas a assimilar aquele conteúdo e apresentar o conhecimento a partir das músicas, ano seguinte eu inverti, quem trabalhou com desenho trabalhou com música, e qual era a referência dele, era a referência da turma anterior, ah, mas eu nunca trabalhei com música mas a turma do ano passado trabalhou e produziu isso, vamos tentar fazer algo igual ou melhor, então eu trabalhava o projeto e quando eu fui para a rede pública, minha linha também, a primeira escola que eu entrei que é o Frei Romeu Peréa, a primeira turma que eu trabalhei, trabalhei com projetos, qual foi o projeto que eu trabalhei dentro da realidade do bairro deles. Aí eu trabalhei com eles, desenvolvi, propus, era uma proposta que eu lançava primeiro, eu lançava a proposta para eles, foi o Projeto meu Bairro, ou seja, era um bairro extremamente, apresentava dificuldades, saneamento básico, criminalidade, violência, então a partir da leitura do bairro deles, eu apresentei para eles uma proposta de eles montarem uma cartilha intitulada Projeto meu Bairro, onde eles iriam escrever um texto, escrever vários textos a partir do momento em que realizavam a observação do bairro deles, a estrutura da educação, o que é que eles observavam, quais as deficiências que a escola apresentava, eles iam produzir um livro, seria um compêndio, um livro seria um exagero, saúde, qual a realidade da saúde no bairro deles, até que ponto interfere isso no cotidiano deles, a violência, o que é que eles ouvem disso aí. Essa questão da experiência de outras disciplinas, geografia, eu buscava apoio, nesse primeiro momento eu não consegui, na verdade eu só vim conseguir um apoio de trabalho paralelo, só vim conseguir com o professor de língua portuguesa no segundo ano, mas tentei trazer o professor de geografia para trabalhar com isso, o professor de geografia "Não, isso aí não dá para mim, isso é muito chato, isso aí só vai ser mais trabalho para mim." Basicamente a ideia era essa, tentei trazer geografia não deu certo tentei trazer português no primeiro momento, também não deu certo, busquei redação, para pelo menos ela trabalhar com eles, buscando a experiência de História, buscando a experiência de geografia, buscando a experiência de filosofia, com o que eu vivenciei também na minha prática na escola privada criar esse caminho de entender o aluno, de entender a minha prática, procurando sempre melhorar.

6. Ensino de História

Você percebe algum direcionamento oficial sobre a forma como os conteúdos devem ser ensinados?

R= Sim, dependendo do livro que você fizer uso, tem é um livro a chamado a História Oficial, se tal governo está no poder, a escolha do livro didático, dos autores que chegam para as escolas fazerem a seleção final, é tendenciosa, para ligar o que eu estou falando, eu lembro muito bem, eu tenho a lembrança de uma turma que não foi, que não era essa turma do Frei Romeu, mas eu tenho lembrança que eu lecionei na escola privada na época, e aí eu estava trabalhando com os meninos a ditadura, 64, ou coisa parecida, e eu falando, e aí um aluno disse para mim: "Professor o senhor está errado." Onde é que eu estou errado em minha colocação? "Não, porque o senhor está falando isso, mas olhando direitinho assim, Costa e Silva, por exemplo, era bastante querido." Eu disse, e porque Costa e Silva era querido? "Eu olhando o livro que eu tenho aqui, essa foto do velório de Costa e Silva, quanta gente." Certo, é isso que dá referência a você para dizer que alguém é querido ou não? "É." Eu digo tudo bem não deixa de ser um ponto de referência, mas você analisou o foco do fotógrafo, é uma fotografia, no caso o olhar do fotógrafo oficial, então o fotógrafo, provavelmente, ele tomou a posição que desse o cenário realmente, o espaço que realmente estivesse cheio de admiração, ou simplesmente, também pode ser outro aspeto, ele pode, a presença aí são de pessoas, funcionários públicos que obrigatoriamente eles teriam que estar ali marcando presença, a própria ordem política instituía, então quer dizer, aquele livro querendo ou não querendo, fazia involuntário ou não, fazia essa tendência, era tendencioso, era tendencioso a fazer uma leitura disso, se você for fazer outros olhares tem até na própria história atual, a questão do governo Collor, por exemplo, é viciosa ainda a ideia de que o povo derrubou Fernando Collor, mas se você fizer uma leitura mais global a questão não é tão simples, o povo derrubou Fernando Collor. Os livros eles ainda direcionam, então o livro didático ele é tendencioso em alguns aspectos sim, mas isso também é reflexo da leitura do próprio professor, eu avalio dessa maneira, ou seja, eu não me prendo, pelo menos eu acredito que não, a linha A, linha B, linha C, eu tento fazer uma leitura até por. Mas de repente tal professor que é de tal partido político, a leitura historiográfica dele vai ser voltada ao que aquela linha de tal partido diz, tal professor de conceção religiosa X, em determinado assunto, ele também vai verificar tendência ou não, por isso quando se diz essa questão de ser tendencioso ou não, é reflexo também da leitura de vida, da identidade do professor. Agora só para fechar, se eu for levar isso para o livro paradidático, sim eu posso encontrar isso também, mas aí o segredo, se é que existe segredo em história, mas o segredo que você tem que levar para o aluno é o que a gente faz em outras formas de informação, leia vários autores, você assiste um jornal, assiste o jornal A o jornal B, de preferência o jornal C, e tente ver um ponto ou contraponto de um para o outro então, o livro a mesma coisa. Você tem Jobson Arruda que era o tradicional para a época da gente, para quem tem formação nesse período, idos já do ano 2000, Divalte, e aí você pega agora uma Joana Ferreira, uma Joana Neves lá atrás, e você pega agora Durval Muniz, você pega agora Ferreira Silva outro autor. Vai mudando o tempo e a partir de 2002, a gente sabe que a partir do governo Lula, o próprio sistema de escolha do livro didático também ele sofreu uma forte influência de favorecimento ou não, isso influenciou na forma como o camarada passaria a escrever, ou seja, eu tenho que escrever um livro para atender o que de repente o grupo que faz a seleção vai fazendo. Essa questão da tendência ou não ela é inevitável, eu vejo que é inevitável, ela é uma realidade que é até gostosa de você trabalhar, dá para você chegar para o aluno e provocar o aluno, acho isso interessante.

Qual deve ser a melhor forma de se ensinar História? Justifique sua posição.

R= Essa tua pergunta, ela bate exatamente o que um aluno graduando, agora tá fazendo, hoje pela manhã, estagiário lá também, e ele fez, a gente conversando algo assim, ele fez, professor me diga o seguinte, qual a melhor forma de ensinar, o senhor acha que eu devo deixar a sala padrão um atrás do outro, devo fazer semicírculo, meia-lua, isso e aquilo. E a tua pergunta eu digo o seguinte, isso é

minha opinião, minha leitura do que eu tento pelo menos trabalhar em sala, não existe a melhor forma, existe o melhor momento, de repente você teria em termos práticos para mim, é o melhor momento, é o momento é a turma é o feedback que você constrói com a turma. Eu tenho no caso o Frei Romeu, quando eu ingressei no Frei Romeu, estou dando o exemplo do Frei Romeu para ficar bem pautado, e é a experiência o que você está dizendo, estou tentando resgatar em mente a situação, eu vou colocar a situação bem prática, Frei Romeu assim que eu ingressei, eu gosto de contar essa historinha, ela é, ela ajuda até a me repensar, quando eu me ingressei no Frei Romeu, a época em um mês de trabalho no Frei Romeu eu recebi um grande prêmio, que foi um abaixo-assinado de todo o ensino médio pedindo a minha saída do Frei Romeu, foi o prêmio que eu recebi, ou seja, eu cheguei ao Frei Romeu, vinha de escola da rede privada, tinha um ritmo de trabalho, uma leitura do que seria o ideal para o aluno, eu cheguei no Frei Romeu com aquele gás, e no Frei Romeu trabalhando com textos, trabalhando com charges, com imagens, fazendo que o aluno refletisse a História a partir da imagem, que eu gosto bastante de trabalhar a questão da imagem. Então minhas provas, os alunos acostumados com aquela prova, quem foi? Qual é? Onde vai? Onde não vai? Eu não trabalhava assim, eu cheguei: Construa, apresente um texto, relacione isso aquilo, apresente a leitura do que a charge procura trazer, então eu botava uma charge, trabalhava por exemplo, a república velha, aí tem uma charge básica que é o voto de cabresto, é bem tradicional dos livros mesmo, eu colocava essa charge para eles e a partir dessa charge eles iriam fazer a construção do que foi a república velha, analisar o contexto político social, então isso, quando eu cheguei com essa didática na escola, com essa linha de trabalho na escola, eu achei que eu estava arrasando, vou trazer tudo que eu aplicava e via como positivo e tinha respostas, que eu já vinha a um bom tempo na rede privada, então eu já tinha alunos que estavam na universidade, eu tinha alunos que estavam já terminando o curso, eu dizia: poxa eu contribui para aquele sucesso daquele aluno a partir desse trabalho, então automaticamente eu vou levar isso aqui como proposta. Eu cheguei na escola pública, eu achei que eu estava arrebentado, levando discussão, olha construa isso, relacione isso, relacione aquilo, na quinta série fazer a leitura do texto e analisar, então eu não tinha esta preocupação de trabalhar e tal, eu tenho que fechar o livro, não, eu não tenho que fechar o livro, eu tenho que trabalhar X conteúdo, mas dentro do que o aluno assimile o suficiente para que ele chegue a sexta série e consiga dar seguimento, então muitas vezes eu não fechava o conteúdo da quinta série na quinta série, eu deixava uma cena dos próximos capítulos, vamos dizer assim, entre aspas, quando eu começava com aquela turma na sexta série eles pegavam um pouco do que era a quinta na primeira unidade, um pouco do que era a quinta para eles poderem acompanhar e encaixar na sexta, então isso aí para mim foi ótimo. Só que quando eu cheguei para o ensino médio, aí eu peguei particularmente a turma do 3º ano, eu cheguei focado em prepará-los, fazer a UPE, fazer a COVEST, vestibular, resultado, com um mês o que eu recebi quando eu vou entrando em sala, a diretora na época chamou: "Professor eu quero conversar com o senhor, eu estou com um abaixo-assinado das turmas de 1º 2º e 3º ano, eles querem a sua saída do Ensino Médio." Então centrando a sua pergunta, qual foi a forma ideal de direcionar, eu acreditava que era aquela, mas não era aquela, eu teria que entender o perfil daquela turma, para de alguma forma tentar fazer uma mescla do que eu via como positivo para o sucesso deles, e também do que eles estavam preparados, eles não estavam preparados para aquele pensar, aquela maneira de trabalhar, de construção e desconstrução, para eles aquilo é um choque, estavam acostumados com o tradicional, apesar que essa questão do tradicional eu acho muito viável haver sempre isso, o tradicional e o moderno como se coloca uma mescla, não existe só isso, nem existe só aquilo. Mas voltando ao caso dessa turma, eu praticamente estava certo de sair dessa turma, aí eu cheguei para a diretora e disse: tudo bem, o que é que eles querem? "Não, eles querem a sua saída, tudinho, porque eles estão aqui com alguns questionamentos e não estão se adequando ao senhor." Eu disse: está bom, vamos fazer o seguinte, eu saio dessa turma, agora desde que eu converse com eles, sentem e digam quais os motivos que eles querem para minha saída, agora detalhe, aqueles alunos que vão registrar minha saída, eles também terão, deverão ter a obrigação de serem alunos padrão, vamos dizer assim, ou seja, não faltar, alunos atentos, que estão buscando, mas que não estão conseguindo alcançar o que eu estou lançando para eles. Eu disse: olhe quem quer porque eu devo sair? E aí um na plateia levantou: "Eu quero que o senhor saia!" Porque fulano? "Porque o senhor não falta, porque o senhor

não faz festa, porque o senhor não escreve todo o assunto no quadro para a gente, porque as suas provas o senhor só quer trabalhar com questões de UPE, FEDERAL ou coisa parecida." Certo, qual o teu nome? Como a turma era muito recente ainda, qual o teu nome, deixa eu olhar a caderneta, mas olhe, pela nossa caderneta você não tem nem porque reclamar se eu trabalho assim, se eu trabalho assado, se você tem, se você sente essa dificuldade, você também não tem compromisso, você é um aluno que falta, você é um aluno que não acompanha o conteúdo, você é um aluno que tumultua a sala, você não tem um compromisso nem com você nem com a sala de aula, você não é a referência para questionar se a forma de trabalhar está bem, está boa, ou não está boa, o outro a mesma coisa "Porque o senhor não falta, o outro professor que era contratado ele sempre fazia festa comemorativa das datas." Gente vocês são 3º ano, acho que esse não é o nosso papel, acho que ou a gente começa a aprender a trabalhar sério, ou a gente não trabalha, não existe meio-termo, ou se trabalha sério ou se trabalha sério, aí falaram. Eu disse, agora eu vou escolher alguém também que fale se quer que eu saia ou não, aí escolhi aqueles alunos que eram centrados, que buscavam-me ouvir, que traziam os desafios, que não entendiam a questão, "Professor, eu não entendi a sua linha de raciocínio, o que é que o senhor quer com isso. " Eu abria a caderneta e dizia, fulano diga você, eu devo sair? "Não." Porque eu não devo sair? "Não, porque o senhor está fazendo um trabalho que visa estimular, fazer com que a gente leia mais, está fazendo um trabalho para que a gente veja que existe um projeto mais além." Então resultado, fechou-se a discussão, fechada essa discussão a diretora saiu. E aí eu sentei com eles, direcionei para eles, o primeiro momento é a chamada terapia de choque, que é necessária, eu disse olha, a diretora saiu, ficou acertado que eu vou conversar com vocês, então o que é que está decidido, a princípio está decidido que eu sou o professor, as regras são minhas, então aí eu uso o tradicional, eu precisava usar o tradicional naquele momento, agora a minha proposta é essa, eu tenho o objetivo esse, esse, esse, se esse não é o objetivo de todos, eu acredito que seja pelo menos de 1 ou 2, e 1 ou 2 chegando à universidade federal, 1 ou 2 conseguindo sair daqui com uma boa bagagem, conseguir um emprego no comércio que consiga dar uma qualidade de vida diferente a que você vivência hoje, é alguma coisa, eu vou centrar nessa linha porque o que vocês querem é o que eu não vejo como ideal, que é um professor sem compromisso, é um professor que não prepara sua aula, e eu sempre primo por preparar aula, vocês querem um professor que dê a nota, eu não tenho que estar dando nota a ninguém, que na vida ninguém vai ganhar nada de graça, a gente vai continuar a trabalhar assim, fiz a minha posição de tradicional onde quem dá as ordens sou eu, porque eu sentia que naquele momento a turma ela precisava desse controle, mas ao mesmo tempo eu reavaliei. Espera aí, eu cheguei com um nível X, e na verdade os alunos da minha rede privada tinham, porque vinham de colégio salesiano, vinham de contato, vinham disso, vinham daquilo, eu vou tentar trabalhar no meio-termo, usando os mesmos materiais, praticamente, que eu usava na rede privada, mas um pouquinho mais esmiuçado, procurando ouvir um pouquinho e tentando trabalhar a linguagem deles, eu fecho tua pergunta, qual a melhor forma? Qual a forma mais correta? Não tem a melhor nem a mais correta, eu acho que é o momento que vai-te dizer isso, é o teu público, só para encerrar dentro dessa linha, um exemplo, bem prático, foi justamente o projeto que eu trabalhei, aí eu trabalhei com eles o projeto anual, desenvolver o projeto meu bairro, eu trabalhei com eles no terceiro ano, a primeira vez que eu trabalhei esse projeto com eles, eu trabalhei homens caranguejo, foi trabalhando o livro de Josué de Castro, e qual era a leitura? Eles teriam que ler aquele livro de Josué de Castro, homens caranguejo, e fazer um olhar para o bairro deles, tentar reescrever homens caranguejo com imagens do bairro deles, ou seja, homem caranguejo tem um trecho que fala das favelas, eles iriam buscar área de favela no bairro deles, na comunidade deles, iriam fazer aquela discussão atualizada, pautada em homem caranguejo, a questão do saneamento básico, a questão de saúde, eles iam pegar trechos de homem caranguejo e adaptar uma releitura para a realidade deles, então no primeiro ano, por exemplo, que eu apliquei isso no primeiro ano que eu ingressei na escola, e fui aplicar, aí eu divido em grupos, se eu não me engano deu mais ou menos oito grupos ou sete grupos, apenas um ou dois atendeu realmente, fez o que deveria, o que foi proposto. O projeto ele tinha a duração de oito meses, eles começavam em fevereiro e teriam março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, iria entregar esse compêndio em setembro, iriam apresentar, discutir, mas só que nós fazíamos também acompanhamento a 15 em 15 dias, sentávamos, e víamos o que é que eles estavam sentindo,

dificuldade, o que é que eles descobriram de novo. Então primeiro ano e terceiro ano na verdade, durante o primeiro ciclo desse projeto meu bairro não atendeu, eu poderia desistir, dizer ah, dá não, escola pública não dá em nada, ninguém consegue acompanhar, fiz o segundo ano, o segundo ano ele já atendeu mais ou menos, 3º ano, a terceira vez, no terceiro momento, eu trabalhei já com uma turma de terceiro ano, aí eu trabalhei com eles na verdade, eu já vinha com essa turma do 1º ano, 1º 2º e 3º ano com a mesma turma praticamente, mudando só um ou outro grupo, eu trabalhei com eles o projeto do jornal que era o projeto meu emprego, pegavam esse jornal, a página de economia, todo domingo, toda segunda-feira, eu chegava em sala de aula com essa página de economia, lia com eles essa página de economia e eles deviam montar uma cartilha. Então no segundo ano eles desenvolveram, no primeiro ano eles desenvolveram a Cartilha Emprego, no segundo ano eles ampliaram essa Cartilha, e já teriam que trabalhar não só o jornal como a realidade do bairro deles, a questão do mercado de trabalho, o que é que o bairro deles oferecia ou não oferecia a maioria da população, eles tinham que buscar seu sustento fora ou não do bairro, e só para fechar no segundo ano, essa turma que sentiu grande dificuldade de trabalhar esse projeto lá atrás, o projeto no segundo ano, ele foi um projeto reconhecido pela secretaria de educação, e serviu como matéria de capa do diário de Pernambuco, se não me foge, em novembro de 2009 entrou como matéria de capa, foi o Projeto meu Emprego, Cartilha de Emprego. Esta mesma turma já no ano seguinte, 3º ano, qual foi o desafio deles, e não meu, o desafio deles era fazer um trabalho melhor do que o que eles haviam feito, eu disse para eles a pretensão é que vocês aprendam mais, e no terceiro ano nós fizemos, quando eles já eram 3º ano, no 1º ano fizeram o Projeto meu Bairro 2, no segundo ano o projeto Cartilha de Emprego e essa turma do 3º ano eles fizeram a Cartilha do Emprego Jogo Didático, eles teriam que a partir dali, trabalhando com jornais, montar um jogo didático, onde apresentariam as dificuldades do mercado de trabalho. Então eu respondo, na minha visão não existe o melhor meio de ensinar uma turma, existe o melhor momento, eu encontrei momentos que foram sendo aplicados, repito, existem melhores momentos e não a melhor forma de ensinar.

Que uso você faz das tecnologias de informação e comunicação no seu cotidiano profissional?

R= Tecnologia, eu confesso a você que aí eu lembro bem, assim que eu ingressei na área de ensino eu tinha muita resistência a questão do uso das tecnologias. O aluno dizia: "Professor eu vou digitar." Eu digo não, não quero nada digitado, eu quero escrito mesmo, porque a tendência era, copia e cola, só copiando e colando, eu tive muita resistência, e também pelo seguinte Vlademir, porque algumas turmas, por exemplo, em uma sala de aula, isso na realidade de uma escola privada, vou chegar para a escola pública, a escola privada nesse primeiro momento você tinha 40 alunos, você tinha 3 com computador em casa, era algo que eu precisava equilibrar, no começo era bastante resistente. Quando eu ingressei na rede pública eu já não era tão resistente, mas aí eu sofria com as condições que a escola oferecia, aí o governo a partir de 2007, 2008 na verdade, institui o professor conectado, que na verdade não havia conexão alguma, mas a minha grande dificuldade, por exemplo, lá na escola, era, eu tinha um computador, na verdade eu nem queria porque eu já tinha o meu computador em casa, queria levar para a escola para trabalhar, mas a grande dificuldade era, não havia nem tomada na sala de aula para fazer ligar o computador, e eu preparar a minha aula no *data show*, tudinho no computador, chegava na escola e não tinha onde aplicar. Eu utilizava, no caso de tecnologia que até então era oferecida, era um vídeo cassete, que quando quebrava o cabo passava três quatro meses sem conserto, na época isso aí eu acabava ganhando um confronto muito forte com a própria direção da escola, que não época eu era presidente do conselho de professores, eu movimentava muito a escola nessas discussões. "Ah, mas não pode, tem que esperar." A questão não é que tem que esperar, esperar até quando? O uso da tecnologia, eu usava o que era possível, quando tinha o vídeo cassete, eu tinha o meu material, levava, eu tenho em casa, parei um pouquinho, mas eu tenho a minha videoteca, coisinhas simples, material de formação que eu comprava para utilizar, vídeo quando quebrava eu não utilizava mais, computador, se eu pudesse ligar, tivesse tomada, tinha, e em alguns momentos, assim eu, o que eu pudesse, eu gosto disso, eu gosto de desafio, porque é para mim também, tudo que eu lanço para o aluno, vamos dizer, eu lanço o projeto, aí você diz: ah, você lançava o projeto e o projeto

não dava certo, a turma saia prejudicada, não, eu também me avaliava, eu via até onde aquele projeto eu falhei no acompanhamento, e em nenhum momento a turma saia prejudicada, eu avaliava sempre o além, ou seja, a nota máxima foi 4 então a turma atingiu 4, mas e a minha deficiência onde é que eu falhei que impossibilitou de eles pelo menos chegarem ao 6, então na caderneta eu lançava um 6. E a questão do material didático na tecnologia que você está colocando, eu procurava explorar o máximo dentro do que eu podia, então o aluno, por exemplo, certa vez, até mesmo quando eu era resistente, chegou momentos quando eu chegava em sala de aula e o aluno estava escutando aquelas músicas bregas: menstruação, gravidez, fulano fez isso, fulano fez aquilo, e aí resultado. 2, 3 alunos tinham um celular ultramoderno, e o meu não tinha, eu não tinha essa preocupação, mas de alguma forma eu precisava acompanhar o que aquela turma estava desenvolvendo, porque eu não tinha como acompanhar com um celular ultramoderno, mas a turma estava tendo, então eu tinha que utilizar um troco, o que é que eu fazia, uma vez eu cheguei em sala de aula o aluno escutando aquela música, está escutando música? "É." Aí é aquela coisa, tira o fone de ouvido, faz isso, faz aquilo. "Professor que coisa mais chata." Aí chegou um dia em que eu disse, oh, liga aí celular. "Oxe, o senhor toda vez não chega e manda gente desativar o celular." Eu digo não, ligue, então resultado, eu disse olha eu escutei na rua aqui uma música, uma tal de "a minha regra não veio, sorria o pai é você", o que é isso? Que música? Ah, aí em um instante aparece um e diz: "Ah professor, eu tenho aqui no meu celular." Bota aí para tocar. "Não, mas ela é pesada, não sei o quê." Eu disse não, bora bota aí, tinha os evangélicos e diziam: "Professor o senhor vai ficar usando essas músicas em sala de aula, o senhor tanto reclama." Eu digo vamos saber o que é que vocês estão ouvindo, na verdade vocês estão ouvindo algo que eu não estou ouvindo, mas que eu preciso ouvir, aí o menino ligou celular, eu usei essa tecnologia do celular ultramoderno que a maioria não tinha, para ter acesso a algo que de repente eles estavam tendo e eu não, estava-me negando, a partir daí eu digo tudo bem, vamos lá qual o dilema? "A minha regra." Eu disse espera aí o que é regra afinal? Vamos tentar, aí eu trabalhava com eles, vamos discutir um pouquinho esses conceitos, regra é o que para vocês? "Ah professor é boi." Eu digo boi, o que é boi? Não sei o que é boi. "A menstruação, a menarca." Ótimo, então vamos discutir, olha o que é que ele está dizendo: "sorria o pai é você" isso significa o quê? Então eu já trazia a discussão da sexualidade, ai transitava para a Roma antiga, a discussão da sexualidade na Roma antiga, dentro das possibilidades eu usava, outro momento da tecnologia, por exemplo, que eu usei, eu achei muito positivo e mesmo muito tempo depois o aluno chegou para mim, eu usei o rádio, a questão do rádio em sala de aula, ou seja, o computador na escola não funcionava, o vídeo cassete estava quebrado, o DVD estava quebrado, não tinha nada, mas ao mesmo tempo a escola cobrava, você tem que estimular esse aluno, você tem que usar uma didática que estimule o aluno a estar em sala de aula, se sinta feliz. O que é que eu tenho em sala de aula nesse momento, livro didático, eu tenho 10 livros para 40 alunos, o que é que você quer que a gente desenvolva, como? Você tem uma proposta maravilhosa, mas o que é que você oferece de recurso. Certo período eu desenvolvi o projeto meu rádio, o que é que a gente fazia, tinha a Rádio CBN, tinha certo X período que eu chegava em sala de aula e levava a única coisa que eu tinha em sala de aula, era o gravador, o rádio gravador, eu levava o rádio que o CD não funcionava, ligava na rádio CBN e dizia: olha a proposta de hoje é essa, vamos ficar escutando a CBN durante o nosso horário de aula, se você escutar a CBN ela repete, ela faz muitas chamadas da mesma matéria, eu digo, das notícias que chamarem mais a atenção de vocês façam o seguinte, anotem no caderno depois a gente vai lançar uma discussão para aquelas notícias que mais chamaram a atenção, em casa vocês vão buscar aprofundar essa notícia na internet, jornal, e na próxima aula vocês vão trazer esse material em grupo ou em dupla, para que a gente faça uma rediscussão. Trabalhei com a CBN, aí chegou um momento em que o aluno fazia: "Professor minha mãe está muito irritada com o senhor." E porquê? "Não, é que ela quer escutar as músicas dela e eu só ligo na CBN, em casa ela está muito chateada." A gente usa o que a gente tem dentro do que a escola oferecia, usava sim a tecnologia.

Você realiza atividades interdisciplinares, encontra dificuldades para realização das mesmas?

R= É como nós citamos lá atrás no trecho discussão de trabalho de projeto, todo projeto que eu penso em aplicar na sala de aula, eu tento olhar sempre de que forma eu posso trazer as outras disciplinas para trabalhar comigo, ou seja, na rede privada eu trabalhava muito, eu trabalhava filosofia, cidadania e História, então eu trazia muito a professora de ciências para trabalhar, então por exemplo, a professora de ciências, só como exemplo, ela estava trabalhando, eu estaria trabalhando História Idade Média 6ª série, por exemplo, eu trabalhando idade média, então a partir do momento que eu estou trabalhando Idade Média, eu ia trabalhar dentro desse macro, eu ia buscar o micro, de repente trabalharia a questão da higiene, aí eu ia buscar, eu coincidia a minha discussão em História com o conteúdo que professora de ciências no caso, ou biologia no caso do ensino do 1º ano, ela estivesse trabalhando, algo que estivesse relacionado com bactéria, vírus, seja lá o que fosse, então a gente fazia sempre, e na hora do intervalo eu conversava ela, olha Ana estou trabalhando Idade Média e aí eu vou discutir com os meninos a questão do saneamento básico na Idade Média, isso e aquilo, os hábitos alimentares da Idade Média, ela: "Poxa isso aqui eu posso encaixar em tal coisa." Então quando eu entrava em sala de aula e começava a discutir Idade Média, isso e aquilo, aí um aluno fazia: "Ah professor, inclusive, a professora Ana Maria, lá em biologia, ela até comentou isso, isso, então vou falar isso que o senhor falou." Ana Maria a mesma coisa, quando ela chegava em sala de aula "Olha gente isso, isso, isso é importante." "Olha professora, o professor de História estava discutindo isso, inclusive, ele até pediu para perguntar a senhora por que"? E aí, eu já tinha a resposta, óbvio, aí eu provocava: pergunta a Ana Maria porque isso? Que realmente eu não sei, aí o aluno fazia esse "feedback" entre eu e a professora de biologia, a professora de biologia e eu. É na feira de conhecimento que, aí com o tempo eu, até como eu era presidente do conselho de professores, olha vamos quebrar essa História de que essa, até a tecnologia, feira de conhecimento, como se o conhecimento você comprasse e vendesse, fosse algo assim, comércio. A ideia do Expo, a gente começa a usar a ideia do Expo conhecimento, porque na verdade é algo que você tem e você tem que socializar, tem que fazer essa exposição, e aí quando na feira de conhecimento a primeira coisa que a gente fazia era: vamos trabalhar um conteúdo, bora, estais trabalhando o quê? Trabalhando isso, onde é que eu posso utilizar isso na tua área na 5ª série, a mesma coisa trabalhando com os meninos Pré-História, então eu ia buscar com o professor de geografia. Agora nem todos os professores tinham essa abertura, às vezes, ele se chama, "Não, não gosto." Porque o jeito de cada um trabalhar. Eu tinha uma professora, uma colega, que por questão de ética eu não vou dizer qual a área exatamente, eu tinha uma colega que ela elaborava uma prova que nem ela mesma conseguia corrigir a prova que ela elaborava para o aluno, ela tinha que abrir o livro e ver qual a resposta, e as minhas provas eram construção de texto, construa isso, relacione aquilo. Ela dizia: "Ah, mas e isso dá muito trabalho." Não adiantaria eu levar um projeto como esse, eu sentia que eu não tinha espaço para ela, eu dizia olha, eu estou trabalhando isso com os meninos, ela dizia: "Está legal, tudo bem." Então tinha resistência alguns professores, tinha professores parceiros. Tinha esses dois projetos que acabaram sendo matéria de capa do Diário de Pernambuco em 2009 e 2010, no primeiro ano eu contei com o apoio da professora de língua portuguesa, mas eu queria trabalhar isso com a professora de geografia, eu queria trabalhar isso com o professor de redação, não consegui, no segundo ano trabalhei sozinho, tem resistência, mas a gente sempre procura fazer essa comunicação de áreas.

7. A profissão de professor

Que avaliação você faz da profissão de professor de História hoje?

R= Eu vou entrar em um ponto que, às vezes, acaba até uma retórica, como se fosse um discurso bem feito, mas é o meu, eu certo, eu enquanto professor de História, isso aí eu já disse em alguns momentos e digo sempre, eu amo, gosto muito do que eu faço, gosto muito da maneira, aprendi a gostar da maneira como eu trabalho certo, não é perfeita, é algo que a gente vai aprimorando a cada momento, você acerta, é como eu disse a você, acerta em uma turma, erra na outra, e vê o que é que

deu de errado, eu enquanto professor de História, eu avalio que eu gosto muito da área, tenho ciência, e aí é a questão de ter consciência, em termos de reconhecimento financeiro a gente sabe que é muito ainda aquém, não só de História, mas da licenciatura em si, é bastante carente certo, mas independente da questão financeira eu acredito que compromisso, se você ingressou na área, se você se prontifica a entrar em uma sala de aula e a fazer a construção do conhecimento com o aluno, a dividir, a procurar provocar, e a partilhar também do que ele detém de conhecimento, isso tem que ficar à parte, isso eu infelizmente, a gente vai encontrar pessoas realmente compromissadas, eu tenho colegas que eu vejo compromisso, tanto quanto, até mais do que eu penso que eu tenho, ele tem até um pouco mais, mas também eu vejo como pessoas que estão no lugar errado, não é por ali, é uma discussão novamente que hoje foi retomada pela manhã em uma conversa que eu tive com os colegas, porque eu tenho um aluno, tenho um graduando, ele já fica pensando. "Não, eu quero fazer uma outra graduação para poder ganhar mais, para que eu viva, para que eu faça a sala de aula com prazer." Eu disse para ele: olha eu não acredito nisso, ou seja, você vai estar fazendo História, vai fazer um outro curso para mecânica e diz que quer ganhar muito dinheiro em mecânica, e quer fazer História como um *hobby*, e fazer aquilo com prazer, você não vai ministrar uma boa aula, você não vai ser um profissional responsável, porque, eu dando minha opinião para ele, se eu fosse você, você fez História, e agora, é fonoaudiologia que ele quer fazer, fonoaudiólogo tudo bem, então você diz: não, quando eu estiver ganhando 4 ou 5 mil reais, à noite eu vou ministrar aula na escola pública sem compromisso, não sei o quê pá, pá, pá. Eu não acredito que você vá conseguir produzir com qualidade pelo seguinte, a partir do momento que eu sou fonoaudiólogo, tenho meu emprego manhã e tarde, ganho meus 5 mil reais, eu vou procurar-me qualificar muito mais para ganhar 10 mil reais, se eu vou para a sala de aula como bom samaritano, essa foi minha opinião para ele, você vai para a sala de aula como um bom samaritano, eu vejo que na verdade você não vai fazer um trabalho de qualidade, que um profissional realmente, ali, dedicado à área, com visão da área faria. Porque o que é que você vai fazer, você vai entrar com sua bagagem, dizer não eu já sei isso e acho que isso já está bom demais para os meninos, seu investimento vai ser em fonoaudiologia, disse a ele. Então você tem hoje profissionais que estão ali, se estão em fim de carreira, como a primeira mensagem que eu recebi quando entrei, que eu tenho lembrança ainda hoje, a primeira mensagem que eu recebi quanto ingressei na sala de aula foi de uma professora, hoje ela já deve estar em vias de aposentadoria, na época assim que eu entrei em sala ela disse: "Olha Cícero, se preocupe com esses meninos não, faça qualquer coisa aí que está bom demais, se incomode não. Eu mesma não estou nem mais aí para eles, o que der está bom demais." Então ainda tem professores que não tem compromisso nenhum, professores que já estão em vias de se aposentar, se isso justifica ou não já é outra História, tem professores da nossa geração, do nosso quadro. Que também há, eu ganho pouco, sim, mas você fez o concurso, você sabia disso, aí eu digo: se eu ganho pouco eu vou buscar um meio de ganhar mais, ou seja, trabalhando mais, trabalhar em umas duas três escolas, ah, mas aí eu não vou ter qualidade de vida, foi uma opção sua, mas a partir do momento que eu entro naquela turma é compromisso. Fechando, eu tenho professores muito compromissados, e tenho professores que não tem compromisso nenhum com a área. Então como é que eu vejo a profissão do professor de História hoje? Desafiadora, e que dentro do que se tem por aí, a tendência é mais e mais pessoas não atuarem nessa área, deixarem a área de licenciatura. É uma visão de presente que já é futuro. Acabou o Enem, acabaram de realizar as provas e o que você mais escuta é isso, ou seja, eu não vou fazer licenciatura porque eu não quero morrer de fome, não vou entrar em sala de aula porque é muito violenta a sala de aula, aí sempre que eu ouço isso eu tenho colegas que dizem assim para mim: "Jamais eu vou entrar mais em sala de aula, nunca mais eu entro em sala de aula." Eu sempre digo, primeiro nunca diga nunca, nunca é muito arriscado, segundo eu digo para eles: eu amo sala de aula. "Como é que pode tu amas sala de aula"? Talvez as minhas experiências em sala de aula foram sempre positivas, ou até mesmo nos aspetos negativos eu tornei, eu balanceei, eu avaliei e tornei positivo para mim, eu posso ter criado esse equilíbrio, está certo.

Entrevista P13

1. Identificação do Entrevistado

Gênero: Feminino
Naturalidade: Recife – PE.
Data de nascimento: 20/11/1967
Formação: Licenciatura Plena em História; Especialização em Gestão Ambiental; Mestrado em Ciências da Informação.
Ano de início da graduação: 1994
Tempo de magistério: 10 anos
Níveis ou modalidades de ensino em que mais atuou: Modalidade de Projetos de correção de escolaridade no Ensino Médio.

2. Condição social

Por que escolheu a carreira de professor?

R= História para mim tem uma energia pessoal, na realidade eu gostava de direito, pensei em fazer direito, mas fui para História por conta da minha curiosidade em conhecer a História do país e do mundo, por isso eu escolhi para mim História, gostei, e como consequência, o magistério, fui ser professora.

Qual a sua condição socioeconômica à época?

R= Classe média baixa, posso-me colocar como classe média baixa.

3. Formação de professores em História

Você considera que a sua formação inicial foi boa? Quais pontos fortes e fracos, você ressaltaria sobre a mesma? Se pudesse mudá-la o que retiraria ou acrescentaria? Justifique a sua posição.

R= Eu considero que a minha formação inicial não foi boa, ela foi razoável, como ponto fraco a questão da pesquisa, porque eu acredito que o professor, ele estando em sala de aula, ele tem também a obrigação de pesquisar, e na graduação, pelo menos na graduação que eu fiz, não existiu um estímulo para a pesquisa, a questão da tecnologia também foi fraquíssima, na época a biblioteca pouco funcionava, ela tinha um computador e pouquíssimos livros, não tinha a quantidade de livros que hoje as pessoas normalmente são favorecidas, então como ponto fraco foi, isso outro ponto fraco também que eu achei foi por ser uma instituição público privada, que é a FUNESO, também me dei com alguns problemas internos da universidade, na época era só faculdade, alguns problemas internos da própria instituição, políticos, de professores que iam para a sala de aula e realmente não davam aula. Como ponto forte, eu nesse momento nem me lembro, mas a união da turma, o querer das pessoas, as viagens, os trabalhos de campo, isso foi bom. Se pudesse mudar, eu acrescentaria a pesquisa, a pesquisa em arquivos, em museus, em bibliotecas, movimentar mais esse professor que fica muito em sala de aula e não sai para esses lugares de memória, que é aonde deveria, o futuro professor de História, fazer suas pesquisas.

4. Competências/saberes

Utiliza habilidades, que possui em outras áreas na sua prática docente?

R= Sim, utilizo a questão do meio ambiente, você trabalhar com as afinidades que você tem nessa área, que você busca compreender, porque tudo está interligado e a gente tem que ir buscando para levar para o aluno aquilo de melhor. A questão da psicologia mais ou menos, mais as questões ambientais, o que é que a gente está vivenciando, o que está na atualidade que a gente pode apresentar para o aluno de uma forma que ele questione, que veja seu papel social, que é importante o aluno sempre buscar o que é que eu estou fazendo nessa sociedade, eu sou mais um ou aquele que vai questionar para ser melhor, levar o de melhor para sociedade, eu acho que isso é questão de levar o aluno sempre a pensar o papel social dele diante da contribuição que ele pode dar pra sociedade.

5. Currículo

Como você avalia os conteúdos específicos de História, em sua formação inicial?

R= Fraco, principalmente o conteúdo de História do Brasil, fraquíssimo, eu tive uma professora que ela não buscava inovar, aquela mesmice de sala de aula, e não foi desafiador, eu acho que a gente tem que levar para o aluno que está em graduação o desafio, ele buscar novidades, o que está no livro a gente já sabe, o que é que pode desafiar esse aluno para dizer: poxa, eu não sabia que isso estava na História, e aí buscar, tem muita coisa que a gente aprende na pesquisa, muito mais às vezes do que pegar um livro que já está pronto, desafiar o aluno, trabalhar com quadrinhos, fazer uma História diferente daquilo que já existe, que gente sabe que a História do Brasil não foi tão bem contada assim, tem muita coisa ainda para ser revista.

6. Ensino de História

Você percebe algum direcionamento oficial sobre a forma como os conteúdos devem ser ensinados?

R= Sim, os conteúdos eles são sempre direcionados para a História oficial, é exatamente isso, se não busca algo além daquilo que já existe vai estar sempre direcionado para um mesmo conteúdo, e não aquele que você pode inovar, não, é sempre as mesmas coisas, é a mesmice de sempre, tudo que já está e nada de novo, nenhuma novidade, é tudo direcionado para a História oficial.

Qual deve ser a melhor forma de se ensinar História? Justifique sua posição.

R= A melhor forma de se ensinar História é deixar o aluno, levar o aluno aliás a refletir, a ser um aluno questionador, que permita ao aluno que ele possa refletir sobre a nossa realidade atual, e se o aluno ele não parar para refletir no que está sendo passado nessa vivência dele como ser humano, eu acho que o professor ele não conseguiu ocupar o seu espaço, que ele tem que fazer o aluno refletir, que a primeira coisa que se tem é isso, não o aluno absorver aquele conteúdo que está no livro e não questionar absolutamente nada, então o aluno tem que refletir, tem que ser um aluno consciente de buscar, sabe, buscar.

Que uso você faz das tecnologias de informação e comunicação no seu cotidiano profissional?

R= Muito limitado esse uso da tecnologia da informação, receber um "notebook" ou um "tablet" isso não quer dizer que você vai usar da melhor forma possível, há o professor que recebe, mas não sabe nem manusear, eu acho que o que deveria ter é a capacitação desse professor, e principalmente na

graduação, ensinar a ele a enxergar a tecnologia, o uso dela, porque a tecnologia é um instrumento, se você não usar ela corretamente não vai servir para absolutamente nada.

Você realiza atividades interdisciplinares, encontra dificuldades para realização das mesmas?

R –Sim, porque o aluno é como eu falei, ele devia sair mais de sala de aula para ter outros conhecimentos multe, interdisciplinares, então como é que você vai pegar um aluno, por exemplo, da noite, e vai levar ele para um museu, ou para um arquivo, ou levar ele para ter uma aula de História natural em uma reserva ecológica, quer dizer, os projetos existem, mas normalmente existe mais uma dificuldade de que esses projetos, realmente funcionem, porque você ai precisa de condução, de apoio da secretaria, de apoio da própria direção da escola, como é que você vai fazer isso sozinho? Você não faz, tem que ter todo um aparato na escola para que exista um planejamento, dentro desse planejamento isso tem que ser levado, para que isso seja contemplado como aulas passeios, por exemplo.

7. A profissão de professor

Que avaliação você faz da profissão de professor de História hoje?

R= Em relação à formação, eu acho que a cada dia mais eu tenho visto que as pessoas não querem mais a formação de professor, mesmo os que fazem o curso não estão querendo mais a sala de aula, isso já é uma consequência de anos de uma pressão da sociedade que não tem aquela valorização, o professor hoje, seja de História ou seja de qualquer disciplina, ele não está sendo valorizado, nem pela sociedade a qual ele forma, e nem pelo próprio governo que está ali e deveria dar um incentivo muito maior, então eu entendo que é uma profissão importante, uma profissão que está formando outros profissionais, mas que é uma profissão que a cada dia ela está sendo mais deixada de lado, não pela questão da não valorização, e não vai também só pelo salário, é toda uma infraestrutura, o sistema social que não vê esse profissional com bons olhos, infelizmente é verdade. Se mudar essa situação e as próprias pessoas entenderem pela falta do profissional, pela falta vai se dar valor a quem está em sala de aula, acho que tem que rever esse valor do professor, se não rever, a gente vê em outros países essa valorização que passa pelo salário, passa pelo respeito, e o país, o Brasil infelizmente não chegou nesse patamar ainda, espero que mude, mas está difícil.

Entrevista P14

1. Identificação do Entrevistado

Gênero: Feminino
Naturalidade: Flores – PE.
Data de nascimento: 22/09/1971
Formação: Licenciatura Plena em História; Especialização em História.
Ano de início da graduação: 1995
Tempo de magistério: 10 anos
Níveis ou modalidades de ensino em que mais atuou: Ensino Fundamental 2 e Ensino Médio

2. Condição social

Por que escolheu a carreira de professor?

R= Por que me identifico muito com o exercício da função e também do conhecimento de História, sou apaixonada por História.

Qual a sua condição socioeconômica à época?

R= Eu nunca fui classe média, não fui rica, eu tive uma condição confortável, nunca passei privação nenhuma, agora aonde se encaixa a nomenclatura dessa situação eu realmente nunca parei para defini-la, mas classe média nem baixa eu sei que ele não é, teria que ser uma classe intermediária.

3. Formação de professores em História

Você considera que a sua formação inicial foi boa? Quais pontos fortes e fracos, você ressaltaria sobre a mesma? Se pudesse mudá-la o que retiraria ou acrescentaria? Justifique a sua posição.

R= Minha formação foi muito boa, e é assim, e eu não retiraria nada, eu acrescentaria, na época em que eu estudei na Universidade Federal de Pernambuco nós não tínhamos um estudo direcionado para a África, isso é uma coisa mais recente, o que nos deixou com uma lacuna muito grande sobre esses nossos antepassados, África e Ásia, mas mais a África, por que a Ásia agente conseguia ver um pouco mais com a introdução da História religiosa de Maomé, aquela questão toda, mas não tão aprofundado, e a África você praticamente desconhecia. Só essas duas mesmas, eu senti muito necessidade que existisse na graduação na minha época.

4. Competências/saberes

Utiliza habilidades, que possui em outras áreas na sua prática docente?

R= Sim, eu sempre procurei fazer com que meus alunos interpretassem a História e não decorassem nomes, nem números, nem datas, essas coisas, mais sim entendessem qual a origem do fato, as consequências dela, ai isso vem muito, essa compreensão textual vem de português, é preciso você ter um conhecimento de português para conseguir interpretar as demais disciplinas, por que se você não preparar o indivíduo para ser um ser pensante, ele vai ser uma massa de manobra, então você tem que

começar a conscientizar ele do papel que ele tem na sociedade, para que ele não seja um ser pensado, seja um ser pensante.

5. Currículo

Como você avalia os conteúdos específicos de História, em sua formação inicial?
R= Boa, mas é como eu enfatizei inicialmente a falta de um estudo específico sobre a África e a Ásia, mas principalmente sobre a África.

6. Ensino de História

Você percebe algum direcionamento oficial sobre a forma como os conteúdos devem ser ensinados?

R= Sim, pelo menos na rede pública nós temos uma grade curricular que distribui os conteúdos de História de acordo com as séries em que o aluno está inserido, por que eles vêm divididos em quatros anos, ai cada série é condizente com aquele conteúdo por que os professores é quem escolhem os livros didáticos então eles escolhem os livros didáticos que ele quer no modo linear com consequências de acordo com a História sequencial ou então numa ordem desconstrutiva onde o conteúdo seja solto sem essa construção periódica, eu acho importante que o indivíduo tenha uma noção de construção, e a construção do conhecimento, por que se ele estuda hoje, por exemplo, pega a História do Iraque da Palestina e ele não teve inicialmente aquele conhecimento como é que ele vai entender o que é que está acontecendo hoje se o ensino passado para ele foi desconstrutivo e não construtivo numa ordem linear sequencial aí eu defendo a História contínua, o governo ele dá as opções e os professores da rede pública escolhem os livros didáticos eu escolhia dessa maneira que o livro tivesse um conteúdo linear.

Qual deve ser a melhor forma de se ensinar História? Justifique sua posição.

R= Trabalhando com os alunos o conteúdo inserido no seu cotidiano na medida do possível, enfatizando sempre que a História não é para ser decorada, e sim, para ser compreendida, por que é como um indivíduo sem memória, se ele perder a memória ele perde a História. A História é necessária para que compreendamos o que aconteceu com os nossos antepassados, humanamente falando.

Que uso você faz das tecnologias de informação e comunicação no seu cotidiano profissional?

R= Eu trabalhava com a tecnologia da internet e com jornais, eu costumava a levar os jornais para que os meus alunos começassem a interpretar aquilo que estava acontecendo na realidade, trabalhando também a História do bairro para que ele visse que aquela realidade social não era diferente da História onde ele estava vivendo, que havia uma semelhança, e os problemas dele não eram únicos, era um problema geral da sociedade. Agente tinha que agendar o laboratório de informática, e os jornais agente pegava na própria biblioteca, eu conversava com a bibliotecária, eu dizia tal dia eu vou trabalhar o jornal com tal turma, quero o jornal de tal período, e ela disponibilizava para mim.

Você realiza atividades interdisciplinares, encontra dificuldades para realização das mesmas?

R= Olhe, eu já realizei atividades interdisciplinares e não encontrei dificuldade nenhuma, tive total apoio dos colegas, e dos professores com os quais eu trabalhava, colegas e direção sem dificuldade nenhuma, levava meus alunos para passear com outros professores e lá naquela área abordava o que queria, por exemplo, no Forte Orange, levei meus alunos, meu intuito era ver a parte histórica do Forte Orange, a professora de ciências de estudar ali o peixe-boi, o de geografia a vegetação, o trio,

fazíamos isso e cada um recebia um relatório dos alunos de acordo com a sua exigência da sua disciplina. A gente combinava previamente no início do ano, aí dava a direção, a direção se articulava para a conseguir a locomoção, ou seja, arrumar o ônibus para transportar os alunos, e tranquilamente, e na hora da refeição os professores faziam uma cotinha e pagavam a refeição de todo mundo.

7. A profissão de professor

Que avaliação você faz da profissão de professor de História hoje?
R= Hoje essa é complicada, por que não só de História, mais de um modo geral o professor é muito desvalorizado em nossa sociedade, e principalmente de História, por que é a História é que nos dá o norte para a sequência do caminho para a gente saber por onde a gente está indo por que a gente está indo, por que conhecendo o nosso passado a gente pode ter uma ideia do que é o presente, e do que será o futuro, que a gente não pode prever o futuro mas mais ou menos ter uma noção, essa desvalorização é intencional por que o professor de História é um profissional muito crítico, então a medida que ele critica, que introduz o seu aluno ao pensamento social político e econômico isso começa a interferir e a incomodar os dirigentes sociais do nosso país, então quanto menos saber melhor é. Eu preciso usar outras leituras, outras literaturas históricas para reforçar o conhecimento e continuar a ser o ser pensante que é o professor de História e formador de opiniões. Em relação ao futuro, seria totalmente ao professor, não só o professor de História, por que o professor de História sempre será de uma certa utilidade na sociedade ele nunca vai deixar de existir, nem o professor, só que ele não vai ganhar um espaço amplo, enquanto a sociedade com os dirigentes, não tiver a consciência da importância desse profissional para a formação dos seres, deixar de pensar pequeno para pensar grande como outros países que tem ai na Ásia e na Europa, onde o profissional da educação é altamente valorizado, por que um profissional que é valorizado, e que prepara as pessoas para um futuro melhor terão melhores rendimentos profissionais, econômicos e políticos na sociedade. A sociedade brasileira, ela é muito centralizadora, ela é muito pequena, ela é detentora do poder, ela não quer perder o poder em hipótese alguma, então para ela não importa se o país A ou B valoriza seu profissional problema deles lá, eles querem que aqui não seja valorizado para que não incentive a população a pensar, a questionar e a exigir, por que quanto menos se tem conhecimento menos se cobra, então é importante que se saiba menos, só o básico para que você seja um funcionário, um operário funcional.

Entrevista P15

1. Identificação do Entrevistado

Gênero: Masculino
Naturalidade: Jaboatão dos Guararapes – PE.
Data de nascimento: 04/05/1978
Formação: Licenciatura Plena em História,
Ano de início da graduação: 1997
Tempo de magistério: 10 anos
Níveis ou modalidades de ensino em que mais atuou: Fundamental

2. Condição social

Por que escolheu a carreira de professor?

R= Para falar a verdade não foi nada programado, eu tinha o objetivo de fazer direito e rezava a lenda de que se você fizesse História poderia trocar por direito, mas aí eu concluí História e vi que a alternativa era essa para conseguir emprego rápido.

Qual a sua condição socioeconômica à época?

R= Classe média.

3. Formação de professores em História

Você considera que a sua formação inicial foi boa? Quais pontos fortes e fracos, você ressaltaria sobre a mesma? Se pudesse mudá-la o que retiraria ou acrescentaria? Justifique a sua posição.

R= Minha formação inicial da licenciatura eu considero boa, e os pontos fortes e fracos, ponto forte é que a gente trabalhou muito historiografia e fraco a gente trabalhou pouco a vivência de sala de aula, a gente não aprendia a Revolução Francesa, por exemplo, como a gente dá aula, a gente aprendia posicionamento, historiografia, a gente estudava muito a historiografia dos conteúdos e não a pedagógica, eu acredito que isso se deu por conta do meu curso ser de bacharelado, é bem diferente de outras instituições, converso com outros professores que estudaram na FUNESO, e lá ele dá o conteúdo "tintim" por "tintim." O que eu poderia fazer para mudá-la é tentar criar um meio-termo entre a vivência de sala de aula e o conteúdo aplicado, combinar historiografia com a História propriamente dita, digamos assim.

4. Competências/saberes

Utiliza habilidades, que possui em outras áreas na sua prática docente?

R= A gente utiliza de forma precária, de forma precária em que sentido, hoje a escolas públicas, principalmente, elas tem um problema muito grande, elas tendem a atribuir ao professor uma carga bem maior do que ele é capaz, quer que o professor seja psicólogo, assistente social, pedagogo, tudo isso, e a gente recebem isso de forma bem superficial na faculdade, por exemplo, é uma vez didática,

uma vez estrutura de ensino, e isso deixa muito a desejar, inclusive essas disciplinas, elas não estão, como é que eu digo, casadas, acopladas com conteúdo que a gente vê na formação de História.

5. Currículo

Como você avalia os conteúdos específicos de História, em sua formação inicial?
R= Os conteúdos, específicos, eu considero bom, mas ele fica muito preso ao professor, ao jeito que o professor quer fazer, não tem um padrão, o professor decide se ele vai trabalhar mais pela linha da historiografia, ou se ele decide que vai trabalhar por uma linha mais marxista ou foucaultiana, ele faz do jeito, dependendo da formação dele, não tenho um padrão, eu não tive História da África, História da África mesmo eu vi em eletiva, História da China. Deixa eu ver o que faltou mais, eu acho que de base mesmo que a gente trabalha hoje em dia no livro didático com o aluno, faltou isso.

6. Ensino de História

Você percebe algum direcionamento oficial sobre a forma como os conteúdos devem ser ensinados?

R= Não, não tem um direcionamento oficial, fica muito a cargo do professor, bom com relação à prática de ensino nossa que a gente utiliza a gente tem sim um direcionamento, a gente tem um componente curricular, que os professores de História seguem. Reuniões entre os professores de História que discutem conteúdo competências então nesse sentido a gente tem um direcionamento, agora nem sempre dá, porque as aulas de História elas são reduzidas, no caso, no estado são duas aulas, na prefeitura de Jaboatão 3, e eu acredito que História deveria ser muito melhor utilizada para trabalhar as questões político sociais acima de tudo, o professor tem a sua autonomia mas na medida em que, por exemplo, a prefeitura ela organiza e pede para a gente conversar e dar um norte aí está tendo um diálogo, está direcionando uma linha para você seguir, você ter a sua autonomia dentro daquela, dentro das competências a serem desenvolvidas, a prefeitura o estado eles trabalham muito com esse negócio das competências do objetivo que a gente vai desenvolvendo.

Qual deve ser a melhor forma de se ensinar História? Justifique sua posição.

R= Bom a gente costuma trabalhar muito com a realidade, aplicando o conteúdo a vivência do aluno, porque quanto mais distante eu considero mais difícil, a gente começa a falar em Grécia por exemplo, ensinado Grécia o que é que a gente busca, por exemplo, o que é que eu busco, aí a gente trabalha a ideia de democracia aí a gente traz para cá mostra o que é, promove uma eleição dentro da escola, diferencia a democracia direta e democracia representativa, aí eu acho que assim vai ficando mais fácil trabalhar, associando sempre ao cotidiano deles a realidade para não ficar tão distante.

Que uso você faz das tecnologias de informação e comunicação no seu cotidiano profissional?

R= Com relação a isso a gente tem dificuldade de achar escolas com estrutura, em algumas escolas têm, em outras não, aí a gente esbarra sempre nesses problemas de tecnologia, como projetor para você utilizar a internet fazer uma aula multimídia, a gente sempre encontra entraves, entraves de quê, da estrutura da escola, porque algumas têm, já dei aula em escolas com estrutura boa internet tudo que a gente possa utilizar, e em outras não, aí o grande problema é esse.

Você realiza atividades interdisciplinares, encontra dificuldades para realização das mesmas?

R= A interdisciplinaridade é extremamente importante porque a gente começa a casar um conteúdo com o outro, faz com que esse leque seja ampliado, por exemplo, a gente está falando de História, a gente mostra um mapa, a gente começa a trabalhar um pouco de geografia, a gente está falando de

dados, a gente começa a trabalhar um pouco de matemática, percentagem, gráficos, tudo isso, eu acho isso bem interessante para fazer com que o aluno se interesse mais e aproveite um conhecimento de outras disciplinas na nossa disciplina, e eles até dizem "é aula de matemática?", às vezes, é aula de História, eu acho isso muito interessante, agora a pouco mesmo a gente fez um trabalho na comunidade de participação social, peguei os meninos da quinta série, falando de greve, a gente começou a identificar os espaços sociais que tinha na comunidade a gente viu as associações como forma de reivindicar, aí o que é que a gente fez, a gente trabalhou com mapas pegamos uma planta na internet pegamos mapas identificamos, trabalhamos norte e sul, leste e oeste, trabalhamos também as representações dos mapas, a gente trabalhou também nesses espaços sociais, a gente viu o posto de saúde a função do posto de saúde, aí dentro deste contraste a gente visualizou canais por exemplo, aí já trabalhou algumas doenças falamos com o professor de ciências que fez um trabalho sobre verminoses e sobre os aspetos sanitários, aí fica bem legal.

7. A profissão de professor

Que avaliação você faz da profissão de professor de História hoje?

R= Eu acho que o professor de História como o de geografia, sociologia, filosofia, são professores extremamente desvalorizados, no sentido em que o professor de matemática, por exemplo, não estou tirando o mérito de matemática, mais matemática tem 6 aulas semanais a gente tem 2 ou 3 dependendo de onde você se situa, ou seja, na medida em que você não valoriza a formação social, política e econômica, cultural desse aluno, que é onde você vê em História. Você não está promovendo cidadania, não está promovendo participação social, você está promovendo nada, porque tudo fica restrito. Prova, as provas que vem de fora só português e matemática, História fica de fora parece até que é uma herança da ditadura, de que o aluno não pode pensar ele não é capaz de pensar e fica nesse mesmo termo, o aluno não pensa e pronto vamos só trabalhar português e matemática para ele se tornar só mais uma mão-de-obra, digamos assim, não transforme não reivindique. O futuro vendo a desunião que existe entre os professores, sindicatos nas mãos dos patrões eu acho complicado a questão do professor de História e geografia acredito que não vai mudar não vai mudar porque há ainda uma intenção muito grande de que as pessoas não pensam porque o pobre pensando vai complicar, vai permanecer por muito tempo. Eu também agradeço de estar tendo voz para expor um pouco do que é vivido pelos professores, as escolas integrais mesmo, que estão formando por aí, que a gente não pode reprovar o aluno, o aluno cheio de deficiência, deficiência de ler, escrever, aí chega mas na frente e o aluno não sabe ler nem escrever e não pode aprender História, um aluno assim não tem como aprender História, não tem como aprender nada, isso vai também por questão de avaliação, currículo, a educação hoje ainda é vista para dar números e não com o intuito de formar, de promover a cidadania, de formar um cara crítico, consciente e capaz de concorrer com alunos de escolas particulares de nome, o aluno de escola pública não têm como concorrer, não é à toa que está aí a política, a gente não tem como fazer uma escola pública boa, o que é que a gente faz, cota, é importante a cota porque o pobre paga também, mas isso a curto período, mas na frente a gente tem que fazer uma reflexão grande sobre como a gente quer a sociedade, mas na frente porque do jeito que está eu estou vendo longos e longos anos de reprodução do que estamos aqui, tem intenção de mudar não.

APÊNDICE IV. RESPOSTA DA ENTREVISTA

Entrevista F

Depoimento de uma Profissional, Professora Formadora de Professores de uma Universidade Federal do Brasil, acerca dessa investigação

1. Identificação do Entrevistado

Eu tenho 41 anos de Formação inicial em História, tenho 30 anos de mestrado em História, 25 anos de doutorado e 15 anos de pós-doutorado em História. Toda a minha formação foi em História, todavia a minha produção acadêmica tem sido interdisciplinar, no mestrado eu trabalhei com Weber, analisando em um viés sociológico a realidade brasileira frente a guarda nacional, como é que o Brasil importou a lei da Guarda Nacional no século 19 e toda mudança que houve na lei, porque a lei era uma lei burguesa, francesa e no Brasil, um país escravocrata. Ela durante os três primeiros anos, ela é uma lei ainda liberal, todavia, depois de 3 anos ela se metamorfoseia e torna-se uma lei conservadora. No meu doutorado eu estudei as relações entre Igreja, Estado e Imprensa em um período autoritário. Como essas instituições, esses poderes se relacionam. No pós-doutorado eu fiz uma comparação entre a realidade brasileira e a realidade portuguesa, e hoje, trabalho no viés da História e da comunicação, perpassando pela educação, e essencialmente, pelo multiculturalismo e pelo autoritarismo, e automaticamente, passando nas ditaduras. Tenho trabalhado na formação de professores em História, na formação a partir do mestrado, também de professores em História lecionei e leciono em dois mestrados acadêmicos das federais de Pernambuco em História, mestrado e doutorado e o seu trabalho para mim, é um trabalho de extrema importância porque, porque você conseguiu colocar os professores, você conseguiu trabalhar com os professores a questão do currículo, a questão de como os professores percecionam o que eles fazem em sala de aula, os seus objetivos mostram isso, você está me apresentando seus objetivos, você consegue mapear e analisar as conceções dos professores e isso faz com que o seu trabalho seja de suma importância para a formação Inicial e formação continuada. Então se você apresenta esse trabalho para uma Secretaria da Educação, para os que estão influenciando os currículos de formação inicial e formação continua, pode ser de grande valia, de grande utilidade para as diretrizes curriculares, como Forquin diz que são escolhidas pela escola, apesar das diretrizes curriculares serem nacionais, mas há uma adaptação das mesmas, tanto nos Estados como nas escolas, nos projetos político-pedagógicos das escolas. Acho muito importante você ter buscado dos professores o que motivou a escolha pela profissão, isso é importantíssimo, porque isso pode ser trabalhado nas formações iniciais.

2. Condição social

Comentário

Em relação aos seus resultados, eu vejo como positivo o fato de no depoimento de seus professores, no depoimento de 11 dos seus professores, a influência familiar foi motivação para 2 educadores, e os outros consideram que a escolha é porque gostam da docência. Todavia nesse mesmo questionamento, fica claro que a condição econômica desses professores, era uma condição que os levava a buscar uma profissão que tivesse mais acessibilidade. E aí a gente pode pensar em Pierre Bourdieu, na sua obra, La noblesse d'Etat, quando ele mostra que a escolha das profissões, elas têm a ver com o segmento social que esses indivíduos, de onde esses indivíduos vêm, tanto na La noblesse

d'Etat, como em Os herdeiros, Pierre Bourdieu trabalha com essa conceção, de que a escolha da profissão é muito determinada pela condição econômica, pela distinção social entre os sujeitos.

3. Formação de professores em História

Comentário

Em relação ao seu questionamento sobre a formação inicial, e as competências que eles receberam para a prática cotidiana na disciplina de história, mostra que a maior parte dos docentes dizem que a formação foi de certa maneira precária, porque precisava de inclusão de outras disciplinas, e aí a gente vê a importância do currículo, a relevância de se analisar, de se perceber o currículo nas escolas de formação de professores. O que que está faltando? E no caso do Brasil uma disciplina que está sendo colocada, desde eu acho que desde 2003, é a disciplina sobre a História de África e a relação com a África e Brasil.

4. Competências/saberes

Comentário

Veja bem, uma formação discursiva sua, é competências e saberes do professor de História, na verdade essa formação, ela está interligada com a outra que é sobre a formação inicial do professor, e aqui ela está bem especificada, as competências e saberes que ele precisa ter. E aí nas suas respostas se evidencia e emerge, como eles mostram a importância de uma formação que seja, um tanto quanto interdisciplinar, com saberes e competências diversos, uma vez que acredito por ser a própria História uma disciplina que se relaciona com várias outras disciplinas. E como vão ter diferentes interlocutores, eles acreditam que seria interessante se os saberes e competências viessem de uma forma interdisciplinar.

6. Ensino de história

Comentário

Veja, chegando ao fim da leitura do seu trabalho, podemos ver que uma consonância na produção dos discursos, 9 dos 15 professores dizem que querem ensinar História, para tornar os alunos reflexivos questionadores. Essa é a visão da História crítica, é a visão por exemplo de Paulo Freire, é a visão freiriana sobre o aluno ser sujeito da sua História, e isso mostra a importância do professor ter esta noção de ajudar a construir sujeitos críticos, por outro lado, eles dizem também, e aí é preocupante, que os professores caminham nas disciplinas sem ter ideia do que os outros estão fazendo, então eles querem que seus alunos sejam reflexivos, todavia, eles professores, a visão do professor reflexivo de Alarcão em Portugal, Selma Garrido Pimenta no Brasil, essa visão do professor reflexivo do próprio Nóvoa, essa visão ainda está distante da realidade do professorado brasileiro, porque se os professores não refletem a sua prática, não discutem com seus pares o que fazem, então fica difícil poder haver essa ajuda mútua e algo assim. Interessante é o fato dos Professores usarem as novas tecnologias, 11 docentes dizem que usam as novas tecnologias, então isso é interessante porque o professor de História se adequa à realidade presente. Creio que as suas conclusões, as quais você chega, para mim que sou formadora de professores, acho de extrema importância esse aprofundamento nessa investigação, essa verticalização, uma vez que isso permitiu ver as conceções dos professores de História sobre a sua formação, sobre a sua prática, sobre o que ele faz, como ele se perceciona e como é que ele vê a interdisciplinaridade, como é que ele vê a transposição didática, então é de suma importância isso.

7. A profissão de professor

Comentário

E por fim, outra questão preocupante é o fato dos professores sentirem que a sua profissão é desvalorizada. E então a gente pode lembrar que Sacristán, Gimeno Sacristán, quando ele trabalha a questão da proletarização do professor, em que o professor, ele acha, ele se perceciona como algo desvalorizado, e isso é muito negativo, porque dentro da escala de Huberman, um professor, que já com anos de trabalho, pode chegar a um período de desânimo, se ele já começa olhando a sua profissão como desvalorizada, isso é muito preocupante.

ANEXOS

ANEXO I. OFÍCIO DE ENCAMINHAMENTO

FACULDADE DE TEOLOGIA INTEGRADA
Excelência em Educação
Portaria nº. 1655 13/05/2005
BR 101 - Km 42,5 - Igarassu - PE
Fone: (81) 3088.1907 / 3543.3259
Pós-Graduação com acesso ao Mestrado da Lusófona
CNPJ: 05.386.555/0001-37

UNIVERSIDADE LUSÓFONA
de Humanidades e Tecnologias
Humani nihil alienum

OFÍCIO DE ENCAMINHAMENTO

3302	Vlademir André de Oliveira

RG: 3151740 SSP/PE CPF: 590.746.124-15. Encaminhamos para esta digníssima instituição para que o aluno do curso de Mestrado possa realizar sua pesquisa dentro do seu projeto de dissertação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, no Curso de Mestrado em Ciências da Educação. Sob a coordenação da Profa. Graça Ataíde o mesmo entregará os trabalhos à Universidade Lusófona de Tecnologia e Humanidades.

Igarassu, 18 de Junho de 2014

FACULDADE DE TEOLOGIA INTEGRADA
CNPJ: 05.386.555/ 0001-37